

De Ancião a Apóstata!

As experiências de um ex-líder da seita Testemunhas de Jeová

Osmanito Torres


De Ancião a Apóstata!
As experiências de um ex-líder da seita Testemunhas de Jeová
Osmanito Torres

Osmanito Torres

DE ANCIÃO A APÓSTATA

As experiências de um ex-líder da seita

Testemunhas de Jeová

Primeira Edição

DE ANCIÃO A APÓSTATA
As experiências de um ex-líder da seita Testemunhas de Jeová

Copyright © 2017 por Osmanito Torres de Brito
Primeira Edição
2017

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.998.

Dedico esta obra a todas as Ex-Testemunhas de Jeová, que de uma maneira ou de outra, se gastam
em divulgar os enganos perpetrados
pela sua anterior religião.

Sumário

Prefácio: Elas andam por aí...
Capítulo I: Como Tudo Começou: O Senhor Jeová
Capítulo II: Como Tudo Começou: Descobrindo a Bíblia
Capítulo III: O Fim do Mundo está mesmo Perto!
Capítulo IV: Testemunhas de Jeová e o Paraíso na Terra!
Capítulo V: Engolindo a Isca: O início da Lavagem Cerebral
Capítulo VI: Estudando "a Bíblia": Miríades de Publicações
Capítulo VII: Insights ao Longo do Caminho
Capítulo VIII: Organização Perfeita, Fiéis Imperfeitos!
Capítulo IX: Privilégios e Prestígio: Uma Carreira Espiritual
Capítulo X: Sob a Redoma Organizacional
Capítulo XI: Servindo a um Ídolo Organizacional
Capítulo XII: Decepções, Tropeços e Descobertas
Capítulo XIII: A Crise de Consciência: A um Passo da Decepção
Capítulo XIV: O Passo a passo para Identificar Seitas
Capítulo XV: De Ancião a Apóstata!
Capítulo XVI: Enfrentando a Seita em Campo Aberto
- Consequências Pessoais
- Ajudas e Ferramentas disponíveis

Capítulo XVII: Um Passado de Enganos e Falsas Profecias
- 1914, um Ano marcado para profecias?
- 1925, a Profecia dos Milhões de Rutherford
- Os 6.000 anos de Frederick Franz
- A Geração que Passou
- O "Bug do Milênio" !

Capítulo XVIII: Um Evangelho Diferente
Capítulo XIX: Os Escândalos de Pedofilia: Crimes Acobertados!
- A Política para Abusos Sexuais de Crianças
- Escândalos de Abusos Sexuais!
- O Escândalo dos Abusos na Austrália

Capítulo XX: Discriminação e Segregação: Quando o Amor, vira Ódio!

A Política Criminosa do Ostracismo
Capítulo XXI: Uma grande Nuvem de Testemunhas!
Me especializei em Ajudar Testemunhas de Jeová
As Testemunhas de Jeová Aterrorizaram e Destruíram minha Família
Meu Sonho era ser um Jogador de Futebol
Finalmente encontrei a Verdadeira Liberdade Cristã
Uma Vida inteira em Busca da Verdade
Abandonei os Falsos Ensinos da Torre de Vigia
Fui Escravo de uma Mentira Durante 26 longos Anos
Me chamam de “Apóstata” e Desejam que eu Morra
Enganos e Mentiras me Fizeram Sair das Testemunhas de Jeová
Capítulo XXII: Existe Vida Religiosa além Dos Muros da Torre de Vigia?
Capítulo XXIII: Minhas Considerações Finais

Prefácio
Elas andam por aí...

Elas andam por aí, abordam-nos na rua, batem à nossa porta, e deixam cartas com textos apelativos e informações de contato. Autodenominam-se “Testemunhas de Jeová”. As “Testemunhas de Jeová” consideram-se a única religião verdadeira. Acreditam que, apenas elas, entre todas as seitas e religiões da terra, são o povo exclusivo de Deus, as suas Testemunhas. Os seguidores de Charles Taze Russell, inicialmente, chamavam-se “Estudantes da Bíblia”, tendo adquirido o nome ‘Testemunhas de Jeová’ apenas a partir de 1931. Estudiosos de religião consideram o movimento “Testemunhas de Jeová” como derivado do Segundo Adventismo e do “Millerismo” do século XIX. [1].

O nome “Testemunhas de Jeová”, foi oficialmente adotado através de uma resolução outorgada na sua convenção de 1931, na cidade de Columbus, no Estado norte americano de Ohio[2] - para, em primeiro lugar, os distinguir de outros grupos que também seguiam os ensinos de Russell. Apesar da religião existir há mais de um século, conta com apenas 7.987.279 (sete milhões, novecentos e oitenta e sete mil e duzentos e setenta e nove) publicadores ativos no mundo inteiro, espalhados por uns 240 países[3].

A ideia absolutista e simplista de que Deus separa as “Testemunhas de Jeová” de entre todos os cristãos professos, e que considera apenas elas como Seu povo escolhido e eleito, só porque usam o nome “Testemunhas de Jeová” e obedecem cegamente à Organização Torre de Vigia, é tão absurda quanto afirmar que qualquer grupo que use nomes como: “Igreja de Cristo” ou “Filhos de Deus” seja exatamente aquilo que tais termos alegam. É importante que o leitor perceba que usar uma das pronúncias do nome divino, no caso “Jeová”, não garante que as pessoas que o usam conhecem Deus e são aprovadas por Ele. Jesus diz claramente que é necessário muito mais do que um nome para alguém fazer parte do povo de Deus e ser aprovado por Ele:

> “Nem todo o que me diz: ***Senhor, Senhor!*** Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: *Senhor*, *Senhor*, não profetizamos nós *em teu nome*? E *em teu nome* não expulsamos demônios? E *em teu nome* não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. ”

(Mateus 7:21-23, JFA)

Devidamente treinadas pelos anciãos de suas congregações, as Testemunhas de Jeová usam diversos tipos de abordagem para “apanhar” as pessoas. Uma delas é esta: Quando você abre a porta e as recebe em sua casa, de uma forma que parece casual, elas perguntam-lhe: *“– Será que você tem uma Bíblia à mão? ”* Caso a sua resposta seja afirmativa, elas pedir-lhe-ão que a abra e que leia estes versículos: Êxodo 6:3; Salmo 83:18; Isaías 12:2, 26:4. Se você nunca leu a sua Bíblia, pode ser apanhado de surpresa ao encontrar a palavra JEOVÁ escrita exatamente onde as testemunhas de Jeová disseram que estaria. Provavelmente ficará impressionado com o conhecimento que elas parecem ter da Bíblia permitindo assim que continuem a entrar na sua casa para lhe ensinar mais e mais. O problema é que as Testemunhas de Jeová manipulam as Escrituras da Bíblia para dar a entender que possuem um conhecimento superior e que conhecem a Deus pelo Seu nome; mas isso não é verdade. Elas estão muito bem treinadas para ludibriar quem não conhece a Palavra de Deus, porém, se encontram pessoas que realmente conhecem a Bíblia e têm coragem para enfrentá-las, rapidamente fogem ou partem para a ofensa verbal. Evidentemente há exceções, mas este é o comportamento geral que tenho encontrado nas Testemunhas de Jeová que me abordam. O meu filho, com apenas 15 anos, já as deixou totalmente surpreendidas e sem resposta quando lhes apresentou textos bíblicos e pediu que os explicassem durante uma abordagem. Como não sabiam responder-lhe, perguntaram se podiam enviar um jovem para conversar com ele ao que ele respondeu que sim. O jovem veio, mas não era alguém da mesma idade dele, era um jovem adulto, já casado, munido de um livrinho amarelo para melhor lhe explicar a Bíblia. Só com a Bíblia, o meu filho Miguel mostrou-lhe passagens que negam totalmente algumas doutrinas básicas das Testemunhas de Jeová. O jovem também ficou sem argumentos e perguntou ao meu filho se podia trazer um ancião para falar com ele. Mais uma vez, ele disse-lhe que sim e preparou-se para a conversa. Eles, pai e filho, vieram munidos com a Bíblia (Tradução Novo Mundo) e com os livrinhos amarelos, para tentar convencer um adolescente de 15 anos, criado num lar cristão e que começou a ouvir a Palavra de Deus quando pedia histórias para dormir, que estava equivocado. O perigo é que eles são dúbios nas suas respostas e estão preparados para confundir os seus oponentes usando textos fora do contexto e explicando-os à luz dos ensinos da Sociedade Torre de Vigia. Se alguém lhes pergunta: “*Acreditam na ressurreição de Jesus? ”*, eles respondem que sim, mas se insistirmos e lhes perguntarmos: “*Acredita na ressurreição corporal de Jesus? ”*, eles respondem que não. São

astutos, e quando os confrontamos com algo para o qual não têm resposta, ou lhe provamos na Bíblia que aquilo que nos estão a tentar impingir não é verdade, tornam-se ofensivos e tentam impedir-nos de raciocinar, falando alto para nos tentar confundir e para não nos permitir expor o que pretendemos.

Quando os confrontei com a Bíblia e com as falsas doutrinas que eles ensinam, levando-os a dizer claramente que não acreditam que Jesus ressuscitou e que afirmam que Ele não é Deus, entre outras coisas, primeiro, o pai do jovem tentou calar-me com insultos e, como eu o ignorei e persisti em lhes dizer o que a Palavra diz, desculpou-se com um compromisso urgente. Nunca mais os vi, nem voltaram a ligar ao meu filho que, até os achava muito simpáticos antes de ouvir os insultos que dirigiram a mim. Amado leitor, as Testemunhas de Jeová estão extremamente bem preparadas para enganar todos aqueles que não conhecem as Escrituras e que não têm um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. E, se é verdade que muitos são sinceros na sua fé, mesmo assim, eles continuam a estar errados. Isto é, as Testemunha de Jeová pensam que têm razão, no entanto, estão a enganar as pessoas ao anunciar uma mensagem contrária ao genuíno ensino da Palavra de Deus. Quando se trata da mensagem do evangelho e da vida eterna, não basta uma pessoa ser sincera, é indispensável que esteja certa! As Testemunhas de Jeová estão exaustivamente “lapidadas” para angariar membros para a Sociedade e são persistentes. Não é à toa que eles crescem diariamente. Muitos daqueles que se dizem cristãos, mas que não se alimentam da Palavra de Deus, estão a cair na sua rede e a ganhar um passaporte para a escravatura. Este livro, pretende desmontar muitas das doutrinas das Testemunhas de Jeová, à luz do raciocínio lógico e da experiência de seu autor, meu amigo OSMANITO TORRES, que por vinte longos anos, foi membro ativo e líder destacado dessa organização. É seu objetivo também, expô-la completamente como uma das mais perigosas e coercitivas seitas de controle mental que já existiu. Não deixe de lê-lo e usá-lo como material para evangelismo.

As Testemunhas de Jeová são expressamente proibidas de ler qualquer outra literatura religiosa que não as revistas e os livros da Sociedade Torre de Vigia para que não possam confrontar os ensinos que recebem com ensinos realmente cristãos e totalmente bíblicos. Isto nos faz lembrar os tempos da Inquisição. Aliás, os fiéis comuns desse grupo nem sequer têm acesso a alguns manuais ultrassecretos da seita, os quais estão disponíveis apenas aos anciãos. Estes manuais contêm as normas que escravizam um povo a uma instituição que lucra bilhões com a ignorância de muitos. É verdade que nenhuma religião salva,

mas não é menos verdade que todas as religiões, que não têm Jesus Cristo como Único Senhor e Salvador, conduzem os seus seguidores para uma eternidade sob a ira de Deus, num lugar chamado inferno, que elas, tal como a maioria das seitas pseudo-cristãs, negam existir. Acredito que, como seres humanos dotados de inteligência e com liberdade para fazer escolhas, não nos deixaremos manipular nem amedrontar pela proibição de ler obras que nos ajudam a entender quem são realmente as Testemunhas de Jeová, e quais são os seus ensinos.

(Maria Helena Costa – Portugal, 2017)

(Cristã, Portuguesa, e autora do livro: "**Quem é? - Abra a Porta ao Mundo Secreto das Testemunhas de Jeová – CHIADO EDITORA**")

Capítulo I
Como Tudo Começou: O Senhor Jeová

Minha experiência com as Testemunhas de Jeová se iniciou muito antes que eu pudesse saber qualquer coisa sobre elas. A primeira vez que eu ouvi o nome “Jeová” eu tinha cerca de cinco anos de idade. Nesta época eu e minha família morávamos no norte do Brasil, na região amazônica, onde possuíamos uma pequena propriedade rural. Aquele lugar era realmente um sonho e, quando fomos embora dali anos depois, sofri uma profunda e silenciosa depressão.

Em nossa propriedade, onde plantávamos arroz, milho e feijão, nas épocas de preparação da terra, meu pai sempre contratava alguns trabalhadores para preparar as roças. Perambular pelo meio das derrubadas e queimadas era uma aventura sem igual para um garoto de minha idade. Quando a capoeira[4] e parte da mata era derrubada e as clareiras abertas se formavam cobertas por árvores tombadas, gostava de andar sobre elas e fazer ali as minhas necessidades. Após as queimadas das roças, eu e meus irmãos, ao andar pelo solo enegrecido pelas cinzas, sempre encontrávamos animais totalmente carbonizados. Aquilo era mesmo muito triste. Porém, quando os campos queimados eram limpos e semeados, e depois das chuvas e alguns meses as plantações de arroz e milho tomavam conta deles, então tudo era muito bonito de se ver. Assim vivíamos naquelas terras, cercados pelo verde da floresta amazônica, colhendo castanhas e frutos selvagens nas matas virgens, observando o revoar das garças nos lagos e riachos e ouvindo o canto rouco das guaribas[5] ao escurecer; vivíamos totalmente em contato com a natureza. Aquele maravilhoso lugar, era sem dúvida, o nosso pequeno “paraíso na terra”.

Certa vez, um viajante que perambulava na estrada poeirenta que cortava as nossas terras, estrada esta conhecida popularmente como “Transamazônica”[6], encostou-se à nossa casa. Pediu pousada e um trabalho se fosse possível. Ele contou sua história, o que lhe trouxera até ali, e os meus pais, comovidos com sua experiência, deixaram-no pernoitar. Pela manhã o contrataram para alguns dias de trabalho. No dia seguinte, no café da manhã, quando ele se sentou à mesa, minha mãe nos disse:

– Este é o senhor Jeová. Ele vai trabalhar conosco por alguns dias, por isso digam olá para o moço.

Ele sorriu para mim e eu sorri de volta, encarando-o com certa curiosidade. Era um homem baixo, mas corpulento; tinha a pele morena queimada pelo sol, mas não era negro; os cabelos eram pretos encaracolados e seu rosto era bem amigável. Podia se notar pela sua maneira de falar e sorrir que era uma pessoa gentil e respeitável. Vestia-se com roupas surradas e gastas, resultado do vagar como andarilho. Errava sozinho por aquelas estradas poeirentas. Bom, era a hora do almoço e o sr. Jeová sentou-se com meu pai à mesa. Notando algumas bananas da terra penduradas na parede, comentou:

– Estas bananas são muito grandes. Aliás, são enormes. Nunca vi bananas tão grandes como estas.

Meu pai sorriu e disse:

– São bananas compridas. Nós costumamos cozinhá-las ou fritá-las; mas elas são também deliciosas para se comer cruas. Experimente uma, isto é, se conseguir comê-la sozinho.

– Desculpe, não resisti... – Disse ele após comer duas bananas inteiras. Nós, os meninos ao pé da mesa, ficamos admirados com sua gula, mas depois, começamos a rir sem parar.

Meus pais são naturais do estado de Goiás, hoje Tocantins[7]. Foram agricultores desde bem jovens, portanto, acostumados a plantar e a colher. Certa vez, após voltar de uma visita à terra natal, eles trouxeram a muda de uma espécie de bananas que produzia quatro cachos de uma só vez. A estranha árvore, despertou tanto a atenção, que um grupo de agrônomos e jornalistas de cidades vizinhas vieram conferir o relato. Mesmo depois de muito tempo, meu pai ainda guardava em sua velha maleta, o recorte do jornal onde se lia em letras grandes: “*Agricultor planta bananeira que dá quatro cachos de uma vez!* ”. Mas não eram apenas as bananas que cresciam e produziam mais que o normal naquelas terras. No dia seguinte, à hora do almoço, o sr. Jeová sentou-se à mesa. Após almoçar bem, comeu duas bananas novamente e perguntou a meu pai:

– Vi um mamoeiro próximo ao riacho. Seus frutos são os maiores que já vi em minha vida e alguns já estão maduros. Se incomodariam se eu comesse uns dois deles?

O sr. Jeová era amável e brincalhão; durante os dias que viveu conosco gastava parte do tempo livre a perambular pelos pomares procurando frutos

maduros. Quando não encontrava nenhum, o que era muito difícil, cortava várias canas-de-açúcar, descascava-as e chupava os gomos doces. Eu e meus irmãos nos juntávamos a ele e fazíamos apostas, a fim de ver quem faria o maior monte de bagaço chupado. Bom, acho que não é preciso dizer que nós três juntos nunca conseguimos vencê-lo. Nós éramos três garotos sapecas com idades entre 5 e 11 anos e quando ele estava de folga do trabalho, suplicávamos para que nos acompanhasse em nossas andanças pelos riachos, brejos e locais de plantações. Muitas vezes levávamos bananas maçãs ou nanicas e diversas pimentas para propor-lhe um desafio. Coisa de homem. Era algo que nós costumávamos fazer com todos os trabalhadores que passavam por lá.

– Combinado. Para cada pimenta que mastigar e engolir vou exigir uma banana! – Dizia ele sorrindo.

– O senhor deverá mastigar as pimentas, estender a língua para conferirmos e em seguida engolir tudo. – Era o que combinávamos – Só então lhe daremos as bananas!

Ele enchia a boca com dez ou vinte pimentas, mastigava-as com dificuldade, abria a boca para que pudéssemos conferir o serviço e em seguida engolia tudo de uma vez. Então, ofegante, pedia as bananas e as devorava bem depressa. Em outra ocasião, quando trouxemos uma espécie de pimenta chamada Malagueta, ele sorriu e exclamou:

– Vocês querem me matar seus capetas!

Realmente nós nos divertíamos muito com o sr. Jeová. Entretanto os dias foram passando e o seu contrato estava chegando ao fim. Ele nos disse que logo iria embora e isso nos deixou um pouco tristes. Disse-nos que iria sentir muita falta de todos, mas que estava voltando para rever sua família; isso o deixava contente e ansioso. Quando o dia chegou, ele pegou suas coisas e se despediu de nós. Quando ia se afastando para a estrada eu gritei o seu nome e lhe fiz demorar um pouco à beira do caminho. Corri ao seu encontro com a rapidez comum de um pirralho de cinco anos e dei-lhe uma banana comprida, das maiores que havia encontrado em cima da mesa. Disse-lhe que era para o caso de sentir fome pela estrada. Ele sorriu e me abraçou bem forte. Depois de acenar com a mão desceu pela estrada até sumir na distância.

Foi somente após muito tempo que minha mãe contou a história do sr. Jeová que nós não conhecíamos. Era uma história muito triste.

Ele vivia feliz com sua família. Certo dia, porém, ele e um dos irmãos, durante uma viagem com um grupo de trabalhadores, pousaram em um local a fim de passar a noite com segurança. Quando o dia amanheceu ele tentou acordar o irmão, mas estremeceu ao constatar que este estava morto. Não havia nenhum sinal de que o jovem houvesse sido assassinado por alguém durante a noite ou tivesse sido vítima de algum tipo de violência. Pensou que havia morrido naturalmente enquanto dormia. Todos no local lamentaram o ocorrido e se ofereceram para ajudá-lo. Completamente desesperado ele levou o corpo do irmão de volta à sua casa. Ao chegar com o cadáver, houve grande clamor e lamento. Sua mãe abraçava o corpo do filho morto em meio a muitas lágrimas inconsoláveis, choro comovente e frases de quebrantadoras lamúrias. Durante o velório, como que tocada por um anjo, num gesto de intuição talvez, tão comum às mães dedicadas, a velha começou a acariciar cada centímetro da cabeça do morto, quando de repente, estremeceu com grande espanto. Chamou todos em meio aos gritos de desespero e mostrou o que havia descoberto oculto entre os cabelos negros e encaracolados do filho sem vida:

– Um prego! Mataram meu filho com um prego na cabeça!

O sr. Jeová entrou em desespero. Caindo em si, lembrou-se de que haviam conhecido um estranho na viagem e que este os acompanhara por todo o trajeto. Este homem desconhecido, era amigável e conversara bastante com eles enquanto pernoitavam. Tudo agora se encaixava perfeitamente; seu irmão tinha sido vítima de um latrocínio, morto inocente e indefeso por um assassino frio e covarde. Naquele momento, o criminoso estaria muito longe dali. Mas ainda haveria de ter tempo para encontrá-lo. O assassino teria de pagar muito caro pela vida de seu irmão.

Ele havia deixado tudo para trás por causa de uma vingança, por um grande e terrível ódio que atormentava seu ser. Andaria à procura do assassino enquanto tivesse vida; não importava quanto tempo levasse, quantas estradas fosse preciso percorrer, quantas cidades tivesse que vasculhar, não esqueceria aquele rosto maldito por nada deste mundo; um dia iria reconhecer o rosto do homem que tirara a vida de seu irmão e, quando este dia chegasse, ele iria estourar a cabeça do assassino com as balas que levava em seu revólver. Por muitos meses, sua alma foi consumida dia e noite. Entretanto, quando chegou em nossa casa naquele dia e conversou com os meus pais, viu em seus olhos um

pouco de confiança, honestidade, de esperança talvez; ele resolveu abrir o coração. Ele contou sua história e falou sobre a angústia que trazia consigo. Meus pais, como já mencionei, o acolheram mesmo sendo um desconhecido; lhe deram bons conselhos, ajuda material e abrigo. Disseram-lhe que não deveria procurar vingança e que entregasse nas mãos de Deus o assassino de seu irmão. Aconselharam-lhe a trabalhar alguns dias, receber o pagamento e retornar à sua casa e à sua família a fim de consolar a sua mãe e os irmãos enlutados. Certamente, o andarilho teve um bom tempo para meditar sobre tudo que intencionara fazer. Ele era um homem bom e havia se esquecido disso. Certamente, a partir de então, podia perceber no que o desejo de vingança era capaz de transformar um homem. No dia em que foi acertar o pagamento de seus serviços ele disse a meu pai:

– Quando eu saí de minha cidade eu abandonei os amigos de nossa comunidade de Testemunhas de Jeová. Eu saí de lá com a intenção de matar o assassino de meu irmão. Resolvi usar um codinome e passei a me identificar como “Jeová”, até que Ele, o que carrega este Nome, ajudasse a cumprir o meu objetivo. Era minha vingança pessoal contra Deus. Mas eu estava errado e não quero mais prosseguir com isso. Eu preciso voltar e me reconciliar com todos os meus amigos.

Bem, com o tempo nós nos mudamos das terras no norte do Brasil para um lugar bem longe em direção ao sul, saindo totalmente de meu estado natal. Estávamos agora na região onde nossos pais haviam nascido. Eu tinha 8 a 9 anos de idade. Lembro-me que, quando chegamos a uma cidade ribeirinha, depois de três dias de viagem, pude ver pela primeira vez em minha vida um aparelho de televisão. Meus irmãos vieram correndo e me disseram:

– Vem ver uma televisão. É incrível!

Era mesmo fantástico. Uma caixa onde passavam imagens em preto e branco como se houvesse pessoas lá dentro atuando. Pareciam as fotonovelas que minha mãe lia. Ficamos em uma hospedagem familiar e lá havia também um destes aparelhos. À noite, minha mãe disse assustada enquanto assistia um programa:

– Minha Nossa! Atiraram no Papa. Tentaram matar o Papa!

Todos vieram para ver. Era o Jornal Nacional, às oito horas da noite,

exibindo as notícias internacionais do momento. João Paulo II havia sido vítima de um atentado e corria grande risco de morrer. Porém, contrariando todas as más expectativas, o Papa sobreviveu ao tiro fatídico e se recuperou milagrosamente sem mais sequelas. Depois de algum tempo ouvi algumas pessoas na escola paroquial que eu frequentava comentar o seguinte:

– O Papa é a besta! Não leu na Bíblia que a besta fera seria ferida de morte e se recuperaria?

Ao longo do tempo, muitas pequenas coisas despertaram e aumentaram o meu interesse por questões espirituais. Poderemos no próximo capítulo começar a falar sobre muitas delas. E o sr. Jeová? Bem, eu cresci, me tornei um homem adulto, casei-me e tive filhos, estou envelhecendo graças a Deus, mas não soube mais nada sobre ele. Nunca soubemos qualquer coisa de seu paradeiro. Espero sinceramente que tenha retornado para sua família e encontrado a paz que procurava.

Capítulo II
Como Tudo Começou: Descobrindo a Bíblia

"Deus criou os céus e a terra". Assim começou a minha leitura das Santas Escrituras. Deus cria e Deus destrói. Foi o que Noé descobriu quando Ele o mandou construir uma arca para salvar sua família da inundação que viria sobre a terra. Desde criança, sempre me interessei por assuntos ligados à religião. Meus pais eram católicos, mas dificilmente iam à missa. Eu estava sempre fazendo perguntas sobre o sentido da vida e o que acontece com as pessoas quando dão o seu último suspiro. Como católico, eu ia algumas vezes à igreja e participava de festas religiosas comuns desta religião. Minha mãe era um pouco mais religiosa que o meu pai e possuía uma edição das Escrituras Sagradas chamada "Ave Maria"; ela tinha ganho tal Bíblia de um padre, após muito insistir com ele. Minha mãe era uma excelente leitora e já tinha lido a Bíblia inteira quando moça; depois, passou a ter mais interesse por revistas e fotonovelas. Recentemente, logo após me dissociar da organização das Testemunhas de Jeová, eu adquiri um exemplar novo desta mesma tradução da Bíblia e o texto ainda é similar ao que eu lia naquela época. Eu me viciei em leituras. Ler era um mundo de descobertas. Lembro-me que certa vez, ao ler o livro de Gênesis, descobri algo muito importante e fui correndo contar à minha mãe:

– Acho que sei onde é o Jardim do Éden! A Escritura diz que o rio Eufrates nasce no meio deste jardim. Ora, é só ir até lá! O Eufrates é no oriente médio!

Eu ficava imaginando como seria interessante aventurar-se nas terras bíblicas, subir o rio Eufrates em uma embarcação e empreender uma viagem fantástica em busca do jardim do Éden, o berço da humanidade. Eu pensava: "*Será que a árvore do conhecimento ainda está lá? E os anjos que foram colocados como guardas da árvore da vida? Ainda a protegem até hoje?* "

Minhas leituras prosseguiam inundadas pelas imagens que se formavam em minha imaginação. Eu podia visualizar Abraão e sua esposa peregrinando pelas planícies da Mesopotâmia, entrando nas áridas terras do Egito e

pastoreando seu gado nos verdes campos do que é hoje conhecido como a Palestina; terras que um dia iriam pertencer à sua linhagem, à descendência de Isaque, o filho de sua velhice. Era a promessa divina: *"Um dia, virá através de sua semente o descendente prometido! " (Gên. 26:4).*

A leitura continuou envolvente nos dias que se seguiram. Nos últimos capítulos de Gênesis, emocionei-me ao visualizar a narrativa do encontro de José do Egito com seus doze irmãos, que àquela altura, o consideravam como morto. Finalmente, vibrei com a coragem de Moisés diante da obstinação de Faraó no relato do Êxodo. O príncipe do Egito seria usado por Deus para libertar os Judeus cativos, trazendo ainda sobre aquela nação orgulhosa as famosas Dez Pragas, as maravilhosas pragas que culminaram com o êxodo Judaico e a travessia do Mar Vermelho. E então, podia imaginar o povo de Israel ao pé do Monte Sinai, tremendo diante da glória do Deus Todo-Poderoso. Ali, eles receberiam as tábuas da Lei. Que livro maravilhoso era aquele! Quantas histórias cativantes!

Mas a viagem não parava por aí. Ainda tinha de acompanhar o general Josué nas sangrentas lutas pela conquista da Terra Prometida e pelo estabelecimento das Doze Tribos que formariam a nação de Israel. Que batalhas épicas foram aquelas! Como seria bom ter vivido naquele tempo! Certamente teria acompanhado o Juiz Gideão em suas excursões contra os inimigos do povo de Israel. Imaginava como seria ter visto e conhecido de perto o homem mais forte que já existiu: Sansão! Capaz de matar centenas de homens com uma queixada de jumento e de rasgar um leão ao meio com as mãos como se fosse um cabrito. Eu devorava aquelas páginas com a avidez rara para um leitor juvenil. A época dos reis de Israel começava. Surgiu Davi! O garoto que se tornou guerreiro, o pastor de ovelhas que se tornara rei. Quanta coragem ele tinha e como sofria por causa da inveja de Saul, o seu arqui-inimigo. Quando precisava fugir dos ataques dos inimigos e se sentia acuado de todos os lados, Davi compunha uma canção, entoava-a a sob a luz da lua como uma oração e esperava a salvação em IAVE. Podia imaginar Davi, ainda criança, nos campos à noite com os rebanhos de seu Pai, tocando sua melodiosa harpa. Podia vê-lo levando a tiracolo sua funda e escolhendo pedras redondas no leito de um riacho. Aquelas pedras seriam usadas para afundar o crânio do gigante filisteu Golias, iniciando assim a epopeia do maior e mais vitorioso rei que o povo de Israel já teve. Davi tornou-se grande demais, maior do que tencionava ser, sua história ultrapassou os séculos e ele se tornou uma lenda. Davi derrotou todos os que se levantaram contra ele, todos os seus inimigos; porém, por fim, o poderoso e

invencível rei caiu vítima de suas próprias paixões. Seu maior inimigo era ele próprio. Eu sempre penso em Davi como um grande exemplo de coisas boas e coisas más. Às vezes, lutamos as mais difíceis batalhas externas e saímos vencedores, porém, caímos muito fácil quando enfrentamos nossas próprias inclinações pecaminosas.

Enfim, infelizmente, depois dos tempos dourados do Rei Salomão, a nação ia de mal a pior; Deus precisava sempre enviar um profeta após o outro exortando seu povo a retornar para os seus caminhos. Elias, Eliseu, Jeremias, Isaías... o povo não ouviu os profetas; agora, estavam exilados em Babilônia! Como sofriam de saudades de sua terra o povo de Deus. Às margens dos rios de Babilônia, os Judeus choravam sua sorte. Mas, enquanto alguns choram, outros são preparados. Daniel, um jovem Judeu é lançado na cova dos leões! Que milagre! Deus não permitiu que o profeta fosse devorado pelas feras! Daniel profetizou diante dos reis de toda a terra e decretou o seu fim. O tempo passou, mas Jerusalém ainda jazia desolada e destruída. Com os Judeus exilados em Babilônia o consolo do povo eram as palavras proféticas dos antigos mensageiros de Deus, os mesmos que seus antepassados haviam rejeitado. Eu imaginava como seria incrível ser um profeta. Ser serrado em pedaços como Isaías, ser perseguido e condenado ao tronco como Jeremias, ser ameaçado de morte como Elias (risos), mas, enfim, que pena; eu nascera tarde demais, muito distante no tempo para ser um profeta de Deus.

Mas alguém muito maior do que qualquer profeta que já existiu estava para surgir no cenário terrestre. Conhecê-lo iria arrebatar profundamente o meu coração. Este profeta era incomum e certamente seria o modelo perfeito no qual desejaria me espelhar: JESUS CRISTO, o Messias! Posso dizer que se a Bíblia Sagrada não contasse a história de Jesus Cristo, o filho de Deus, eu faria muito pouco caso dela. Ler e conhecer a história do nascimento do grande mestre de todos os cristãos e acompanhar os atos e palavras divinas que inspiraram bilhões de pessoas ao redor do mundo em dois milênios foi algo maravilhoso. Não há melhor história nas Escrituras Sagradas. Não há de fato melhor história no mundo inteiro. Ninguém que ler os evangelhos e se inspirar em JESUS continuará sendo a mesma pessoa de antes. Foi isso o que aconteceu comigo ao ler e conhecer as escrituras sagradas do Novo Testamento. Desejava profundamente seguir os passos do Mestre e imitar o esforço missionário dos grandes apóstolos cristãos do passado, como Paulo, João, Pedro e tantos outros que o tempo não conseguiu esquecer.

Mas havia algo que me perturbava ao chegar ao fim dessa esfuziante

leitura; tratava-se de um aparente enigma bastante desafiador. Finalmente, lá estava a última pérola bíblica, aparentemente envolta em uma aura de mistério e insolubilidade: O APOCALIPSE! “O apocalipse não é para crianças ler! ” – Dizia minha mãe – “Se você acordar de noite chorando com medo, eu vou lhe dar uma surra! ”. Bem, eu resolvi ler o apocalipse mesmo contra a admoestação de minha mãe. De dia é claro!

Na época em que li o Apocalipse, meu primo que era Adventista do Sétimo Dia, frequentava uma igreja em frente à sua casa. Eu achava estranho a maneira das mulheres adventistas se vestir e a forma como os homens mantinham sua aparência. Quando perguntei à pregadora da igreja o porquê de vestirem roupas compridas cobrindo os braços e as pernas ela me respondeu citando uma passagem do livro:

– Meu filho, no fim do mundo, virão os gafanhotos! Vorazes, eles irão devorar todas as carnes que estiverem expostas! (Apoc. 9:3-5)

Bom, isso não foi um bom começo eu confesso; ora, quem iria acreditar numa coisa dessas? Não zombem de minha inocência, mas foi exatamente dessa maneira que fui iniciado no mundo da interpretação bíblica, da hermenêutica e da exegese. Bem, deixe-me falar um pouco sobre o meu primo. Meu primo era um rapaz jovem e de boa aparência; infelizmente, a igreja exigia que ele deixasse a barba crescer e que não trabalhasse aos sábados. Exigir que os homens deixem a barba crescer, era e ainda é um dos dogmas da seita dos Adventistas da Reforma. Isso complica um pouco a vida dos fiéis do sexo masculino, pois quando procuram um emprego, o que ouvem dos empregadores lhes deixam muito desanimados:

– Amigo, você não vir aos sábados tudo bem, mas com essa cara de profeta não tem como você trabalhar conosco. Tire a barba e nós vamos conversar. - Era mais um emprego perdido.

Descobri em seguida, que os Adventistas da Reforma não comiam carne. Meu primo me explicou que existem dois tipos de adventistas: Estes primeiros aos quais pertencia, mais radicais, chamados de “Adventistas da Reforma”, que evitam comer toda espécie de carne e procuram manter uma aparência rústica e austera, e os “Adventistas Nominais”, que consomem vários tipos de carne, não exigem certas normas extremas como o uso obrigatório da barba, além de não

determinarem com rigidez o modo de se vestir dos fiéis. Certa vez meu primo estava tão fraco por causa da alimentação deficiente, que chegou a desmaiar de inanição. Por culpa dessa regra alimentícia radical sua dieta estava reduzida a folhas, frutas, legumes e cereais. Como era de uma família pobre, sustentada pela mãe viúva, alimentar-se exclusivamente de vegetais era economicamente inviável, por isso, às vezes ele precisava almoçar e jantar arroz branco dia após dia, mesmo sob a insistência da mãe para comer um pouco de proteína animal. Ela suplicava ao filho:

– Meu filho, coma pelo menos um caldo de carne. Deus não irá ficar zangado com você só por causa disso.

– Quem é fiel no mínimo, é fiel no muito! – Dizia ele irredutível. Daí começaram as tonturas e os desmaios. Felizmente, minha tia conseguiu convencê-lo raciocinando:

– Coma carne até ficar forte novamente. Depois que se recuperar, volte ao regime adventista. Ninguém da igreja precisa saber.

Confesso que a devoção de meu primo me inspirou de certa maneira. Cogitei até em me tornar membro dessa seita algum dia. Porém, meu objetivo era entender os mistérios do livro de Apocalipse, por isso, sempre que alguém me permitia levantar uma questão durante uma reunião eu lia algum versículo e fazia uma ou outra pergunta escabrosa. As respostas que eu recebia eram ainda piores que as minhas próprias conjecturas. Em uma dessas ocasiões eu me coloquei respeitosamente de pé e, do alto dos meus nove anos de idade, perguntei à pregadora:

– Como será o Fim do Mundo e como nós iremos nos salvar?

A pregadora me parabenizou pela boa pergunta e respondeu com a voz empostada, usando um tom melodramático:

– Meu filho, no último dia, a terra será queimada um terço de cima a baixo. Neste momento haverá muita fumaça. Então, nós os da Igreja Remanescente de Deus, os que guardam o Sábado do Senhor, subiremos junto com a fumaça aos céus e seremos arrebatados nas nuvens.

Isso fez disparar minha imaginação. Me parecia muito interessante esta interpretação. Ora, se os super-heróis das revistas em quadrinhos que eu gostava de ler, como o Super-Homem e a Mulher Maravilha, voavam sem qualquer dificuldade, porque os cristãos salvos, cheios do poder de Deus e acompanhados por Jesus Cristo não poderiam fazer o mesmo? Na mesma noite a pregadora me explicou outras coisas do livro de apocalipse que me deixavam bastante admirado; uma delas era o significado da Besta de sete cabeças e dez chifres (Apoc. 13:1).

– A Besta Fera é o Papa! E a profecia do golpe mortal que foi curado se cumpriu em João Paulo II. Isso significa que o fim do mundo e a volta de Jesus Cristo está próxima.

Aceitei logo que a explicação sobre o Papa e a Besta do Apocalipse tinha muita lógica. Para mim, tudo parecia fazer sentido, afinal, já havia ouvido algumas pessoas falar sobre isso em uma ou outra ocasião. Notando o meu profundo interesse e admirando-se de minhas perguntas inusitadas, os irmãos adventistas me convidaram para uma tal de “Escola Sabatina”, que seria realizada na residência de um dos membros da igreja no sábado seguinte. Cada um foi exortado a levar sua própria marmita de comida vegetariana e, como sempre, orientados a prepará-la ainda na sexta-feira, pois os adventistas exigem que seus adeptos não façam qualquer trabalho no sábado; agem assim por interpretarem que algumas leis judaicas se aplicam da mesma maneira a eles mesmo nesta época atual. Na escola sabatina, no dia designado, um dos pregadores explicou direitinho a guarda do sábado e o seu significado aos adventistas e simpatizantes ali presentes.

– Irmãos! – Exortou - o Domingo é a própria marca da Besta e os que o guardam em detrimento do Sábado, estão marcados na testa por Satanás e não podem ser salvos.

Basicamente as reuniões espirituais adventistas eram ocasiões para se inculcar a doutrina, regras e dogmas da igreja. Os pregadores e instrutores da escola sabatina, que durava todo o dia de sábado, dirigiam muitas das vezes discursos arrepiantes onde narravam em detalhes o fim do mundo e como os adeptos fiéis do grupo iriam ser levados para a vida eterna celestial. Para a minha satisfação, muitas das pregações tinham como referência trechos do livro

do Apocalipse. Certamente eu estava aprendendo alguma coisa importante ouvindo aquelas pregações. Além da Bíblia, notei que eles usavam as publicações de uma tal Ellen White; depois fiquei sabendo que se tratava de uma profetisa que ajudara a fundar a igreja a cerca de um século atrás. Folheando algumas dessas publicações, muito raras na localidade, percebi que se conseguisse algumas com assuntos diversos, certamente ficaria bem mais fácil de compreender as passagens difíceis que eu muitas vezes encontrava na Bíblia. No futuro, eu teria mais contatos com certas publicações que supostamente revelam as escrituras sagradas a leitores leigos. Isso eu conto em um capítulo mais à frente. Finalmente o sábado chegou ao fim e também a escola adventista. Depois de caminhar bastante na volta eu cheguei em casa bem tarde da noite, quando todos já estavam dormindo. Fui até a cozinha procurar algo para forrar o estômago, pois estava morrendo de fome; para minha surpresa lá estava um delicioso bife que haviam deixado para mim. Será que eu passaria por aquela prova de fé, agora que havia decidido me tornar um fiel adventista do sétimo dia? Fiquei ali, olhando aquele bife na panela e me veio à mente a figura imponente do Rei Davi, observando a bela Bate-Sabah do terraço de seu palácio em Jerusalém. Pensar na prova de fé que Davi enfrentou e que lhe trouxe vergonhosa e retumbante derrota não me ajudou nem um pouco nesta hora (2 Samuel 11:2).

Acho que podem imaginar o que aconteceu em seguida. Pois é, queridos leitores... assim como o pobre rei Davi, eu também caí por causa dos prazeres que a carne pode proporcionar.

Capítulo III
O Fim do Mundo está mesmo Perto!

Depois de minha experiência fracassada com os adventistas do sétimo dia e de descobrir que ainda não estava preparado para seguir suas regras e dogmas arbitrários, eu decidi continuar frequentando a igreja católica na qual era batizado. Nesta época fiz o curso da catequese, a crisma e, então, confessei os pecados ao sacerdote de minha paróquia. Na sala do confessionário ele me disse:

– Filho, conte-me os seus pecados.

Eu comecei a falar dos meus erros e deslizes com certa apreensão; felizmente, o padre me ajudava com algumas sugestões.

– Você já desobedeceu ao seu papai e a sua mamãe? Brigou com os irmãozinhos e xingou palavrões?

– Sim, sim, sim... – concordava com a cabeça baixa. Então, depois de alguns instantes de relutância eu resolvi abrir o jogo com ele. – Eu também já cobicei a mulher do próximo. – Cerrei os dentes esperando uma bronca ou um pequeno sermão, mas o padre não disse nada e apenas disfarçou uma risada. – A penitência vai ser muito pesada? – Perguntei. Ele olhou para mim como quem iria me condenar ao inferno; que brincalhão, logo começou a sorrir e respondeu:

– Claro que não... ajoelhe-se diante do altar e reze vinte Pais-nossos e dez Ave-Marias.

Os anos passaram-se rapidamente enquanto eu me dedicava aos estudos da escola primária. Porém, mesmo envolvido com diversas outras descobertas da infância e adolescência, as imagens do fim do mundo e as figuras do apocalipse, explicadas pelos pregadores adventistas, ainda invadiam meus pensamentos. Lembro-me de um livro com a capa dura chamado “A vida de Jesus” que minha mãe havia adquirido de um colportor desta seita. Este livro era um dos escritos de Ellen White a matrona dos adventistas. Uma das imagens encontradas no final desta publicação havia ficado gravada em minha cabeça. Foi a primeira imagem que vi relacionada às interpretações apocalípticas sobre o Armagedom. Ela retratava a vinda de Jesus e o fim do mundo na concepção deste grupo. A imagem era um cenário de destruição, terror, pânico, morte e sofrimento.

Terremotos partiam o solo, prédios desabavam, labaredas de fogo elevavam-se do chão, pessoas saltavam das janelas e do alto dos edifícios, helicópteros voavam procurando resgatar alguns grupos isolados em meio ao caos absoluto, enquanto espessas cortinas de fumaça ascendiam aos céus negros e atemorizantes. Isso me lembrava a senhora adventista, aquela da igrejinha em frente à casa de meu primo, a qual, pregava com devoção e confiança:

– “Quando tudo começar a pegar fogo, nós subiremos com a fumaça e nos encontraremos com Cristo nas nuvens! ”

Minhas concepções e conhecimentos a respeito do mundo em que vivemos, sua história, seus conflitos, seus problemas sociais e suas utopias, aumentaram muito durante os anos escolares. Nos anos oitenta quando o presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan idealizou o programa “Guerra nas Estrelas”, a guerra fria entre os americanos e os soviéticos, que acabara na década anterior, havia sido restabelecida. Isso colocou o mundo e as grandes potências desenvolvidas em uma corrida armamentista sem paralelos. A ameaça crescente de uma possível guerra atômica entre os Estados Unidos e a União Soviética, preocupava os governantes mundiais e a população em geral. Todos estes eventos aterrorizantes traziam a minha mente as assombrosas profecias bíblicas a respeito de um suposto fim do mundo, onde a terra seria completamente destruída e apenas os escolhidos por Deus seriam salvos, sendo então arrebatados para o céu, a fim de usufruírem a vida eterna com Cristo. As minhas conjecturas e ideias pareceram ganhar vida quando tive a chance de assistir ao filme “O Dia Seguinte”, do diretor Nicholas Meyer. Esta produção, idealizada inicialmente para a televisão, alcançou sucesso mundial após ser exibida nas telas dos cinemas causando grande repercussão. O filme, aproveitava-se de um tema amplamente discutido naquela época, para chamar a atenção sobre a possibilidade de uma guerra atômica entre grandes potências, o que poderia causar uma tragédia sem paralelos na história humana. Com a possibilidade de um confronto nuclear, a confiança na segurança do mundo estava profundamente abalada. Seitas apocalípticas aproveitavam-se da situação para inculcar em seus fiéis o sentimento de medo e de urgência, conseguindo com isso, aumentar o número de membros em suas fileiras, além, é claro, de ampliar o controle sobre os que estavam sob seu poder. Foi exatamente nesta época que começaram a ocorrer as primeiras visitas de Testemunhas de Jeová em nossa casa. Nas visitas, elas ofereciam revistas, livros e deixavam panfletos com minha mãe; porém, na ocasião, tais coisas não me chamaram muito a atenção.

Gastava meu tempo de folga andando pelas ruas, vendendo sorvetes nas feiras, engraxando sapatos pelas praças, bares e lanchonetes da cidade e assistindo TV.



Teste atômico realizado pelos EUA no atol de Bikini (1946)

Os tempos eram muito difíceis, não apenas para a minha família, que havia se mudado do campo para a cidade, mas também para a extensa maioria da população brasileira de baixa renda que vivia praticamente na miséria. Naquela época, o Brasil ainda estava sob uma ditadura militar, o que se denominou a "Quinta República". Vivíamos em um momento, no qual, o governo em decadência, não conseguia mais estimular a economia e a inflação galopante atingia patamares históricos. Iniciaram-se os movimentos populares pela democracia e pelas eleições diretas, as chamadas "*Diretas-Já!*". Estes movimentos foram em grande parte responsáveis pela queda do regime e pela eleição indireta de Tancredo Neves em 1985. O presidente eleito não chegou a tomar posse devido complicações de saúde e sua morte foi anunciada em 21 de abril, após ter sofrido várias intervenções cirúrgicas. Nós seguíamos com vívido interesse os noticiários na televisão, pois gostávamos muito de acompanhar a política. Aquele, sem dúvida, era um momento histórico. Lembro que meu irmão mais velho, vendo a comoção geral causada pela doença e morte do presidente eleito, chorou, decepcionado com Deus. Em meio a lágrimas ele dizia:

– Ansiávamos por mudanças, mas parece que elas não virão. É muito

provável que o governo volte atrás e não queira entregar a faixa ao substituto.

Pois bem, embora o presidente Figueiredo tivesse recusado participar da solenidade de posse e saído pela porta dos fundos durante o evento, o vice-presidente José Sarney foi empossado e nós podíamos agora olhar para o futuro com um pouco de confiança. Durante os anos turbulentos das décadas de oitenta e noventa, as pessoas em todas as partes do Brasil clamavam por mais direitos, segurança, saúde, trabalho, educação, e por um governo que pudesse responder a seus anseios legítimos. Provavelmente, este foi um dos motivos pelos quais, nestes anos, as Testemunhas de Jeová atingiram os maiores auges e aumentos no número de fiéis no Brasil. Atualmente, o Brasil é o terceiro país do mundo com o maior número de Testemunhas de Jeová perdendo apenas para os Estados Unidos, o berço da seita, e para o México. Em número de adeptos, a comunidade de Testemunhas de Jeová no Brasil já esteve por muito tempo em segundo lugar, mas a partir do ano 2000 começaram a perder muitos membros e a cair do ranking. Em 2017 haviam no Brasil 829.743 publicadores espalhados em 11.911 congregações [2].

A mensagem das Testemunhas de Jeová foi desenvolvida ao longo de mais de um século e procura atrair novos adeptos exatamente por explorar suas necessidades e anseios mais comuns. Quando visitam pessoas pelas casas, em seu serviço de porta em porta, estão sempre atentas ao ambiente para decidir que abordagem surtirá mais efeito. Se encontram um morador com a saúde debilitada, apresentarão a perspectiva de um novo mundo onde as doenças e sofrimento serão coisas do passado; se encontram alguém com interesses em assuntos políticos, ou preocupado com as questões levantadas pelo nacionalismo, a abordagem terá como base um suposto governo justo de Deus ainda por vir, o qual, só será possível ser instalado plenamente, após a total destruição da sociedade humana moderna. Se encontram uma criança, procuram aguçar seu inocente interesse apresentando as figuras coloridas de um futuro paraíso na terra, selecionadas de páginas da sua extensa literatura impressa. Nestas figuras, pessoas alegres e saudáveis constroem suas casas, plantam, colhem, e vivem seguras em um belo ambiente ajardinado onde crianças brincam com animais selvagens como leões, ursos e serpentes, sem medo ou temor de que alguma calamidade lhes possa sobrevir. Se uma pessoa idosa recebe uma Testemunha de Jeová em casa e aceita ouvir sua mensagem, o pregador da seita, possivelmente abrirá seu exemplar da bíblia para ler com ela versos como os encontrados no Salmos 37:29, Jó 33:25, Mateus 5:5 e João 5:21. Tendo recebido

um treinamento especial para desenvolver habilidades de conversação e argumentação, uma Testemunha de Jeová, é capaz de em pouco tempo, convencer um leigo interessado a aceitar um curso bíblico gratuito com o uso de suas publicações. Muitas vezes, a gentileza e a amabilidade, a compostura e a maneira digna do fiel se vestir, acaba por despertar o interesse de alguém que apenas o observa. Estrategicamente, a organização religiosa das Testemunhas de Jeová procura estabelecer normas rígidas de moral e elevadas regras de conduta a fim de manter seu rebanho atraente à primeira vista. Elas sabem que as pessoas veem o que lhes aparece aos olhos, e que a aparência externa é um gancho de valor inestimável para determinar o interesse de alguém e formar sua opinião, principalmente no contato inicial.

A sujeição aos padrões legalistas que procuram manter a uniformidade do rebanho a qualquer custo, é obtida através do sistema de castigos e recompensas. Os que se destacam no cumprimento do código incondicional imposto pela liderança, é enaltecido a cargos e privilégios, mas os rebeldes, críticos e desobedientes, são muitas vezes submetidos ao opróbrio e ao ostracismo, perdendo posições, sendo rebaixados e humilhados, recebendo advertências públicas ou mesmo sendo expulsos da comunidade a fim de servirem como exemplos para os demais. Deificada, a liderança da seita não costuma ser contestada. O produto oferecido ao público em geral por meio dos pregadores das Testemunhas de Jeová está envolto numa embalagem muito bem elaborada. Trata-se de uma incrível peça de marketing criada por mestres da manipulação religiosa. Os métodos de conversões desta seita têm sido executados com maestria por mais de um século; foram testados e aprovados por milhões de voluntários ao redor do mundo sob as mais severas e diversas situações.

Capítulo IV
Testemunhas de Jeová e o Paraíso na Terra!

Certo dia, quando eu estava em casa, alguém bateu palmas à porta. Eram duas senhoras publicadoras de tempo integral. Elas foram convidadas a entrar e por alguns minutos conversaram com minha mãe. Apresentaram-lhe um livro grande encadernado de capa vermelha e fizeram vários comentários mostrando ilustrações coloridas em algumas de suas páginas. Depois disso, abriram a Bíblia e leram o texto de Apocalipse 21:3 e 4 e explicaram:

– Como a senhora observou nas Escrituras, Deus promete acabar com todo mal e com todo o sofrimento humano. A terra inteira, sob o Governo Justo de Jesus Cristo, será enfim transformada em um Paraíso.

Não preciso dizer que isso entrou imediatamente em choque com tudo que eu havia estudado até então. Eu pedi para ver a publicação e, enquanto isso, as senhoras continuavam a conversar com minha mãe sobre as supostas promessas da vida eterna. Haviam várias imagens de um lindo paraíso na terra. Li alguns parágrafos e folheei rapidamente a publicação porque as senhoras já estavam de saída. Perguntei quanto custava o livro e elas mencionaram um valor que era bastante acessível. Solicitei a minha mãe que o comprasse para mim, mas no momento, ela não podia dispor de quantia alguma. Bem, o tempo passou e as senhoras não apareceram mais, porém, as imagens do paraíso na terra e a nova interpretação de que o mundo não seria destruído e sim restaurado, continuaram em minha mente. Agora eu estava um pouco confuso. Afinal, as escrituras declaram uma destruição total do planeta terra e da humanidade ou não? Porque Deus criaria um mundo tão belo e tão perfeito apenas para incinerá-lo depois? Porque um Deus amoroso estabeleceria o homem na terra e a encheria de criações magníficas se não tinha a intenção de mantê-la? Se Deus havia criado o homem com a intenção de que, segundo o ensino cristão, quando morresse fosse viver no céu, porque não criou o homem e o colocou logo lá? Porque deixar que as pessoas sofram tantos padecimentos tendo a recompensa de alegria eterna apenas na vindoura vida celestial? Não seria muito mais lógico transformar a terra em um lugar perfeito onde as pessoas de bem pudessem viver

sem morrer por toda a eternidade? Afinal, qual é a verdade? Porque estamos aqui e qual o sentido da existência humana? Essas perguntas martelavam minha mente todo o tempo. Entretanto, eu era um adolescente irrequieto, ocupado com os estudos e em fazer novas amizades; assim, estes assuntos permaneceram adormecidos enquanto os anos iam passando rapidamente.

Eu e meu irmão mais velho, gostávamos de assuntos religiosos e geralmente conversávamos muito sobre as escrituras. Éramos católicos comuns, daqueles que vão à igreja pelo menos uma vez por ano. Geralmente íamos a algumas missas, participávamos de festividades católicas tradicionais, mas não éramos profundamente ligados à religião de nossos pais. Por ter lido a Bíblia inteira muito cedo e ser totalmente leigo na questão da análise e interpretação de suas passagens, eu tinha, assim como o meu irmão, um conceito muito crítico em relação às várias denominações que conhecíamos, incluindo a nossa própria. Nós às vezes conversávamos sobre a possibilidade de existir uma "*Religião Verdadeira*", um grupo de seguidores de Cristo que realmente seguissem a Bíblia e imitassem a igreja que existia nos tempos dos apóstolos. Por isso, às vezes, visitávamos algumas igrejas evangélicas e protestantes a fim de procurar identificar algo mais compatível com o que, achávamos ser, o espírito das Santas Escrituras. Na época em que vagávamos por algumas denominações, fui convidado por um tio materno a visitar sua igreja, uma Assembleia de Deus. No dia da visita, o templo estava totalmente lotado e todos estavam muito bem arrumados. Era um culto especial e pregadores de outras cidades eram os preletores. Me lembro que as pessoas ficavam bastante animadas quando o pregador aumentava o tom e começava a falar de forma mais rápida com a voz empostada ascendente. Ouvi algumas pessoas gritarem "Aleluia", em resposta ao pastor e não perdi tempo imitando o coro.

– Aleluia, Aleluia! – Gritei. Minha tia, ao meu lado, tocou o meu braço e sussurrou:

– Não grite "Aleluia!" Só o pastor pode gritar "Aleluia". – Eu retruquei imediatamente dizendo:

– O Padre de minha paróquia também grita "Aleluia"!

Fiquei à vontade para andar pelos corredores da igreja e subir até a parte superior, de onde ouvia com atenção o ministro dirigir a pregação principal do culto. Estava ouvindo-o, sentado ao lado de alguns garotos que não paravam

quietos, até que ele abriu a bíblia para ler uma passagem do livro de Apocalipse. O texto era o seguinte:

> “E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia. ” (**Apocalipse 13:1 - ACF)**

Após ler o versículo, o pregador ficou alguns segundos em silencio com a Bíblia aberta na mão direita ao lado do rosto enquanto observava a multidão. Então, cortando o silêncio ele disse:

– Irmãos! A Fera tem dez chifres e sete cabeças. O que essa Fera abominável possui em cada uma de suas cabeças?

Isso me interessou. Alguns começaram a responder à pergunta timidamente até que a grande maioria seguiu o coro sob o seu olhar de aprovação. Quando se deu por satisfeito, continuou:

– Muito bem irmãos! Cada cabeça dessa Fera tem um “Diadema”! – Eu conhecia muito bem aquela passagem do apocalipse, mas o que ele falou em seguida me fez franzir as sobrancelhas.

– Irmãs, será que algumas entre vocês, estão usando diademas nesta noite?

Eu estava na parte superior da igreja e dali pude observar várias irmãs retirando rapidamente o arco para cabelos que traziam na cabeça e ocultando-o em suas bolsas. Eu deduzi que, ou o pregador estava cometendo um erro de interpretação primário por ignorância, ou estava fazendo uma brincadeira, se aproveitando da ingenuidade de algumas pessoas. Mas, como ele prosseguiu condenando o uso do “diadema” para os cabelos das irmãs, porque tal descrição fazia uma suposta referência à Besta do Apocalipse, ficou claro que sua exegese era desastrosa e deficiente. Ora, qualquer pessoa é capaz de entender que os diademas da “Fera de dez Cabeças” que emerge do mar, não são enfeites femininos, mas sim Coroas! São um símbolo de Realeza ou de Poder! Nada tem a ver com um acessório usado para segurar ou adornar os cabelos das mulheres! Como podia eu, uma criança de nove anos, entender tal coisa, e aquele homem adulto, um instrutor de multidões, não ser capaz de racionalizá-la? Será que aquelas irmãs que escondiam seus adornos, não tinham lógica mental o

suficiente para entender que o pastor estava enganado e as fazia passar por um vexame desnecessário? Bom, não preciso falar que saí do culto decepcionado com a qualidade da instrução que nos foi provida naquela pregação.

Algum tempo depois, meu irmão mais velho me convidou para irmos a uma igreja da denominação Batista com o objetivo de assistir um de seus cultos. No domingo, nos vestimos como era possível para dois garotos pobres da periferia. Meu irmão, que já era rapazinho, tinha roupas mais adequadas; eu, porém, só pude encontrar no "guarda-roupas", um calção e uma camiseta. Como não queria usar chinelos para ir a uma reunião formal, decidi usar os meus Ki-Chutes escolares. Para quem não sabe, estes calçados eram bastante populares no Brasil na década de 80 por causa de sua robustez e durabilidade. Confeccionados com lona e borracha vulcanizada, os Ki-Chutes eram próprios para se jogar futebol e até possuíam cravos no solado. Evidentemente, não eram os calçados mais apropriados para se ir a uma igreja. Ao chegar à entrada, algumas pessoas nos cumprimentaram e procuramos um local vago num dos bancos. Logo, duas jovens sentaram-se ao nosso lado. Ao me observarem de cima a baixo elas começaram a sorrir sem parar. Eu saquei logo que sorriam por causa do meu calção e calçados exóticos (Tiago 2:1-5). Fiquei um pouco incomodado, mas resolvi esquecê-las um pouco e prestar atenção ao culto. O pregador falava de maneira mais calma que o pastor pentecostal da igreja Assembleia de Deus. Durante a pregação, ele citou e explicou alguns textos da Bíblia e até fez uma boa ilustração. Foi a primeira ilustração que eu ouvi em uma pregação. Certamente, usar ilustrações para ensinar, em imitação de Cristo Jesus, é uma técnica excelente que prende a atenção dos ouvintes e ajuda a gravar uma mensagem importante em suas mentes. No futuro, como Testemunha de Jeová, eu iria fazer bastante uso de ilustrações em meus discursos públicos. Depois da pregação, abriu-se espaço para que alguns membros fossem ao palco entoar louvores sob o acompanhamento dos músicos. Alguns belos cânticos foram entoados durante a ocasião. Estava indo tudo bem, até que subiu ao palco uma dupla de garotas para cantar em dueto. Quando a música começou, as meninas não conseguiam acertar o tom, mesmo depois de várias tentativas; além disso, haviam se esquecido de partes da letra. Foi uma gargalhada geral na igreja. Nós, porém, não seguimos o coro da multidão. As jovens aspirantes a cantoras evangélicas ficaram muito sem graça e o nervosismo delas tornou a cena ainda mais patética. Os risos aumentaram e as garotas resolveram desistir de prosseguir, cedendo a vez para outro participante. Quando comecei a frequentar os salões das Testemunhas de Jeová, algo que notava nas reuniões, era um

grande respeito pelas pessoas que tinham dificuldades de se expressar, ler, ou mesmo desenvolver o conteúdo de uma apresentação. Desta forma, se um orador iniciante ou uma irmã que realizava a apresentação durante uma reunião tropeçasse em palavras, ou esquecessem por alguns momentos do texto, todos se mantinham quietos e não esboçavam reações que pudessem deixá-los constrangidos. Quando visitamos a igreja que mencionei acima, eu e meu irmão chegamos à conclusão de que lhes faltava um pouco mais de educação e polidez. Esta foi uma das últimas vezes que visitei alguma igreja fora de minha denominação.

Continuei a frequentar minha paróquia católica e a apoiar grupos de jovens que lá se reuniam. Porém, não se envolvia muito em questões doutrinais e litúrgicas. Cada vez mais, eu me afastava da religião, até que por fim, deixei completamente de frequentar a igreja católica ou qualquer outra. Tornei-me, por assim dizer, um desigrejado. Evidentemente, as questões fundamentais que me faziam refletir sobre o futuro da humanidade sobre a esfera terrena, continuaram me atormentando nos anos seguintes. A guerra fria continuava e a ameaça atômica pairava sobre as nações trazendo-me um certo desalento; eu estava muito indeciso sobre o que pensar a respeito do futuro. Enquanto estes pensamentos de mau agouro giravam ao redor de minha cabeça como urubus esfomeados, eu me lembrava da mensagem ilustrada, proclamada pelas senhoras Testemunhas de Jeová naquele dia em minha casa: “O Paraíso na Terra”! Seria mesmo possível tal coisa?

Certo dia, meu irmão mais velho retornou do trabalho e trouxe algumas revistas chamadas “A Sentinela” e “Despertai!”, as quais, são publicadas a cerca de um século pela organização “Torre de Vigia”, a empresa americana que controla as Testemunhas de Jeová. Uma destas publicações me chamou bastante a atenção. Na capa, havia o desenho de uma mão gigante que segurava e esmagava vários mísseis atômicos. Me lembrei da ameaça do conflito mundial, tema do filme “O Dia Seguinte” e comecei a ler imediatamente a publicação. Os artigos citavam uma passagem bíblica encontrada no livro do profeta Isaías:

> “Pois assim diz Jeová, O Criador dos céus, o verdadeiro Deus, Aquele que formou a terra e que a fez, aquele que a estabeleceu firmemente, Que não a criou simplesmente para nada, mas a formou para ser habitada. ”
>
> **(Isaías 45:18 TNM-R)**

Além de destacar que o criador dos céus e da terra, “Jeová”, não iria permitir que os humanos iníquos destruíssem o planeta com o uso de bombas atômicas, o artigo falava sobre o que poderíamos esperar do futuro. Certamente,

Deus era o único capaz de colocar um fim definitivo à ameaça nuclear e no seu devido tempo faria isso. Este tempo, estava mais próximo do que talvez imaginávamos. A publicação explicava que, no Armagedom, a guerra do grande dia de Deus o todo-poderoso, ele iria destruir todas as nações do mundo estabelecendo o seu Reino por meio de Cristo Jesus. Este Reino, iria por fim, tornar toda a terra, um belo paraíso, um jardim cheio de delícias terrenas, no qual a humanidade obediente iria residir para sempre, sem os medos e as preocupações que assolavam o mundo moderno. Aquela revista, me pareceu uma espécie de bálsamo, um alívio para minhas perturbações e, de alguma forma, o artigo me trouxe um pouco mais de esperança. A humanidade não precisaria ser destruída em um holocausto nuclear. Deus era o criador da terra e de todas as coisas e certamente estava atento ao desenrolar de todos os acontecimentos; a qualquer momento interviria na história humana e resolveria milagrosamente todos os seus problemas. Sem dúvida, o Reino de Deus era a única e definitiva solução para todos os males e problemas que a humanidade enfrentava.

Capítulo V
Engolindo a Isca: O início da Lavagem Cerebral

No início da década de noventa, eu já era um adolescente com dezoito anos de idade. Nesta época, eu havia adquirido péssimos hábitos, como o de beber sem moderação e o de usar tabaco. Alguns ex-colegas de escola enveredaram por maus caminhos e se envolveram com drogas e violência, porém, eu e meus irmãos éramos jovens caseiros, de família decente e não nos envolvíamos com tais coisas. Quando comecei a fazer uso de cigarros, meus irmãos também o fizeram e isso causou grande consternação a meu pai. Quando ele estava em casa, ou se íamos para as terras onde trabalhava para ajudá-lo na lavoura, nós evitávamos fumar em sua frente para que não ficasse mais irritado ainda. Minha mãe, por outro lado, era um pouco mais liberal conosco, até mesmo porque, ela tinha o costume de mascar tabaco a muitos anos.

Meu irmão tinha um itinerário de publicações, quer dizer, recebia toda quinzena a visita de um amigo que era Testemunha de Jeová e recebia dele as edições correntes das literaturas. Meu irmão havia conhecido este rapaz numa obra, onde trabalhava como servente de pedreiro. Havia algo que lhe chamara a atenção neste moço. Ele comentou a seu respeito:

– Na construção, quando o mestre de obras se afastava do local, os trabalhadores começavam a fazer corpo mole e alguns diminuíam o passo; outros até mesmo iam para alguma sombra a fim de evitar o sol escaldante; mas este rapaz, continuava trabalhando normalmente! Quando alguém perguntava porque não aproveitava a saída do mestre-de-obras para descansar um pouco, ele simplesmente dizia: “-Estou sendo pago para trabalhar. Se não trabalho, estou roubando de meu empregador. Sou Testemunha de Jeová e minha religião ensina que precisamos ser honestos. Só assim podemos agradar a Deus. ”

A posição firme do honesto e devotado rapaz fez com que meu irmão se aproximasse dele para conversar um pouco mais sobre suas convicções religiosas. Através dele começamos a ter um contato mais intenso com a

literatura produzida pela Torre de Vigia, pois sempre que novos livros e revistas eram lançadas, ele as levava ao meu irmão. Depois de algum tempo, notando o interesse dele pela mensagem divulgada nas publicações, a congregação responsável pelo território onde nossa casa se localizava, organizou uma visita a meu irmão com o objetivo de oferecer-lhe um estudo bíblico formal. Depois disso passaram a ir em nossa casa semanalmente no período da noitinha. O estudo ministrado por eles durava cerca de uma hora; após isso, combinavam nova visita e um novo assunto para ser discutido no encontro seguinte. Meus dois irmãos mais velhos finalmente ficaram convencidos de que deveriam estudar a bíblia com aquelas Testemunhas de Jeová; eu, porém, ainda não tinha interesse em participar das conversas que eram entabuladas nessas ocasiões. Muitas vezes, quando os publicadores chegavam, eu falava com meu irmão em um tom zombeteiro:

– Seus amigos já chegaram!

Em uma visita domiciliar seguinte, veio apenas um dos publicadores. O moço disse que seria o instrutor oficial do estudo e havia trazido as literaturas que iríamos usar. Os compêndios eram a “Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas”, a versão bíblica produzida pelas Testemunhas de Jeová, e o livro “Poderá Viver para sempre no Paraíso na Terra”. O livro, para a minha surpresa, era aquele mesmo que eu havia folheado a alguns anos atrás. Meus irmãos estavam eufóricos com o estudo bíblico. Me disseram que todas as perguntas que faziam sobre a Bíblia, eram rapidamente respondidas pelo publicador; diziam também que era muito hábil em usar versículos e passagens escriturais e que suas respostas tinham muita lógica. Eu apanhei o livro, reconheci a capa vermelha, folheei as páginas e pude encontrar as mesmas imagens coloridas que haviam despertado a minha atenção tempos atrás. Decidi que iria tirar um tempo para ler aquela literatura. Como sabem, sempre fui um bom leitor. Assim, terminei de ler o livro em três ou quatro dias. Confesso que os ensinos que encontrei neste livro me deixaram muito pensativo. Tudo era muito simples, muito claro, direto, fácil de assimilar e entender. Alguns pontos eram muito contraditórios, mas outros me pareciam tão óbvios e tão lógicos que comecei a perguntar a mim mesmo porque não pensara nisso antes. Meus irmãos tiveram a mesma impressão sobre o que liam no livro e ao conversar sobre o assunto perguntávamo-nos uns aos outros:

– Será que encontramos a verdade bíblica que procurávamos?

A publicação para o curso bíblico oferecido, possuía capítulos com temas variados formando uma sequência lógica de estudo. Os parágrafos eram numerados e havia ao pé da página várias perguntas relacionadas. Em cada parágrafo, vários textos bíblicos eram citados ou alistados como referências para consultas. Depois de ler a matéria e buscar os versículos bíblicos disponíveis, o estudante deveria localizar a resposta da pergunta ao pé da página no parágrafo e sublinhar com cuidado. Desta forma, quando o instrutor chegava no dia e hora marcada, já estaria bem preparado para sanar todas as dúvidas. Dúvidas eram o que não faltavam para resolver com ele. Não precisa dizer que na semana seguinte, depois de ter lido todo o livro, já havia mais um estudante interessado em aprender sobre as “verdades” da Bíblia, conforme eram ensinadas pelas Testemunhas de Jeová.

Quando uma Testemunha de Jeová visita a casa de alguém e nota qualquer interesse na mensagem, ela é orientada a deixar o caminho aberto para uma próxima visita; geralmente, elas preparam uma pequena apresentação e, em seguida, oferecem uma literatura que contenha um assunto relacionado ao tema de sua palestra. Até o ano 2000, quando iam de porta em porta oferecendo literaturas, elas solicitavam ao morador, um pequeno valor por exemplar. A partir desta data, foi estabelecido pela sua liderança internacional que não se pediria um preço determinado em troca da publicação, já que isso caracterizaria uma venda e, portanto, um tipo de comércio. Como a sociedade jurídica das Testemunhas de Jeová está registrada no Brasil como uma organização sem fins lucrativos, receber dinheiro em troca de um determinado produto poderia sujeitá-las à cobrança de taxas e impostos por parte do governo. Naquela época, antes do ano 2000, quando os publicadores pegavam nos Salões do Reino os livros e revistas para oferecer de casa em casa, eles preenchiam uma pequena nota de cobrança onde se discriminava as publicações e o total a pagar. Quando colocavam a literatura com os moradores, recebiam o dinheiro, guardavam-no consigo e, se ainda tinham débitos, quando iam às reuniões dirigiam-se ao balcão de publicações para acertar as suas pendências. Quando eu me tornei uma Testemunha de Jeová batizada, um dos meus primeiros privilégios de serviço foi cuidar do balcão de literatura. Ainda me lembro de sair entre as fileiras de cadeiras com um bloco de notinhas lembrando os irmãos:

– Irmão José, não esqueça de acertar as publicações no máximo até

domingo, pois terça feira é visita do viajante e as contas serão analisadas – Depois ia até outra fileira para abordar mais um membro – Irmã Maria, sua cota de revistas para o sábado ainda não foi paga. Já está com um mês de atraso. Lembre-se irmã, as revistas que estiverem amassadas ou sujas não poderão ser devolvidas, você tem que contribuir por elas.

Ao iniciar um estudo bíblico com uma pessoa interessada, as Testemunhas de Jeová são orientadas a blindar o estudante contra possíveis tentativas de sabotagem. Estas tentativas podem vir de parentes, familiares próximos ou amigos íntimos. Por isso, quando o instrutor percebe que a pessoa interessada sofre algum tipo de pressão para interromper os estudos, ele procura prepará-lo para que possa enfrentar a oposição. Esta preparação pode muitas vezes ocorrer durante o estudo, conversas pessoais ou visitas às reuniões nos salões do reino. Quando eu iniciei o meu estudo pessoal da bíblia com o uso da publicação "Poderá viver para sempre no Paraíso na terra", esta admoestação foi feita a partir do segundo capítulo. O capítulo destaca Satanás o diabo e como ele desencaminha as pessoas. Nas páginas 23 e 24 encontramos as seguintes argumentações:

> " Pode acontecer que até mesmo amigos íntimos ou parentes lhe digam que não gostam que você examine as escrituras. Os parentes talvez procurem desanimá-lo, fazendo-o com toda a sinceridade, porque não conhecem as maravilhosas verdades encontradas na Bíblia. Mas se deixar de estudar a Palavra de Deus quando surge a oposição, como é que Deus vai encarar você? Se você desistir... como poderá ajudar... entes queridos a entender... uma questão de vida ou morte? [8]„
> (**Poderá viver para sempre pg. 23-24**)

É exatamente neste ponto que se inicia o processo de isolamento do indivíduo. É um passo vital para a implantação de barreiras mentais que o afastarão de pessoas que podem alertá-lo contra o grupo sectário. Ao inserir no capítulo dedicado à criatura mais infame e maléfica que já existiu, um alerta contra a oposição familiar, de maneira subliminar, o morador acaba sendo induzido a contextualizar qualquer reação negativa ao estudo da Bíblia, com os esforços de uma influência espiritual satânica que procura impedi-lo de aprender algo supostamente vindo de Deus. Inconscientemente, o instrutor da seita aplica ao interessado o mesmo passo a passo que o levou a se sujeitar ao controle do grupo, aos seus dogmas, normas, regras e liderança autoritária. A isca das seitas é a sua mensagem belamente adornada que supostamente atende a todas as expectativas do indivíduo e parece ter lógica o suficiente para induzi-lo a

analisar mais profundamente a doutrina. No início do estudo, o morador não irá ser informado sobre muitas regras e doutrinas radicais da comunidade, as quais, se fossem apresentadas explicitamente ao iniciante, mudariam totalmente o seu modo de encará-la. Entretanto, embora a grande maioria não tenha um conhecimento razoável sobre as seitas, ou sobre os perigos de sua maneira de atuar, algumas pessoas já ouviram falar de suas práticas e crenças estranhas. Desta forma, um pai por exemplo, pode confessar ao filho que está preocupado em vê-lo envolvido com uma seita religiosa que possui reconhecida má fama. Porém, a mini lavagem cerebral realizada logo no início do estudo, pode se tornar uma barreira estratégica, capaz de repelir muitas tentativas dos familiares de desencorajar o compromisso do ente querido com um publicador da seita. Se verificar os pontos sublinhados no quadro acima, irá notar como são utilizados argumentos sutis para criar alguns conflitos internos, estabelecer um padrão de culpa, e inserir na mente do neófito um sentimento de responsabilidade para com os familiares supostamente ignorantes. A liderança da seita sabe muito bem quão grande é o potencial de conversão de parentes de membros da seita, por isso, é muito importante travar uma luta inicial a fim de convencer uma pessoa interessada a prosseguir seus estudos. Muitas vezes, as Testemunhas de Jeová chegam se envolver em discussões e debates com membros de outras religiões a fim de convencer um estudante de que possuem a verdade. Por exemplo, certa vez, se contou uma experiência envolvendo um estudante da bíblia, o instrutor, e um sacerdote católico. Na experiência, um caso real ocorrido em alguma parte do mundo durante um estudo da Bíblia, o instrutor mencionou ao aluno que um sacerdote católico jamais deixaria de obedecer às instruções das autoridades eclesiásticas da igreja, para seguir algum princípio ou ensino encontrado na Bíblia. Ouvindo isso, o estudante disse ao publicador que iria perguntar ao sacerdote de sua paróquia sobre o assunto e se a declaração do instrutor estivesse correta, iria se desligar da igreja e passar a frequentar o Salão do Reino. Pois bem, o sacerdote disse claramente ao fiel que se uma ordem da Santa Sé contrariasse as escrituras, mesmo assim, ele teria de se submeter aos seus superiores. O publicador havia ganho um novo membro para a seita. O que o fiel católico não sabia, é que os anciãos das Testemunhas de Jeová agem da mesma forma quando as ordens do Corpo Governante vão de encontro à própria Bíblia. A grande verdade é que, a aquisição de conhecimento nesta religião, está muito longe de ser uma estrada de duas vias. O costume de aceitar incondicionalmente uma doutrina, um dogma ou uma regra, começa a ser inculcado ao novato bem cedo no processo de lavagem cerebral, já no início do estudo bíblico.

Um publicador da seita, jamais se dirige à casa de alguém com o intuito de aprender ou de debater abertamente as possíveis falhas em suas doutrinas e dogmas. Seu objetivo é ensinar sempre e nunca ser ensinado. Críticas contra seus ensinos, feitas por algum morador, são geralmente encaradas como fruto de ignorância ou mesmo como ataques sutis de Satanás o diabo. Quando um morador aceita um estudo da bíblia, este é feito à base de uma publicação especialmente provida por sua organização. Durante as sessões de estudo, o instrutor faz as perguntas dos parágrafos e certifica-se de que o aluno responda sempre de acordo com o texto encontrado ali. Tampouco o instrutor designado pode dirigir um estudo à base de seus próprios raciocínios. Ele precisa seguir rigorosamente as instruções delineadas pelos líderes de suas congregações e, estes, por sua vez, atêm-se ao programa mundial que tem como roteiro de treinamento, as normas e protocolos fornecidos pela organização através de literatura, cartas, memorandos e orientação oral de algum supervisor oficial. Algumas vezes, quando o morador é muito questionador e possui um bom entendimento das Escrituras, sendo talvez conhecedor de algumas práticas e da má-fama da seita, talvez ele resolva debater sobre isso. Quando isso ocorre, o estudo pode muitas vezes ser interrompido ou até mesmo abandonado pelo publicador. Entretanto, quando se trata de alguém ingênuo, de raciocínio maleável, que desconhece regras de interpretação bíblica, ou que ainda não desenvolveu plenamente o pensamento lógico e crítico, o processo de doutrinação incondicional pode ser facilmente conduzido pela Testemunha de Jeová sem muitos problemas.

É preciso salientar, que algumas circunstâncias podem favorecer grandemente a implantação do programa de doutrinação patrocinado pela organização da Torre de Vigia. Por exemplo, uma dona de casa pode facilmente ser convencida a aceitar um estudo da Bíblia oferecido por pregadoras voluntariosas e hábeis com as palavras quando o seu marido está ausente do lar. Muitas mulheres se tornaram Testemunhas de Jeová dessa maneira. Infelizmente, muitos casamentos foram desfeitos quando seus maridos se deram conta de que sua família havia sido vítima de uma seita de coerção mental e, seus esforços de convencer a esposa, não conseguiram surtir efeito algum. Como ainda irei comentar em um capítulo à frente, desde minha saída da organização da Torre de Vigia, pude ajudar pessoalmente muitas vítimas da seita através das redes sociais. Uma dessas pessoas, era um cidadão angolense e residente em Luanda, a capital daquele país. Ele estava muitíssimo preocupado devido a dissolução de sua família por causa das investidas da seita. Ele era funcionário de uma empresa

petrolífera que atuava em alto mar e por este motivo passava muito tempo longe da família. Quando retornava para casa, permanecia ali algum tempo e tinha que voltar em seguida à plataforma. Durante estes períodos em que ficou ausente, sua esposa acabou sendo doutrinada por publicadores das Testemunhas de Jeová. Quando percebeu o que estava ocorrendo, tentou agir para salvar o casamento, mas já era tarde demais. Parte do ocorrido e como se desenvolveu, ele me fez saber ao enviar-me uma cópia do ofício apresentado à promotoria de sua região. O texto original completo segue abaixo, apenas a identidade dos envolvidos foi preservada.

"G. T. L, de 36 anos de idade, filho de V. T. e de V. N. M., natural do Soyo, vem requerer procedimento criminal contra o Sr. L., ancião das Testemunhas de Jeová, residente em Luanda município das Ingombotas, Ilha do cabo, nos termos e com os fundamentos seguintes:

O participante trabalha numa das empresas petrolíferas que operam no alto mar, cuja efetividade impõe que o serviço seja prestado em regime consecutivo de 28 dias de trabalho, seguidos de 28 dias de folga. É casado tradicionalmente com a Sra. F. S. A. de 26 anos de idade, há oito anos, tendo do referido casamento nascido 3 filhos. (Identidades preservadas). Desde então a vida conjugal de ambos vinha decorrendo numa perfeita harmonia e entendimento. A partir do ano de 2012, elementos da seita denominada Testemunhas de Jeová, passaram a rodear a sua residência, interpelando sua esposa, insistindo dar-lhe supostas aulas da Bíblia. A insistência foi tanta, que a mesma, acabou por ceder e foi assim que em uma das ocasiões da sua folha, o Participante percebeu que sua esposa tinha sido convencida pelo ancião, ora participado a entrar na referida seita religiosa.

Ocorrido algum tempo, o participante foi dando conta de que a sua esposa estava perdendo o interesse pelas responsabilidades de esposa, pelos estudos, prestando mais atenção às obrigações impostas pela seita em detrimento de suas obrigações familiares. Em função disso, o Participante proibiu que a mesma continuasse naquela seita religiosa e mantivesse encontros com o Participado, visando manter a coesão no seio da família. Porém, ato contínuo, o mesmo participado em companhia de sua esposa, aproveitando-se da ausência do Participante, insistiu em frequentar a casa, mesmo depois daquela proibição continuando a ludibriar a mente de sua esposa e a incitá-la a colocar-se contra si através dos seus ensinamentos.

O Participado sempre aconselhou a esposa do Participante a não aceitar qualquer tentativa de acordo, que este sempre pretendeu no sentido de salvar o casamento. Todos os esforços desenvolvidos por ambas as famílias no sentido de uma conciliação foram sendo abortados porque a esposa dirige-se de seguida ao Participado cujo conselho contraditório ela prefere seguir. O próprio irmão da esposa, que também confessa a mesma seita religiosa, várias vezes aconselhou-a a abandonar a seita e seguir a religião do esposo com vistas a salvar o casamento, mas a mesma não aceitou.

De 28 de fevereiro de 2016 até a presente data a esposa do Participante vive na casa do Participado onde se refugiou tendo sido

obrigada a abandonar os estudos e a trabalhar para se sustentar. O objetivo do Participado em acolher a esposa do Participante é sem dúvida para não deixar oportunidade à mesma de pensar e recuar na sua decisão e afundá-la cada vez mais na desilusão.

O Participante detém em posse o registro duma conversa telefônica tida com o Participado que confirma este fato. De acordo Com demais provas de que dispõe e que pode exibir a qualquer altura, a sua esposa foi submetida a métodos de lavagem cerebral, com vistas a convencê-la a aceitar fanaticamente tudo que a referida seita professa, inclusive, coloca-la acima de qualquer outro interesse, mesmo que tal ponha em risco os interesses fundamentais da pessoa humana ou da família consagrados na Constituição da República. Assim, resulta que, muito antes da sua esposa decidir romper a relação com o Participante, já o Participado havia iniciado uma campanha publicitária junta aos demais membros da sua seita, dizendo que, cito "agora que a F. está na verdade não vai mais ficar com G. L, vai se separar dele assim que regressar do mar, e que já está a procurar emprego para ela sustentar-se sozinha", palavras estas que chegaram aos ouvidos do Participante através de uma ex-empregada doméstica que está disposta a testemunhar junto a qualquer instituição judicial. Aliás, como se não bastasse, o Participado também convence e incita não somente a sua esposa como os demais membros da seita a práticas antipatrióticas tais como a não saudação da Bandeira Nacional, a não cantar o Hino Nacional e o não exercício do direito de voto, numa flagrante violação às normas vigentes no nosso país.

Do que acaba de expor, não restam dúvidas de que foi o Participado que arquitetou a estratégia da destruição do núcleo familiar e lar do Participante, utilizando métodos fraudulentos. Conclui-se que o comportamento do Participado de acordo com a legislação penal em vigor, constitui crime punível. O Participante encontra-se em uma situação aflitiva, psicologicamente afetado com a destruição da sua família, cujas consequências não vislumbra o seu fim.

Termos em que requer a V. Excia. Procedimento Criminal contra o Participado. (Luanda aos 25 de abril de 2016)."

Como talvez tenha observado, quando a lavagem cerebral é realizada com sucesso, a vítima está disposta a cortar até mesmo os vínculos familiares para seguir a seita. Situações como estas são muito comuns nesta organização religiosa. Em anos recentes, algumas autoridades têm lidado com diversas denúncias contra as Testemunhas de Jeová, que são consideradas extremistas e destruidoras de famílias em países como a Rússia. Mas, existem outros meios da seita realizar proselitismo. Para o grupo, até mesmo as criancinhas devem ser encaradas como publicadores em potencial e são treinadas desde bem cedo para dar testemunho em todas as oportunidades. Filhos de Testemunhas de Jeová em idade escolar, são incentivados a pregar aos colegas e até mesmo dirigir estudos durante períodos de pausa entre as aulas. É comum que jovens da seita levem publicações à escola, presenteiem-nas aos colegas e professores, ou mesmo

deixem-nas expostas em mesas e carteiras a fim de chamar a atenção de prováveis ou futuros conversos. Algo interessante que podemos destacar sobre isso, é o que ocorreu na Tailândia em 2012, conforme narrado em um artigo do site oficial das Testemunhas de Jeová. Na ocasião, uma revista que abordava o tema "*Como se sair bem na Escola*", foi distribuída em massa por voluntariosos jovens do grupo em cerca de 830 unidades escolares daquele país. Segundo o artigo, para atender a demanda inesperada, as congregações solicitaram mais exemplares impressos à sede, sendo que um total de 650 mil revistas com o artigo foram distribuídas. Todo este alegado interesse, pode ter feito com que alguém, alheio ao contexto sectário do grupo, imaginasse que as Testemunhas de Jeová, ao distribuir informações com dicas para melhorar nos estudos, estivessem agindo com a melhor das intenções; porém, o suposto serviço de utilidade pública, visa basicamente, divulgar sua religião. Ironicamente, levando em conta o acima exposto, a organização das Testemunhas de Jeová, ao contrário do que alguém possa imaginar, procura diminuir ou mesmo anular o interesse de seus jovens em cursar uma faculdade ou seguir uma carreira acadêmica. Sua mensagem é bastante clara e sucinta: "*O fim deste sistema está às portas, e qualquer carreira que se apresente ao fiel seguidor neste tempo urgente está certamente fadada a se tornar um fardo inútil, uma pedra de tropeço e mesmo uma perda de tempo precioso que poderia ser usado para conduzir outros à sua organização*". Muitos jovens, são às vezes advertidos em artigos das publicações ou mesmo através de discursos:

– Cuidado, jovens! Vocês podem ser pegos de surpresa no banco da escola quando irromper o Armagedom!

Nunca se engane com as Testemunhas de Jeová. O pensamento delas é um só: Convertê-lo à sua organização religiosa. Para isso, estão dispostas a esconder a verdade sobre o que foram e o que realmente são; até mesmo sobre o que realmente ensinam ou do que exigem de seus seguidores batizados. Elas raciocinam que estão em uma grande guerra espiritual, na qual, qualquer atitude é válida quando o objetivo for defender as ideologias estabelecidas por seus líderes eclesiásticos. A princípio, apenas o lado brilhante da organização é apresentado aos que se interessam pela mensagem e aceitam um estudo bíblico. É comum ver pessoas mal informadas em redes sociais defendendo a seita e seus membros, afirmando que elas são um povo honesto, gentil, incapazes de fazer o mal, e, portanto, plenamente merecedoras de todas as honras e elogios. Por outro

lado, se estes defensores mal informados pudessem conversar com pessoas que perderam o marido, a esposa, os filhos, parentes e amigos, por causa de regras radicais impostas pela liderança legalista deste grupo, certamente mudariam um pouco suas ideias. Este é o motivo deste livro: Fornecer ao leitor um quadro razoável do que verdadeiramente é a organização das Testemunhas de Jeová. Seu conteúdo apresenta um resumo de algumas das experiências de alguém que esteve dentro desta seita por vinte anos, exercendo cargos destacados de ensino e liderança em várias congregações. Eu, o autor que lhes escreve, estive lá dentro por todo este tempo. Sofri a lavagem cerebral bem na adolescência e me tornei escravo dessa organização; dediquei os melhores anos de minha vida ao serviço de pregação supervisionado pela liderança da Torre de Vigia. Por fim, no auge da minha agonia, assim como ocorreu com Paulo Apóstolo, duas escamas caíram de meus olhos; foi então que puder ver com clareza a realidade que por tanto tempo esteve oculta para mim. Uma realidade dura e cruel. As evidências que me foram apresentadas contra esta organização através de experiências pessoais e extensa pesquisa documental foram definitivas e suficientes para me convencer que eu havia sido, durante todos estes anos, enganado e manipulado por lobos que se disfarçam em pele de ovelhas. Espero que muitas das experiências, apresentadas neste livro, possam ser de ajuda a muitas pessoas que o lerem.

Capítulo VI
Estudando “a Bíblia”: Miríades de Publicações

Durante algum tempo, eu e meus irmãos estudamos a Bíblia com o publicador das Testemunhas de Jeová que mencionei no capítulo anterior. Eu, basicamente, aproveitava toda oportunidade para encher sua paciência com uma multidão de perguntas. No final do estudo ele procurava respondê-las. As respostas, acompanhadas sempre de citações e referências bíblicas, pareciam ter muita lógica e coerência. Ele nos dizia:

– Não podemos dar respostas à base de nosso próprio entendimento, mas precisamos deixar que as escrituras interpretem a si mesmas.

Esta declaração, aos ouvidos de um leigo, parece mesmo fabulosa; entretanto, se a esquadrinharmos, chegaremos à conclusão de que é ambígua e não corresponde à realidade apresentada pelo programa de instrução realizado pela organização da Torre de Vigia. De fato, os publicadores das Testemunhas de Jeová não dão respostas à base de seu próprio entendimento; primeiro, porque são impedidos de pensar por conta própria; segundo porque todas as respostas já lhes são entregues na forma de alimento pré-cozido, ao qual, podem acrescentar apenas a água morna de sua habilidade de ensino. Finalmente, podemos afirmar que a alegação de que interpretam as escrituras à base dela própria não procede, tanto é, que utilizam diversas publicações para fazê-lo; além disso, as interpretações precisam vir fabricadas de seu quartel general nos EUA e, como iremos ainda ver, elas já foram modificadas umas três centenas de vezes. Publicações, aliás, tem sido por mais de um século, o principal meio para a divulgação das doutrinas das Testemunhas de Jeová.

A “Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados da Pensilvânia” foi fundada em 1881 por Charles Taze Russell e associados, tendo como principal objetivo produzir e distribuir a literatura religiosa da qual era o principal escritor. Russell, foi o principal responsável pelo movimento que deu início à formação desta seita mundialmente conhecida. Durante sua vida, ele escreveu vários livros e enciclopédias além de uma grande quantidade de artigos para a revista “Watchtower”, o principal periódico de sua editora. Hoje em dia, esta publicação

é conhecida em países de língua portuguesa como “A Sentinela” e é distribuída em vários idiomas por, praticamente, todo o mundo. De acordo com as estatísticas oficiais deste grupo religioso, as revistas “A Sentinela” e “Despertai!”, somam juntas, um total superior a 80 milhões de exemplares produzidos todos os meses em cerca de 212 idiomas[9]. Sem dúvida, nenhuma outra editora produziu e distribuiu tanta literatura religiosa como a Sociedade Torre de Vigia. Ao distribuir tantas publicações pelas casas, os membros desta organização propagandista acreditam estar, de acordo com seus líderes, cumprindo uma profecia bíblica do livro do Apocalipse de João. A profecia tem a ver com a soltura dos gafanhotos simbólicos e de seu “exército de cavalaria”.

> “Da fumaça saíram gafanhotos, que se espalharam sobre a terra; e lhes foi dada autoridade, a mesma autoridade que os escorpiões da terra têm... eles têm caudas com ferrões como os escorpiões, e a sua autoridade para fazer dano às pessoas, por cinco meses, está na cauda... O número dos exércitos de cavalaria era de duas miríades de miríades; eu ouvi o número deles... pois a autoridade desses cavalos está na boca e na cauda, porque a sua cauda é como uma serpente e tem cabeça, e com ela causam danos. [8] ” -
> **(Apocalipse 9:3, 10, 16 TNM-R)**

A escatologia da organização da Torre de Vigia ensina que a estrela que caiu dos céus é o próprio Cristo Jesus e é ele quem solta e lidera os gafanhotos e seu exército a fim de atormentar os homens que não possuem a marca de Deus. Desta forma, interpretam que elas próprias são os Gafanhotos simbólicos do apocalipse. A passagem da revelação a João diz que o número dos cavalos era de miríades de miríades. Uma vez que o total de Testemunhas de Jeová na terra não chega a dez milhões de publicadores, a cifra de cem milhões de cavalos de guerra parece mostrar uma inconsistência interpretativa. Isto é resolvido por se afirmar que o exército de cavalaria simboliza os seus instrumentos de propaganda, isto é, suas publicações impressas, distribuídas voluntariamente ao público. Assim, em sua interpretação, estas literaturas quando deixadas com as pessoas, têm bocas que falam e “caudas” que picam como serpentes; isto é, sua mensagem pode ser lida por muitos indiretamente, o que alegadamente expõe supostos “enganos religiosos”; desta forma, alguns podem ser convertidos e outros condenados, ou seja, “picados espiritualmente”[10].

Evidentemente, tal explicação interpretativa é fantasiosa, carece de bases e não se sustenta quando a colocamos frente a frente com outras evidências. Para entendermos Apocalipse 9 precisamos analisar as palavras proféticas encontradas no livro de Isaías, capítulo 14 e no primeiro capítulo do profeta Joel;

assim, deixamos que a própria escritura interprete a si mesma. Ao ler o capítulo indicado de Isaías, entendemos que o profeta escreveu declarações de um julgamento divino contra o império babilônico. O versículo 12 diz:

> *"Como foi que caíste dos céus, ó estrela da manhã, filho d'alva, da alvorada? Como foste atirado à terra, tu que derrubavas todas as nações? "*- ***(Isaías 14:12 - KJA)***

Babilônia caiu do céu quando Deus decretou o seu fim, portanto, seu destino não poderia mais ser adiado ou alterado. Esta nação dominara a terra inteira, porém, estava agora totalmente rebaixada e não mais ocuparia o posto de "Estrela da manhã", isto é, o de dominante mundial. Com isso em mente, podemos identificar sem muitas dificuldades quem é a estrela que caiu do céu em apocalipse 9. Obviamente, tratava-se do IMPÉRIO ROMANO. Mas o que são os exércitos numerosos que ascendem do abismo? Ora, a estrela caída, isto é, a Roma pagã, recebe uma chave. Uma chave, muitas vezes simboliza uma missão divina. No caso, antes de seu fim completo, Roma ainda teria um trabalho a executar. Não é preciso muito raciocínio para perceber que a abertura do abismo e a soltura dos gafanhotos simbólicos era uma figura de linguagem profética. Tal figura também foi usada quando se lançou um julgamento contra a Jerusalém apóstata em 587 AC (Joel 1). Gafanhotos, simbolizam nações (Prov. 30:27). Os gafanhotos de apocalipse, que se assemelhavam a cavalos encouraçados, representam o exército da temida nação Romana, uma terrível máquina de guerra, considerada invencível naquela época. É o fim do mistério. A profecia de apocalipse 9 não se cumpre nas Testemunhas de Jeová e em suas publicações coisa nenhuma. Ela se cumpriu quando o império romano enviou seu exército para destruir Jerusalém e pôr fim à nação dos Judeus. Os Judeus e os seus líderes amotinados, os quais haviam rejeitado e assassinado a Cristo, foram massacrados pela invasão romana à Jerusalém em 70 EC. Como vemos, a hermenêutica bíblica do suposto oráculo da organização da Torre de Vigia é deficiente, falha e tendenciosa. Talvez, alguns dentre eles argumente: "*Entendemos que Jesus é a estrela que caiu do céu porque o próprio Jesus se identifica como tal "* (Apoc. 22:16). Porém, tal raciocínio é ilógico e demonstra uma total falta de entendimento das figuras bíblicas. Ora, quando uma "estrela" cai do "céu" outra toma o seu lugar. Em Daniel 2:44, as escrituras apontavam para o novo governo que substituiria a estrela caída, a Roma pagã. O reino de Cristo Jesus, ascende aos céus e dura para sempre. Jesus é agora a eterna "Estrela da Manhã", o novo governante da Terra. Isto derruba definitivamente a

alegação de que Jesus recebeu o reino de Deus em 1914. Ainda, em harmonia com sua promessa apostólica (Mat. 19:28), Jesus compartilha sua governança com todos aqueles que vencem o mundo com ele. Por isso, em Apocalipse 2:28, Jesus promete dar “sua autoridade” e a “estrela da manhã” aos fiéis e eleitos.

Após a morte do primeiro presidente da Torre de Vigia, ascendeu ao poder, por meio de intrigas e manobras jurídicas, o advogado Joseph F. Rutherford. Ele ficou mais conhecido entre as Testemunhas de Jeová pela alcunha de Juiz Rutherford. Como que movido por uma inspiração do além, o então novo líder dos “Estudantes Internacionais da Bíblia”, como eram conhecidos os seguidores de Charles Russell na época, começou a dedicar-se à produção em massa de diversos livros e revistas com dogmas e ensinos religiosos, muitos dos quais anularam completamente o que seu antecessor ensinara. Através de seus escritos, distribuídos aos milhões, tão distante quanto os tentáculos de sua organização pudessem alcançar, J. Rutherford criou doutrinas, fez declarações insidiosas e defendeu ideias das mais estranhas e bizarras. Assim como seu antecessor C. T. Russell, o juiz procurou encontrar a possível data para o estabelecimento do Reino de Deus na terra e da chegada do Armagedom. Russell, havia declarado que até 1914, o Armagedom já haveria chegado e passado, levando embora os governos do mundo e as igrejas da cristandade[11]. Como a profecia do líder morto havia falhado miseravelmente, era preciso reformular o entendimento teológico, a fim de tentar a qualquer custo, recuperar a seita do golpe mortal que havia levado em 1914. As coisas não estavam boas para o presidente Rutherford nos anos que se seguiram à primeira guerra mundial. Logo após sua Ascenção à liderança, o juiz procedeu à preparação de um livro póstumo cuja autoria era alegadamente de Charles Russell, o então falecido ex-presidente da Sociedade Torre de Vigia. Entretanto, o livro teve como seu principal escritor, Clayton J. Woodworth e não era de fato uma compilação de escritos e anotações de Russell. O livro recebeu o tema de “O Mistério Consumado” e foi anunciado como o sétimo e último dos volumes de uma série chamada “Estudos das Escrituras” de autoria do falecido pastor. Muitos membros da cúpula da organização, já insatisfeitos com a escolha de Rutherford para a presidência, amotinaram-se após conhecer o seu conteúdo. Nesta ocasião, muitos abandonaram a seita e continuaram a seguir os ensinamentos do ex-presidente, porém, sem ter qualquer ligação com os que consideravam usurpadores, a saber, o nomeado juiz Rutherford e os seus aliados, eleitos por este como os novos diretores da entidade. O livro, “O Mistério Consumado”, começou a ser distribuído aos milhões em plena época de guerra e

convulsão social. Seu conteúdo foi considerado sedicioso pelo governo dos Estados Unidos e o livro sofreu forte censura por parte das autoridades. Por fim, Rutherford e os diretores da Torre de Vigia, a editora responsável pela publicação, foram encarcerados, presos e sentenciados. Entretanto, após o pagamento de uma fiança milionária, Rutherford e os seus associados foram libertos da prisão e o processo contra eles foi engavetado. Furioso, o Juiz Rutherford resolveu empreender uma campanha mundial para vingar-se dos seus supostos inimigos. A partir de então, os governos mundiais, tendo como destaque os Estados Unidos e Inglaterra, países nos quais sua organização recebera ataques mais expressivos, foram taxados de “Mundo de Satanás” e de “a besta do apocalipse”. De acordo com a teologia das Testemunhas de Jeová, expostas em suas publicações, a fera que ascende do mar e que possui dois chifres, representa a potência mundial anglo-americana, composta pelos EUA e pelo Reino Unido. Algum tempo depois, a organização da Torre de Vigia identificaria a extinta Liga das Nações e as Nações Unidas como a imagem da besta apocalíptica que recebe um golpe mortal, mas que é curada e faz a todos na terra adorarem sua imagem[11].

O estudo de publicações da Torre de Vigia pelas Testemunhas de Jeová é tão comum quanto o escovar os dentes. Todos os meses publicações novas são lançadas e além de receberem incentivos para acompanhar todo o material fornecido pela sua organização, os fiéis precisam seguir um programa de estudo e leitura congregacional que preenche quase todo o seu tempo disponível. Em certa ocasião, quando depois de um bom tempo desligado do estudo da bíblia resolvi procurar um salão do reino e contatar o publicador que me instruíra, ouvi do presidente da reunião, que novas literaturas haviam chegado ao balcão e que os presentes estavam convidados a pegar os exemplares solicitados. No balcão, pude ver várias edições de “A Sentinela” e “Despertai!”, além de livros diversos e vários folhetos. Eu, como já disse anteriormente, sempre fui ávido leitor. Ver tantas publicações com temas tão variados à disposição me despertaram um apetite voraz. Um dos anciãos, que se tornaria um grande amigo no futuro, me disse a respeito de um dos livros:

- Este livro com tão numerosas páginas, é um dos lançamentos mais recentes. É o livro “Testemunhas de Jeová, Proclamadores do Reino de Deus”. Nele, contamos nossa história como a conhecemos. Ninguém nos conhece tão bem como nós mesmos.

Outra publicação que me chamou a atenção no balcão e que já tinha tido

a oportunidade de ver quando em visita do meu instrutor, foi o livro “Revelação: Seu grandioso Clímax está próximo”. Este livro ilustrado, de capa vermelha, lançado por volta de 1989, traz um estudo interpretativo das profecias e símbolos do livro do Apocalipse versículo por versículo, de acordo com a ótica da liderança internacional da Torre de Vigia. Você deve se lembrar que, entender os símbolos do apocalipse, era uma das minhas ambições espirituais desde minha tenra infância. Por isso, naturalmente, eu saí daquela reunião muito satisfeito, levando um dos exemplares nas mãos. Mal via a hora de me debruçar à mesa e ler aquela literatura. Nesta tardinha, eu tinha ido à reunião no Salão do Reino na esperança de encontrar o meu antigo instrutor e reatar o estudo da bíblia que havíamos interrompido. Para minha surpresa, eu o encontrei ao portão ao chegar ao prédio. Ao sair, combinamos recomeçar as nossas reuniões bíblicas. Não preciso dizer que ele ficou muito alegre ao me ver. Depois disso, comecei a ler todas as publicações que conseguia no Salão do Reino. Aos poucos, fui adquirindo vários livros e revistas e estudava estas literaturas com muita dedicação à medida que continuava as considerações pessoais no compêndio “Poderá Viver para sempre” dirigidas pelo meu instrutor.



O Juiz, como era chamado, viveu até sua morte na mansão de Beth Sarim

Capítulo VII
Insights ao Longo do Caminho

Como mencionei no capítulo 5, eu havia resolvido acompanhar os meus irmãos em seu estudo da Bíblia. Na época, éramos adolescentes e não tivemos qualquer oposição por parte da família. Minha mãe até achou bom que obtivéssemos instrução bíblica, pois imaginou que isso iria ajudá-la a manter os filhos disciplinados e evitar as distrações mundanas que poderiam nos arrastar para um mau caminho. Além disso, era seu desejo que nos livrássemos das más-companhias, das bebedeiras e do mau hábito do fumo. Nosso pai, certamente se oporia a isso, porém, ele ficava quase todo o tempo trabalhando em suas terras de agricultura e poucas vezes ao mês vinha em casa; praticamente não se dava conta de que nós estávamos tendo visitas das Testemunhas de Jeová. Meu pai, apesar de ser uma pessoa hospitaleira, razoável e amigo de todos, nunca teve interesse em religiões, seitas ou doutrinas protestantes. Embora respeitasse feriados e dias religiosos por causa de sua criação católica, não frequentava nenhum grupo religioso ou espiritualista. Desde que me entendo por gente, papai é um desigrejado formal podendo ser classificado como um agnóstico. Mas, algumas pessoas procuraram de alguma forma nos ajudar. Por exemplo, quando soube por meio de minha mãe que nós estávamos estudando com as Testemunhas de Jeová, um tio muito achegado, que mencionei no capítulo 4, irmão de minha mãe, que na época era pastor em uma igreja da Assembleia de Deus, nos fez uma visita. Aquela tarde em que nos visitou, ele conversou bastante conosco sobre o interesse que tínhamos pelas escrituras e por seus ensinos. Infelizmente, ele não possuía um conhecimento profundo sobre os ensinos e práticas das Testemunhas de Jeová e mesmo sobre doutrinas bíblicas; por isso, não tinha condições de prover um esclarecimento abalizado que nos ajudasse a entender o que é uma seita, como este tipo de grupo está organizado, como age e de que forma aliciam pessoas, leigos e desinformados. Depois de algum tempo de conversa, ele se limitou a dizer:

– Bom, pelo menos vocês estão no caminho...

Com o tempo, porém, as coisas mudaram um pouco. Nós, rapazes, contraímos casamentos bem cedo na vida e nossas irmãs também o fizeram

pouco tempo depois. Meus pais venderam a casa na cidade e foram morar nas terras que cultivavam próximas de um município vizinho. Meus irmãos os acompanharam. Nesta época, já havíamos interrompido o estudo da bíblia e perdido o contato com o publicador que nos visitava. Ainda assim, tínhamos as publicações e continuávamos crendo em tudo que nos havia sido ensinado. Eu, por outro lado, continuei a morar na cidade e nessa época minha esposa ficou grávida. Quando tivemos nosso primeiro bebê, uma linda menina, nós estávamos em grandes dificuldades financeiras. Desempregado, eu precisava urgente de um emprego e orava sempre a Deus para que me ajudasse a superar os problemas e as preocupações que pareciam acumular-se a cada dia. Eu estava com vinte anos quando resolvi procurar a congregação que o meu antigo instrutor frequentava; queria levar realmente a sério o estudo da Bíblia. Eu estava convicto que se existisse uma religião verdadeira essa seria a das Testemunhas de Jeová; portanto, havia tomado a decisão de me tornar uma delas. Imaginava que, se eu buscasse servir a Deus, certamente ele me ajudaria e daria a orientação que eu precisava para fazer frente as dificuldades que, como marido e pai precoce precisava agora enfrentar. Assim, naquela tarde de domingo, quando cheguei ao portão do Salão do Reino, o nosso antigo instrutor, como se soubesse que eu vinha, estava em pé logo à entrada e me recebeu com muita alegria. Depois da reunião, ele me apresentou a vários outros membros que me cumprimentaram calorosamente. Eles me incentivaram a continuar com o estudo da bíblia e sugeriram que voltasse outras vezes para assistir a mais reuniões. Conversei com o meu instrutor e marcamos o reinício dos estudos para o próximo final de semana. Levei novas publicações para casa e comecei a estudar com muita seriedade todos os artigos que encontrava. Ao estudar, usava as escrituras para acompanhar as explicações e as interpretações fornecidas. O meu instrutor, a quem irei chamar nesta altura pelo nome fictício de Manoel, visitava-me pontualmente nos dias marcados, dirigia o estudo na publicação e tirava as minhas dúvidas. Quando não conseguia responder alguma de minhas perguntas, combinava de pesquisar e trazer mais informações em uma próxima visita. O estudo me agradava porque era capaz de responder a maioria das questões que eu levantava sobre a Bíblia e seus ensinos. Manoel era muito responsável em sua obrigação como pregador e dificilmente perdia algum dia de estudo, mesmo tendo de se deslocar de bicicleta por um caminho deserto e perigoso, muitas vezes durante a noite. O interesse demonstrado pelas Testemunhas de Jeová ao compartilhar sua mensagem com outros, é deveras notável. É assim, porque elas são ensinadas que seu ministério é uma obra de salvação. Cada pessoa

conquistada para a organização, segundo seus conceitos, é uma vida a mais poupada da destruição no Armagedom.

Eu e Manoel nos tornamos muito amigos naquela época e o meu progresso como estudante o deixava muito animado. De fato, algo que deixa uma Testemunha de Jeová extremamente feliz é conseguir dirigir um estudo da Bíblia para um interessado a ponto de conduzi-lo ao estágio de publicador e candidato ao batismo. No ano de 1993, eu assisti um dia de Congresso em minha cidade. O evento foi realizado em um ginásio de esportes, era domingo e o local estava praticamente lotado. O tema do Congresso era: “Ensino Divino”. Deixei minha esposa na casa de uma amiga dela, que residia próxima ao local e adentrei ao ginásio. Neste domingo, assistimos a um teatro bíblico chamado de “drama” e a vários discursos, palestras e apresentações; todos baseados em textos, passagens e histórias da Bíblia. Sem dúvida, aquele povo sabia mesmo usar as escrituras e davam-lhe grande valor. Tudo era muitíssimo organizado, e até as crianças estavam quietinhas ao lado de seus pais, todas bem vestidas e com os cabelos alinhados. Os discursos eram claros, tranquilos, e nenhuma instrução se perdia, pois todos pareciam estar muito atentos ao programa. Os homens e as mulheres vestiam-se com decência e modéstia e não havia bagunça, lixo ou desordem naquele lugar. Podia olhar a multidão e identificar pela maneira de se vestir e se arrumar, quem era ou não um membro das Testemunhas de Jeová. Meu instrutor me apontou um departamento do congresso e disse:

– Aquele é o departamento de achados e perdidos. Se por acaso perder a sua carteira, certamente a encontrará lá junto com todo o dinheiro que houver nela.

No intervalo para o almoço, me senti muito mal por ter de sair para fora do local com o objetivo de acender alguns cigarros e aplacar a vontade de fumar. Lá não havia visto ninguém fumando ou portando uma carteira de tabaco no bolso como eu fazia. Evidentemente, se desejasse mesmo agradar a Deus, precisava me livrar do vício.

Certa vez, quando eu estava em casa, minha avó, já falecida, me chamou para apresentar duas colportoras dos adventistas, as quais me ofereceram um estudo em suas publicações. Pelo modo como elas se vestiam, concluí que não eram Adventistas da Reforma, o grupo do qual o meu primo, que morava ao lado, fazia parte. Falei-lhes que já estudava com as Testemunhas de Jeová e que estava feliz de aprender muitas doutrinas bíblicas, por isso, não iria aceitar um

outro estudo. A senhora, que estava acompanhada da filha, me disse que havia pertencido às Testemunhas de Jeová no passado, mas que desistira de seguir a religião por discordar de algumas práticas. De acordo com a senhora, as Testemunhas de Jeová fumavam e ela, não aceitava que uma igreja cristã pudesse em sã consciência, permitir que os fiéis fizessem uso do tabaco. Evidentemente, deduzi que se tratava de uma calúnia, pois havia presenciado pessoalmente que a acusação não tinha procedência. Eu não sabia, mas a senhora adventista tinha certa razão na sua afirmação; no momento, porém, a considerei uma mentirosa que tinha como objetivo desviar-me do caminho que tinha escolhido seguir. Como vê, em certo estágio da doutrinação dirigida por uma seita, qualquer declaração crítica que não está bem fundamentada, pode se tornar um tiro pela culatra quando procuramos livrar alguém de um processo de controle mental. No caso do uso do fumo, citado por aquela colportora, a verdade é que as Testemunhas de Jeová permitiam no passado que fumantes fizessem parte de sua religião e até mesmo realizavam batismo de viciados. Entretanto, membros que fumavam ou mascavam tabaco, não estavam habilitados a cargos ou privilégios na congregação a não ser que se livrassem definitivamente destes vícios. A senhora adventista, certamente tinha conhecido as Testemunhas de Jeová nesta época. Porém, após o ano de 1973, as coisas mudaram na organização e o membro testemunha que não abandonasse o uso do tabaco em um prazo de seis meses seria desassociado. Dali em diante, não se permitiu mais batismos de pessoas que fizessem uso destas substâncias viciadoras[12]. Naquela época, eu não tinha conhecimento deste fato e, por isso, imaginei que a senhora adventista havia inventado uma mentira. Pois bem, no mesmo dia recebi a visita de dois publicadores e lhes contei o ocorrido. Um deles me incentivou a prosseguir em meus estudos, que não cedesse às investidas de Satanás o diabo e que não desse ouvidos aos que procuravam me desviar dos caminhos da verdade.

Bom, naquele dia em que assisti ao domingo de congresso “Ensino Divino”, cheguei em casa plenamente decidido; apanhei minha carteira com cigarros e a atirei no fundo de uma fossa, prometendo a mim mesmo que nunca mais iria inalar fumaça de tabaco. Depois de algumas semanas sem o uso de fumo, confiante de que não cederia mais ao vício, disse a meu amigo Manoel que estava pronto para progredir na organização e que desejava me tornar um publicador não batizado. Dei-lhe também a notícia de que havia abandonado o uso do cigarro e que o congresso que havia assistido tinha sido fundamental para a minha decisão. Não preciso dizer que ele ficou muito feliz com esta notícia.

Me lembro que ao sair com Manoel pela primeira vez no serviço de pregação de porta em porta, em uma ensolarada manhã de domingo, os irmãos que andavam conosco lhe elogiavam dizendo:

– Parabéns irmão Manoel! Sabemos como é difícil inculcar a verdade a alguém a ponto de torná-lo um publicador das boas novas!

Eu também, particularmente, recebia muitos elogios de irmãos que eram designados a pregar comigo nas casas. Alguns diziam:

– Irmão Osmanito, você parece que serve a Jeová por décadas! Para um publicador não batizado, você possui um conhecimento notável.

De fato, já havia devorado milhares de páginas das publicações da Torre de Vigia durante os meses em que começara a estudar novamente com o meu amigo Manoel. Matéria para estudo não faltava. Havia conhecido alguns irmãos da congregação e estes, sabendo que eu desejava aumentar minha biblioteca, me ofereciam publicações antigas das quais queriam se desfazer. Certa vez, fui à residência de um deles e de lá saí com um saco de revistas e livros antigos que pesavam uns trinta quilos ou mais. Ao sair da casa do irmão, sorrindo, eu disse agradecido:

– Irmão... hoje, estou literalmente sentindo o peso da verdade em minhas costas!

O início da experiência com as Testemunhas de Jeová, principalmente para um convertido, é de fato arrebatador. Tudo parece perfeito e o sentimento é de que, por termos a oportunidade de conhecer sua mensagem, estamos entre as pessoas mais sortudas da terra. Porém, evidentemente, nem tudo é um mar de rosas. Quando a fase do deslumbramento passa, é possível racionalizar toda a experiência acumulada e isso pode ser decisivo para definir se a lavagem cerebral surtiu o efeito desejado no novo membro. As seitas procuram ocultar tudo que poderia no início despertar sérias dúvidas em um neófito. Por isso, seu passado, suas regras e práticas, não são discutidas abertamente com ele até que esteja mentalmente preparado para isso. De qualquer maneira, algumas pequenas coisas escapam ao controle e, vindas à tona, mais cedo ou mais tarde podem contribuir para o desbloqueio do controle mental, principalmente se outros fatores se aliarem ao processo. Por exemplo, certa vez, quando andava com o Manoel no centro da cidade, ele apontou para um senhor alto e magro que atravessava a rua à nossa frente e me disse:

– Lá se vai o finado irmão Alberto.

– Finado? – Perguntei – Porque finado?

– Porque este irmão foi desassociado da congregação; para nós, quando alguém é desassociado ele está morto para a organização. Por isso o chamei de finado.

– E qual o motivo de sua desassociação? – Continuei curioso.

– Bom, ele adulterou com uma colega de trabalho. Sua esposa, uma irmã de nossa congregação, não suportou a traição e pediu o divórcio. Ela foi embora e agora ele vive sozinho.

Até aquele momento, eu não tinha conhecimento da regra da desassociação e nem como era aplicada no âmbito organizacional. Fiquei bastante surpreso com a expressão “finado irmão” usada por Manoel. Em outra ocasião pedi mais detalhes e ele pacientemente me explicou.

– Quando alguém comete um pecado grave os anciãos se reúnem com a pessoa a fim de avaliar se este foi cometido por fraqueza ou iniquidade. Eles tentam levá-lo ao arrependimento se este não confessar o erro. Se alguém é impenitente ou se o pecado foi algo premeditado, que prejudicou pessoas inocentes, a pessoa pode ser expulsa da congregação.

Manoel abriu a bíblia e leu 1 Coríntios 5:9-12. Esta passagem bíblica, relata o conselho do apóstolo Paulo aos antigos cristãos para expulsar da igreja um homem que havia cometido uma grave imoralidade. Este homem, havia causado grande escândalo local ao tomar a própria madrasta como esposa. Depois da leitura ele argumentou:

– Como pode ver, quando alguém na congregação se envolve em conduta reprovável, os anciãos precisam agir para impedir que suas atitudes maculem o nome do grupo; isso é vital para proteger os demais membros de influências corrompedoras.

Depois disso, ele recorreu novamente à Bíblia, desta vez por citar uma referência paralela em 2 Coríntios 2:5-10. No relato, Paulo orientou a

congregação para que, em vista do arrependimento do pecador, eles o perdoassem e o consolassem. Manoel prosseguiu dizendo:

– Da mesma maneira, quando alguém desassociado se arrepende, ele pode ser readmitido e voltar à convivência com os irmãos na fé.

Ora, que maravilha! Eu concordei absolutamente com este arranjo cristão. Embora não aprovasse que um irmão que cometesse um pecado e fosse desassociado, o que poderia ocorrer com qualquer um de nós, fosse denominado de “finado”, a desassociação era sem dúvida um arranjo cristão que visava manter a pureza e a ordem das congregações. Entretanto, meu instrutor não entrou nos meandros desta regra. As sinuosidades da regra organizacional da desassociação seriam expostas aos poucos com o passar do tempo. Por coincidência, o “finado” irmão Alberto começou a assistir as reuniões em nossa congregação algum tempo depois, juntamente com sua esposa e filhos adolescentes. Tudo indicava que haviam superado os problemas e procuravam unir a família novamente. Este irmão, certo dia, disse a um dos filhos, um jovem alto e amigável que se tornou meu colega de pregação:

– Estou pedindo novas edições encadernadas das publicações e quero doar as antigas para alguém que precise delas. Porque não as oferece àquele irmão que faz excelentes discursos na Escola do Ministério Teocrático? - Bom, este irmão era eu.

Eu sabia que o irmão Alberto estava ainda desassociado, mas por ter se lembrado de mim ao se desfazer das publicações, passei a vê-lo com outros olhos. Ao chegar em sua casa, naturalmente perguntei por ele para que pudesse cumprimentá-lo e agradecê-lo pessoalmente. Mas quando me dirigi até a sala, o seu filho me impediu dizendo:

– Meu pai ainda está desassociado e não pode falar com você; porém, em pouco tempo ele será readmitido e isso não será mais problema.

Eu estranhei muitíssimo. Ora, se o irmão Alberto havia se arrependido de seus erros e sido perdoado pela família e, estava assistindo às reuniões decidido a retornar ao seio da congregação, porque ainda não poderia ser cumprimentado ou conversar com os irmãos na fé? Ora, na segunda carta aos Coríntios, Paulo havia orientado os cristãos a perdoar o membro errante e a consolá-lo

amorosamente. Mas eu não estava vendo isso ali. Talvez algo estivesse errado, portanto iria questionar isso ao meu amigo instrutor. Ao contestar o assunto, Manoel pacientemente me explicou; porém, desta vez ele não usou a Bíblia.

– Quando alguém é desassociado por um pecado grave, ele causa um certo abalo na comunidade. Não seria bem visto se alguém que cometeu adultério em uma semana, arrependesse-se na outra e já fosse visto novamente pregando de casa em casa no dia seguinte como se nada tivesse acontecido. É preciso ressaltar que o irmão Alberto era um ancião conhecido. – Pois bem, eu não sabia que ele era um líder da congregação e o argumento de Manoel acabou me convencendo. – Quando alguém é desassociado – continuou – ele pode passar por um certo período no qual ficará impedido de conviver com os irmãos, se relacionar com eles, cumprimenta-los ou mesmo receber cumprimentos.

A princípio, as explicações de meu amigo e instrutor, uma pessoa em quem eu confiava bastante, me pareceram lógicas e razoáveis. Eu não faria mais perguntas a ele sobre o assunto. Para alguém biblicamente leigo e que ainda não desenvolveu o senso crítico, a falácia acima pode parecer extremamente plausível; entretanto, ainda há detalhes muitos sórdidos nesta prática das Testemunhas de Jeová que precisam ser analisados com um pouco mais de atenção. Nós iremos fazer isso em um capítulo à frente.

Como já mencionei anteriormente, eu consegui um número razoável de literaturas antigas produzidas pela Torre de Vigia. Quando disse ao meu instrutor que estava fazendo um programa de leitura baseado nestas publicações ele me disse o seguinte:

– É muito bom ler as publicações e seus artigos; porém, minha sugestão, é que você se concentre nas literaturas atuais, pois muitos ensinos de anos atrás foram reajustados pela organização. – Quando pedi mais detalhes sobre estes reajustes, ele me disse: - Nós, ao contrário das demais religiões, não nos envergonhamos de modificar um ensino quando notamos que ele está errado. Por isso os reajustes nas publicações. – Isso lhe soou bem? Imagine para mim!

Como podem ver, até aqui, eu descrevi vários insights que tive durante o período em que eu fui um simples estudante e publicador das Testemunhas de Jeová. Detalhes estranhos como os que citei são muitas vezes capazes de abrir os olhos de alguém crítico e observador em pouco tempo. Entretanto, no meu caso, estes insights não foram tão perturbadores a ponto de iniciar um processo de ruptura. Na maioria das vezes, a paixão inicial pelo paraíso social oferecido pela

organização das Testemunhas de Jeová, pelas promessas hipnotizantes supostamente creditadas nas escrituras, aliadas a todo um conjunto de métodos de manipulação e condicionamento mental, acaba criando uma espécie de névoa sobre as dúvidas e questões mais comuns, tornando-as secundárias e subjetivas. Quando às vezes se dá conta do engano, a vítima de uma seita está tão profundamente envolvida com o grupo que o rompimento pode ser um processo muito doloroso e, na grande maioria das vezes, impossível, pois significaria jogar fora toda uma vida, as amizades de décadas ou mesmo a própria família. Alguns, assim como árvores desarraigadas de um lugar e plantadas em outro, por assim dizer, secaram completamente e não mais se recuperaram do processo de abandono.

Lá no início dos anos 90, quando iniciei meus estudos sérios com as Testemunhas de Jeová, não existiam informações que eu pudesse acessar para conhecer o outro lado dessa organização. Hoje em dia, podemos, com o clique de um mouse ou o mover de um dedo numa tela, acessar artigos, livros, áudios, vídeos e uma quantidade incrível de mídias eletrônicas que podem transmitir em minutos o conhecimento que levaríamos anos para encontrar pela maneira tradicional. Quando me sinto triste por ter sido enganado por tanto tempo, penso em outras pessoas que não tiveram a mesma sorte que eu, que nasceram, envelheceram e morreram nesta organização sem dar-se conta de que se tratava de um meticuloso e bem arquitetado engano religioso.

Capítulo VIII
Organização Perfeita, Fiéis Imperfeitos!

Quando me tornei publicador não batizado em minha congregação, eu já havia decidido ajudar os meus irmãos a reacender o interesse pela suposta verdade bíblica que havíamos encontrado. Para isso, eu me deslocava da cidade e ia constantemente visitá-los nas terras onde viviam e trabalhavam. Estas terras, que pertenciam a meu pai, eram parte da herança de sua família. Meu pai, assim como minha mãe, é natural do estado de Goiás; hoje, a região onde nasceram, fica no estado do Tocantins. Ele foi agricultor por toda a sua vida e por alguns anos, principalmente durante a época difícil que passamos no início da década de 80, se aventurou por alguns garimpos de ouro no estado do Pará. Sua esperança era conseguir mais do que precisava para sustentar a família, porém, após ter contraído sucessivas malárias, acabou desistindo definitivamente do vil metal amarelo. Me lembro que quando eu tinha uns nove anos de idade e meu pai demorava para voltar do garimpo, ficávamos atentos para ver se o ouvíamos bater na janela de minha mãe, caso chegasse à noite. Quando isso ocorria, ficávamos muito alegres. Entretanto, se ele chegava doente nós todos ficávamos muito tristes. Meu pai e minha mãe são para mim os melhores exemplos de honestidade e labor. Eles literalmente sacrificavam suas vidas pela família e pelos filhos. Quando meu pai viajava em busca de ouro, minha mãe precisava suportar toda a carga imposta pela família com seis filhos menores; isso exigia que ela trabalhasse por tempo integral como auxiliar de serviços gerais em uma escola paroquial. Suas noites, feriados e finais de semana, eram frequentemente preenchidos pelos serviços de corte e costura que fazia em casa. Muitas vezes, eu a via deitada em sua cama, encolhida, chorando com fortes dores de cabeça, extremamente preocupada com o que o futuro poderia trazer sobre todos nós. Assim eram os nossos pais. Um trabalhando de um lado e o outro se matando do outro a fim de prover à família tudo o que estivesse ao seu alcance. Nós sabíamos que o mínimo que poderíamos fazer para agradecer o seu esforço era respeitá-los, amá-los e obedecer-lhes de coração. Espero que tenhamos correspondido pelo menos em parte às suas expectativas.

Bem, por bastante tempo, dirigi o estudo de meus amados irmãos quando os visitava nas terras de meu pai. Nesta época, eu incentivei vários membros da família, parentes e amigos a estudar a bíblia com o uso das publicações da Torre

de Vigia. Eu mesmo fazia questão de fornecer todos os livros e revistas que eles pudessem necessitar. Mesmo sem ser ainda uma Testemunha de Jeová batizada, eu dirigia mais estudos, fazia mais horas e colocava mais publicações do que um publicador normal conseguia fazer. Meu zelo e dedicação não passavam despercebidos. Em outubro de 1994, eu, entre outros, apresentei-me aos anciãos para o batismo nas águas, símbolo de minha dedicação a Deus. Uma comissão de três anciãos foi formada para realizar uma espécie de arguição oral à base de perguntas e respostas usando um pequeno livro chamado "*Organizados para fazer a vontade de Jeová*". Ao iniciar a consideração com os anciãos eles nos disseram:

– O importante, não é saberem responder a todas estas questões. O importante é se cada um de vocês está vivendo de acordo com elas. É isto que determinará se estão aptos para o batismo. Por enquanto, até o instante em que estiverem para ser mergulhados, vocês são apenas candidatos a ele.

As sessões de perguntas e respostas, geralmente dirigidas pelos anciãos da comissão de serviço da congregação, abrangem praticamente todos os aspectos básicos das doutrinas e regras impostas pela liderança internacional das Testemunhas de Jeová. Ao analisar as respostas e a convicção demonstrada por cada candidato, os anciãos podem verificar se estes realmente creem na doutrina e estão determinados a abraçá-la definitivamente.

Antes dessa consideração por perguntas e respostas, cada um dos publicadores que se apresentam para o batismo, precisa ter demonstrado a capacidade e o desejo de pregar ativamente as boas novas da Torre de Vigia às outras pessoas no serviço de porta em porta. Para isso, uma Testemunha de Jeová, batizada ou não, possui um cartão de atividades controlado pelos anciãos. Neste cartão, todos os meses, é anotado cuidadosamente quantas horas o publicador dedicou ao serviço de pregação, quantos estudos dirigiu a interessados, quantas visitas posteriores foram realizadas e até quantas publicações foram colocadas por ele. Estes dados, são informados pelo publicador à congregação através de um formulário à parte denominado "Relatório de Serviço", o qual é compilado junto com outros ao final do mês pelo ancião secretário. Uma média da congregação é enviada ao escritório da filial da organização Torre de Vigia no Brasil e, de lá, para a matriz nos Estados Unidos da América. Todos os anos, a média de atividades mundiais é publicada em periódicos oficiais. Ao analisar os dados individuais de um publicador a

liderança local pode identificar se alguns membros estão diminuindo o passo, mantendo a média nacional, ou mesmo se tornando inativos e relapsos. Durante a consideração oral para o batismo estes cartões são apresentados aos candidatos. Na consideração para o batismo, o ancião secretário nos disse:

– O cartão de relatório de atividades é o termômetro do publicador. Se suas atividades estão na média geral ou acima delas, isso indica que a sua espiritualidade está boa, se não, alguma coisa está errada e o publicador pode estar fraco espiritualmente.

Eu, pessoalmente, não concordava com essa assertiva. Claro que eu encarava os relatórios como um mal necessário, pois através deles, podíamos acompanhar o progresso do serviço de pregação e os esforços pessoais de cada publicador. Entretanto, nunca achei que mais horas ou menos horas indicam o estado de espírito de ninguém. Por exemplo, conheci um irmão que fazia mais de 30 horas mensais, além de relatar estudos, revisitas e colocações de publicações muito acima da média; porém, ele estava envolvido em um caso grave de fornicação e acabou sendo desassociado depois. Em outro caso, uma irmã que servia a anos como pioneira regular, relatando cerca de 80 horas por mês, acabou sendo desassociada por depravadas práticas de imoralidade sexual. Certamente, melhor seriam poucas horas do relatório de um cristão exemplar, do que os números impressionantes de um pecador impenitente.

Quando realizei a consideração, estava acompanhado de pelo menos quatro jovens com idades semelhantes, todos com ótimas atividades de serviço. Além disso, não tivemos dificuldade nenhuma em responder a todas as perguntas e questões suscitadas pela comissão. Assim, todos fomos aprovados para a imersão em água e só nos restava esperar a Assembleia de Circuito que se aproximava para realizar a dedicação. No sábado pela manhã, ouvimos o discurso especial de batismo feito especialmente em nossa homenagem. Éramos mais de vinte pessoas em pé à frente da multidão que, atenta, aguardava ouvir de nós o vigoroso “SIM”, dado em resposta às duas perguntas finais feitas pelo orador.

> **(1) À base do sacrifício de Jesus Cristo, arrependeu-se dos seus pecados e dedicou-se a Jeová para fazer a vontade Dele?**
>
> **(2) Compreende que a sua dedicação e o seu batismo o identificam como uma das Testemunhas de Jeová, em associação com a organização de Deus, dirigida pelo espírito Dele?**[8]

Como pode ver nas duas perguntas acima, o batismo das Testemunhas de Jeová foge bastante ao padrão cristão apresentado nas escrituras do Novo Testamento. O fiel desta seita é lembrado na ocasião, que o ritual religioso é uma dedicação ao “Jeová” idealizado e pregado pela sua organização e que tal coisa o identificará como um membro de sua instituição terrena, alegadamente “dirigida” pelo Espírito de Deus. Assim, o seguidor não é batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como é comum nos batismos cristãos tradicionais, mas em nome de Jeová e de sua suposta “Organização Terrestre”. Bem, ao final do discurso, enquanto as últimas notas do cântico eram tocadas, saímos em fila do ginásio rumo ao local de imersão sob os esfuziantes aplausos da multidão. Como o corpo de água escolhido ficava a alguns quilômetros de onde era realizada a assembleia, nós fomos e voltamos em carros conduzidos por alguns voluntários. Nós estávamos na carroceria de uma caminhonete e devido ao terreno acidentado, fomos aconselhados por um dos indicadores a tomar cuidado e nos segurar bem. Este senhor, que se responsabilizava pela organização da equipe de batismo, nos disse o seguinte enquanto voltávamos do mergulho:

– Amados irmãos! Depois do batismo, a única queda que vocês podem sofrer é uma queda física, como a queda da carroceria de uma caminhonete como esta. – Ele sorriu e depois, um pouco mais sério, continuou – Eu, infelizmente, caí depois do batismo. O que me derrubou não foi um solavanco qualquer... foi um rostinho bonito. Por favor irmãos, segurem-se para não cair da mesma forma que eu.

Estando mais próximo de um quadro é possível notar as ranhuras e imperfeições que de longe são praticamente imperceptíveis. Era apenas natural para mim, notar, com o passar do tempo, que apesar das alegações de que fazíamos parte da única religião verdadeira e que sempre produzíamos os melhores frutos, éramos simplesmente seres humanos normais, totalmente suscetíveis aos erros e falhas comuns a qualquer pessoa. As deficiências morais humanas também existem na organização das Testemunhas de Jeová e isto as tornam praticamente iguais aos membros de qualquer outra religião. Entretanto, a liderança internacional não admite abertamente tal coisa; ela precisa manter a aura de santidade que criou ao redor de sua comunidade. Como já vimos em um capítulo anterior, as seitas precisam fornecer às pessoas de fora de sua organização a melhor impressão possível a fim de atraí-las mais facilmente.

Quando não se tem um bom produto, é preciso pelo menos empacotá-lo em uma embalagem atraente. Por isso, a liderança da organização Torre de Vigia, orienta seus ministros a vestir-se de maneira especial, usar um vocabulário digno, comportar-se com respeito, sujeitar-se às autoridades governamentais e manter a família e os filhos sob severa supervisão. Muitas regras comportamentais impostas pela liderança da Torre de Vigia, têm o objetivo principal de limitar e regular os fiéis em quase todos os aspectos de sua vida. Como disse um ancião certa vez, "*a vida de um servo de Jeová gira em torno da organização, assim como a terra gira ao redor do sol*". Infelizmente, as regras, a supervisão cerrada dos anciãos e chefes de família e a aplicação de punições e ostracismo aos membros desordeiros, não é suficiente para evitar que escândalos ocorram no seio de suas congregações. Por isso, embora não admitam prontamente esta condição, entre elas, são muito comuns as denúncias que envolvem membros em casos graves de imoralidade sexual, fornicação, adultério, homossexualismo, ladroagens, pedofilia, espancamentos, maus-tratos, bebedeiras, violações da lei e tantos outros desvios de conduta que são comumente praticados por pessoas ativas em qualquer outro grupo religioso. Isto quer dizer que, por trás da máscara de santidade e robustez moral que exibem, as Testemunhas de Jeová mostram ser afinal, uma orgulhosa, mas frágil comunidade exposta às mesmas intempéries existenciais que afligem os que procuram condenar. Desonestamente, ao visitar alguém, alguns publicadores da seita, muitas vezes, destacam os malfeitos, os crimes, erros e escândalos envolvendo padres, pastores e religiosos de alguma denominação, afirmando em seguida que entre as Testemunhas de Jeová tais coisas não acontecem, e se por acaso ocorrem, os violadores são exemplarmente punidos. Bem, esta não é toda a verdade. Geralmente, quando confrontadas com a inegabilidade de casos envolvendo membros desobedientes de alguma congregação, elas procuram se desculpar dizendo:

– A organização de Jeová é perfeita; porém, nós membros, somos todos imperfeitos.

Capítulo IX
Privilégios e Prestígio: Uma Carreira Espiritual

Para incentivar os publicadores a buscar o batismo, a organização da Torre de Vigia limita os privilégios e oportunidades de destaque na congregação aos que já estão plenamente dedicados. Muitos varões estão desejosos de obter prestígio na organização e almejam uma carreira como orador público, daí, seguem galgando posições de responsabilidade até alcançar o posto de ancião, um cargo que abre portas para muito mais possibilidades. Para atingir este alvo, obviamente, precisam dar o passo inicial que é a imersão nas águas. O meu desejo inicial após o batismo era ter a oportunidade de ser um dos leitores do estudo de “A Sentinela”. Por ter excelente leitura e já ter provado esta habilidade em diversos discursos da Escola do Ministério Teocrático, em pouco tempo alcancei o alvo. O estudo de “A Sentinela” é considerado a principal reunião congregacional das Testemunhas de Jeová. Ela ocorre geralmente na segunda parte da reunião do fim de semana. Após a leitura dos parágrafos em um artigo designado para a ocasião, o dirigente faz as perguntas alistadas ao pé da página e oferece a oportunidade para que os presentes contribuam com seus comentários. Quando algumas mãos se levantam, o dirigente escolhe alguém, e um microfone é direcionado a esta pessoa. A primeira vez que assisti a um estudo de “A Sentinela”, fiquei bastante impressionado com a ordem e a qualidade dos comentários. Até mesmo os pequeninos tinham a oportunidade de ler um texto, ou de falar ao microfone uma frase soprada pelos pais. O estudo de “A Sentinela” é o meio oficial do Corpo Governante instruir os seus seguidores. Através desses estudos, novas doutrinas, ou mesmo mudanças radicais de ensinos anteriores são impostas pela liderança internacional. Na multidão de artigos produzidos por esta revista, em mais de um século, já se publicou o inimaginável. Suas matérias, por exemplo, já induziram os membros dessa organização a divulgar o Armagedom para várias datas e a considerar as vacinas e transplantes como algo condenado por Deus. Ainda veremos algo sobre isso em um capítulo à frente. Pode se dizer que esta literatura, no conceito do grupo, tem uma autoridade similar às Escrituras Sagradas e por isso, não se lhes é permitido contestar, criticar, ou rebelar-se contra as instruções e interpretações fornecidas em suas páginas. Uma vez que os números das revistas são lançados

meses antes de cada reunião, os publicadores podem ler os artigos, grifar as repostas e preparar seus comentários com um bom tempo de antecedência. Durante o estudo, que à primeira vista, como descrevi acima, aparenta ser conduzido democraticamente, a pessoa que levanta a mão para responder à pergunta pode fazê-lo com suas palavras à base do texto oferecido, mas, está impedida de apresentar qualquer conceito pessoal ou raciocínio próprio que entre em conflito com os argumentos impostos pelo artigo.

Além de ter sido o leitor oficial de “A Sentinela” durante vários estudos, eu também tive o privilégio, por assim dizer, de dirigir muitas reuniões nesta publicação, inclusive de ser o dirigente oficial em algumas das congregações onde servi.

Na época em que eu era uma Testemunha de Jeová, haviam basicamente três reuniões semanais. Uma delas, o “Estudo de Livro de Congregação”, era realizada à noitinha no início da semana, em grupos menores nos lares de irmãos dedicados; as demais, a “Escola Teocrática e Reunião de Serviço” e a “Reunião Pública”, que incluía o estudo de “A Sentinela”, eram realizadas no Salão do Reino no meio e fim de semana. Atualmente já não se realizam reuniões de estudo nos lares de membros das congregações, apenas breves reuniões de publicadores com o objetivo de facilitar as saídas para a pregação de porta em porta. Os estudos de livro foram transferidos para a reunião do meio da semana e as famílias individuais foram orientadas a usar a noite livre para fazer uma consideração juntas, do que denominam “Noite de Adoração em Família”. Como podemos ver, a organização Torre de Vigia procura preencher todos os espaços da vida de uma testemunha com uma rotina espiritual intensa. Esta denominada “rotina teocrática”, tem como objetivo principal, a manutenção da lavagem cerebral que o membro vem sofrendo desde o início do aliciamento. Embora os membros sejam incentivados a ler a Bíblia e ter um estudo pessoal das escrituras, a grande maioria das Testemunhas de Jeová, reclama de que todo o tempo que poderiam usar para isso, já está bastante ocupado com o programa de estudo designado pela liderança internacional.

É preciso mencionar que uma Testemunha não está livre para pesquisar livremente a respeito de suas dúvidas. Usar publicações de outras denominações religiosas é algo terminantemente proibido. Os líderes do grupo classificam o uso de material impresso ou mídias diversas de instituições religiosas opostas como alimentar-se à mesa de Satanás, algo que certamente causaria grande desgosto a Jeová, que, supostamente, provê por meio de seu “Escravo Fiel e

Prudente”, TODO o nutritivo alimento espiritual de que necessitam. Não é nenhuma novidade saber que um estudante das Testemunhas de Jeová, ao progredir na seita, seja incentivado pelo instrutor a destruir qualquer material ou publicações de outras religiões que talvez possua em sua casa, substituindo-os pelos produzidos pela organização da Torre de Vigia. No meu caso, assim que comecei a estudar a sério com o meu amigo Manoel, ele fez questão de trocar a versão da Bíblia que eu usava, uma edição bem antiga da editora Ave Maria, por uma “Tradução do Novo Mundo” novinha em folha. Com o tempo, eu iria saber que as Testemunhas de Jeová têm muita dificuldade em defender suas doutrinas usando uma Bíblia comum, por isso, preferem usar a sua própria versão, que é acusada por muitos eruditos de ter sido propositalmente mal traduzida. A liderança Internacional da Torre de Vigia, tem se esforçado em impedir que seus fiéis procurem esclarecimento espiritual em outras fontes, por isso, às vezes, através de periódicos e artigos especiais, tentam diminuir o interesse dos membros por estudos teológicos profundos, como a análise do grego e hebraico de passagens polêmicas ou difíceis de entender muitas vezes encontradas nas escrituras. Por exemplo, no jornal mensal para publicadores chamado “Nosso ministério do Reino”, na edição de novembro de 2007, na página 3, nós encontramos a seguinte pergunta respondida:

> *“Será que o ‘escravo fiel e discreto’ aprova que grupos de Testemunhas de Jeová se reúnam à parte da congregação para realizar pesquisas ou debates sobre a Bíblia? **NÃO**.” - **(Nosso Ministério do Reino, 11/2007 pg. 3)***

Preocupada que membros curiosos abandonem o estudo em grupo e se debrucem sobre dicionários de hebraico e grego produzidos por terceiros, vindo talvez a causar debates e divisões sobre suas doutrinas e regras, a Torre de Vigia tem feito esforços estrênuos na tentativa de dissuadi-los.

> *“Mesmo que você aprendesse o hebraico ou grego modernos, isso não necessariamente o ajudaria a entender melhor a Bíblia nas línguas originais. Ainda precisaria usar dicionários e livros de gramática para entender como essas línguas eram usadas quando os livros da Bíblia foram escritos*[8]*.”*
>
> ***(A Sentinela 01/11/2009 pg. 20-23)***

É claro que ninguém precisa dominar o hebraico e grego para analisar a gramática em certas passagens bíblicas, pois há muitas publicações modernas que tornam isso uma tarefa relativamente fácil. O problema, é que a Torre de Vigia não produz dicionários e livros de gramáticas grega ou hebraica, e mesmo os seus redatores e escritores, autores de livros, revistas e periódicos, precisam

recorrer a material de terceiros quando escrevem algo relacionado. Basicamente, quando vetam tais fontes aos membros, em sua extensa maioria leigos e desinteressados, seu objetivo é impedir que informações externas venham a implantar sérias dúvidas em suas mentes, o que poderia levá-los a um frustrante processo de rompimento com a seita. Ao demonizar as demais religiões e os seus produtos doutrinários, a liderança das testemunhas consegue, em parte, ser muito bem-sucedida em evitar tal coisa ocorra.

> *"Uma coisa é informar-se sobre as origens e as crenças das religiões falsas, mas alimentar a mente com elas é algo bem diferente. Jeová designou "o escravo fiel e discreto" para fornecer o ensinamento baseado em Sua Palavra. (Mateus 4:4; 24:45) O próprio Paulo escreveu: "Não podeis estar participando da 'mesa de Jeová' e da mesa de demônios. Ou 'estamos incitando Jeová ao ciúme?* [8] *" -* ***(A Sentinela 15/10/2000 pg. 8-9)***

O que a liderança internacional das Testemunhas de Jeová quer dizer com o texto acima, é que Jeová já designou um "Escravo Fiel", isto é, o Corpo Governante, como sendo o único canal de alimentação espiritual orientado por Espírito Santo e que rejeitá-lo, por aceder outras fontes de informação, é a mesma coisa que rejeitar o alimento aprovado por Deus e isso poderia acender seu ciúme ardente. Posso dizer que eu sempre seguia de perto todas as advertências recebidas do Corpo Governante, inclusive as descritas acima.

Os tempos eram urgentes. Eu procurava ajudar minha esposa a tornar-se também uma adepta do grupo, assim, poderíamos criar nossa filha nos caminhos de Jeová e aguardar como família o iminente fim do sistema. Para dirigir o estudo da bíblia de minha esposa, convidei uma pioneira regular bastante habilidosa e dedicada, a qual tornou-se uma grande amiga. Eu não tive muitas dificuldades para convencer minha esposa de que havíamos encontrado a religião verdadeira, afinal, eu havia feito muitas mudanças na personalidade e isso despertara não apenas sua atenção, mas também a de vários parentes e amigos. Muitos me elogiavam e eu realmente havia mudado, parecia uma outra pessoa. Tudo indicava que o caminho que eu tinha escolhido estava me fazendo muito bem. O meu exemplo acabou abrindo as portas para pregar e dirigir estudos a familiares e amigos e para ajudar alguns deles a ingressar na organização tempos depois. Meus esforços para divulgar a mensagem do reino e realizar tais mudanças pessoais, além do zelo e dedicação ao executar as tarefas que me eram designadas, não passaram despercebidas. Os anciãos começaram a notar que eu poderia receber privilégios adicionais. Naturalmente, eu esperava ansiosamente por isso.

Certo dia à tarde, quando estava em casa, dois anciãos de minha

congregação me visitaram. Como estávamos próximos da visita do Superintendente Viajante, uma espécie de bispo ou, representante da Torre de Vigia que coordena as congregações de determinado circuito, imaginei que poderiam ter cogitado me indicar ao cargo de Servo Ministerial. Podem imaginar como isso me deixou ansioso? Se você é ou foi uma Testemunha de Jeová, eu creio que sim. Para um membro deste grupo, receber uma designação de liderança é uma das melhores coisas que podem acontecer na vida. Na época da visita, eu a esposa e a filha, ainda criança de colo, vivíamos em um barraco de tábuas. Os anciãos demonstraram certa preocupação devido nossa humilde morada e então abriram o seu coração.

– Irmão, estivemos conversando sobre a precariedade da casa em que vocês vivem. Não poderíamos ficar de braços cruzados se podemos fazer alguma coisa. O que acha de realizarmos um mutirão para construir algo melhor? A congregação certamente ficará feliz em ajudar.

Bem, eu fiquei sem palavras, embora não fosse a notícia que eu esperava ouvir. Já tinha lido algumas experiências de irmãos que, em situação de vulnerabilidade social, haviam recebido ajuda humanitária das congregações, mas, não imaginava que poderia ser beneficiado por um gesto como esse algum dia. Não tinha dúvida, aquela era a religião verdadeira! Um grupo de pessoas que certamente se preocupavam uns com os outros. Na reunião seguinte, um dos anciãos que me visitara, preparou um pequeno anúncio para despertar o interesse e a voluntariedade dos membros da congregação. Quando o anúncio terminou, embora o meu nome não tivesse sido mencionado, eu estava terrivelmente envergonhado. Confesso que me arrependi de ter aceitado aquela voluntariosa ajuda. A descrição de nossa situação e a solicitação de ajuda me pareceu extremamente exagerada, desagradável, e ao final da reunião todos trocavam olhares e conversavam uns com os outros se perguntando:

– Que família é essa afinal, que está vivendo em extrema miséria, cujo barraco está para cair em suas cabeças?

Certamente, nenhum marido ou pai que luta para sustentar a família, por mais pobre que seja, se sentiria bem em ver suas dificuldades de prover as necessidades básicas de um lar, expostas diante de uma assembleia. Alguns irmãos sentiram-se muito incomodados pela pressão do anúncio, pois

geralmente, não se fazem solicitações como essa nas reuniões do Salão do Reino, a não ser que esteja relacionada a alguma necessidade estabelecida diretamente pela Torre de Vigia. Quando há alguém em dificuldades na congregação, são os anciãos que decidem se tal pessoa pode ou não receber alguma ajuda. Por exemplo, se algum publicador está em dificuldades de fato, mas não é considerado alguém espiritualmente zeloso, talvez por estar inativo, irregular, ou mesmo ausente às reuniões, tal pessoa pode ser impedida de receber algum benefício. Mesmo quando um auxílio é aprovado, isto precisa ser feito à base de esforços individuais; dinheiro ou recursos em caixa da congregação não costumam ser direcionados para órfãos, viúvas ou ajuda a pobres e necessitados (At 4.34-37; 5.1-2). Não existe em nenhum Salão do Reino, qualquer caixa ou programa destinado a fornecer alívio a pessoas que realmente precisam de ações de caridade. É digno de nota que, apesar de estar registrada em diversos países do mundo como uma organização caritativa sem fins lucrativos e por isso isenta de impostos e agraciada por incentivos do governo, a Torre de Vigia não possui sequer uma simples creche para usufruto da sua própria comunidade, quanto mais da sociedade que lhe cerca. Pois bem, apesar do pouco interesse levantado na questão da ajuda solicitada em minha congregação, um pequeno grupo de voluntários organizou um mutirão de trabalho. Alguns irmãos doaram tijolos e telhas usadas, e outros, alguns sacos de cimento. Antes de iniciar o baldrame da construção, um dos irmãos, munido com uma máquina fotográfica disse:

– Vamos fotografar tudo para termos o antes e o depois!

Outro irmão, quando advertido a levar em conta o meu desejo quanto à quantidade de cômodos desejado, zangou-se e deu a seguinte declaração:

– A cavalo dado não se olha os dentes!

Confesso que poucas vezes senti um misto de vergonha e desapontamento tão grande como este em minha vida. Com certeza, preferiria que os anciãos nunca tivessem oferecido tal “ajuda”, humilhante e consternadora. Entretanto, convenci-me de que o que realmente valia era a intenção e que, pelo menos alguns estavam ajudando de coração e demonstrando um excelente espírito de fraternidade. Os outros, bem, os outros pelo menos estavam ali e isso em si já era algo muito importante. A verdade é que a única coisa que os irmãos conseguiram fazer foi o baldrame; a construção foi abandonada e, somente um bom tempo depois, ao regressar de outra cidade, eu consegui contratar um pedreiro para concluir a singela obra. Finalmente, quando

estava pronta para o telhado, um dos anciãos que havia oferecido o auxílio prontificou-se para me ajudar. Mas algo mais humilhante estava por vir. A visita do superintendente finalmente chegou e todos estavam muito ansiosos, pois é durante as reuniões da semana de supervisão do representante da Torre de Vigia que novos varões são escolhidos para cargos como novos anciãos e servos ministeriais. Naturalmente, eu aguardava receber uma designação e apesar de ter apenas um ano de batismo, não havia ninguém tão dedicado e zeloso na congregação; eu entendia que, se tivesse habilidades e disposição, tinha, portanto, que ser o mais útil possível e dar o exemplo para outros seguirem. Como toda Testemunha de Jeová sabe, progredir é galgar privilégios e esse era o meu objetivo. Entretanto, a semana passou, e quando na próxima reunião o meu nome não foi anunciado entre os indicados, percebi que ainda não tinha sido desta vez. Qual seria o motivo? Bem, talvez por eu ter apenas um ano de batismo, talvez ainda não era maduro o suficiente para o cargo. “Tudo bem, - pensei, - na próxima visita quem sabe. Vou continuar me esforçando para dar o meu melhor”. Porém, alguns dias depois, fui visitar um ancião da congregação pelo qual tinha grande afeição. Ele estava passando por dificuldades e no momento não estava em casa. Fui recebido por sua esposa com a qual conversei um pouco. Ela me falou sobre a tristeza do marido e dos problemas que estavam enfrentando; finalmente confidenciou algo que me deixou extremamente triste. Segundo ela, o marido, na reunião da visita do superintendente, tinha indicado o meu nome para a designação de Servo Ministerial. Na ocasião, outros anciãos haviam concordado com a indicação; porém, um deles, um dos anciãos proeminentes no grupo havia dito o seguinte:

– O irmão Osmanito é sem dúvida uma boa indicação. Porém precisamos adiar isso. Há um problema que o impede de ser designado no momento: Ele é muito POBRE!

Bom, o ancião que havia indicado o meu nome, ficou profundamente magoado com o comentário deste destacado líder; levantando-se imediatamente, apanhou a pasta e foi embora aos prantos. Ao chegar em casa, vendo-o chorar, sua esposa quis saber do que se tratava. Ao ser inteirada do assunto também foi tomada pela mesma tristeza e indignação. Foi um choque para mim saber de tal coisa. Não adiantou eu perguntar à irmã quem teria sido o autor da observação infeliz; ela me disse que jamais iria me revelar o nome da pessoa. Até hoje, ainda tenho dúvidas de quem fosse e talvez tenha sido melhor assim. Mesmo

abalado, mantive minha fé na organização. Certamente, isso seria o resultado da imperfeição humana. Não iria deixar que o mau exemplo de alguém com atitudes impensadas me fizesse desviar de Jeová.

Depois desse golpe, recebi uma proposta de trabalho na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, para onde me mudei com a família em 1996. Nesta cidade, longe dos parentes e amigos, nós passamos cerca de um ano. Nós frequentávamos um pequeno Salão do Reino bem próximo de onde residíamos. Aquele Salão do Reino era frequentado, em sua maioria, por irmãos abastados, e eu, que tinha agora o complexo de vira-lata, evidentemente não consegui me encaixar. Aquele ano foi um tempo de baixas atividades espirituais. Era difícil assistir a Assembleias, e por ocasião do Congresso de Distrito, assisti apenas o dia de domingo. Agora, depois de tantos anos, eu era alguém fraco espiritualmente. Com certeza, Jeová estaria decepcionado comigo, pois eu não conseguia fazer sequer a média de horas de um publicador comum. Durante este período, desenvolvi sentimentos depressivos e tive ataques de Síndrome do Pânico. Quando à tardinha se aproximava e, com ela a tristeza e a ansiedade, eu me vestia, apanhava a minha pasta de publicador e saía distribuindo folhetos e tratados aos transeuntes. Alguns, ao me ver, sorriam e tentavam fugir, porém eu sempre conseguia abordá-los e deixar algo. Infelizmente, a síndrome do pânico estava piorando e ficando à cada crise mais intensa. Certa vez, durante uma coleta de sangue em um hospital, tive uma crise nervosa tão forte que minhas mãos, braços e pernas ficaram totalmente enrijecidos. Levei quase uma hora para me recompor. Saí do hospital encolhido. Em outra ocasião, um ataque similar me fez ser levado às pressas ao pronto-socorro mais próximo; nesta ocasião, a pessoa que me acompanhou ao hospital, disse ao médico:

– Ele é Testemunha de Jeová...

O médico, depois de conversar comigo por alguns momentos, afirmou que eu precisava fazer um tratamento sério. Um pouco mais tranquilo, argumentei com ele:

– Eu não estou aqui pelo fato de ser uma Testemunha de Jeová; minha religião não me causa mal algum, muito pelo contrário! Eu simplesmente estou tendo crises nervosas e não consigo controlá-las.

O médico, como se soubesse de algo que eu não tinha conhecimento,

apenas repetiu que eu tinha de ter uma vida mais calma e tranquila e que precisava me tratar; daí, passou alguns medicamentos para que eu tomasse imediatamente. Quando as crises de pânico ocorriam, a impressão que tinha era que eu morreria a qualquer momento; era muito difícil dormir. Geralmente, eu me encolhia na cama e cerrava os dentes, sentindo muito frio; não conseguia controlar os tremores que abalavam o meu corpo inteiro e, às vezes a ansiedade atingia um clímax tão intenso que meu cérebro latejava. No outro dia, todos os meus músculos e nervos estavam doloridos e eu sentia dificuldades para trabalhar normalmente. Durante os anos seguintes eu aprendi a controlar os ataques e já não sofria tanto quando ocorriam. Após deixar as Testemunhas de Jeová, conheci vários ex-membros que relataram ter sofrido de transtornos de ansiedade similares. Muitos deles, até hoje fazem tratamentos psicológicos para se livrar de sentimentos depressivos que adquiriram enquanto ligados à seita. Muitas testemunhas ativas sofrem transtornos mentais e usam medicação controlada. Entre elas há um alto índice de problemas desta natureza. A verdade é que o ambiente da seita torna propício o desenvolvimento de sintomas de ordem psíquica entre seus membros. Como puderam ver até aqui, as Testemunhas de Jeová vivem constantemente sob a pressão exercida pelos dogmas, doutrinas, regras e imposições da seita. Todo membro do grupo é induzido pelo programa de doutrinação mental a visualizar as situações descritas no quadro a seguir:

> “O mundo está em seus últimos dias e a qualquer momento pode irromper o Armagedom. Devemos estar preparados para presenciar a morte de familiares, parentes, amigos, colegas e vizinhos durante a grande guerra de Deus contra os que não aceitaram nossa mensagem. Se alguma pessoa perder a vida por que você foi negligente ao pregar, você pode ser responsabilizado, ter culpa de sangue e ser também destruído por Deus. Pregar abaixo da média sem um motivo forte, é demonstrar falta de fé em Deus e na obra de salvar vidas. Membros da família que abandonaram a organização, abandonaram a Deus e devem ser considerados como mortos para Jeová. Não os lamente.
>
> Deus está todo o tempo vigiando você, não esconda seus erros dos anciãos, uma hora ou outra eles virão à tona. Vigie e denuncie familiares e co-adoradores que transgrediram, é sua obrigação; não fazer isso é agir como cúmplice do erro. Perder as reuniões, assembleias e congressos sem motivo grave é demonstrar falta de apreço pelas provisões de Jeová. Cursar uma faculdade, é perda de tempo; tenha uma profissão qualquer para se sustentar e sirva como pioneiro, pois neste mundo não há futuro para você. Obedeça ao corpo governante sem questionar, mesmo que suas ordens pareçam completamente absurdas e sem sentido.

Se você ou seu filho precisarem de uma transfusão de sangue, evite-a a qualquer custo mesmo que suas vidas corram risco, confie na esperança da ressurreição; desobedecer aos anciãos pode impossibilitar sua salvação.

Somente nós, Testemunhas de Jeová seremos salvos no Armagedom. As pessoas do mundo são seus inimigos em potencial, mesmo os membros de sua família descrente; não confie em nenhum deles. A pior testemunha ainda é melhor companhia que alguém que não compartilha nossas crenças. Nem todas as Testemunhas de Jeová sobreviverão ao Armagedom, mantenha-se ativo e fiel à liderança. O mundo é mau, tudo pertence a Satanás! Todas as religiões são usadas pelos demônios, afaste-se, não olhe para o mundo com qualquer afeição ou esperança. Você faz muito pouco pela obra do reino, faça mais, mais, mais..."

No ano de 1997 eu retornei à minha cidade. Com pouco tempo após minha volta, indicaram-me para o cargo de Servo Ministerial. Estranhamente, não senti alegria ou ansiedade nenhuma com tal coisa, pois já não tinha o mesmo interesse que antes por aquele privilégio. Aceitei a designação mecanicamente, apenas como uma oportunidade de servir e ajudar e, uma vez que a congregação tinha sido dividida em duas, isso limitaria o número de varões na dianteira. Eu poderia ajudar. Estaria mais maduro e preparado agora? Talvez sim. Entretanto as coisas não estavam fáceis secularmente e, no ano seguinte, acabei me mudando para uma cidade menor ao aceitar uma oferta de emprego. Nesta cidade, vivi cerca de sete anos e pude servir em um grupo isolado local que, por fim, acabou se tornando uma pequena congregação. Neste grupo, desenvolvi habilidades de ensino como oratória e supervisão congregacional e tive a oportunidade de trabalhar lado a lado com quatro pioneiros especiais; dois deles, um casal muito dedicado e humilde, se tornaram missionários na África pouco tempo depois. Nesta cidade, nossa família aumentou um pouco, pois tivemos o nosso terceiro filho. Ainda me lembro do Superintendente de Circuito brincando conosco:

– Jesus disse para fazermos discípulos, irmãos... não filhos!

– Ora! – Protestei – Filhos também podem ser discípulos.

Capítulo X
Sob a Redoma Organizacional

Quando me mudei para a cidadezinha, conheci o zeloso casal de pioneiros que mencionei no capítulo anterior. Este casal era de espírito muito humilde e viviam em uma pequena casa sem móveis. Sustentavam-se apenas com o mísero soldo enviado pela organização da Torre de Vigia. Atualmente, no Brasil, o arranjo de Pioneiros Especiais designados para locais isolados está em declínio; naquela época, porém, muitos casais jovens abdicavam de sua vida secular, do casamento, de ter filhos e alistavam-se para esta modalidade de serviço, mudando-se para alguma região do país onde a necessidade de publicadores era maior. Muitas crianças, filhas de testemunhas, são incentivadas desde tenra idade a ter como meta a vida missionária ou o serviço de tempo integral. Jovens membros deste grupo, costumam estabelecer o alvo de servir voluntariamente nas gráficas e departamentos da filial da Torre de Vigia em seu país, ou ainda, alistar-se como auxiliares e cuidadores não remunerados de prédios da instituição. Pode-se também destacar que os grupos de construção rápida para locais de reuniões, têm seu núcleo formado por voluntários temporários que oferecem mão-de-obra gratuita, em troca apenas do prazer de servir ao que consideram uma nobre causa divina. Mais precisamente, a partir do início do novo século, as Testemunhas de Jeová não têm medido esforços para apressar a construção de modernos Salões do Reino e de Assembleias. O aproveitamento da mão-de-obra voluntária oferecida por membros bem-intencionados nestas construções, as quais são devidamente registradas no nome da entidade jurídica da Torre de Vigia, tem produzido grande lucro à instituição.

Pois bem, na pequena cidade onde vivi por alguns anos, nos reuníamos em um minúsculo salão no bairro central, em frente ao cemitério público municipal. Ali, pude proferir muitos discursos com temas bíblicos baseados em publicações e esboços pré-elaborados vindos da filial no Brasil. Embora os anciãos e irmãos que proferem discursos e partes não tenham a liberdade de escrevê-los ou dissertá-los livremente, nem tampouco de modificar os entendimentos ali explicados, podem transferir aos esboços providos, o seu estilo natural de oratória. Eu me saía muito bem nisso. O pioneiro ficou muito contente com minha chegada, pois isto significava alívio de sua carga; logo, dividiu comigo vários privilégios e funções. Também, conheci vários irmãos e irmãs

locais, todos humildes, alegres e de personalidade muito amável. Infelizmente, depois de alguns meses, fiquei sem o emprego que me trouxera até ali e passamos sérios apertos; entretanto, conseguimos nos manter apesar das dificuldades. Pensei em ir embora de volta para minha cidade, porém decidimos permanecer algum tempo para ajudar o grupo isolado. Pouco tempo depois o casal de pioneiros foi designado para outra parte do Brasil; com isso, eu seria o encarregado de todas as responsabilidades congregacionais até que outro representante fosse enviado. Isto demorou alguns meses e, quando o Superintendente nos visitou nesse ínterim, analisou os relatórios de serviço e nos disse admirado:

- Parabéns pelo trabalho! Apesar da congregação estar sem o casal de pioneiros, as médias foram plenamente mantidas.

Ficamos alegres, pois os esforços para dar o exemplo e incentivar os irmãos a aumentar o número de horas dedicadas ao serviço de pregação haviam valido muito a pena. Os anos passaram-se rápido e apesar das restrições financeiras e de uma vida simples e regrada, conseguíamos sobreviver. Ali, três de nossos filhos passaram grande parte da infância. Nesta época, minha esposa já era batizada e publicadora da congregação, por isso, nos tornamos o esteio e o exemplo do grupo. Embora houvessem problemas, éramos uma congregação bastante unida; sempre nos reuníamos para revigorantes recreações com todos os irmãos e, nessas ocasiões, bebíamos, comíamos e partilhávamos diversas experiências e situações divertidas que ocorriam durante as pregações. Sem dúvida, foram tempos muito bons, nos quais desfrutamos do paraíso social oferecido aos membros das congregações das Testemunhas de Jeová ao redor do mundo. Mesmo sendo um simples Servo Ministerial, ao receber a responsabilidade pelo grupo isolado, tive de representar o papel de ancião. Foram tempos de bastante aprendizado; desenvolvi habilidades de supervisão e liderança que me foram muito úteis. Eu precisava ler toda a correspondência que recebia do escritório da filial, aplicá-la localmente, organizar e designar partes e discursos, além de programar visitas de pastoreio e incentivo aos publicadores. Precisava também estar atento ao rebanho para que a “saúde espiritual” do grupo não deteriorasse. Tudo isso requeria grande esforço e dedicação, porém, eu fazia tudo isso com o maior prazer, pois imaginava estar prestando a Deus um serviço sagrado de valor inestimável. De qualquer forma, tendo hoje consciência de que trilhava um caminho torto, creio, porém, que fui de grande ajuda para despertar

em muitos o interesse pelas escrituras e pelos princípios valiosos nela contidos; pensar dessa forma, me ajuda a não ter um conceito tão negativo sobre esta época de ignorância. Nossa vida é um acúmulo de experiências; nenhuma experiência, boa ou ruim, é de qualquer maneira inútil; sempre podemos aprender muitas lições ao passar por elas.

Em 1999, um novo casal de pioneiros foi designado para nossa cidade. Ficamos muito alegres. Era um casal bem jovem em sua primeira designação vindos do sul do Brasil. O marido, um gaúcho alto e claro, era um ex-betelita, isto é, voluntário da filial da Torre de Vigia no Brasil; a esposa, vinha do extremo sul e era pioneira regular até o momento; após o casamento, tinham optado por uma designação no trabalho por tempo integral na modalidade especial de serviço. Certamente, foi para eles um grande desafio a mudança radical de ambientes. Eles demoraram a se adaptar, mas depois, tornaram-se muito zelosos em sua designação.

Certo dia, na visita de um novo Superintendente de Circuito, fui avisado pelo pioneiro, já empossado como responsável pela congregação, que os dois precisavam ter uma breve conversa comigo. Na ocasião, imaginei que pudessem estar cogitando me nomear para o cargo de ancião, porém, durante a visita me disseram algo que me deixou muito envergonhado:

- Irmão, estávamos pensando em designá-lo para este privilégio, mas, ficamos sabendo que você tem um pequeno débito com um ancião da cidade onde residia anteriormente.

De fato, devido os problemas financeiros enfrentados nos últimos tempos, não tinha conseguido saldar uma pequena dívida que havia feito com um irmão; era na verdade um valor irrisório; mesmo assim, o máximo que conseguia, era depositar aleatoriamente alguns pequenos valores em sua conta bancária. Como ele era um empresário muito bem-sucedido, valores tão pequenos certamente passaram despercebidos. Bem, a designação não seria feita até que eu conseguisse resolver esta constrangedora situação. Certamente, pensei, se eu tivesse ido embora ao invés de teimar em continuar naquele grupo isolado, talvez estaria bem empregado e livre de dívidas. Mas para mim, no momento, nada era mais importante do que as “oportunidades espirituais” que estavam sob minha responsabilidade; em prol disso, infelizmente, sacrifiquei minha própria família e os melhores anos de nossas vidas. Certamente, nunca poderei recuperar este tempo perdido.

No ano seguinte, a designação como ancião não poderia mais ser

impedida e fui finalmente anunciado ao grupo, o qual, na ocasião, já havia sido oficialmente constituído em congregação pela filial da Torre de Vigia. Para mim, ser designado ancião não causou nenhum impacto ou diferença, uma vez que, como encarregado da congregação, já cumpria plenamente este papel a mais de um ano. Galgar este privilégio, porém, abriria as portas para oportunidades de serviço no circuito das congregações da região, o que incluía designações como orador em grandes reuniões de dias de assembleias e congressos. Cada vez mais, moldávamos nossa vida e nosso futuro sob a redoma organizacional da Torre de Vigia.

Capítulo XI
Servindo a um Ídolo Organizacional

Toda Testemunha de Jeová é ensinada a encarar o seu grupo internacional, a qual chamam de “parte terrestre da organização de Jeová”, como o único lugar seguro para a salvação. Se perguntar a uma delas se é possível obter a vida eterna e o favor divino fora de sua instituição, talvez ela responda que estar associado ao grupo é vital para obter tais bênçãos. Pode ser que em sua explicação, fale sobre os arranjos divinos descritos nas escrituras para a adoração unificada e como tais arranjos foram utilizados para conduzir pessoas fiéis durante épocas de turbulência e julgamentos no passado. Tal explicação, logicamente, possui certa coerência, porém, a verdade é que elas, com o passar do tempo, acabaram transferindo à sua instituição, um atributo que esta não é capaz de exercer e que, definitivamente, não lhe pertence. Ao analisar este conceito, imposto sutilmente à base de falácias e aplicações forçadas de textos escriturais, iremos notar que elas encaram a sua organização como algo necessário para sua salvação. Note a referência:

> *“Assim como Noé e sua família temente a Deus foram preservadas na arca, a sobrevivência de indivíduos hoje depende da sua fé e sua associação leal com a parte terrestre da organização universal de Jeová[8].”*
>
> ***(A Sentinela 15/05/2006)***

O conceito acima, tendo como parâmetro de comparação a arca construída por Noé, é muito sutil; porém, acaba induzindo o fiel a crer que, à parte da organização comandada pelo Corpo Governante, não é possível estar a salvo durante o atormentador vindouro grande dia de Jeová. Assim, o associar-se com a fraternidade universal da Torre de Vigia e o permanecer fiel à sua liderança internacional, está intimamente ligado à questão da salvação e uma coisa não pode coexistir sem a outra. Muitos membros que são desassociados do grupo e ainda acreditam que ele constitui a única religião verdadeira, temem morrer ou ver chegar o fim do mundo enquanto afastados, pois isso poderia significar a sua destruição eterna. Estar do lado de fora da organização é estar afastado ou alienado do próprio Deus, voltar ao jugo organizacional, ou associar-se ao grupo, é voltar para Deus entendendo que seu único arranjo para a salvação

é o grupo. Algumas vezes, ao falar sobre a vida fora do círculo traçado pela Torre de Vigia, algumas publicações aplicam fraudulentamente as palavras do apóstolo Pedro dirigidas a Cristo Jesus:

> *“Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna.”*
> ***(João 6:68 ACF)***
>
> *"Assim como as profecias bíblicas apontavam para o Messias, elas também nos encaminham ao unido corpo de cristãos ungidos das Testemunhas de Jeová, que serve atualmente qual escravo fiel e discreto. Todos os que desejam entender a Bíblia devem reconhecer que a 'grandemente diversificada sabedoria de Deus' só pode ser conhecida através de seu canal de comunicação de Jeová, o escravo fiel e discreto[8].”*
>
> ***(A Sentinela 01/10/1994 pg. 8)***

A aplicação é propositalmente forçada e tem como objetivo, inculcar na mente dos seguidores, que não há outro caminho ou meio de obter as promessas de vida eterna, senão sujeitando-se à sua liderança internacional. Este grupo de sete homens, controlam sozinhos a vida de cerca de oito milhões de Testemunhas de Jeová. Desobedecê-los, ou rejeitar o seu jugo manipulador é afrontar o próprio Deus.



Membros do Corpo Governante – Fonte: JW.ORG

Quando indagada sobre a possibilidade de estar transferindo para sua organização a honra adorativa que deveriam prestar unicamente a Deus, uma Testemunha de Jeová se sente muito ofendida. Entretanto, é possível encontrar em suas próprias publicações, a descrição de como elas próprias encaram a

servidão a pessoas deificadas e a organizações humanas em posições totalitárias.

> *"Se alguém presta serviço obediente a uma pessoa ou a alguma organização, seja voluntariamente ou sob compulsão, encarando a tal como possuidor de liderança superior e grande autoridade, então se pode afirmar biblicamente que ele é um adorador[8]. " -* ***(A Sentinela 1956 p. 525)***

Quando um membro das Testemunhas de Jeová chega ao ponto de identificar sua organização como o meio de salvação moderno, e aos seus líderes como pessoas divinamente escolhidas, sujeitando-se incondicionalmente a seu comando, não fica claro que uma espécie de adoração está sendo prestada? Não seria esse um culto organizacional? Ora, de acordo com a obra, "*Revelação, seu grandioso Clímax está Próximo*", publicada e distribuída pelas Testemunhas de Jeová, a "Imagem da Fera" de Apocalipse 13:15, simboliza a Organização das Nações Unidas! De acordo com esta publicação, quando as nações aceitam e apoiam tacitamente esta instituição humana (a ONU), como último foro de esperança de concórdia e paz mundial, elas estão prestando falsa adoração e rejeitando o próprio Deus; fazem isso, por atribuir a uma organização estabelecida por esforços humanos, algo que somente Deus pode realizar[11]. Assim, quando comparamos o conceito que elas nutrem por instituições humanas que desaprovam, com a atitude que exercem para com sua própria organização, podemos ver claramente a dimensão do engano em que se encontram. Muitas vezes, suas crenças e conceitos tornam-se tão ambíguos e discrepantes que o processo da dissonância cognitiva é inevitável. A mente, condicionada por anos de coerção mental, acaba fazendo a vítima tirar conclusões irracionais. Por isso, mesmo que todas as evidências condenem suas atitudes, o membro doutrinado tentará convencer a si mesmo que, de alguma forma ininteligível, tal argumentação não se aplica a sua organização. Basicamente, isso ocorre porque a mente doutrinada irá procurar lutar contra o conceito conflitante. Para que isso se efetue, a vítima da seita seguirá alguns passos lógicos de maneira quase inconsciente:

1) **Concentrar-se em outras crenças que combatam o argumento contrário;**
2) **Reduzir a importância ou minimizar a ideia em oposição;**
3) **Adaptar o novo conceito, interpretando-o, segundo suas ideologias.**

Assim, quando uma séria contradição dogmática é apresentada ao membro da seita, uma avalanche de crenças auxiliares vem ao seu socorro, por assim dizer, ajudando-o a driblar a confusão mental na qual se encontra. Por exemplo, talvez você apresente a uma testemunha, provas factuais de que as supostas "Luzes" de entendimento, fornecidas por sua liderança internacional,

jamais poderiam ser de origem divina, uma vez que tais “luzes” foram apagadas, substituídas, ou mesmo regrediram diversas vezes. Pressionada com a lógica oferecida, uma Testemunha de Jeová pode simplesmente argumentar que, sua liderança, é composta de homens falhos, sujeitos a erros de interpretação e que isso, por si só, não os desabonam, nem tampouco torna tais líderes pessoas mal-intencionadas.

Muitas pessoas que tentam raciocinar com membros dessa seita têm muita dificuldade para criar diálogos abertos e convencê-las do engano em que se encontram. Geralmente, quando alguns publicadores conversam com um morador bem informado e são criticadas, ou contestadas com argumentos sólidos, simplesmente se despedem e abandonam o local; muitas vezes, passam a evitar aquela pessoa e a encará-la como um potencial opositor. Entretanto, a cada dia que passa, o número de Testemunhas de Jeová que conseguem romper a barreira mental implantada pela lavagem cerebral da Torre de Vigia, tem aumentado exponencialmente. Nos dias de hoje, com o auxílio da internet e de dispositivos móveis como Tablets e Smartphones, um membro da seita pode acessar vídeos e materiais críticos na privacidade de seu quarto. Não é à toa, que a propagação da informação se tornou a maior de todas as preocupações das seitas de controle mental.

Capítulo XII
Decepções, Tropeços e Descobertas

Finalmente, após quase sete anos, decidimos retornar à nossa cidade. Essa mudança ocorreu porque já não era mais possível sustentar a família crescente em um lugar com tão poucas oportunidades de emprego. Apesar das dificuldades financeiras que passamos, ficamos muito tristes ao ir embora daquela congregação, afinal, estávamos ali colocando o “reino” em “primeiro lugar”. O tempo que passamos naquele grupo foi muito proveitoso em vários aspectos e nos preparou para novos e futuros desafios. Muitos amigos que conheci naquela cidade foram de grande ajuda, não apenas durante naqueles anos difíceis, mas também nos outros que se seguiram. Infelizmente, depois que abandonei a organização da Torre de Vigia, perdi totalmente o contato com os irmãos daquela localidade; o afastamento não se deu de minha parte, é claro, mas foi fruto da regra do ostracismo imposto pela seita, que impede que os fiéis falem com pessoas que saíram do grupo. Por exemplo, a pouco tempo atrás, eu e minha esposa estávamos em um supermercado quando encontramos uma família de irmãos com a qual tínhamos muita intimidade. Ao me verem, simplesmente viraram o rosto e demonstraram profundo incômodo; conversaram um pouco com minha esposa e se afastaram sem me dirigir uma única palavra. Isso continua a acontecer sempre que encontro algum membro de alguma congregação da qual fui parte, seja em um supermercado, banco, hospital, local público ou até mesmo quando ando pelas ruas. Certa vez, estava em uma calçada quando avistei se aproximando do local onde eu estava, um ancião que era colega em uma congregação onde servi; ao ver-me na calçada, ele simplesmente desceu, cortando caminho pelo meio da rua entre os carros. Ainda falaremos um pouco mais sobre o ostracismo das Testemunhas de Jeová contra os ex-membros, em um capítulo à frente.

Como mencionei, nós retornamos à nossa cidade e decidimos ir a uma congregação onde houvesse mais necessidade e oportunidades de servir. Esta congregação, ainda existe atualmente na cidade onde vivo, no estado do Tocantins. Na época, eu tinha três filhos com idades entre 4 e 11 anos de idade. Ao chegar, consegui um emprego comum e como não possuíamos casa, tivemos de pagar aluguel por vários anos. Felizmente, estávamos residindo na cidade sede de congressos e assembleias e não era mais preciso viajar vários

quilômetros com a família para assisti-las; só isso já nos traria uma bela duma economia. Nesta nova congregação haviam cinco anciãos, os quais eu já conhecia; eram pessoas simples, indoutas, e eu me senti à vontade no meio deles. A congregação era formada por pessoas comuns, na maioria membros de famílias humildes. Quando cheguei, esta congregação estava sendo dividida para formar uma segunda. Me lembro que, ao participar da reunião que decidiria o território para os dois grupos, houve uma discussão acalorada envolvendo o Superintendente de Circuito e o Presidente da congregação mãe. Algumas partes do diálogo foram mais ou menos como seguem:

– Irmãos – disse o superintendente de circuito aos anciãos que serviriam nas duas congregações – depois de analisar o território, nós optamos por situar a área de serviço da Congregação mais antiga, na parte vermelha do mapa e o da nova congregação, na área amarela. Como podem ver, o prédio do Salão do Reino irá ficar localizado no território do novo grupo; sendo assim, optaremos por transferir os direitos de posse do imóvel para a nova congregação.

Vendo que o novo grupo iria ser o “proprietário oficial” do prédio do Salão do Reino, o presidente da congregação mãe, à qual eu servia no momento, protestou muito irritado.

– Irmãos! Porque não definir o território uma rua abaixo, a fim de que o Salão permaneça em nosso território e continue como propriedade de nossa congregação? Afinal, nós o construímos com suor e lágrimas. A compra do terreno e a construção do prédio foi feita praticamente por irmãos que são de nossa congregação em regime de mutirão. Em anos de trabalho nós construímos este local de reuniões com um extremo esforço e custo; foi para nós como dar à luz um filho. Mas agora, vocês me dizem que não mais nos pertence? Isso me deixa muito indignado!

Houve um grande silêncio, os irmãos olharam-se surpresos; alguns não podiam dizer que ele estava totalmente errado, porém, não queriam contrariar o representante da Torre de Vigia. O superintendente demonstrou estar bastante irritado com a retórica, mas o ancião continuou:

– Vejam, é apenas uma única rua. O Salão é o limite do território. Se não podemos manter a propriedade do prédio porque este não fica mais em nosso território, abdiquem de uma rua apenas e isso será resolvido.

Os anciãos que comporiam a comissão de serviço da nova congregação,

a qual iria herdar o prédio, obviamente não tinham interesse em considerar a sugestão do colega; um deles argumentou em resposta:

– Irmão você está esquecendo de uma coisa. O Salão não pertence à sua congregação. Ele pertence a Jeová!

– Exatamente, o que eu ia dizer! – Completou o representante da Torre de Vigia – Não vamos mudar o território apenas porque você não concorda em ceder o prédio à nova congregação. Já está decidido o assunto e temos a esmagadora maioria, portanto, não se fala mais nisso.

Ao ouvir a decisão final, o ancião apanhou sua pasta e, sem despedir-se de ninguém, abandonou o local furioso. Alguns estavam preocupados com a atitude do colega, mas não abriram a boca para defendê-lo diante do superintendente, pelo contrário, alguns o criticaram, afirmando que sua atitude demonstrava rebeldia contra as orientações teocráticas providas pela organização. Bem, eu e um outro ancião da mesma congregação, resolvemos ir atrás do colega a fim de fazê-lo aceitar a decisão tomada pela maioria. No meio da confusão, preferi não me envolver, afinal, eu acabara de me mudar para a cidade e não tinha nenhum poder nas decisões tomadas por aquela comissão. Me comportei como o que eu infelizmente era naquela ocasião: Um observador passivo. Quando chegamos à residência do irmão, a quem chamaremos nesta altura pelo nome fictício de Petrônio da Rocha, lhe encontramos sentado no sofá, um pouco mais à vontade, sem camisa e meio cabisbaixo. O irmão Petrônio era uma pessoa humilde e simples, ele e sua esposa, haviam criado os filhos dentro da organização. Muito zeloso, demonstrava sempre fidelidade aos ensinos, regras e mandamentos da seita, sendo por mérito, designado para privilégios de liderança e supervisão. Quando eu comecei a estudar a bíblia com meu amigo Manoel, eu costumava frequentar o Estudo de Livro que era dirigido à noitinha na residência deste ancião, por isso, já tinha certa intimidade e franqueza para dialogar com ele. Quando chegamos à casa, e ele nos viu chegar ao portão, notamos que ainda demonstrava o mesmo ar decepcionado de algumas horas atrás; porém, sorriu e nos recebeu com a gentileza e amabilidade de sempre. Conversamos por algum tempo sobre o assunto, tendo ouvido com atenção o seu ponto de vista; porém, embora concordássemos com ele, não podíamos fazer muita coisa para influenciar a decisão tomada na reunião, afinal, éramos a minoria. Finalmente, convencemos o irmão Rocha a pedir desculpas ao representante da Torre de Vigia e deixar o assunto nas mãos de Jeová. Nós

sabíamos, que se ele não mudasse de ideia, poderia sofrer sanções e estaria colocando o seu cargo em risco. Com esta possibilidade em jogo, o irmão Petrônio não pensou duas vezes em seguir nosso conselho.

Integrado a esta nova comunidade de Testemunhas de Jeová, eu e minha família esforçamo-nos ao máximo para sermos bons exemplos. Um ancião e chefe de família precisa dar tudo de si para continuar desfrutando dos privilégios de serviço que lhe são concedidos; ele também precisa manter a esposa e os filhos em plena sujeição, demonstrando assim ter capacidade para liderar uma congregação. Ele deve supervisionar cada um dos que estão sob sua responsabilidade e se certificar de que cumpram sua carga de deveres teocráticos. As médias de assistência às reuniões e serviço de porta em porta, são naturalmente analisadas pela liderança e, uma diminuição nas atividades por parte do pai de família ou de um dos membros, pode significar o cancelamento de designações e cargos especiais. Por exemplo, durante a visita do representante da Torre de Vigia às congregações, que ocorre geralmente duas vezes por ano, os cartões dos publicadores com suas médias e horas dedicadas ao proselitismo são verificados um por um. Durante esta verificação, se algum varão em posição de responsabilidade ou membros de sua família apresentam queda acentuada nas atividades relatadas, sem ter um motivo válido para isso, tal pessoa pode ser advertida e até mesmo rebaixada de sua posição. Ainda, em uma outra situação, se os anciãos planejam indicar algum irmão para um cargo de servo ministerial, médias baixas de horas podem impedir que este seja designado; isso ocorrerá mesmo que tal pessoa seja um bom exemplo em outros aspectos de sua vida. Para a organização das Testemunhas o mais importante é a pregação de sua mensagem e o esforço de converter pessoas para seu grupo religioso. A importância que dão aos relatórios de serviço de seus membros, indica que, para eles, se alguém consegue fazer muitas horas e dirigir vários estudos ou colocar muitas publicações, tal pessoa certamente tem uma espiritualidade elevada; por outro lado, se o publicador negligencia a pregação de porta em porta e apresenta um relatório magro ou insignificante em comparação com a média nacional, ele pode, se não apresentar um bom motivo, ser classificado como alguém que carece de ajuda para “crescer na fé” e, não raro, será pressionado pelos líderes a fim de compreender a suposta “urgência dos tempos” nos quais se encontra.

Muitas vezes, em uma congregação com vários anciãos, desenvolve-se um sentimento de rivalidade e, ocasionalmente, surgem disputas por privilégios e cargos de destaque. Geralmente, os que têm mais talentos naturais como boa oratória e habilidades de ensino, destacam-se diante dos demais; homens deste

tipo, mesmo mais jovens, conseguem galgar posições de liderança mais rapidamente, o que às vezes, acaba despertando a inveja de alguns veteranos. Em minha congregação haviam poucos varões na dianteira, porém, a busca por destaque e privilégios por parte de alguns causava algumas dificuldades. Assim que fui integrado à comissão de serviço desta congregação, recebi, devido minhas habilidades de ensino, diversas funções muito importantes; uma destas funções, era a gestão da Escola do Ministério Teocrático, uma reunião congregacional que desenvolve as habilidades de oratória dos membros matriculados. As congregações patrocinam uma segunda reunião que se inicia logo após a escola, essa é a Reunião de Serviço, a qual, através de discursos e orientações oficiais, prepara os publicadores para pregar de porta em porta. Pois bem, certa noitinha alguns oradores de partes dessas reuniões faltaram e, como eu era o responsável pelas designações, fui obrigado a substituí-los em cima da hora. Nunca tive dificuldades com isso, pois preparava a maioria das partes com antecedência. Havia me habituado a preparar substituições quando trabalhei no território isolado citado em um capítulo anterior. Depois da reunião, o ancião secretário, a quem chamaremos de José Carlos, puxava conversa com o presidente Petrônio da Rocha e notei que falavam a meu respeito. Eles então me chamaram e o irmão Rocha disse o seguinte:

– Irmão Osmanito, notamos que você praticamente fez a reunião inteira sozinho. Sabemos que o irmão tem excelente oratória e muita habilidade para ensinar, porém, isso não justifica sua atitude.

– É verdade – Completou o secretário José Carlos – tanto na Escola como na Reunião de Serviço, você discursou mais de uma vez. Eu, por exemplo, não tinha parte nenhuma hoje. Porque não recebi nenhuma designação? Você é recém-chegado na congregação, e não fica bonito um novato querendo se mostrar dessa maneira.

Fiquei olhando para os dois um pouco surpreso, porém indignado. Como sempre, procurava evitar discussões ou vexames entre irmãos e costumava a suportar suas imperfeições calado. Respirei fundo e os convidei a sentar-se; então, apanhei a lista de designações em minha pasta e disse-lhes:

– Desculpem me irmãos, mas acho que vocês estão exagerando um pouco. Não quis me mostrar, nem ofuscar o brilho de vocês. É verdade que sou

recém-chegado aqui, mas, se vocês se lembram, na última visita do superintendente de circuito eu fui designado para estas funções.

Então entreguei-lhes a lista de designações e conclui:

– Se observarem a lista de designados para hoje, irão ver que os discursos que tive de substituir eram responsabilidade de irmãos que não estiveram presentes; estes irmãos não me informaram com tempo hábil que não estariam na reunião, por isso, tive de me incumbir de suas partes em cima da hora.

Meio a contragosto, o irmão José Carlos concordou, mas ainda atacou:

– Sim, é claro..., mas você não precisava fazer todas as partes dos que estão ausentes. Eu, por exemplo, estou sempre preparado para substituir qualquer designação, mesmo em cima da hora; se tivesse me contatado não precisaria ter feito a reunião sozinho. Da próxima vez, não há mais desculpas.

O irmão José Carlos, o secretário, era um irmão veterano que tinha esposa e quatro filhos. Era um antigo conhecido da outra congregação que eu fizera parte anos atrás. Éramos relativamente achegados um ao outro, mas, depois que me viu chegar na congregação onde servia atualmente e galgar cargos de liderança, cargos estes que almejava para si, passou a me tratar de maneira bem diferente.

Eu, o responsável em distribuir as partes relacionadas ao ensino, precisava melhorar a qualidade da instrução do grupo; tinha que tornar as reuniões menos enfadonhas e monótonas. Com este objetivo em mente eu procurava designar os melhores oradores e leitores para as partes de peso. O irmão José Carlos, embora fosse um ancião exemplar e alegasse estar sempre preparado para substituir qualquer orador ausente, tinha enorme dificuldade para se expressar e falar em público; faltava-lhe fluência e o pior, tendo apenas o nível primário, ele era um péssimo leitor. Muitas vezes, usava dolorosos minutos para ler alguns simples parágrafos e quando o fazia da tribuna, gaguejava, soletrava e trocava as palavras. Quando eu o aconselhei, dizendo que deveria treinar a leitura um pouco mais, ele se desculpou afirmando que apenas precisava trocar os óculos; entretanto, mesmo após adquirir lentes novas, continuou tendo a mesma dificuldade para ler que antes. Quando subia ao

púlpito para proferir um discurso de quinze minutos, a assistência suspirava em desânimo; a aflição era ainda maior quando discursava por 45 minutos em uma reunião pública. Me lembro que, ao receber uma solicitação de oradores de uma congregação vizinha, me recomendaram que não designasse o “orador” em questão sob hipótese alguma. O pior, era que o irmão José não reconhecia a sua incompetência e, além disso, se ressentia muitíssimo se o designávamos para partes rápidas como anúncios e perguntas e respostas. Quando eu preparava a lista de discursos públicos para o mês, ele ia ao quadro de informações, contava as vezes que seu nome aparecia entre as designações e daí reclamava com os outros anciãos. Éramos cinco anciãos, fora os servos ministeriais. Dentre os cinco, três eram horríveis palestrantes. Por sorte, a congregação possuía dois servos ministeriais que tinham excelente leitura e desenvolviam muito bem suas palestras; assim, era possível ter uma programação razoável de discursos semanais.

Uma certa ocasião, véspera da comemoração da morte de Cristo, um evento anual realizado pelas Testemunhas de Jeová em todo o mundo, os anciãos de nossa congregação se reuniram para decidir sobre os arranjos relacionados. Um dos tópicos era a escolha do orador do discurso do pão e do vinho. Lembrando-me das recomendações do escritório da Torre de Vigia, não titubeei e disse:

- Como é de praxe, devemos usar o melhor orador que tivermos na congregação.

Ora, todos sabiam quem era o melhor orador entre nós. A maioria concordou que eu deveria fazer o discurso da comemoração; porém, como já imaginava, houve ressentimentos, pois, o irmão José Carlos intencionava ser escolhido para o privilégio. Insatisfeito, mas vencido pela maioria, confirmou dizendo:

– Tudo bem... o irmão Osmanito irá proferir o discurso. Entretanto, na próxima semana, após o evento da comemoração, teremos o discurso especial. Quem devemos escolher para a conferência?

O discurso especial, é uma palestra inédita enviada pelo escritório da Torre de Vigia; geralmente, este esboço tem como base algum assunto de necessidade das congregações mundiais. Após o discurso ser proferido, ele passa

a fazer parte do conjunto de títulos disponíveis para os oradores locais. Em resposta à questão levantada pelo secretário, dei a seguinte sugestão:

– O discurso especial é tão importante quanto o discurso da comemoração. O que acham de convidarmos um dos oradores de congressos de distrito de nossa cidade?

Daí, citei alguns nomes de anciãos de espetacular oratória que poderiam sentir-se honrados em discursar em nossa congregação. A ideia agradou a maioria e, por fim, fizemos o convite a um dos oradores alistados. Não preciso dizer que o irmão José ficou bastante irritado. Mas, ele iria ficar mais irritado ainda porque eu tinha uma excelente ideia para aplicar nos meses seguintes. Ao elaborar a lista de oradores para as palestras públicas de domingo, entrei em contato com os melhores oradores da região e expedi-lhes convites para que nos visitassem a fim de proferirem discursos com temas variados. Nessa lista, praticamente não havia oradores de nossa congregação, com exceção de simpósios com servos ministeriais. Quando os irmãos da congregação foram ao quadro de anúncios e viram a nova lista de oradores, ficaram muito alegres e fizeram bastante elogios, pois apreciavam bastante ouvir discursos com tais convidados; por outro lado, o irmão José Carlos, como sempre, não estava muito contente; ele era um dos que haviam ficado furiosos ao procurar em vão o seu nome na lista de oradores.

Um ou dois meses depois, tivemos a visita do representante da Torre de Vigia à congregação. Quando ocorre a semana da visita do superintendente, este lidera a pregação dos grupos no território. Isso torna possível que a congregação se empenhe em ir de casa em casa sob sua supervisão todos os dias em que fica hospedado a cargo da comunidade. Pois bem, o irmão José Carlos, jamais ia aos sábados pregar de porta em porta e tampouco se oferecia para liderar grupos de pioneiros no meio da semana; entretanto, durante a visita do representante, ele curiosamente, fazia questão de acompanhá-lo todos os dias da visita. Desta forma, ao ter a oportunidade de pregar na companhia do superintendente por mais tempo, o irmão Carlos fornecia-lhe um relatório não oficial de tudo que havia ocorrido na congregação nos últimos meses, inclusive, colocava para fora todas as suas mágoas pessoais. Nesta visita, durante as reuniões dos anciãos com o representante de Betel, este me dirigiu a palavra dizendo:

– Tenho ouvido reclamações de que alguns irmãos estão sendo passados

por alto nas designações para discursos e partes. Disseram que muitos oradores de outras congregações estão sendo convidados e os de casa estão sendo esquecidos. Vocês devem lembrar-se, que estes convidados de fora, não conhecem este grupo tão bem como os que convivem com ele, sendo assim, não podem destacar nos discursos as necessidades da congregação com a qual não têm muita intimidade.

Ao ouvir isso, notei que alguns sorrisos se formaram. É claro que as palavras do superintendente eram razoáveis, mas não expressavam o melhor plano de fundo para a questão. Bom, nessa hora, aproveitei para lavar um pouco de roupa suja. Entre outras coisas, disse o seguinte:

– Como todos vocês sabem, nossa congregação é muito carente de bons oradores. Os irmãos já sofrem bastante tendo de nos ouvir nas reuniões da escola e serviço, imagine continuarem a fazê-lo semana após semana, em discursos maçantes de 45 minutos todos os domingos. Além disso, quero acrescentar que foram vocês mesmos que me incumbiram de fazer as listas de oradores para estas reuniões; não é uma tarefa fácil agradar a todos. Principalmente quando alguns decidem não apoiar o arranjo. Se tiver que agradar alguém, prefiro agradar à congregação; aliás, nenhum dos irmãos de nosso grupo reclamou da lista, com exceção dos membros da dianteira que não estavam relacionados nela. – Eu já estava de saco cheio daquilo e concluí – Na minha opinião, quem deve fazer a lista para o discurso público e reunião de serviço é o Presidente da congregação e não o Superintendente da Escola. Aliás, sugiro que o irmão Petrônio da Rocha assuma sua responsabilidade.

Depois disso, o irmão Rocha ocupou-se em definir a lista de designações para discursos e partes; eu passei a me dedicar mais à Escola Teocrática e sugeri que me dessem o mínimo de designações possíveis para a reunião de serviço. Algumas vezes, quando recebia um discurso público e estava bastante atarefado, repassava-o para o irmão José Carlos para que proferisse em meu lugar; ele, é claro, ficava pulando de contente, mas os outros anciãos não gostavam nem um pouco, afinal, ouvi-lo gaguejar durante mais de meia hora era uma “grande tribulação”.

Um certo dia, recebi um telefonema do irmão José Carlos. Ele disse em um tom bastante preocupado:

- Encontre-me na residência do irmão Rocha. O assunto é sério.

Por acaso, neste dia, estávamos sendo anfitriões de uma Assembleia de Circuito. Nestas ocasiões, durante a semana de assembleia, a congregação privilegiada, além de hospedar os superintendentes de circuito e distrito com suas respectivas esposas, recebe também uma visita de circuito similar à que já expliquei acima, só que, desta vez, com os dois representantes da filial da Torre de Vigia. Durante a visita especial, realizada à véspera de um ajuntamento regional, não há outras reuniões a não ser na congregação anfitriã. Em resultado disso o Salão do Reino fica completamente lotado. Pois bem, quando me encontrei com o irmão José Carlos na residência do irmão Petrônio, este estava muito abalado. Queria nos confessar um suposto pecado que incomodava a sua consciência. Nós nos colocamos a disposição para ouvi-lo:

– Irmãos, minha consciência tem me atormentado bastante... na última comemoração, quando subi à tribuna para proferir o discurso do pão e do vinho, me senti muito mal. Tenho orado pelo perdão da parte de Jeová. Somente agora tomei coragem para superar a vergonha e confessar a vocês esta falha.

Nós ficamos muito assustados e olhamos um para o outro. Me pareceu ver nos olhos do irmão José Carlos um misto de surpresa e contentamento. Pensei ser apenas uma impressão e me concentrei em ouvir com empatia o relato do irmão Petrônio. Com os olhos marejados ele continuou:

– A algum tempo atrás... era tarde da noite... minha esposa recolheu-se ao quarto para dormir... eu permaneci na sala e resolvi procurar alguns canais diferentes na televisão. Então, me deparei com um filme com cenas de nudez... passavam cenas onde uma atriz se insinuava de maneira sensual... eu não consegui desligar a TV como a organização orienta fazer, nem tampouco mudar o canal... eu queria ver aquelas cenas, e esperava por coisas mais quentes... fiquei muito excitado!

O irmão Petrônio fez um breve silêncio, baixou a cabeça, limpou as lágrimas que rolavam pelo rosto e continuou com a voz embasbacada:

– Irmãos, não havia ninguém acordado... eu estava sozinho na sala com aquela cena de perversão na tela da TV. Então, como a personagem continuava cada vez mais ousada e isso me excitava muito, deitado no sofá como estava,

folguei as calças e comecei a me masturbar.

Olhei para o irmão José Carlos que ouvia atentamente o relato do irmão Petrônio, ele continuava sério e imóvel, aguardando o desfecho das palavras do emocionado ancião que continuou a falar:

– Enquanto a atriz demonstrava extrema sensualidade eu me entregava ao frenesi do ato da masturbação... algo me dizia que aquilo era errado e que deveria parar imediatamente, desligar a televisão e orar a Deus pedindo perdão..., mas eu não conseguia parar... era mais forte que eu! Então, a excitação foi aumentando em meio aos movimentos de minha mão. Eu estava com os olhos fixos na tela... finalmente... acabei tendo um orgasmo. Foi algo que me deixou extasiado por alguns momentos... então, quando me recompus a cena já havia passado... senti como se Satanás gargalhasse de mim, pois enviara um demônio para me provar e eu não tinha sido forte o bastante. Fiquei arrasado. Tentei minimizar a questão e fui dormir. No outro dia contei à minha esposa; ela me entendeu, me perdoou e não me imputou nada. Não tocamos mais no assunto. Mas, eu não confessei aos anciãos e minha consciência sempre me acusava quando recebia algum privilégio ou subia à tribuna para falar a palavra de Jeová.

O irmão Petrônio fez uma longa pausa após tomar uma profunda respiração. Parecia que um grande peso havia sido retirado de suas costas. Já não estava tão triste como antes e sentia-se confiante para levantar a cabeça e olhar em nossos olhos. Ele prosseguiu:

– Irmãos, eu me sinto bem melhor. Não é fácil ter na consciência um pecado ou um erro moral. – Ele mudou o tom e concluiu dizendo – Agora, vocês devem se reunir para ver o que farão em meu caso. Sei que posso perder o cargo de ancião na congregação, mas estou pronto para o que der e vier. O importante é que seja resolvido o mais rápido possível, já que estamos na visita dos superintendentes de circuito e distrito. Creio que eles poderão ajudá-los a decidir sobre a questão.

Infelizmente, a ideia do irmão Petrônio não tinha sido das melhores: Levar o caso aos dois superintendentes visitantes. O representante do distrito era um ancião muito criterioso, sem dúvida muito exigente e isso não iria ficar muito

bem, pensava eu. Mas, havia algo mais que me preocupava. O irmão José Carlos, o secretário ávido por privilégios, parecia ter ficado contente com a confissão do ancião. Eu não sabia, mas a tempos ele cobiçava o cargo do então presidente da congregação e, sendo o secretário e o mais antigo ancião daquela comunidade, estava sem sombra de dúvidas no topo da lista de sucessão. Assim como sugerido pelo próprio irmão Petrônio, procuramos os representantes da Torre de Vigia para participarmos o caso e decidir o que deveria ser feito. Depois de contarmos todo o relato aos líderes, o superintendente do distrito argumentou:

– Vejam... o irmão Petrônio masturbou-se enquanto assistia a uma cena pornográfica. Ele foi até o final em seu ato. Além do mais, ele teve uma interação com a atriz pornô... este é o grande problema! Não o ato em si, mas a questão da ligação sexual virtual que ele exerceu enquanto se masturbava. Notem, ele atingiu o clímax enquanto nesta interação... isso é grave... não posso ver um ancião subindo na tribuna enquanto oculta tal erro...

Depois de algumas considerações à base de orientação fornecidas pela Torre de Vigia, os superintendentes concluíram:

– Entretanto, tal conduta não pode ser classificada como um pecado grave que leve à desassociação, até mesmo porque ele a confessou espontaneamente. Também, não é algo que o desabone como pessoa. Achamos que ele apenas deve ser destituído de seus privilégios por um período.

De posse destas informações, eu, o irmão José Carlos e um outro ancião, a quem chamaremos Silvio, muito achegado ao Petrônio, decidimos nos reunir novamente. Quando chegamos para a reunião o irmão Silvio já tinha conversado com o irmão Petrônio sem que o soubéssemos. Não sabíamos o que haviam conversado, mas o irmão Petrônio tinha mudado de ideia com respeito à formação de uma comissão. Ele nos disse:

– Irmãos, eu gostaria de mudar o depoimento que fiz. Eu estava muito abalado no momento e acabei agindo à base da emoção. Não acho que o que eu fiz seja algo tão grave que necessite ser julgado por uma comissão judicativa... também, não posso perder os meus privilégios conquistados a tão duras penas...

Eu então perguntei ao irmão o que havia lhe induzido a mudar de opinião, uma vez que havia demonstrado tanta firmeza e convicção no dia

anterior. O irmão Silvio, que estivera calado até então, rompeu o silêncio e disse:

– Estive ontem com o Petrônio e ele me contou o assunto. Eu lhe disse que isto era algo que podia ser resolvido entre amigos.

– O problema – disse eu – é que ontem, após nos confessar o que lhe atormentava, o irmão nos orientou a falar com os representantes da Torre de Vigia e participar-lhes o assunto. Além disso, nos cobrou urgência na questão. Pois bem, você é o presidente... foi o que fizemos. Agora, não somos apenas nós três que sabemos do assunto.

– Para o Superintendente, – destacou o irmão José Carlos – você não pode mais continuar com o cargo de ancião, foi o que nos disseram. E ainda tem mais, o que você contou, contou diante de duas testemunhas. Não podemos dizer a eles algo diferente do que já lhes contamos!

De qualquer maneira nós resolvemos ir juntos e apresentar aos representantes da Torre de Vigia a nova versão, na qual, o irmão minimizava sua suposta transgressão moral. Entretanto, o Superintendente de Distrito não aceitou de bom grado nossas sugestões e manteve a restrição afirmando:

– Ora, irmãos! O ancião conta a vocês uma história com toda a sinceridade, afirma estar disposto a aceitar a correção da parte de Jeová e agora, muda sua versão dos fatos e diz que não foi bem assim... pois bem, se ele for enfrentar uma comissão judicativa, pode, além de tudo, ser acusado de prestar falso testemunho.

Finalmente, ficou determinado que o irmão Petrônio da Rocha perderia os privilégios de liderança e que o aviso seria dado publicamente na semana seguinte. Foi algo lamentável e a congregação ficou muito triste com o ocorrido. Pois bem, durante aquela visita, em meio a este clima, os superintendentes de circuito e distrito escolheriam quem iria substituir o presidente deposto. O irmão José Carlos estava para saltar da cadeira, pois dava como certa sua aprovação para o cargo; porém, o superintendente de circuito, que conhecia melhor cada um de nós, obteve a palavra de seu superior e nos surpreendeu dizendo:

– Bom, sei que qualquer um dos irmãos podem muito bem desincumbir-se desta tarefa, mas creio que no momento, a pessoa mais indicada para o cargo é

o irmão Osmanito. O que vocês acham dessa escolha? – Perguntou – E você irmão Osmanito, aceita a designação?

Fiquei surpreso e preocupado, mas estava tranquilo; eu agradeci a confiança depositada em mim pelo representante e falei sobre a experiência adquirida nos sete anos em que servira em uma congregação isolada. Disse-lhes que, certamente, tal oportunidade de treinamento havia sido uma provisão para a situação que se desenvolvera naquele momento, portanto, não podia negar o privilégio de serviço que me seria confiado. Um a um, os anciãos foram convidados a se expressar e todos concordaram com a escolha. O irmão José Carlos, finalmente abriu a boca e disse:

– É... Seja feita a vontade de Jeová!

O irmão Petrônio, após o anúncio da perda de seus privilégios, foi tomado de extrema tristeza. Nada lhe era mais valioso que servir como ancião congregacional. Caiu em depressão. Também, a sua esposa e os filhos, que viviam em torno da rotina espiritual da comunidade, ficaram muito abalados. Sua filha única, depois disso, começou a namorar um descrente e algumas vezes era flagrada namorando à porta da frente de sua casa. O irmão Petrônio havia perdido a franqueza no falar. Para piorar, o grupo de estudo de livro que era realizado em sua residência por mais de uma década, foi cancelado; afinal, não eram mais uma “família exemplar”, portanto, indignos de tal privilégio. Hoje, eu vejo que houve muita injustiça na decisão tomada e que tal coisa veio a lhes prejudicar grandemente. Um bom tempo depois, quando tivemos uma reunião especial de instrução para anciãos, popularmente conhecida como “Escola do Ministério Reino”, fomos informados que, se um ancião confessasse ter visto ocasionalmente material pornográfico, ou mesmo incorrido em masturbação e que não tivesse mais problema com tais práticas, não precisaria ter seus privilégios cancelados, desde que sua consciência lhe permitisse continuar a exercê-los. Infelizmente, para o irmão Petrônio, a “nova luz” havia chegado tarde demais.

Após a visita dos superintendentes, eu era agora o ancião presidente da congregação. Certamente não era fácil esta responsabilidade. A grande maioria dos irmãos, não têm o ponto de vista cristão dos privilégios de liderança de uma congregação. Em certa ocasião, uma humilde estudante da bíblia que frequentava as reuniões com frequência, aproximou-se de uma pioneira regular,

esposa de um dos anciãos e perguntou-lhe:

- Irmã, estou precisando de novas lentes para meus óculos... será que os irmãos não poderiam me dar uma ajuda para adquiri-las?

A pioneira respondeu grosseiramente à pobre estudante:

– Irmã, está vendo aquela senhora lá na frente? É a esposa do irmão Osmanito, o presidente da congregação. É com ela que você deveria solicitar este tipo de informação ou ajuda.

Para esta irmã, muita insatisfeita com minha recente designação, o cargo de um ancião presidente era simplesmente uma ocupação política; de seu ponto de vista, eu era um governante, e minha esposa uma espécie de primeira dama, alguém responsável pelas questões sociais do grupo. É preciso destacar para os que não conhecem o funcionamento da organização internamente, que os anciãos e líderes prestam serviço de forma voluntária, isto é, não recebem ou cobram pelas atividades que exercem. A atitude dessa irmã e de alguns outros em relação ao privilégio que eu ocupava me faziam ficar bastante decepcionado com o gênero humano. Durante o tempo em que dirigi esta congregação fomos muito felizes e fizemos muitos amigos; entretanto, com o tempo, passei a odiar intensamente o título “Presidente”. Bem, atualmente, as congregações não usam mais este termo para se referir ao ancião responsável; agora, o antigo presidente é denominado pelo título “coordenador”, o que lhe confere, à primeira vista, uma aparência menos centralizadora. A noiva, claro, é a mesma, só mudaram o penteado.

Capítulo XIII
A Crise de Consciência: A um Passo da Decepção

Como presidente de uma das congregações mais antigas da região e destacando-se como excelente orador púbico, tive o privilégio de discursar diante de milhares de pessoas em assembleias e congressos das Testemunhas de Jeová. Fiz simpósios, discursos, entrevistas, resumos de “A Sentinela”, lançamentos de publicações e trabalhei com grupos de irmãos como diretor e apresentador de um teatro bíblico, também chamado de “Drama”, que é geralmente encenado durante os Congressos de Distrito de verão. Eu estava praticamente no topo do progresso espiritual e do que era possível um pai de família como eu conquistar. Me esforçava ao máximo em cumprir da melhor maneira possível tudo que me era designado; logo, estava ao lado dos grandes líderes do circuito e distrito e gozava de sua estima e confiança. Então, nesta época, sondaram meu nome para compor na região um grupo da COLIH (Comissão de Ligação com Hospitais), uma comissão de anciãos que recebe informações técnicas da Torre de Vigia e, contata e auxilia médicos e cirurgiões cooperadores dispostos a realizar cirurgias sem sangue. Me interessei bastante por esta modalidade de serviço, pois entendia que o seu objetivo era ajudar irmãos a evitar problemas na busca de tratamentos alternativos às transfusões. Para quem não sabe, as Testemunhas de Jeová são orientadas pela sua liderança internacional, a considerar procedimentos e terapias médicas que utilizem sangue, como sérias violações da lei divina. Este dogma radical da seita, infelizmente, tem causado a morte de muitas pessoas ao longo das décadas. Os seguidores da organização da Torre de Vigia, não apenas negam transfusões de sangue e alguns procedimentos para si mesmo, mas também os negam para os que estão sob sua responsabilidade. Isto quer dizer que os filhos pequenos que ainda não são membros batizados, ou ainda incapazes de tomar suas próprias decisões com respeito a tratamentos de saúde, podem vir a óbito se durante uma cirurgia ou tratamento urgente precisarem de uma transfusão sanguínea, a qual os pais ou responsáveis negarão com firmeza. Estes casos não são incomuns e, mesmo no Brasil, muitos jornais já veicularam reportagens onde pais Testemunhas de Jeová foram levados à delegacia ou processados por negarem sangue a um menor, causando assim a sua morte. A COLIH é um esforço da

organização da Torre de Vigia para diminuir as perdas de pacientes e conscientizar equipes médicas na busca por alternativas. Quando assisti a algumas reuniões da comissão, que eram geralmente dirigidas pelo Superintendente de Circuito e representantes nacionais da Torre de vigia, algo me deixou bastante pensativo. Tratava-se de uma série de “perguntas difíceis”, às quais, nem mesmo a liderança internacional fornecia respostas claras. As perguntas, eram basicamente questões sobre detalhes obscuros da proibição das transfusões de sangue e de sua validade bíblica. Por exemplo, se os glóbulos brancos não podem ser transfundidos em uma testemunha de Jeová, por se tratar de um componente “primário” do sangue, porque alguém, em sã consciência, poderia aceitar o transplante de um órgão, que contém uma grande quantidade dos mesmos glóbulos brancos proibidos? E ainda, se os glóbulos brancos são uma parte primária dos componentes do sangue e, por isso proibidos por Deus, porque alguns alimentos naturais, como o colostro do leite materno, possuem uma alta concentração destes? Outra pergunta ficava sem resposta: Se Deus proíbe que o sangue de uma pessoa seja direcionado ao organismo de alguém, a fim de manter sua vida, por quê existe por exemplo, uma espécie natural de transfusão intrauterina entre a mãe e o bebê quando este está em formação no seu ventre? Estaria Deus violando suas próprias leis? E o que dizer dos critérios utilizados para classificar as frações de sangue que a organização permite ou não fazer uso?

Tudo parecia não fazer sentido algum. Ao meditar sobre tudo o que tinha estudado nas reuniões da COLIH, fiquei extremamente confuso. Por fim, cheguei à conclusão de que a liderança internacional, estava cometendo um grande erro em esmiuçar a questão das transfusões; além disso, estava impondo aos fiéis detalhes não especificados nas escrituras sagradas. Ora, isso me lembrava os fariseus dos dias de Jesus; estes, não satisfeitos com os rigores da lei dada por Moisés, ainda sobrecarregavam o povo comum com uma série de regras inventadas. Ao fazer isso, aqueles líderes religiosos invalidavam a lei de Deus por causa de suas tradições orais. Estávamos fazendo, talvez, algo similar àqueles líderes que Jesus havia condenado. Nosso objetivo como cristãos era divulgar o reino e não ficar envolvidos em questões médicas, técnicas, criando regras detalhistas que iam além das escrituras. Isso tudo tomava um tempo muito precioso dos homens da dianteira, tempo este, que poderia ser usado melhor na realização de visitas de pastoreio e ensino congregacional. Evidentemente, este era um conceito pessoal, baseado em minha racionalização e eu não me atreveria a questionar abertamente o assunto para expor meus sentimentos; eu sabia que

uma crítica aberta poderia me causar problemas.

Como eu era totalmente leigo neste assunto e tinha a necessidade de estudar mais a respeito de técnicas e procedimentos médicos relacionados às transfusões de sangue, fui orientado por um ancião, o qual mais tarde tornou-se sogro de minha filha, a usar a internet para buscar informações sobre o assunto. Quando pesquisei na internet o termo “transfusões de sangue”, encontrei muitos sites com artigos dos mais diversos possíveis. Entretanto, um título me chamou a atenção: “*Carta aberta de anciãos membros da COLIH*”.

A princípio, relutei em acessar o link, pois imaginei que me levaria a um site apóstata ou a informações críticas lançadas por ex-membros contra a organização; como talvez saiba, as Testemunhas de Jeová são fortemente aconselhadas a evitar quaisquer matérias produzida por dissidentes de sua religião e eu, sendo muito fiel às regras e normas da organização, levava estritamente a sério essa orientação da liderança internacional; entretanto, decidi ler o texto sugerido pelo buscador. A suposta carta, tinha todos os indícios de ter sido escrita por um membro da comissão para hospitais. Por outro lado, poderia ter sido redigida por um dissidente munido de informações privilegiadas, por isso, mantive certa cautela. Basicamente, o conteúdo do documento destacava as contradições encontradas na proibição das transfusões de sangue; era algo que eu já tinha conhecimento, inclusive, as tais “perguntas sem respostas” estavam lá e traziam alguns comentários bastante lógicos. Para finalizar, a carta dizia que muitos membros da COLIH, ficavam aliviados quando uma ordem judicial era emitida, o que resultava na salvação de uma vida. Isso me deixou chocado, afinal, eu não era o único a nutrir sérias dúvidas com respeito a este dogma doutrinário.

Certo dia, recebi em minha casa a visita de uma irmã que pessoalmente eu não conhecia. Ela me disse que estava para dar à luz um bebê e corria o risco de sofrer uma cesariana, por isso, havia preenchido o “Cartão de Diretrizes para a Equipe Médica”, ou o “Cartão do Sangue” (como era chamado) e precisava que eu o assinasse como seu procurador. Este documento, assinado pela testemunha e conduzido sempre junto ao corpo, possui informações que orientam os profissionais de saúde a não aplicar sangue no paciente caso este seja encontrado inconsciente. Depois de conversar sobre as suas condições de saúde, eu tranquilizei a jovem senhora e afirmei que tudo iria ficar bem, que dificilmente, mesmo se precisasse de uma cesariana, ela iria correr o risco de receber uma transfusão; depois assinei o documento, o que a deixou mais tranquila e agradecida. Depois de algum tempo, já recuperada, esta irmã me

visitou novamente e disse que estava tudo bem com ela e o bebê. Eu fico pensando o que teria ocorrido, se ao invés dessa irmã, fosse o bebê quem corresse o risco de necessitar de uma transfusão urgente. Infelizmente, muitos bebês, filhos de Testemunhas de Jeová, morreram em leitos de hospitais porque seus pais negaram-lhes uma transfusão que poderia salvar-lhes a vida.

Algumas vezes, por ser o presidente da congregação, precisava fazer discursos orientadores na reunião de serviço, nos quais, destacava a importância de andar sempre com o "Cartão do Sangue" na bolsa, carteira, ou junto ao corpo. Geralmente, precisávamos deixar claro quão sério era violar a lei divina com respeito ao uso "não aprovado" do sangue. Durante a palestra, entregávamos aos irmãos batizados, documentos em branco para que pudessem preencher com seus dados e assiná-los. Manter o cartão consigo evitaria por exemplo, que um membro recebesse uma transfusão se estivesse impossibilitado de negá-la pessoalmente. Para os filhos de testemunhas menores de idade ou não batizados, a Torre de Vigia costumava prover um modelo simplificado na cor azul, geralmente preenchido pelos próprios pais ou responsáveis. Era possível, durante as reuniões, responder alguns questionamentos, mas isso sempre ocorria a nível pessoal. Eu creio que as partes que destacavam a questão do sangue, eram propositalmente designadas pela filial em forma de discursos para que se evitasse, por parte da assistência, o surgimento de "perguntas sem respostas", as quais, se fossem feitas em grupo, poderiam causar muita confusão e dúvidas. De fato, os detalhes relacionados às frações e procedimentos médicos considerados "impróprios", eram algo complicado para a maioria compreender. Apesar de matérias relacionadas estarem disponíveis para consulta, muitas vezes, um irmão ou irmã dirigia-se até mim com o cartão em mãos e perguntava:

- Irmão, o cartão fala sobre as frações de sangue e me fornece duas opções para marcar: "Recuso todas..." e "Recuso todas exceto..."; a minha dúvida é: Quais devo recusar e quais eu posso aceitar?

Além da questão das frações de sangue, isto é, diminutas partes obtidas dos denominados "componentes primários", a saber, o plasma, glóbulos vermelhos e brancos, e as plaquetas, aceitáveis para uma testemunha, existiam as restrições a procedimentos médicos considerados comuns, como o uso de sangue do próprio paciente estocado, as chamadas transfusões autólogas. Para a organização Torre de Vigia, que apresenta sempre uma suposta base bíblica para suas proibições, ao sair do corpo, o sangue não pode mais ser usado e precisa ser

inutilizado; isso quer dizer que, em “sã consciência”, um membro da seita está impedido de coletar o próprio sangue antes de uma cirurgia de risco e depois transfundi-lo em seu próprio organismo. Para impor essa proibição que beira o ridículo, a liderança das Testemunhas de Jeová usa a passagem bíblica de Levítico 17:13, onde a Lei Mosaica orienta os judeus a cobrir com terra o sangue de um animal que foi morto para servir de alimento. Por outro lado, me incomodava o fato que a organização liberava o uso de frações de sangue geralmente utilizadas em medicamentos. É claro que, para produzir medicamentos que fazem uso de frações sanguíneas, algum sangue precisa ser armazenado; isso quer dizer que as testemunhas não aceitam transfusões, nem mesmo do próprio sangue armazenado, mas aceitam de bom grado as frações do sangue doado por terceiros, obtidas através de um processo que elas mesmas condenam. Além disso, é de conhecimento que, para se produzir uma pequena fração de componentes sanguíneos que as Testemunhas de Jeová aceitam como medicamento, são necessários vários litros de sangue. Nada podia ser mais contraditório. Como podemos ver, as diversas regras e normas criadas pela organização da Torre de Vigia com o objetivo de estender a proibição bíblica do uso do sangue ao âmbito da medicina, acabam por estabelecer um conjunto de ambiguidades e contradições, que são capazes de dar um nó no cérebro de qualquer pessoa.

Depois de pensar bastante sobre o assunto, decidi que, por ter sérias dúvidas sobre a coerência da proibição das transfusões de sangue, não estava apto a ser um membro da COLIH. É claro que eu não iria falar com os demais anciãos sobre isso e trazer uma série de problemas; simplesmente, aleguei estar sobrecarregado com as muitas responsabilidades congregacionais e familiares, portanto, impedido de exercer as funções exigidas para o privilégio em questão, o qual, demandava tempo e dedicação.

O tempo passou e eu continuei cumprindo o papel de ancião presidente na minha congregação. Meus filhos estavam crescendo e as necessidades familiares aumentavam cada vez mais. Ainda não tínhamos casa própria e morávamos de aluguel, o que diminuía muitíssimo a nossa limitada renda familiar. Devo confessar-lhes que, ainda naquela época, eu não havia concluído o segundo grau, o que tornava muito difícil conseguir um bom emprego ou mesmo prestar algum concurso público. Minha esposa, também, mal havia começado o ginásio quando me conhecera, daí, após o nascimento dos filhos, nunca mais tentara reiniciar seus estudos. Como a extensa maioria das Testemunhas, vivíamos na expectativa do Armagedom que, de acordo com os

cálculos da Torre de Vigia, poderia irromper a qualquer momento. Como membro da organização, acompanhei a passagem de duas grandes datas nas quais, a expectativa do fim atingiu um grande auge. Uma destas datas foi o ano de 1995. Neste ano, completavam-se 80 anos da suposta entronização de Cristo Jesus como rei nos céus em 1914. De acordo com a cronologia das Testemunhas de Jeová, o Armagedom viria o mais tardar, uma geração após 1914. Pois bem, o prazo findaria em 1995. Todos esperávamos que algo pudesse ocorrer no cenário mundial, disparando eventos que fariam irromper a "grande tribulação" mencionada por Jesus em Mateus 24:21, a qual, por fim, culminaria na terrível guerra de Deus o Todo-Poderoso, o Armagedom. Esta guerra universal, iria destruir completamente todos os governos e as religiões do mundo, inclusive os que não houvessem aceitado as boas novas pregadas pela organização da Torre de Vigia. Os mortos por Jeová durante o Armagedom, seriam para sempre destruídos e não mais ressuscitariam; Testemunhas de Jeová negligentes, que embora tivessem condições de fazer mais em prol do reino, mas não davam o melhor de si, poderiam ser eliminadas para sempre com o restante do mundo de Satanás. O tempo estava muito próximo e não deveríamos olhar para o mundo como se ele ainda pudesse nos oferecer alguma coisa. Precisávamos fixar nossos olhos singelos nas promessas divinas, pregando com urgência as boas novas e deixando para trás todos os nossos sonhos e planos seculares, afinal, algo maior e muito mais importante estava agora em jogo: A "soberania de Jeová"!

Infelizmente, apesar das expectativas proféticas e do pânico gerado pela Guerra do Golfo no início da década de 90, o ano de 1995 passou sem que nenhum evento significativo ocorresse. A geração de 1914 já completara 80 anos, mesmo assim, não víamos no horizonte próximo nenhum sinal do novo mundo ou do paraíso na terra.

Em novembro de 1995 já tínhamos em mãos a revista Despertai Vol. 76, nº 21. Nela, encontramos com surpresa a seguinte declaração:

> *"... esta revista gera confiança na promessa do Criador de estabelecer um novo mundo pacífico e seguro, prestes a substituir o atual sistema de coisas perverso e anárquico*[8]*. "*

O motivo da surpresa, é que no número **anterior** a esta revista, a de Vol. 76 nº 20, líamos o seguinte no mesmo quadro:

> *"... esta revista gera confiança na promessa do Criador de estabelecer um novo mundo pacífico e seguro, antes que passe a geração que viu os acontecimentos de 1914*[8]*. "*

Parecia que o Armagedom havia sido adiado por Jeová. Até aquela

época, o entendimento da liderança internacional, o Corpo Governante, era que, em cerca de 80 anos no máximo começaria a grande tribulação e esta, prosseguiria arfando até o irrompimento do aguardado, mas temido Armagedom. Entretanto, como tais eventos mostravam estar atrasados em relação à linha cronológica baseada no ano de 1914, manter tais declarações em uma publicação oficial, tornara-se praticamente um tiro no pé. Porém, a nova declaração continuava a alimentar as esperanças dos fiéis de que o fim do sistema pudesse chegar em breve e que a aparente demora não era um motivo válido para esmorecer e diminuir o passo. Era de conhecimento das Testemunhas de Jeová, que a organização da Torre de Vigia havia apontado o século vinte como o século para o cumprimento das profecias bíblicas de Mateus 24 e 25. Veja as seguintes referências. Os destaques sublinhados são nossos:

"Dentro em breve, no nosso século vinte, começará a "batalha no dia de Jeová"
contra o antítipo moderno de Jerusalém, a cristandade."
(As Nações Terão de Saber que Eu Sou Jeová" -- Como? 1973, p. 200)

"Alguns dessa "geração" poderiam sobreviver até ao final do século. Mas existem muitas indicações de que "o fim" está muito mais próximo do que isso!"
(Anuário das Testemunhas de Jeová 1989, p. 3)

"O apóstolo Paulo servia de ponta de lança na atividade missionária cristã. Ele também lançava o alicerce para uma obra que seria terminada em nosso século 20." ***(A Sentinela, 1.º de Janeiro de 1989, p. 12)***

"A palavra profética de Jeová através de Cristo Jesus é: "Esta geração [de 1914] não passará de modo nenhum sem que todas as coisas ocorram." (Lucas 21:32) E Jeová, que é a fonte de profecia inspirada e infalível, trará o cumprimento..."
(A Sentinela, 15 de Maio de 1984, pg.6-7 em inglês)

Como pode ver, na clareza das referências publicadas acima, os fiéis da Torre de Vigia que, basicamente, encaram sua liderança internacional como o canal oficial de Deus na terra, tinham todos os motivos para aguardar a chegada do Armagedom por volta do final do século vinte. As Testemunhas de Jeová, não criaram por acaso as convicções de que o fim do sistema e o estabelecimento do governo milenar estava ao virar da esquina; tais visões foram cuidadosamente inculcadas pelos líderes da Torre de Vigia. Foram eles, os líderes da seita, que ao longo de décadas, implantaram no coração e mente de cada um dos seguidores a falsa expectativa da iminência de uma catástrofe global sem precedentes. Ao fazer isso, os líderes alegavam estar sendo orientados por Espírito Santo. Tudo, segundo estes líderes, iria ocorrer dentro do século vinte. Confiando cegamente

nesses homens equivocados, milhões de Testemunhas de Jeová empenharam-se em divulgar esta falsa esperança em toda a terra habitada. Entretanto, o século vinte passou e nada do que haviam predito ou pregado veio a acontecer. Decepcionados, muitos afastaram-se do seio da seita e, outros, continuaram a olhar para o futuro próximo, ainda convencidos de que estavam sendo guiados por legítimos profetas designados por Deus.

Quando comecei a nutrir as primeiras dúvidas contra as doutrinas da organização, muitas destas coisas citadas voltaram à minha memória; eram como sombras agourentas, fantasmas escarnecedores vindos abruptamente de um passado não muito distante, pedaços multicoloridos de um quebra-cabeças que começava a tomar forma. Eu me encontrava em uma encruzilhada; por um lado, queria continuar acreditando na organização da Torre de Vigia, o grupo que eu havia abraçado com a esperança e devoção de um verdadeiro buscador espiritual; por outro lado, alimentava uma decepção crescente que me contristava cada dia mais. Haviam falhas terríveis, enganos inomináveis, contradições irreconciliáveis e, pela primeira vez após anos, eu começava a duvidar seriamente de minha religião. Entretanto, procurava não alimentar o criticismo aberto; eu estava em meio a pessoas maravilhosas, amáveis e gentis em sua grande maioria, honestas, pacíficas, pelas quais tinha muita afeição. Alimentava-me com o argumento de que não éramos perfeitos e que os nossos líderes, eram igualmente suscetíveis a erros. Sendo os membros do Corpo Governante meros humanos não inspirados, não tínhamos o direito de exigir-lhes interpretações absolutas; precisávamos entender que, se alguns erros eram cometidos na elaboração de dogmas, credos e regras, estes erros não eram propositais e, no fundo, os líderes estavam sempre bem-intencionados. A verdade é que eu me encontrava em plena dissonância cognitiva; minha mente procurava resolvê-la inconscientemente usando padrões de retórica subliminarmente implantados durante anos de doutrinação intensa. Por um lado, não podia negar as evidências que corroboravam os enganos, por outro, tentava minimizar os erros e contradições e até mesmo desculpá-los; para isso, procurava manter em foco apenas o lado positivo da organização e da maioria de seus ensinos. Vivíamos em uma fraternidade mundial, alienada dos vícios, mentiras religiosas, guerras e preconceitos raciais, tão comuns no sistema corrupto, cuja apoteótica derrocada estava, a meu ver, visivelmente próxima. Ora, se eu chegasse ao ponto de duvidar da escolha divina de nossa organização, isso, eu pensava, incutiria duvidar da própria honestidade de Deus. Eu precisava encontrar um meio termo, um conceito equilibrado que não apenas acolhesse as

minhas dúvidas, mas que fornecesse o mínimo de lógica argumentativa, em oposição ao que eu julgava ser simples e meras discrepâncias; isso seria vital para manter acesas as minhas enfraquecidas convicções religiosas. Infelizmente, não parecia haver luz no fim do túnel. Creio que, quando um pensamento crítico se instala em nossa mente, ele desencadeia todo um processo cognitivo; assim como a teia de uma aranha, que começa com poucos fios, mas logo se torna um emaranhado de conexões interligadas, o processo lógico, quando disparado a partir de uma mente analítica, produzirá em pouco tempo uma gama de possibilidades. O conjunto dessas alternativas estabelece por fim um padrão racional do qual é difícil se libertar. Era como me encontrava diante de tantas conjecturas... como um inseto em agonia, preso e imobilizado numa gigantesca teia de conflitos existenciais.

Capítulo XIV
O Passo a passo para Identificar Seitas

O que é uma seita? Basicamente, uma seita é um grupo dissidente de um sistema dominante. Nos dias de Jesus, existiam algumas seitas populares derivadas do judaísmo; duas delas são citadas no Novo Testamento: A seita dos Fariseus e a dos Saduceus. Esta última, era formada geralmente por aristocratas judeus, os que gostavam de destaque e ocupavam quase todas as cadeiras do sinédrio (João 11:46-50; Marcos 14:53; Marcos 15:1). Os Saduceus eram extremamente materialistas e não acreditavam na existência de um mundo espiritual, tampouco criam que Deus interviesse nos assuntos humanos. Os saduceus zombavam da ideia da ressurreição (Marcos 12:18-27). A seita dos Fariseus, era formada basicamente por judeus e comerciantes da classe média. Este grupo, mais popular que os Saduceus, manipulava as massas e, por isso, tinha maior poder de decisão nos julgamentos realizados pelo sinédrio. Os Fariseus criam que a tradição oral era tão importante quanto as próprias escrituras e isso os fez desenvolver e impor ao povo comum um legalismo sem precedentes, o que foi justo e abertamente condenado por Jesus Cristo (Mateus 23). Ao contrário dos Saduceus, os Fariseus mantinham a ortodoxia e eram fiéis a algumas doutrinas importantes das escrituras, a saber, a ressurreição, o julgamento dos mortos e a existência do mundo espiritual (Atos 23:6-8). Apesar de tão diferentes, pelo menos, estas duas seitas tinham algo em comum: Eram ambas, lideradas por assassinos, empenhados em calar Jesus Cristo a qualquer custo em prol dos seus interesses pessoais (João 11:46-53). Estes dois grupos foram explicitamente condenados e expostos por Jesus durante seu ministério; porém, a arrogância dos fariseus, recebeu do Senhor uma atenção especial. Os Fariseus desejavam honra e destaque, procuravam demonstrar através de sua aparência externa, uma suposta devoção piedosa que, definitivamente, não alimentavam em seu coração (Mateus 23:23-28). Os Fariseus sobrecarregavam o povo com mandamentos muito pesados (Mateus 9:36); eram hipócritas, amantes do dinheiro, opunham-se ao propósito divino e sua cegueira espiritual não conhecia limites (Lucas 20:47; Mateus 13:13-15; Lucas 7:29,30). Não foi à toa que Jesus os chamou de sepulcros caiados, raça de víboras, filhos do diabo e os condenou ao inferno ardente (João 8:44). Após a morte de Jesus, os apóstolos iniciaram o movimento denominado vulgarmente em seus dias como “a seita dos

nazarenos”. Os mesmos discípulos, como comunidade, chamariam a si mesmos posteriormente de “o caminho” (Atos 24:5, Atos 9:2). Por providência divina, o crescente grupo dos seguidores de Jesus foram chamados definitivamente de “cristãos”, o que fazia alusão ao título do mestre ressuscitado (Atos 11:26). Como notamos, os fariseus, os saduceus, e mesmo os cristãos primitivos, eram seitas dissidentes de um sistema dominante, neste caso o judaísmo; porém, o fato de originarem-se de um grupo religioso maior e de confessarem escolas interpretativas diferentes, não os tornava absolutamente condenáveis. Nos dias atuais, nas periferias das grandes religiões cristãs, há um número sempre crescente de seitas em desenvolvimento. Algumas são seitas ideológicas, outras, porém, iniciam-se como tal, mas com o tempo, transformam-se em grupos radicais onde predominam as técnicas de controle mental, o legalismo dogmático e o fanatismo religioso. É aqui onde se encaixam as Testemunhas de Jeová. Quando Charles Taze Russell, o jovem roupeiro do condado de Allegheny Pensilvânia, fundou o pequeno grupo de estudantes da Bíblia por volta de 1870, este não possuía as características de uma seita perigosa; era um mero movimento de amantes da palavra de Deus, que procurava encontrar nas escrituras sagradas a chave que os ajudasse a identificar a provável data da volta de Jesus Cristo. No entanto, a partir da década de 1930, sob a presidência de Joseph Rutherford, a Torre de Vigia desenvolveu-se em uma das mais bem-sucedidas seitas pseudo-cristãs da época moderna. Precisamos agora, após este singelo plano de fundo, analisar se as Testemunhas de Jeová são de fato uma seita coercitiva de controle mental, ou uma simples seita ideológica. Que parâmetros devemos utilizar nesta análise? Poderíamos, é claro, recorrer às características fundamentais alistadas em obras de terceiros, estudiosos ou eruditos; porém, creio que seria mais apropriado considerar argumentos oriundos das próprias fontes doutrinárias das Testemunhas de Jeová. Precisamos, portanto, de um padrão identificador; providencialmente, podemos encontrá-lo na principal publicação da organização Torre de Vigia: A revista “A Sentinela”. No caso, usaremos a edição de 15 de fevereiro de 1994, cuja capa podemos ver na imagem à frente. Esta revista traz o artigo de capa intitulado: “***Testemunhas de Jeová, seita ou ministros de Deus?*** ” Claramente, a publicação é uma tentativa da Torre de Vigia de prover aos membros ou simpatizantes uma resposta aos questionamentos que enfrentam. No artigo, a própria organização fornece diversas características comuns à seitas e grupos controladores. É claro que os argumentos em torno dos adjetivos alistados são deturpados e manipulados propositalmente, com o objetivo de blindar sua religião; porém, uma análise

sincera do texto não deixará dúvidas de sua verdadeira identidade. Vejamos.

Na página 4 da publicação mencionada, sob o tópico “*O que é seita? ”*, a liderança das Testemunhas de Jeová alista várias características que podem ajudar os seguidores a identificar uma seita coercitiva de controle mental. Podemos designá-las como segue:

1 – Seguem um Líder vivo;
2 – É um novo credo criado em torno de um líder carismático;
3 – Demonstram excessiva devoção a uma ideia ou pessoa;
4 – Empregam técnicas de persuasão e controle antiéticas;
5 – Promovem os objetivos dos líderes;
6 – Têm conceitos e práticas radicais consideradas anormais;
7 – Se isolam em suas comunidades;
8 – A devoção ao líder é incondicional e exclusiva;
9 – Os líderes afirmam ser divinamente escolhidos;
10 – São acusadas por grupos anti-sectários e pela mídia;

líder duma seita na Coréia, que resultou na morte de 32 de seus membros. É significativo que a maioria dessas pessoas afirmava ser cristã e professava crer na Bíblia.

É compreensível que muitos que respeitam a Bíblia como a Palavra de Deus fiquem estarrecidos diante do descarado mau uso que tais seitas fazem das Escrituras. Em resultado disso, no decorrer dos anos centenas de organizações foram estabelecidas com o objetivo de monitorar seitas e expor suas práticas perigosas. Especialistas no comportamento de seitas predizem que a chegada dum novo milênio dentro de alguns anos talvez ocasione a proliferação de seitas. Certa revista comentou que, segundo grupos anti-sectários, há milhares de seitas "prontas para se apoderar de seu corpo, controlar sua mente, corromper sua alma. . . . Poucas estão armadas, mas a maioria é considerada perigosa. Seduzirão a você e o espoliarão, providenciarão seu casamento e seus serviços fúnebres."

O que é seita?

O termo "seita" é usado amplamente e é aplicado a grupos que seguem um líder vivo que promove doutrinas e práticas novas e não-ortodoxas.

A revista *Newsweek* explica que seitas "são normalmente grupos pequenos e extremistas cujos membros derivam sua identidade e objetivo duma única pessoa carismática". Similarmente, a revista *Asiaweek* comenta que "o termo [seita] em si é vago, mas geralmente denota um novo credo religioso criado em torno dum líder carismático, que muitas vezes proclama ser a personificação de Deus".

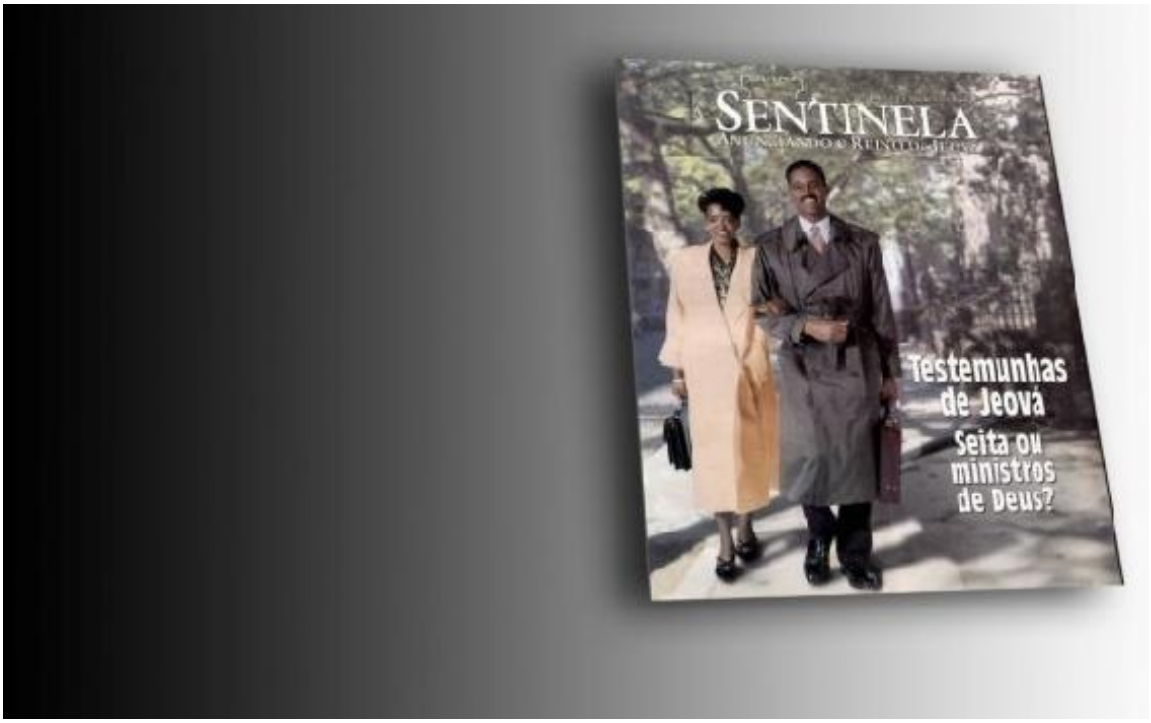
A linguagem usada numa resolução conjunta do 100.° Congresso do Estado de Maryland, EUA, também transmite a conotação depreciativa do termo seita. A resolução declara que "seita é um grupo ou movimento que demonstra excessiva devoção a uma pessoa ou idéia e emprega técnicas de persuasão e controle, antieticamente manipuladoras, a fim de promover os objetivos de seus líderes".

Obviamente, em geral as seitas são interpretadas como grupos religiosos dotados de conceitos e práticas radicais que se chocam com o que é hoje aceito como comportamento social normal. Usualmente realizam suas atividades religiosas em secreto. Muitos desses grupos classificados como seitas realmente se isolam em comunidades. Sua devoção a um autoproclamado líder humano é provavelmente incondicional e exclusiva. Com freqüência, tais líderes se jactam de terem sido divinamente escolhidos ou mesmo de serem eles próprios de natureza divina.

Ocasionalmente, organizações anti-sectárias e a mídia se referem às Testemunhas de Jeová como seita. Vários artigos recentes de jornal incluíram as Testemunhas em grupos religiosos conhecidos por suas práticas questionáveis. Mas, seria correto referir-se às Testemunhas de Jeová como grupo religioso pequeno e extremista? Os membros de seitas muitas vezes se isolam dos amigos, da família e até da sociedade em geral. Dá-se isso com as Testemunhas de Jeová? Empregam as Testemunhas técnicas enganosas e antiéticas no recrutamento de membros?

Sabe-se que os líderes de seitas utilizam métodos manipuladores para controlar a mente de seus seguidores. Há qualquer evidência de que as Testemunhas de Jeová fazem isso? É sua adoração revestida de mistério? Seguem e veneram elas um líder humano? Afinal, são as Testemunhas de Jeová uma seita?

Página de A Sentinela 15/02/1994 pág.: 04



Na página 3 e 4 desta publicação acima, a organização da Torre de Vigia cita algumas seitas suicidas que foram responsáveis por centenas de mortes durante o tempo em que estiveram atuando.

> *"O público foi lembrado de casos anteriores nos quais membros de seitas foram levados à morte por seus líderes: os assassinatos cometidos pelo grupo de Manson, na Califórnia, em 1969; o suicídio em massa dos membros de uma seita em Jonestown, Guiana, em 1978; o pacto de assassinato-suicídio, em 1987, arquitetado por Park Soon-ja, a líder duma seita na Coréia, que resultou na morte de 32 de seus membros. É significativo que a maioria dessas pessoas afirmava ser cristã e professava crer na Bíblia*[8]*." –* ***(A Sentinela 15/02/1994 págs.: 3,4)***

Certamente, o fato das Testemunhas de Jeová usarem a Bíblia e asseverarem ser uma religião cristã, não as torna automaticamente tal coisa. Pense no seguinte: Embora não tenha havido relatos de suicídios em massa entre elas, tal hipótese pode ser totalmente descartada? Quem iria imaginar que, de repente, sem aviso prévio, Jim Jones, o líder de uma seita aparentemente inofensiva na Guiana, iria ordenar a seus fiéis que tirassem suas próprias vidas? Será que algo similar poderia ocorrer entre os seguidores do Corpo Governante? E o que dizer das mortes que JÁ ocorreram entre membros dessa seita ao contrair doenças devido a condenação explícita das vacinas por sua liderança?

> *"A vacina nunca evitou coisa alguma e nunca o fará, e é prática das mais*

bárbaras… Estamos nos últimos dias e o Diabo está fazendo, no ínterim, um esforço estrênuo para causar todo o dano que puder, e é a ele que devemos atribuir tais males… Use seus direitos de cidadão americano para abolir para sempre a prática demoníaca da vacina. As pessoas ponderadas fariam melhor em ter varíola do que vacinar-se, pois a vacina espalha as sementes de sífilis, câncer, eczema, erisipela, escrófula, até a lepra e várias outras doenças repugnantes. Deste modo, a prática da vacina é um crime, um abuso e um engodo[8]*" -* ***(The Golden Age 12/10/1921, pág. 17)***

"A vacina é uma violação direta do pacto eterno que Deus fez com Noé após o dilúvio[8]*" -* ***(The Golden Age, 04.02.1931, pág. 293)***

Hoje em dia, a demonização das vacinas é apenas uma página vergonhosa das publicações das Testemunhas de Jeová, pois esta técnica certamente demonstrou estupenda eficácia. Entretanto, isso não poderia ter sido evitado? Evidentemente que sim. Não podemos esquecer das mortes causadas pela recusa de transfusões de sangue e procedimentos médicos relacionados. Tais casos, não são de desconhecimento da sociedade, sendo alguns deles veiculados ocasionalmente através da mídia jornalística. Os líderes da seita sabem que seus fiéis, isto é, a grande maioria destes, seguirá cegamente suas ordens, dogmas e regras, mesmo que isso custe suas vidas e sua própria saúde; isso acontece porque são doutrinados desde o início através de complexos métodos de lavagem cerebral. Quando alguém se convence de que a Torre de Vigia possui toda a verdade espiritual nas mãos, naturalmente, sua devoção resulta cativa.

"Só a organização de Jeová, em toda a terra, é dirigida pelo espírito santo ou a força ativa de Deus (Zac 4.6). Apenas esta organização funciona para o propósito de Jeová e para o seu louvor. Ela é a única para a qual a Palavra Sagrada de Deus, a Bíblia, não é um livro lacrado. A Torre de Vigia é "a única organização na terra que compreende as coisas profundas de Deus[8]*. "*
(A Sentinela, 01/01/1974, pág. 18)

Evidentemente, o artigo de "A Sentinela" de 15/02/1994, procura defender a organização do Corpo Governante em face das acusações que enfrenta. Por outro lado, qualquer Testemunha de Jeová sincera e honesta, será plenamente capaz de levantar o véu do engano por considerar imparcialmente as características apresentadas nesta publicação.

Se perguntar a uma Testemunha de Jeová se elas seguem um líder vivo, certamente ouvirá a seguinte resposta: "*Claro que não! Temos apenas um líder, e este é o Cristo! "*. Mas, esta não é toda a verdade. Embora afirmem seguir a Jesus Cristo e pregar o evangelho deixado por ele, elas sempre estiveram totalmente sujeitas ao controle de uma liderança internacional. No início de sua história, o seu líder supremo era o fundador Charles Russell; a este homem, eram

rendidas singulares expressões de devoção, expressões estas, que nem mesmo os apóstolos de Jesus foram considerados dignos de obter:

> *"… a criatura terrestre colocada em destaque acima de todas as outras é o mensageiro da Igreja de Laodiceia – 'esse sábio e fiel servo' do Senhor – CHARLES TAZE RUSSELL."* - ***The Finished Mistery, 1917, pág. 5***
>
> *"Charles Taze Russell, tu tens, pelo Senhor, sido coroado um rei, e através dos tempos eternos o teu nome será conhecido entre as pessoas, e teus inimigos virão e adorarão a teus pés". –* ***Watchtower 01/12/1916, pág. 377***
>
> *"Com o passar do tempo, contudo, a ideia que muitos adotaram era que o próprio C. T. Russell fosse o "servo fiel e prudente". Isto levou alguns ao laço da adoração de criaturas." –* ***Anuário 1976, pág. 88***

Na última referência citada, as Testemunhas de Jeová abertamente reconhecem que seu primeiro líder, tinha sido objeto de idolatria por parte de muitos membros. Russell, um líder nato e influenciador, criou à base de seus estudos bíblicos, um novo conjunto de doutrinas. Este credo era aceito e divulgado por seus seguidores como se fosse uma revelação divina. Quase vinte anos depois de sua morte, fato ocorrido em 1916, todos os seus ensinos continuavam sendo aceitos e pregados pelas Testemunhas de Jeová. Porém, isso iria mudar.

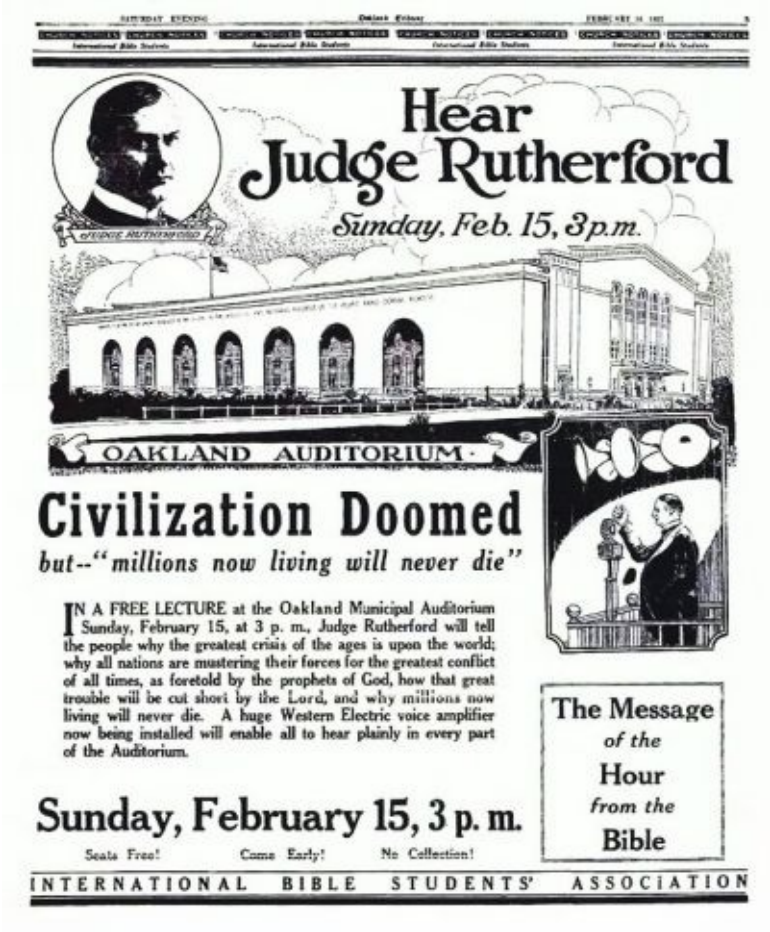
Após a morte de Charles Russell, ascendeu ao poder o advogado Joseph Rutherford. O novo líder, ampliou muitíssimo o poderio editorial da organização Torre de Vigia, tornando-a uma potência internacional. Autoritário e controlador, o juiz, como era chamado, comandava com mãos de ferro os que estavam sob o seu jugo. Para estabelecer de vez o seu domínio e remover a sombra de seu predecessor, Rutherford aboliu dezenas de doutrinas criadas pelo líder morto; ele publicou diversos livros doutrinários, estabeleceu mudanças profundas na organização e reformulou totalmente a seita, dando-lhe por fim, o nome "Testemunhas de Jeová". Após a era dourada de Rutherford, que morreu em 1942 vítima de um câncer retal, assumiram a presidência da Torre de Vigia nas décadas seguintes, Nathan Knorr, Frederick Franz e Milton Henschel; este último faleceu em 2003. A partir de Franz, morto em 1992, o presidente da Torre de Vigia já não exercia a supremacia sobre o grupo como os anteriores líderes faziam; ele havia sido rebaixado à condição de um mero representante oficial enquanto todo o poder eclesiástico do grupo estava agora centralizado em um corpo de anciãos, escolhidos em votação pelos principais diretores da organização. Este grupo se auto intitula "Corpo Governante" (Mateus 20:25-27). Atualmente, é composto por sete homens: Anthony Morris III, David Splane,

Geoffrey Jackson, Gerrit Lösch, Mark Sanderson, Samuel Herd e Stephen Lett. A liderança internacional das Testemunhas de Jeová, é na verdade, um “Papado Coletivo”, que se identifica como o único canal informativo de Jeová na terra. Assim como acontecia com Russell e Rutherford, os membros da seita, encaram as doutrinas, dogmas e regras estabelecidas pelo Corpo Governante, como leis divinas, portanto inescusáveis.

Os líderes das Testemunhas de Jeová em todas as épocas, sempre receberam devoção exclusiva. Charles Russell, o fundador, recebeu dos seguidores o título de “O Escravo Fiel e Discreto” e, mesmo após a sua morte, continuava recebendo honrarias. Seus discípulos comemoraram por muito tempo o dia da sua morte; durante essas ocasiões, realizavam discursos e faziam visitas coletivas ao túmulo memorial do ex-líder. Rutherford não ficaria atrás em sua sede por poder e destaque. Em um dos livros de sua autoria escreveu a seguinte declaração:

*"Mas os verdadeiros seguidores de Cristo Jesus não puderam e não viram aquele "sinal no céu" **senão após 1918**, porque foi em 1918 que o Senhor veio a seu templo e começou a dar para a classe do templo **maior luz** sobre a Palavra de Deus*[8]*.”*
(Profecia - 1929, pág. 82)

"O Senhor Jesus veio a seu templo em 1918 e isso marcou o tempo da cessação do trabalho do espírito santo como advogado, ajudador e confortador para os membros da igreja na terra[8]*."* ***(Preservação 1932, pág. 202-203)***



Na figura acima, um cartaz da época que diz em parte: "**A civilização está condenada, mas *milhões que vivem jamais morrerão!* **".

Como podemos ver, o novo presidente, afirmava categoricamente que revelações mais precisas do entendimento bíblico e luzes adicionais, só haviam sido fornecidas aos fiéis após a época de Russell, isto é, durante a sua gestão. Rutherford dizia ainda, que os seguidores de Russell, os Estudantes Internacionais da Bíblia, haviam sido prefigurados pelo profeta Elias e, as atuais Testemunhas de Jeová sob seu comando, representavam o papel moderno do profeta Eliseu, tendo estes últimos recebido da parte de Deus, uma PORÇÃO DUPLA do Espírito Santo.

Quando Rutherford declarou em 1932 que o Espírito Santo cessara seu trabalho junto à igreja, isso fez os olhos dos seguidores voltarem-se definitivamente para ele. Joseph Rutherford havia assumido plenamente a posição antes ocupada por Russell e era o novo "Servo fiel e Prudente". Rutherford, o idolatrado juiz, era carismático por natureza e seus discursos inflamados atraiam multidões de pessoas. As Testemunhas de Jeová estavam tão convictas de que Rutherford era o líder escolhido por Deus que, sob seu

comando, divulgaram em todo o mundo que, por volta de 1925, Deus já teria varrido os governos e as religiões da face da terra e instaurado o reinado milenar de Cristo; a partir de então, seria possível acompanhar a ressurreição dos antigos patriarcas bíblicos. Esta previsão de Rutherford pode ser constatada na seguinte referência:

"Com base nos argumentos até aqui apresentados, de que a velha ordem de coisas, o velho mundo, está acabando e, por conseguinte passando, de que a nova ordem é iminente, e de que 1925 marcará a ressurreição dos valiosos fiéis do passado, é razoável concluir que milhões de pessoas agora na Terra ainda estarão nela em 1925. Portanto, baseado nas promessas estabelecidas na Palavra divina, nós não podemos senão chegar à positiva e indisputável conclusão de que milhões que agora vivem jamais morrerão. 'Podemos esperar confiantemente que 1925 assinalará o regresso de Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas da antiguidade, em especial aqueles mencionados pelo Apóstolo em Hebreus capítulo onze, à condição de perfeição humana.' [8]„

(Milhões que agora vivem, jamais morrerão! – Págs. 88-90, 97 em inglês)

Mesmo desmentido pelo total fracasso de suas previsões apocalípticas e vendo a segunda guerra mundial chegar ao fim vencida pelas potências mundiais que demonizava, Joseph Rutherford continuou a manipular a multidão de seus seguidores, fazendo-os acreditar que o aguardado fim do mundo estava mesmo ao virar da esquina. Este argumento continua a ser usado pela atual liderança internacional das Testemunhas de Jeová, o Corpo Governante; para eles, o Armagedom pode vir a qualquer instante e por isso, é preciso estar alerta e manter o senso de urgência, colocando sempre os interesses e objetivos dos líderes em primeiro lugar na vida. A seguinte declaração, encontrada em uma publicação oficial da Torre de Vigia, mostra de forma clara a que ponto pode chegar a obediência cega dos seguidores do Corpo Governante:

"... nessa época, receberemos orientações da organização de Jeová que salvarão nossa vida, embora talvez não pareçam práticas do ponto de vista humano. Todos nós devemos estar prontos para obedecer a quaisquer orientações que recebamos, quer pareçam fazer sentido de ponto de vista estratégico, quer não[8]*. "*

(A Sentinela 15/11/2013 pg. 20)

Como as Testemunhas de Jeová conseguem convencer pessoas a tornar-se membros efetivos do grupo? Que técnicas utilizam? Podem tais meios ser considerados antiéticos? Basicamente, ao longo de sua história, a organização Torre de Vigia desenvolveu vários métodos de proselitismo. O principal destes,

ainda utilizado em larga escala nos dias atuais é a pregação ostensiva de porta em porta. Ao demonizar as religiões e implantar dúvidas recorrentes na mente dos moradores, geralmente leigos e mal informados, as testemunhas conseguem despertar um certo interesse por sua mensagem; este interesse inicial é alimentado por novas visitas, as quais, oferecem passo-a-passo supostos "esclarecimentos adicionais" oportunos. As seitas pregam o exclusivismo radical e têm como dogma principal o conceito de que, à parte de seu grupo, não há nenhuma salvação. Quando uma vítima ingênua, isolada de fontes críticas, torna-se convencida de que as Testemunhas de Jeová supostamente são possuidoras de toda a verdade, isso abre caminho para que ela sofra um processo de doutrinação mais profundo.

Podemos dizer que, as maiores vítimas do proselitismo desse grupo, são, sem sombra de dúvida, a família imediata dos próprios membros; os filhos menores não têm como se opor à doutrinação imposta por seus responsáveis; dessa forma, crianças filhas de Testemunhas, são conduzidas sob a coerção paterna desde tenra idade; como consequência, desenvolvem uma mentalidade estrita, alinhada às normas, ensinos e regras da organização. Privados da companhia íntima de crianças de fora, os filhos de Testemunhas de Jeová crescem sob uma couraça religiosa que os protege contra influências externas, influências que poderiam, na visão de seus pais, desviá-los da comunidade no futuro. No entanto, algumas vezes, esta blindagem falha e muitos jovens acabam abandonando a religião dos pais. Quando isso ocorre, os mecanismos da seita para a recuperação do desertor são acionados. Uma família de Testemunhas de Jeová, definitivamente convencida de que a seita possui a verdade final revelada, que a humanidade supostamente se encontra à beira de uma destruição global a ser causada pelo próprio criador e que apenas seus seguidores ativos podem ser salvos, estarão firmemente decididas a realizar qualquer sacrifício se este resultar na volta do membro errante ao seio organizacional. Pais, mães, filhos, amigos íntimos e parentes, consentirão em impor-lhe, de maneira impiedosa, mesmo com consequências pessoais, o terrível e humilhante castigo do ostracismo. Para forçar um fiel que deixou o grupo a voltar, as testemunhas, sob orientação dos seus líderes, cortam toda a comunicação que mantinham com ele. Mesmo parentes tão próximos como um filho ou a própria mãe, estarão impedidos de se relacionar normalmente com aquele que se afastou. Em muitos casos, sufocado pela rejeição dos amigos e familiares ainda envolvidos pela seita e desprovido de amizades externas, resultado da subserviência ao isolamento social imposto ao grupo, o "rebelde" é obrigado a submeter-se totalmente ao escrutínio dos líderes,

bem como a todo o conjunto de procedimentos organizacionais que lhe permitirá ser aceito de volta à comunhão com os entes queridos. Poderíamos, em sã consciência, afirmar que, impor crenças e dogmas religiosos a alguém, utilizando meios falaciosos e a pressão emocional da própria família é uma atitude ética e válida do ponto de vista da sociedade comum? Certamente que não.

As seitas, por natureza, são isolacionistas. O que as faz alienar-se da sociedade comum? A resposta tem que ver com as suas regras e práticas. As Testemunhas de Jeová consideram as demais pessoas, incluindo membros de outras religiões, como indivíduos apartados de Deus, portanto, ainda não convertidos. Tais pessoas, a seu ver, podem e devem ser visitadas a fim de receber a oportunidade de servir à "organização de Jeová"; porém, não são dignas de associação íntima, pois são "mundanos" e não compartilham a verdadeira fé. Muitos dos conceitos e práticas da seita, certamente causam muita estranheza; não raro, algumas pessoas ficam chocadas, por exemplo, ao saber que os membros dessa religião estão proibidos de comemorar o Natal, Ano Novo, dia dos Pais e Mães, dia das Crianças, Páscoa, festas tradicionais e até celebrações de aniversários natalícios. Para as testemunhas, tudo isso é paganismo, satanismo e idolatria. O irônico, é que a algumas décadas atrás, elas mesmas realizavam naturalmente e com muita alegria todas estas comemorações. As Testemunhas de Jeová jamais visitam uma outra comunidade religiosa, tampouco fornecem qualquer espécie de apoio a um grupo alheio à sua organização. Na referência a seguir, isso é claramente delineado:

" O serviço fúnebre na igreja é realmente um ofício religioso. Portanto, é provável que envolva um sermão que advogue ideias antibíblicas, tais como a imortalidade da alma e que todos os bons vão para o céu. Pode envolver também práticas antibíblicas, tais como fazer o sinal da cruz e mui provavelmente participar numa oração unida com o sacerdote ou ministro de outra religião. Naturalmente, ***o cristão*** *não pode participar nisso, em vista da ordem em Revelação 18:4. Sim, sua consciência estaria envolvida. Por quê? Porque outros poderiam vê-la, como uma das testemunhas de Jeová entrando na igreja, e poderiam tropeçar. Não há assim necessidade de o cristão sentir-se obrigado a ir ao serviço fúnebre numa igreja de outra organização religiosa, onde talvez haja a tentação de ceder à pressão e acompanhar a multidão, quando todos fazem algum ato de religião falsa. Assim se evita também o perigo de se praticar num ato de apostasia e de se desagradar a Jeová Deus. Mas cada um terá de decidir isso por si mesmo, à base das circunstâncias e de sua própria consciência.[8]"*

(A Sentinela 01/10/70, pág. 607-8)

"Os primeiros cristãos viviam numa sociedade multicultural e multirreligiosa. Mas sobre misturar religiões, Paulo perguntou: 'Que

quinhão tem o fiel com o incrédulo? ’ Depois avisou os cristãos para ‘sair do meio deles’. (2 Coríntios 6:15, 17) Fica claro que Paulo estava falando contra o ecumenismo[?].[8] ”

(A Sentinela 01/06/2010 pág. 27)

Embora afirmem, na primeira referência que comparecer a um ofício religioso como os realizados em um funeral, é algo que cada pessoa deve decidir, vários termos deixam claro que, o simples fato de uma testemunha entrar em uma igreja, pode lhe trazer sérios problemas. No texto, as igrejas cristãs tradicionais são demonizadas e algumas de suas liturgias e doutrinas comuns taxadas de práticas “antibíblicas”. Por fim, a Torre de Vigia proíbe explicitamente seus fiéis de se associar com outros grupos religiosos. Para validar essa proibição, como é possível ver no quadro acima, elas aplicam, de maneira desonesta, uma antiga declaração do Apóstolo Paulo.

Embora as Testemunhas de Jeová não estejam isoladas fisicamente das comunidades onde vivem, elas claramente mantêm uma política de afastamento da sociedade comum. Embora aparentem ser pessoas normais, suas regras e práticas chegam a causar espanto. Quem ainda não ouviu falar das proibições das transfusões de sangue que causaram várias vítimas entre seus adeptos? E o que dizer dos casos de suicídios relatados entre elas, muitos destes cometidos por jovens e até por pessoas idosas? Além disso, muitas famílias têm sido arrasadas devido suas regras de socialização, o que inclui o ostracismo discriminatório praticado contra ex-membros. Recentemente, as Testemunhas de Jeová têm aparecido em várias manchetes de jornais internacionais sendo acusados de diversos crimes de abusos sexuais infantis cometidos em suas congregações. Tais abusos, têm sido acobertados pela sua liderança local, em conluio com a alta cúpula da Torre de Vigia. Sobre isso, ainda discutiremos um pouco mais em um capítulo à frente.

Nós, finalmente, chegamos à seguinte conclusão: Quando examinadas criticamente, a partir dos parâmetros que elas próprias estabelecem para identificar enganos religiosos, as Testemunhas de Jeová demonstram ser, em todos os aspectos relevantes, uma seita coercitiva de controle mental muitíssimo perigosa. Não resta dúvidas que o seu grupo, incluso suas crenças, dogmas, práticas e políticas internas, são uma ameaça velada para qualquer comunidade. Não é à toa que no ano de 2017, o governo da Rússia, após intensa investigação, levou os líderes dessa comunidade ao banco dos réus, proscrevendo definitivamente suas atividades naquele país e confiscando todos os seus bens.

Capítulo XV
De Ancião a Apóstata!

Como ancião, participei de algumas comissões judicativas. Estas comissões, são formadas basicamente por três anciãos, os quais, reúnem-se com membros acusados de conduta repreensível e decidem se este deve ser declarado inocente, perdoado, disciplinado ou mesmo expulso da comunidade. Quando me tornei ancião, na metade do ano 2000, recebi o livro "*Prestai Atenção a Vós Mesmos e a Todo o Rebanho*". Este livro, era na época, o manual oficial dos anciãos das Testemunhas de Jeová. Sendo uma publicação restrita, não está disponível aos demais membros da congregação e quando um ancião é destituído de seus privilégios, tal publicação precisa ser devolvida aos superiores. Basicamente, quando se julga um caso de alguém que supostamente se envolveu em alguma forma de conduta repreensível, de acordo os padrões estabelecidos pela Torre de Vigia, vários pontos dessa publicação são analisados pelos que conduzem o seu julgamento. Embora houvesse estudado a publicação com profundo interesse, percebi que as orientações contidas ali eram insuficientes e jamais poderiam abranger todas as questões e situações que se desenvolvem no ambiente da comunidade. Como anciãos amorosos que deveríamos ser era preciso primar pela condução do pecador ao arrependimento; durante os interrogatórios, tínhamos de ser capazes de identificar quando alguém estava ou não genuinamente arrependido (Mateus 7:1,2; Lucas 6:37,41; João 8:7; Romanos 2:1, 14:10,13; 1 Coríntios 4:3-5; Tiago 4:11). Mas isso é uma faca de dois gumes. Uma vez que não conhecemos nem mesmo o nosso próprio coração, como poderíamos fornecer a essas pessoas e à inteira congregação um julgamento justo? (Jeremias 17:9) Os anciãos não estão totalmente livres para decidir seus julgamentos à base de suas próprias racionalizações ou princípios das escrituras sagradas aceitáveis no contexto; precisam seguir à risca as diretivas delineadas pela organização Torre de Vigia. Muitas dessas orientações são referências oficiais enviadas pelo escritório da filial. As orientações incluem cartas que, na maioria das vezes, devem ser mantidas fora do alcance dos membros da congregação. Em um parágrafo do manual, encontramos a seguinte admoestação:

> *"Antes de iniciar uma audiência judicativa, os anciãos designados para servir na comissão devem recapitular as orientações delineadas nas Unidades 5(a), 5(b) e 5(c) - (que tratam de tais comissões), bem como*

examinar textos bíblicos e referências pertinentes nas publicações da Sociedade. Devem certificar-se de proceder em harmonia com as informações atuais publicadas em 'A Sentinela' e nas cartas da Sociedade[8]. ***" (KS pg. 101 § 2)***

A parte grifada propositalmente, deixa claro que o julgamento realizado em uma comissão precisa se basear em informações providas pela organização, como as já mencionadas cartas e a revista "A sentinela". Como disse a pouco, eu estava plenamente consciente de que não éramos capazes de identificar se alguém estava ou não arrependido, por isso, procurava determinar as circunstâncias dos erros cometidos e a extensão dos danos provocados por eles. Isso serviria de parâmetro para decidir se alguém deveria ser recuperado no momento ou não. Muitas vezes, entrei em choque com os anciãos por dizer algo com o qual não concordavam. Certa vez, uma jovem irmã, porém adulta e responsável por si mesma, solicitou uma comissão judicativa para tratar de uma situação particular que lhe dizia respeito. Nos reunimos com ela e a ouvimos com muita empatia. Ela estava retornando ao convívio com os irmãos após certo tempo inativa; durante a reunião ela confessou que, enquanto afastada, cometera fornicação várias vezes. Entretanto, tais situações, segundo ela, haviam se desenvolvido após ter passado por um período de profunda carência e solidão e que, seduzida por um homem gentil e atencioso, acabara encontrando em seus braços o conforto e a atenção que necessitava para o momento. Não exigimos detalhes além dos que compartilhou conosco. Quando perguntamos o que pretendia fazer, ela disse com convicção que desejava buscar um casamento honroso e esquecer definitivamente o passado. Para que decidíssemos o que faríamos pedimos que aguardasse fora do local um pouco. Em seguida, sozinhos, nós os anciãos da comissão conversamos. Um dos anciãos presentes, era o irmão José Carlos, que já conhecem de um capítulo anterior. A irmã em questão era uma antiga conhecida sua e ele nos revelou que a mesma tinha sido repreendida e disciplinada anteriormente por pecados semelhantes. O irmão José argumentou:

– Irmãos, esta jovem é reincidente; se fosse a primeira vez, tudo bem, mas esta é sua segunda comissão... e por causa do mesmo pecado! Isso tem um nome e se chama impenitência!

– Ora, – Respondi de imediato – Jesus não disse que deveríamos perdoar nosso irmão setenta vezes sete? Quantas vezes alguém nos pede perdão, tantas vezes temos de perdoar.

– Só que não é esta a norma estabelecida pela organização. – Retrucou José – ora, o irmão Silvio deve concordar comigo que, logo após uma repreensão, tendo se repetido o erro e caracterizado a reincidência, a comissão deve optar pela desassociação.

O irmão Silvio concordou com um gesto de cabeça, mas eu continuei com minha argumentação:

– Eu não encontrei isso no manual. Mesmo se estivesse escrito, isso não é a regra. Se alguém comete um pecado, é repreendido e depois volta a cometer o mesmo erro por iniquidade, então tal procedimento seria válido. Mas não é o que vemos aqui. O que vemos aqui é uma irmã confessando algo do que nunca iríamos ter conhecimento.

– É verdade! – Disse o irmão Silvio – Nisso eu concordo com o Osmanito. – Contente de ter ganho um apoiador, eu continuei:

– Se nós desassociarmos esta irmã, ela retornará ao convívio com as mesmas pessoas de antes... incluso com o homem com o qual se relacionava. Será que isso a ajudaria ou a colocaria novamente sob prova? E se ela nesta situação cometer novamente os pecados que a atormentam, não lhes doerá a consciência por saber que têm parte da culpa?

Quando eu disse estas coisas, os anciãos ficaram incomodados. De fato, não havia base alguma para desassociar a jovem. O irmão José Carlos, vencido pelo argumento concordou dizendo:

– Tudo bem, eu acho que é a melhor coisa a fazer. Vamos apenas anunciar publicamente sua repreensão na próxima reunião de serviço.

Ao ouvi-lo, discordei imediatamente dizendo:

– Anunciar publicamente a repreensão? De maneira nenhuma! Vejam bem, se fizermos isso, o que a congregação irá pensar dessa jovem? Ora, irmãos – continuei – os erros cometidos por ela não são de conhecimento do grupo, é algo praticamente pessoal. Não houve escândalos, tampouco falatórios a respeito

de sua conduta. Além disso, vocês devem levar em conta que ela já vem de uma repreensão pública; se algo semelhante acontecer, como ficará sua imagem? Afinal, queremos ajudar ou prejudicar a moça? – Apesar de ver o irmão Silvio concordar com o que eu havia dito, o irmão José Carlos não ficou nada contente:

– É a primeira vez que vejo isso acontecer. Alguém é repreendido, mas não é anunciado publicamente! Isso é repreensão? Eu acho que não! Isso é passar a mão na cabeça de impenitentes.

– Irmão José, – disse eu em seguida – anunciar não deve ser a regra. Precisamos analisar o que trará mais benefícios à irmã.

Em seguida, já resolvidos, chamamos a irmã para dar-lhe a boa notícia. Ela ficou extremamente contente e nos agradeceu com os olhos cheios d'água. Daquele dia em diante tornou-se uma animada e feliz publicadora, um ânimo para as demais irmãs da comunidade. Depois de algum tempo, casou-se com um zeloso irmão da congregação.

Em outra comissão que realizamos, tratamos do caso de uma irmã que, por algum tempo, havia estado inativa. Ao ser contatada e incentivada a retornar à comunhão, ela expressou o desejo de solicitar uma comissão para analisar o seu caso. Na reunião conosco, ela confessou que a um bom tempo atrás, havia cometido adultério com um colega de trabalho. Após relatar o pecado ao marido, este a tinha perdoado; porém, na época, ela não tinha tido coragem suficiente para confessar o erro aos anciãos. Caso você não saiba, se uma Testemunha de Jeová comete um pecado contra alguém, mesmo confessando o erro à vítima e sendo perdoada por ela, ainda precisa participar o fato aos anciãos da congregação, caso contrário, continuará espiritualmente suja e, portanto, sob o efeito limitante do pecado; consequentemente, sua relação com Deus permanecerá profundamente abalada. Receosa de ser desassociada e ter o nome coberto pela má fama após o anúncio público, a senhora em questão, decidiu se afastar da organização. Com o tempo, mesmo após sucessivas visitas dos anciãos à sua casa, ela acabou tornando-se inativa. Os anciãos da época não entendiam porque uma irmã tão zelosa abandonara de repente a comunidade; José Carlos era um deles. Após ouvirmos a irmã e pedirmos-lhe alguns minutos para considerar o caso, ele nos disse:

– Eu sabia que aí tinha coisa... quando alguém sem motivo aparente

abandona a Jeová, alguma coisa de muito grave cometeu. Bom, mais cedo ou mais tarde o mal feito vem à tona.

Para mim, a decisão já estava bem clara e com certeza o irmão Silvio estaria do meu lado novamente como da outra vez. Olhei para o irmão José Carlos, como se perguntasse sua opinião; imaginando o que iríamos decidir, ele abriu um breve sorriso forçado e deu de ombros. Eu rompi o silêncio dizendo:

– O marido dela a perdoou. Não há mais pecado. A única coisa que deveríamos fazer era pedir-lhe desculpas por não termos conseguido ajudá-la durante todo o tempo em que permaneceu submersa na culpa.

Participei de algumas outras comissões não tão inspiradoras como essas. Em uma ocasião, o ancião de uma cidade vizinha, que pastoreava sozinho uma congregação problemática, me telefonou solicitando ajuda para realizar três comissões judicativas seguidas. No dia indicado, estávamos reunidos no salão do reino de nossa congregação. As duas primeiras reuniões, foram com irmãs bem jovens. Uma delas estava bastante abalada e chorou muito ao nos contar sobre os erros que tinha cometido. Ela havia fornicado com um jovem da mesma congregação. Uma vez que o jovem que tivera relações sexuais com ela houvera sido desassociado, o ancião responsável já havia tomado a decisão de dar-lhe a mesma sentença. Pensei em intervir para tentar ajudá-la, mas eu não tive oportunidade. A segunda jovem, me deixou admirado. Estava serena e tranquila. Sua aparência nada tinha de tristeza, remorso ou angústia; muito pelo contrário, durante o pouco tempo em que conversamos, manteve a cabeça erguida olhando em nossos olhos. Ela desejava se dissociar. Afirmou que não queria mais continuar sendo um membro da organização e que sua decisão tinha sido tomada após profunda análise pessoal. Estava decidida.

– Irmã, - perguntei - existe algo que possamos fazer para ajudá-la a continuar na organização? Estamos dispostos a fazer qualquer coisa para não perder uma ovelhinha de Jeová. – Sem titubear, resoluta, ela respondeu:

– Não, não há nada que vocês possam fazer por mim.

As duas jovens foram embora, uma expulsa e a outra dissociada. Restava ainda um rapaz com cerca de 24 anos. O ancião havia me informado com

antecedência que o jovem havia praticado relações sexuais com uma garota em seu local de trabalho. Como o ancião não entrara em detalhes, decidi fazer-lhe algumas perguntas adicionais. Perguntei em que horários ele se encontrava com a garota e se os encontros haviam se multiplicado de forma premeditada. O jovem, friamente citou as horas que combinava com a amante e confirmou a premeditação. Depois de ouvi-lo, o ancião parecia inclinado a não desassociar o jovem, entretanto eu argumentei:

– Você decide, a congregação está sob seu controle. Porém, este jovem batizado tem plena consciência do que praticou. Ele sabe que vive em uma cidade pequena, mas pratica sexo com uma garota em cima da mesa do escritório onde trabalha. E faz isso com toda naturalidade; sua carteira está sempre abastecida com preservativos. Com que cara você irá olhar paras as pessoas que visita de porta em porta se tal comportamento se tornar público? Se é que não já é de conhecimento de muitos? E se essas pessoas soubessem que sua igreja teve conhecimento de causa, mas fechou os olhos para esse pecado crasso? Não permita que isso aconteça.

Com isso, o ancião resolveu desassociar o último réu das três comissões judicativas. Foram horas que me impactaram profundamente. Passei o dia inteiro pensando nas comissões realizadas, no choro daquela irmã, na frieza da que “abandonara a Jeová” sem especificar qualquer motivo ou permitir que tentássemos ajudá-la, nas emoções que fluíam, nos relatos insanos... tudo continuava girando dentro de minha cabeça. Certamente, pensava eu, não existia para um ancião fiel, carga pior ou mais cruel que suportar os pecados das pessoas. Isso não deveria ser assim, não estava correto; não éramos perfeitos, não tínhamos condições de arcar com tal responsabilidade.

Ora, hoje, tenho a plena consciência que, foi por saber que nenhum homem está habilitado a julgar pecados ou a arbitrar sobre a vida de seu semelhante nas questões espirituais, que o Pai enviou seu filho Jesus Cristo ao mundo; apenas ele é capaz de perdoar pecados; não apenas os nossos, mas também os do mundo inteiro, somente ele tem condições de julgar alguém com justiça (1 Pedro 2:24; Atos 10:42).

O tempo passou rapidamente. Embora eu apoiasse a organização e continuasse a fazer discursos e pregar de casa em casa, sentia que precisávamos de uma reforma. Quando comentava com alguns irmãos da dianteira sobre as

necessidades de grandes mudanças, fazendo-o com cuidado para não me tornar uma pedra de tropeço, ouvia deles a mesma ladainha tantas vezes impressas nas publicações da Torre de Vigia: “Irmão, precisamos esperar em Jeová. Ele tem o tempo para tudo. ”

Porque continuar a solicitar relatórios com as assinaturas dos irmãos? Não são esforços voluntários? Se o objetivo é obter estatísticas, porque não recorrer às médias congregacionais ao invés de comparar as pessoas umas com as outras? Porque estabelecer um limite de horas e títulos para publicadores se destacarem? Porque pressionar jovens e mulheres a servir como publicadores de tempo integral se os territórios estão completamente saturados? Porque tantas reuniões semanais, congressos e assembleias de um a três dias seguidos que preenchem quase todo o nosso tempo? Porque tantas publicações, livros, revistas, brochuras, etc.., se mal conseguimos manter em dia as leituras programadas na congregação? Porque ao invés de dedicar tantas horas ao serviço de porta em porta, sob um sol escaldante, arrastando grupos de pessoas, em sua maioria desanimadas pela apatia geral, se poderíamos utilizar outros meios mais eficazes de divulgação das boas novas? Todas estas, eram perguntas que eu comecei a fazer a mim mesmo durante os últimos anos na organização da Torre de Vigia. Se eu declarasse abertamente as sérias, mas sinceras dúvidas que eu tinha, certamente seria considerado alguém com “ideias apóstatas”.

No ano de 2007, apesar de muitas dificuldades, consegui comprar o consórcio contemplado de uma motoneta; para isso, contei com a ajuda de um dos meus empregadores. Como não possuía carteira de motorista, guardei o veículo em casa por praticamente um ano inteiro. Em certa ocasião, atrasado para uma reunião de treinamento que estava sendo realizada em uma congregação afastada, resolvi usar a motoneta. Quando o irmão José Carlos me viu chegar, chamou a si o irmão Silvio e ambos ficaram me aguardando na saída. Quando a reunião terminou, eles me abordaram questionando se já estava devidamente habilitado. Naturalmente, mencionei que estava iniciando o processo e que havia usado o veículo para que fosse possível chegar ao local a tempo. Neste momento, eu percebi que o objetivo do irmão José Carlos era procurar uma oportunidade para ir à forra comigo; logo, eu iria confirmar isso. No final de semana, tivemos a reunião da assembleia especial e na manhã de domingo, resolvi usar a motoneta para levar os membros de minha família ao local. Como éramos quatro pessoas, fui e voltei várias vezes. Este fato, não passou despercebido pelo irmão Carlos que estava me vigiando desde a última conversa. No intervalo para o almoço, que ocorria no próprio local da

assembleia, fui chamado pelo Superintendente de Circuito para uma conversa. Ele me disse:

– Irmão, alguns anciãos vieram até mim para denunciá-lo. Disseram que você tem pilotado uma moto sem estar habilitado.

– Sim, é verdade. – Confirmei – Usei-a ocasionalmente, mas praticamente a deixo guardada em casa.

– Se você fosse um irmão qualquer, isso não seria problema, porém, você é da dianteira e não está dando bom exemplo para os demais.

Vendo a conversa de longe, um irmão muito achegado, servo ministerial de nossa congregação, aproximou-se de mim e disse:

– Irmão, cuidado! O José Carlos quer tomar o seu cargo.
– O cargo não é meu, - disse - é daquele a quem Jeová deseja dar.

Daquele dia em diante, o irmão citado começou a planejar a minha queda. Eu pensei em uma maneira de neutralizá-lo sem que a congregação fosse prejudicada. Para isso, empenhei-me em convencer um outro ancião que residia em nosso território, que chamaremos Natanael, a mudar-se para a nossa congregação. Com muito custo pessoal, devido o apego que nutriam pelo grupo anterior, o irmão e sua esposa decidiram aceitar o convite. Com isso, meu plano já estava consolidado: Eu entregaria meu cargo ao irmão Natanael e me mudaria com a família para uma outra congregação. Depois de algumas semanas, marquei uma reunião com os anciãos na véspera de minha mudança. Na ocasião éramos em cinco anciãos: Eu, os irmãos Sílvio, José Carlos, Natanael e um outro ao qual daremos o nome de Abraão. Como eu presidia a reunião, após proferir a oração inicial me dirigi a eles dizendo:

– Prezados irmãos, o motivo desta reunião é para avisá-los que pretendo mudar-me para outra congregação. Farei isso antes da visita semestral do Superintendente de Circuito, pois o objetivo é que quando chegar, já encontre a dianteira devidamente formada e só tenha o trabalho de confirmar as designações.

Alguns anciãos, como era de se esperar, expressaram no momento certa tristeza por minha decisão. Quando mencionei que nós iríamos escolher dentre eles o novo presidente, o irmão José Carlos ficou completamente pálido; não sei se de ansiedade ou apreensão. Eu continuei falando:

– No momento, os únicos anciãos que podem ser escolhidos para a presidência são os irmãos Natanael e o José Carlos. Os irmãos Silvio e Abraão, têm filhos desassociados e uma designação sob estas circunstâncias não seria bem vista pela congregação. – Todos concordaram com o fato e eu continuei – Agora, iremos cada um indicar o nome que achar mais apropriado dentre os aptos a assumir o cargo.

Eu estava convencido de que o irmão Abraão escolheria o Natanael e, se por acaso o irmão Silvio indicasse o José Carlos, eu daria o meu voto de desempate. Porém, os dois indicaram o irmão Natanael e eu não precisei dar nenhum voto. Para concluir o assunto, ainda brinquei:

– Bom, se eu escolhesse o irmão José Carlos não iria adiantar muita coisa.

O irmão Carlos estava furioso, mas não podia demonstrá-lo. Ele não queria acreditar que eu havia acabado com os seus planos de ascender ao “poder” mais uma vez. Minha saída já estava marcada e eu anunciaria isso na reunião do fim de semana. Porém, eu imaginava que o frustrado ancião fosse tentar alguma coisa para me atingir de alguma maneira. Dito e feito. Quando cheguei ao Salão do Reino, observei o irmão nervoso, conversando com um e outro ancião. Depois disso, dirigiu-se apressadamente à casa de um ancião de outro grupo que residia próximo ao local. Não havia dúvidas que passara o dia arquitetando algo. Após dirigir o último estudo de A Sentinela, eu anunciei à congregação que um novo presidente tinha sido escolhido e que eu iria servir na congregação vizinha. A congregação ficou muito triste, pois durante os quatro anos que estivemos ali, fizemos muitas boas amizades; nós também, é claro, ficamos muito sentidos com a mudança. Quando a reunião terminou, o irmão José Carlos já havia chamado os anciãos e me convidaram a sentar com eles. Natanael, o novo presidente, me disse com tristeza:

– Irmão, fiquei sabendo, por meio do irmão José Carlos que você tem

usado uma moto sem ter permissão para dirigir. Isso me deixou preocupado.

– Não há motivos para preocupação. – Disse eu em resposta – inclusive é do conhecimento do próprio Superintendente o fato que eu, em algumas ocasiões, pilotei minha motoneta sem habilitação.

– Acontece, – vociferou José Carlos – que o irmão foi advertido duas vezes. Em uma delas, eu estava com uma testemunha, no caso o irmão Sílvio. Em outra, eu e ele participamos ao superintendente que você, durante a assembleia, usou a moto diversas vezes.

– Irmão José, – argumentei – o representante de Betel não me repreendeu por causa disso; apenas me recomendou cuidado para não fazer alguém tropeçar.

– Na minha opinião, – continuou ele alterado – os irmãos devem iniciar agora uma comissão judicativa e retirar os seus privilégios.

Eu estava absolutamente tranquilo. Eles não podiam fazer mais nada para me prejudicar, nem mesmo o furioso irmão José Carlos. Eu simplesmente me levantei e conclui dizendo:

– Eu não pertenço mais a esta congregação. Inclusive, já estou com os cartões dos membros de minha família e o meu próprio em minha pasta. Agora, o que vocês podem fazer contra mim, é enviar uma carta de recomendação à congregação que irá nos receber. Mesmo assim, com ou sem o aval de vocês, eu continuarei a exercer as atividades como ancião até que a visita do superintendente ocorra por lá. Ele é que decidirá se devo perder ou não os meus privilégios.

Os irmãos se calaram vencidos. José Carlos estava vermelho de raiva. Notei que, se pudesse, pularia em meu pescoço para me esganar. Novamente ele estava com os pés e as mãos atadas. Assim como eu havia previsto, passados alguns meses depois de minha mudança, na nova congregação, meus privilégios foram confirmados e eu continuei a servir como ancião. Todavia, estava terminando um ciclo em minha vida e era chegado o tempo apropriado para que eu murchasse até desvanecer. No ano de 2009, minha esposa estava grávida e

por enfrentarmos muitas dificuldades financeiras, tivemos de nos mudar para a casa de minha mãe que residia na periferia da cidade; essa mudança nos permitiria ficar livres do aluguel e economizaríamos para a construção de uma moradia. Em vista da distância também mudamos de congregação. Nesta nova congregação, os anciãos perguntaram se, em vista de minhas dificuldades financeiras e dívidas de aluguel, achava-me pronto para assumir responsabilidades. Eu, logicamente, disse que precisava de um bom tempo para organizar minha vida; depois, então, estaria à sua disposição. Passadas algumas semanas, sentindo-me completamente inútil por passar o tempo esquentando os bancos nas reuniões, chamei o presidente e disse-lhe que havia mudado de ideia, que se fosse possível, considerasse o meu retorno às atividades normais inerentes ao cargo de ancião. Ele, porém, estava frio e indiferente; disse-me que os anciãos não estavam de acordo que eu tivesse quaisquer privilégios na congregação; entretanto, como a visita do superintendente estava a poucos dias de ocorrer, o assunto seria discutido em uma reunião. Quando a ocasião chegou, o representante de Betel conversou comigo em particular e disse:

– Estou completamente de acordo que você continue a exercer o seu cargo nesta congregação. Infelizmente, não posso ir contra a decisão dos anciãos e causar um mal-estar no grupo. Creio que nem você deseja que isso ocorra. Minha sugestão é que você descanse um pouco e resolva os seus problemas. Na próxima visita, quem sabe, a situação esteja um pouco mais favorável.

Concordei prontamente com o superintendente e resolvi acatar a sugestão. Já se haviam passados praticamente dez anos que servia como ancião e a negligência às necessidades de minha família, até então, estavam cobrando um alto preço; eu precisava recuperar pelo menos parte do tempo perdido. Como já possuíamos um lote no bairro, resolvi me dedicar inteiramente ao trabalho secular a fim de conseguir dinheiro para a construção. Tudo deu certo e um ano depois, já havíamos mudado para a nossa humilde casa própria. Desta vez, fiz questão de custear sozinho toda a construção, mesmo recebendo sugestões para realizar mutirões com a mão de obra voluntária dos irmãos da congregação. Agora, nós estávamos em uma situação muito melhor que antes, livres das dívidas e debaixo do próprio teto; porém estávamos todos muito deprimidos. Nós havíamos nos acostumado, por quase vinte anos, a uma rotina teocrática de muito serviço espiritual. Estávamos deslocados, jogado às traças e profundamente desmotivados. Mesmo assim, procurávamos manter as médias de

horas da pregação de porta em porta, levando os filhos e sujeitando-nos humildemente a todas as orientações recebidas. Entretanto, dois longos anos se passaram sem que ninguém me informasse o motivo de não ser escolhido nem mesmo para nenhum tipo de trabalho mecânico. Me parecia muitíssimo injusto o ostracismo que aplicavam a mim e à minha família, afinal, não havia sido repreendido oficialmente e tinha um histórico invejável de muita fidelidade e zelo na organização de Jeová. Certo dia, durante uma viagem, orei fervorosamente para que Jeová Deus me ajudasse a recuperar a minha abalada disposição de servir à sua santa organização.

Em 2012, minha filha começou a namorar um rapaz de uma outra congregação. O jovem em questão, era filho de um ancião amigo meu, um senhor sério e muito respeitado na região. O casal estava determinado a levar o namoro adiante e se casar no ano seguinte. Nesta época, nossas famílias se aproximaram muitíssimo e todos estávamos muito felizes. A expectativa de que tudo desse certo para eles fez com que esquecêssemos, em parte, as decepções espirituais pelas quais havíamos passado. No entanto, este longo período de inatividade, aliado ao ostracismo imposto pelos anciãos de minha congregação, fez com que todas as dúvidas de outrora voltassem à tona com força total. Certa noite, fiz algo que nunca havia feito durante a toda a minha vida como Testemunha de Jeová: Acessei um vídeo “apóstata” na internet, quer dizer, uma informação propagada por ex-membros críticos dissociados ou desassociados. O vídeo em questão, tratava de um detalhe ocorrido durante a ceia de Cristo com os apóstolos: “Judas havia tomado dos emblemas ou não? ” Na mídia que havia encontrado na internet, o “apóstata” usava os relatos dos evangelhos e as próprias publicações da Torre de Vigia para provar que, SIM, Judas tinha participado em comer do pão e beber do vinho com Jesus e os demais apóstolos. Verifiquei por conta própria as referências e me dei conta de que ele poderia estar correto em sua argumentação. Ora, se o próprio Judas havia participado ativamente da refeição noturna do Senhor, porque a organização da Torre de Vigia só permite tal privilégio à classe ungida? Porque esforçava-se em negar e ocultar tal detalhe? Haviam outros vídeos disponíveis no mesmo canal e eu comecei a assisti-los um por um com muita atenção. Confesso que fiquei extremamente chocado com o conteúdo apresentado pelo ex-ancião.

Nos dias seguintes, tomei coragem e continuei a pesquisa utilizando os sites de busca da internet. Em determinados momentos, ao ler artigos e documentos das informações encontradas, eu chegava a tremer as pernas de tanta decepção. Angustiado, fazia questão de conferir as referências das publicações

citadas em todo o seu contexto a fim de me certificar que não haviam sido adulteradas propositalmente; porém, para o meu desespero, tudo estava lá. Senti-me como alguém cujo chão desaba debaixo dos pés. Eu praticamente não conseguia mais dormir e comer direito. Tranquei-me em meu escritório e durante uma semana fiquei muito doente. Foi um período de muita tristeza e reflexão. Todas as minhas dúvidas de outrora tinham agora muito mais sentido. Continuei a pesquisar e, cada nova informação descoberta sobre o passado das Testemunhas de Jeová, ajudava-me a montar um pavoroso quebra-cabeças. Sinceramente, eu não queria acreditar em tudo o que estava sendo exposto diante dos meus olhos: Documentos e provas que corroboravam todas as afirmações críticas dos acusadores das Testemunhas de Jeová. Quando eu comparava o texto de antigas publicações com as desculpas fornecidas pela Torre de Vigia em publicações modernas como o livro "*Proclamadores do Reino*", notava que a organização não tinha sido, de maneira nenhuma, honesta e leal em suas explicações. A liderança internacional, havia ocultado fatos e detalhes vitais de maneira proposital, detalhes estes, que, se expostos claramente à luz, poderiam fazer qualquer pessoa com o mínimo de inteligência, desistir de encará-la como a "única organização guiada pelo Espírito Santo de Deus".

No final de 2012, eu já estava plenamente consciente de que havia sido vítima de um engano magistral. Tudo estava muito claro para mim. Eu não estivera de fato, servindo a Jeová durante todo este tempo, mas sim a uma instituição humana, composta por falsos líderes religiosos e por milhões de escravos, dos quais, eu infelizmente era um. Como gado no curral, como ovelhas mantidas em cativeiro, destinadas à tosa e ao abate, assim estávamos nós, o manso e fiel rebanho do Corpo Governante, completamente dominados, atraídos e subjugados por um processo psicológico que os especialistas chamam de Lavagem Cerebral. Eu não conseguia acreditar que algo dessa natureza havia acontecido comigo. Às vezes, bem tarde da noite, perdia o sono a imaginar atormentado o que faria de minha vida, uma vez que toda ela estivera, nos últimos quase vinte anos, girando em torno da organização das Testemunhas de Jeová.

No início de 2013, minha filha estava se preparando para o seu casamento, afinal, estava noiva desde o ano anterior. Quando o casamento foi marcado, isso coincidiu com o período no qual eu havia realizado pesquisas e feito várias descobertas sobre alguns dos enganos da Torre de Vigia. Entretanto, era só o início do fio da meada, muitas coisas ainda viriam à tona. Um certo dia, após gravar dois vídeos críticos em um DVD, fiz uma visita a um irmão que com

quem tinha certa amizade. Falei um pouco sobre as dúvidas que nutria, sobre a honestidade do Corpo Governante e sobre certas regras e doutrinas com as quais não concordava. Na ocasião, falei sobre as várias mudanças de ensinos, algo que ele também tinha conhecimento. Ele me ouviu com atenção, mas em seguida me disse:

– Irmão, não digo que você esteja errado em algumas dessas coisas. Eu concordo que há muitos erros; no entanto, se os líderes estiverem agindo de maneira enganosa ou com má fé, o próprio Jeová se encarregará de puni-los no devido tempo. Suas dúvidas não são um bom motivo para afastar-se da organização, ou entrar em conflito com os anciãos.

Eu argumentei com ele o seguinte:

– Não tiro sua razão em alguns desses pontos; porém, quando visitamos as pessoas em suas casas, não raro, mencionamos que se elas descobrirem que a religião que praticam não está de acordo com a Bíblia, devem afastar-se dela a fim de não se tornarem cúmplices de seus pecados. Será que, por via das regras, isso não se aplica também a nós mesmos?

Ele ficou em silêncio. Eu entreguei-lhe o DVD com os vídeos que havia gravado e pedi que tirasse um tempo para assisti-los. É provável que ele não tenha visto os vídeos e simplesmente destruído as mídias gravadas. De qualquer forma, não tornamos a falar sobre o assunto. Sabendo das consequências, precisava tomar muito cuidado para que minhas críticas não chegassem aos anciãos.

Minha filha finalmente se casou. A festa estava muito bonita e todos estávamos radiantes com a felicidade do casal. Eu, ao contrário dos demais, continuava mentalmente angustiado. Minhas pesquisas na internet continuaram e tudo o que descobria só aumentava ainda mais a minha convicção de que precisava abandonar a organização da Torre de Vigia. Quando ia pregar de casa em casa não levava publicações ou oferecia estudos da Bíblia aos moradores; evitava pregar as doutrinas das Testemunhas de Jeová e basicamente me limitava a ler passagens dos evangelhos que falavam sobre Jesus Cristo. Assistir às reuniões congregacionais passou a ser muito difícil, principalmente quando em discursos ou em estudos eram destacados fatos que eu sabia tratar-se de engano ou manipulação religiosa; às vezes, nestas horas, precisava sair para fora do salão ou ir ao banheiro, pois me sentia muitíssimo mal.

Aproximava-se o memorial da morte de Cristo. Caso você não saiba, as

Testemunhas de Jeová realizam todos os anos, geralmente entre março e abril, uma reunião especial que denominam “Refeição Noturna do Senhor”. Neste evento, durante um discurso que destaca a ceia de Jesus e os apóstolos na noite anterior à sua morte, passam-se os emblemas entre os presentes, isto é, o pão ázimo e o vinho tinto. Tais símbolos, representam apropriadamente, o corpo e o sangue de Jesus. Para elas, apenas uma classe especial de pessoas, escolhidas para governar com Cristo nos céus, pode comer do pão e tomar do vinho. As Testemunhas de Jeová, interpretam que o número 144.000 de Apocalipse 14:1 deve ser entendido literalmente; em vista disso, ensinam que apenas este pequeno número de pessoas escolhidas, está habilitado por Deus para participar dos emblemas; os demais, a extensa maioria, apenas passam os símbolos de mão em mão enquanto os observam respeitosamente. Durante todos os anos em que fui membro da organização da Torre de Vigia, nunca presenciei ninguém tomando do pão e do vinho, isto é, alegando ser membro da suposta “classe ungida”.

Naquela época, por causa de minhas pesquisas, eu já não acreditava que apenas um grupo determinado de pessoas, deveria participar no memorial; eu entendia que TODOS, quer tivessem esperança celestial quer terrena, deveriam tomar do pão e do vinho; ora, se Judas o traidor, havia participado da ceia com Jesus e os apóstolos, porque não o deveriam também os fiéis cristãos que aceitavam a Jesus como mediador? Não tinha sido o próprio Jesus quem havia dito: “- *Se não comerdes a carne do filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos*”? (João 6:50-58 JFA) Entretanto, eu não iria tomar dos emblemas durante a reunião do memorial. Isso poderia causar um escândalo e piorar ainda mais a minha situação; se eu fizesse tal coisa, minha atitude fatalmente viria a ser encarada como um ato de rebeldia ou como um ataque aberto contra os anciãos que me ostracizavam. Decidi então comprar o vinho e fazer o pão em casa a fim de tomá-los após voltar da reunião do memorial. É bom destacar que, nessas ocasiões, nenhum dos membros de minha família, principalmente minha esposa, concordavam com minha decisão.

Mas o cerco iria começar a se fechar. Uma tarde, recebi a visita de um irmão que residia próximo de minha casa. Conversamos um pouco e inadvertidamente, falei sobre o que pensava sobre a divindade de Jesus Cristo. Disse-lhe que as escrituras davam forte indício de que Jesus não era apenas “um deus” como nós ensinávamos, mas que era parte da divindade, portanto era o Deus-Todo Poderoso. Ele franziu a sobrancelha e teceu alguns argumentos contrários. Depois de algum tempo de conversa ele se despediu e foi embora. Foi

a última vez que nos falamos. Eu não sabia, mas ele iria procurar os anciãos da congregação a fim de relatar o que lhe parecia ser uma séria apostasia de minha parte. Geralmente, as Testemunhas de Jeová são orientadas a delatar qualquer atitude suspeita que observam em algum irmão. Assim, alguns dias depois, recebi a visita de dois anciãos da congregação; eu não tinha conhecimento, mas por alguns dias eles já estavam realizando uma investigação minuciosa sobre minhas atividades. Eles me disseram:

– Tivemos conhecimento de alguns comentários que você postou em vídeos na internet. Os comentários indicam uma atitude muito crítica, sem dúvida uma flagrante apostasia.

Ao ouvir isso, percebi que estavam decididos a estabelecer uma comissão judicativa para me julgar, mas precisavam dar a primeira advertência. Um dos anciãos, um pouco mais compassivo argumentou:

– Não queremos iniciar uma comissão para uma provável desassociação. Queremos que você remova os comentários apóstatas que fez e que se abstenha de continuar com isso, inclusive de espalhar dúvidas a irmãos que entram em contato com você.

Conversei um pouco sobre o conteúdo dos comentários que havia feito, mas evitei tocar em quaisquer outros assuntos, afinal, precisava ganhar um pouco mais de tempo. Precisava pensar no que seria mais sensato fazer. Para a minha surpresa, poucos dias depois, recebi a ligação de um dos anciãos que haviam me visitado; ele desejava marcar uma reunião comigo e especificou o dia e horário no final de semana. Eu não tinha mais nenhum tempo para pensar e minha família estava aflita com a situação. Certamente era uma comissão judicativa e eu iria ser desassociado por apostasia. Minha esposa, não acreditava em absolutamente nada do que eu procurava lhe transmitir. Quando eu começava a destacar qualquer crítica às doutrinas, regras, ensinos e abusos cometidos no passado pela Torre de Vigia, ela ficava furiosa e recusava-se a ouvir; estávamos brigando constantemente e a nossa relação ficou muito abalada. Para ela, eu havia enlouquecido e pretendia destruir o casamento de nossa filha. Ainda hoje, no momento que escrevo este livro, ela é totalmente fechada para discussões que destaquem os erros da organização Torre de Vigia.

No dia seguinte, sentei-me ao computador e comecei a escrever uma

carta solicitando o desligamento da congregação. Eles não iriam me desassociar, antes disso, eu mesmo pediria para sair. Minha carta de dissociação ficou bem extensa e abordava algumas questões difíceis de ser refutadas. Seria um singelo testemunho que eu faria questão de tornar conhecido ao máximo possível de pessoas. No domingo pela manhã, já anexara a carta aos e-mails de alguns irmãos e uma cópia impressa estava devidamente assinada dentro de um envelope amarelo. Dirigi-me até a casa de um dos anciãos da congregação e entreguei o envelope em suas mãos. Despedi-me amigavelmente, como era meu costume e retornei para minha casa. Ao chegar em casa, alguns minutos depois, vi estacionar o carro de um dos servos ministeriais da congregação. O rapaz em questão, era filho de um ancião muito amado; eu havia visto esse rapaz crescer. Estava muito triste, pois acabara de receber o e-mail e não podia acreditar que estava me dissociando da organização. Disse que não quis ler tudo e tentou em vão me convencer a voltar atrás.

– Simplesmente ignore estas dúvidas! – Dizia ele – Você vai abandonar a organização e perder todos os seus amigos. Os irmãos deixarão de falar com você e ficará sozinho! Como conseguirá manter a sua conduta cristã sem a companhia dos irmãos?

– Antes de ser uma Testemunha de Jeová – Respondi – eu não era santo, mas nunca fui uma pessoa imoral ou sem caráter. Certamente não me tornarei tal coisa.

Vendo que não me convenceria a mudar meu discurso, o jovem irmão me dirigiu ainda algumas últimas palavras antes de ir embora:

– Sua atitude não deixa de ter certa nobreza. Você não está saindo da organização por cometer um pecado grave, mas porque sua consciência não aceita certas doutrinas e regras. Você não quer ser um hipócrita. Mesmo tendo tanta coisa a perder, posição e amigos, está firme em sua decisão. Isso é louvável. Eu lhe desejo boa sorte.

Nós nos despedimos e eu fiquei a sós com meus pensamentos. A notícia iria se espalhar em poucas horas pelas congregações da região. Em pouquíssimo tempo eu iria ser lembrado, não mais como o querido e admirado irmão Osmanito, o ilustríssimo irmão dos discursos onde ninguém dormia; não mais...

De agora em diante, eu seria conhecido como “o Ancião Apóstata”.

Capítulo XVI
Enfrentando a Seita em Campo Aberto

A minha dissociação teve bastante repercussão. Eu era um ancião conhecido no circuito e tinha muitos amigos em meio à liderança regional. Foi sem dúvida, um golpe muito duro para os membros de minha família e amigos mais íntimos. Minha esposa, minha filha, o meu genro e membros de sua família, aos quais estávamos muito achegados nos últimos meses, ficaram arrasados. De qualquer forma, era algo inevitável e ocorreria de uma maneira ou outra. Mais cedo ou mais tarde. Se eu não tivesse me dissociado, teria sido expulso durante uma comissão judicativa. Depois que minha dissociação foi anunciada, todos os meus amigos Testemunhas de Jeová cortaram imediatamente as relações que tinham comigo. Contatos das redes sociais foram imediatamente removidos e, da noite para o dia, eu estava praticamente isolado da comunidade à qual eu pertencera por vinte anos. Essa situação que se desenvolveu após minha saída da organização, foi e continua sendo algo muito difícil de engolir. Ninguém está preparado para enfrentar o ostracismo arbitrário dessa seita. Até hoje ainda sinto um vazio enorme e uma solidão arrasadora. O pior é saber que o abandono é imposto sem um motivo ético ou justo, mas sim como uma retaliação, uma maneira de trazer o suposto errante, de maneira forçada, ao jugo legalista do grupo.

Alguns anos se passaram muito dolorosos para mim. Esperançosos que eu recobrasse o “juízo” e retornasse ao convívio com a congregação, minha filha e genro continuaram a manter um certo contato pessoal. Eles queriam que eu me arrependesse de tudo o que havia feito. Visitavam-nos regularmente e tomavam refeições conosco sempre que podiam. Um dos meus filhos, o mais velho, que após a minha saída se tornou inativo, ainda é Testemunha de Jeová batizada; é apenas lógico deduzir que a aparente normalidade da convivência com minha filha e genro também se devia à tentativa de recuperá-lo. Isso não aconteceu, pelo menos até o momento em que escrevo este livro; depois, porém, eles mudaram de ideia, possivelmente devido à pressão dos anciãos de sua congregação. Após me confrontarem em uma conversa formal, minha filha e seu marido resolveram anunciar que diminuiriam drasticamente o contato que ainda mantinham comigo, limitando-o apenas a situações de emergência. Confesso que isso me abalou profundamente. Até aquele momento a solidão ainda era

suportável, agora, lá se ia uma outra parte de mim.

Consequências Pessoais

Minha filha deu à luz o meu primeiro neto em 2016 e embora eu possa vê-lo e pegá-lo no colo quando eles vêm visitar minha esposa, sinto que a convivência com a família está e continuará muitíssima prejudicada. Tudo isso porque, agora, são orientados a encarar-me como alguém condenado e espiritualmente corrompido, uma pessoa que se rebelou contra o próprio Deus Jeová. Certamente, não voltarei a fazer parte da seita novamente e, se eles não despertarem do engano no futuro, iremos, por decisão pessoal deles, é claro, nos distanciar cada vez mais até que se esfriem e se rompam definitivamente todos os laços afetivos.

Minha filha costuma me enviar mensagens do celular pedindo para que eu retorne a “Jeová” antes que venha o Armagedom, isto é, o fim do mundo pregado pela seita. É claro, isso me deixa triste, afinal, ela continua inocentemente crendo que servem a Deus e que fazem parte da única religião verdadeira, cujos membros, serão os únicos salvos da destruição que se aproxima. Pessoas como eu, imaginam, não terão chance alguma de salvação e podem ser destruídas para sempre no Armagedom. É isso que a organização da Torre de Vigia ensina a seus seguidores. Não é difícil imaginar o que se passa pela cabeça de uma pessoa cega pela seita, cujos entes queridos abandonaram o grupo. Bem, ocasionalmente, quando visitam minha esposa e demais filhos em minha casa, minha filha e seu marido me cumprimentam quase que normalmente, mas observo claramente a frieza e a decepção estampadas em seus rostos. Não é fácil suportar a rejeição quando ela é imposta pelas pessoas que mais amamos na vida. Sem dúvida, o ostracismo aplicado aos dissociados e desassociados é a mais cruel e covarde das regras impostas por esta organização sectária disfarçada de religião; de fato, como alertou Jesus Cristo, os falsos adoradores são como lobos vorazes vestidos em pele de ovelha (Mateus 7:15).

No ano de 2013, alguns meses após a saída da organização da Torre de Vigia, criei um canal no YouTube e enviei um vídeo sobre a minha desassociação. Este vídeo era apenas mais um entre tantos outros disponíveis nesse portal. Ao enviá-lo, imaginei que pudesse servir de testemunho a muitas pessoas que realizam pesquisas na internet. Este breve vídeo foi compartilhado em outros canais e sites e alcançou milhares de visualizações. Com o tempo

gravei outros vídeos falando sobre diversas doutrinas, ensinos e regras das Testemunhas de Jeová. Neles eu procurei expor o lado enganoso e sombrio da seita, sempre fornecendo as fontes de referências para corroborar minhas afirmações. Alguns anos depois, consegui atingir mais de um milhão e trezentas mil visualizações além de conquistar milhares de inscritos. Jamais poderia imaginar alcançar tantas pessoas. Este número continua aumentando a cada dia, pois são milhares de acessos feitos por pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo.

Tenho o prazer de ter sido de ajuda a muitas pessoas em países de língua portuguesa como Angola e Moçambique na África, e Portugal na Europa. Além disso, recebo mensagens de agradecimentos vindos de pessoas que vivem em diversas outras partes do planeta. Não preciso dizer que os vídeos divulgados na internet, me fizeram alvo de muitos xingamentos e ataques pessoais por parte de membros e simpatizantes das Testemunhas de Jeová. Por outro lado, apesar de tantos ataques, escárnios e difamação gratuita, me alegro em saber que a maioria dos que visitam as informações que posto na internet, expressam agradecimentos, elogios e incentivos para continuar a torná-las disponíveis. Durante o tempo em que estive ativo nas redes sociais, por exemplo, ajudei várias pessoas a despertar do engano e a abandonar a organização do Corpo Governante. Isso, é claro, não tem preço.

Ajudas e Ferramentas disponíveis

No final do ano de 2012 eu tinha consultado muita matéria “proibida” através da internet. Reconheço que estou em dívida para com os chamados Ex-Testemunhas de Jeová “apóstatas”, pois certamente, mesmo estigmatizadas pelos membros de sua anterior religião, o esforço hercúleo dessas pessoas abnegadas, que sacrificam um tempo precioso de suas vidas na divulgação de informações, é digno de gratidão e louvor. Graças a essas pessoas pude tirar muitas dúvidas sérias e encontrar referências preciosas de antigas publicações da Torre de Vigia que já não podem ser encontradas fisicamente no Brasil. Com essas referências, foi possível confirmar a veracidade das acusações feitas pelos dissidentes e descobrir a sujeira oculta por este grupo religioso. Além de diversos artigos e sites inteiramente dedicados ao assunto “Testemunhas de Jeová”, tive acesso a vários livros publicados por ex-membros famosos. Um destes livros, escrito por Raymond Franz, leva o título: “*Crise de Consciência*”. Ray Franz, como é

carinhosamente chamado pela comunidade internacional de Ex-Testemunhas, era sobrinho de Frederick Franz, o quarto presidente da Torre de Vigia. Após trabalhar por décadas no serviço de tempo integral, inclusive como missionário em países da América Central, Franz foi convidado pela alta cúpula da organização a integrar a comissão editorial no quartel general em Brooklin; em seguida, no ano de 1971 ele tornou-se membro do próprio Corpo Governante. Após ser exonerado do cargo sob acusações de apostasia e finalmente ser expulso da organização em 1980, Franz decidiu escrever este livro. Nele, descreve as experiências que teve enquanto membro do conselho máximo da seita. Mesmo tendo sido lançado a mais de 30 anos atrás, sua obra prima continua sendo uma das mais importantes ferramentas críticas contra a organização da Torre de Vigia. Muitas pessoas dão testemunho de que, o relato sincero e comprobatório de Ray Franz neste livro, foi o responsável por fazê-las afastar-se das Testemunhas de Jeová e identificá-las como um engodo sem paralelo.

"*O Tempo dos Gentios Reconsiderados*" é um outro livro excepcional e foi escrito por Carl Olof Jonson, também, um ex-líder da Torre de Vigia. Jonson, que serviu como ancião e pioneiro na organização na década de 1970, foi questionado por um morador no serviço de pregação de casa em casa, sobre a data para a destruição de Jerusalém pelo rei Nabucodonosor. Na tentativa de provar com fatos científicos a alegada data apresentada pela Torre de Vigia para a queda de Jerusalém pelos babilônios, a saber, 607 AC, ele empreendeu uma pesquisa exaustiva sobre este evento histórico. Para sua grande surpresa, todas as evidências disponíveis, históricas, arqueológicas e científicas, apontavam para o ano de 587 AC e não 607 AC. Olof não tinha dúvida de que havia um grave erro de interpretação na doutrina que envolve a suposta data da entronização de Cristo nos céus. A data base sobre a qual repousava toda a doutrina das Testemunhas de Jeová estava errada. 1914 poderia ser um terrível engano, ou mesmo uma grande farsa.

Ao contrário do que imaginava, após enviar ao Corpo Governante um dossiê contendo todo o conjunto de sua pesquisa, o que incluía documentos produzidos por eruditos e historiadores respeitados, sua vida virou pelo avesso. Tudo que ele desejava, era uma explicação satisfatória para a inconsistência doutrinal; infelizmente, a liderança caracterizou que suas observações eram um ataque contra a hierarquia e o alto comando da seita. Consternados com a exposição de suas falhas nos documentos apresentados, a liderança da Torre de Vigia tentou uma ou duas vezes, mas não foi capaz de refutar as argumentações

do pesquisador. Por fim, os líderes decidiram silenciá-lo. Carl Olof foi desassociado sob a acusação de apostasia em 1982 durante uma comissão judicativa ordenada pelo Corpo Governante.

Como já tem sido esclarecido, a seita das Testemunhas de Jeová funciona verticalmente do topo para a base. Críticas e sugestões, ajustes ou reformas jamais podem partir das partes inferiores da pirâmide. Quando alguém se levanta para propor uma mudança, mesmo que seus argumentos estejam cobertos de razão e apoiem-se em fatos irrefutáveis, esse será encarado como um rebelde, uma pessoa mal-intencionada que se adianta em desafio aberto contra os líderes supostamente iluminados.

> "Os que expressam tal objeção salientam que muitas organizações religiosas que afirmam ser cristãs permitem conceitos dissidentes. ... Entretanto, tais exemplos não constituem nenhuma base para nós fazermos o mesmo. ... Ensinar conceitos dissidentes ou divergentes não é compatível com o verdadeiro cristianismo.[8]„
>
> **(A Sentinela de 1/4/1986, pág. 30-1)**

Como se vê claramente na citação acima, eles reconhecem que, nas livres denominações cristãs ao redor do mundo, conceitos divergentes são democraticamente permitidos. Por outro lado, entre as Testemunhas de Jeová, discordar abertamente é um pecado mortal, algo que precisa ser punido com a desassociação e o ostracismo, ou seja, com a morte social. Entenda a expressão “verdadeiro cristianismo”, destacada acima, como sendo o conjunto das normas e doutrinas estabelecidas e impostas pela liderança internacional. Para eles, apenas sua organização pratica e ensina o verdadeiro cristianismo. O irônico é saber que seus dogmas, regras e interpretações, já sofreram mais de trezentas mudanças no decorrer de sua existência. Isso, por si só, já mostra quão ambíguo é o seu conjunto de doutrinas em relação às escrituras sagradas. Se as próprias Testemunhas de Jeová, ao longo de sua existência, têm ensinado conceitos dissidentes ou divergentes do que atualmente ensinam, não estamos equivocados quando afirmamos que elas estão em franca contradição (Mateus 5:37).

Capítulo XVII
Um Passado de Enganos e Falsas Profecias

Quando comecei a estudar a bíblia com as Testemunhas de Jeová por volta da primeira metade da década de 1990, jamais me havia passado pela cabeça que este grupo poderia ser uma seita de enganos e mentiras. Eu era completamente inocente a respeito. Na época, informações sobre seitas e grupos religiosos radicais eram muito escassas e o passado de seitas como as da Torre de Vigia, era praticamente desconhecido mesmo para a maioria de seus membros, quanto mais para as pessoas que os recebiam em seus lares. Para dizer a verdade, eu simplesmente desconhecia o significado da palavra “seita”. Não era possível que eu descobrisse toda a sujeira oculta pela Torre de Vigia naquela época com os recursos que haviam à disposição. Tudo isso, aliado ao fato de ser completamente leigo em questões bíblicas, tornaram-me uma vítima fácil para os trabalhadores sectários do Corpo Governante. Hoje, vivemos na era da informação. Qualquer pessoa pode pesquisar praticamente tudo, sobre qualquer coisa usando apenas um smartphone e podem fazer isso no anonimato de seu quarto. O acesso à informação e o avanço das mídias digitais tem se tornado uma ameaça crescente à grande maioria das seitas. Com as Testemunhas de Jeová não poderia ser diferente.

1914, um Ano marcado para profecias?

Era o ano de 2012 e eu havia começado minha pesquisa na internet sobre o passado obscuro das Testemunhas de Jeová. Depois de assistir a vários vídeos e ler diversos artigos em sites produzidos por ex-membros desassociados e dissociados, deparei-me com as chamadas falsas profecias do fim do mundo. No ano de 1995, eu havia presenciado uma substancial mudança de doutrinas na organização. Na época, como já descrevi em um capítulo anterior, nós estávamos confiantes de que a geração das pessoas que haviam presenciado o ano de 1914, ainda teria representantes bem idosos na terra, que veriam a destruição das “falsas igrejas” da cristandade e o irrompimento do Armagedom, a catástrofe que poria fim a todos os governos do mundo. De acordo com o ensino das Testemunhas de Jeová em moda naquele tempo, a geração teria a duração

máxima de 80 anos. Lembro-me de um cântico que entoávamos durante as reuniões, o qual dizia em parte:

> “Os nossos anos são setenta
> Oitenta, se restar vigor...
> Tão cheios de dificuldades
> E muitas vezes sem amor. ”

Nós, piamente acreditávamos que o fim estava às portas. Não restavam mais muitos anos, talvez meses. Além disso, havia uma outra referência de peso para crer nesta possibilidade:

> “Quando o termo “geração” é usado com referência a pessoas que vivem em determinada época, não se pode especificar a duração exata dela, exceto que o prazo dela estaria dentro de limites razoáveis. Estes limites seriam determinados pela duração da vida das pessoas da respectiva época ou população. Atualmente, bem similar ao que ocorria no tempo de Moisés, as pessoas que vivem em condições favoráveis talvez atinjam a idade de 70 ou 80 anos[8].”
>
> **(Estudo Perspicaz das Escrituras, vol. 2, 1988, pág. 206)**

Curiosamente, no final de 1995, vendo que a geração de oitenta anos estava com o prazo de validade vencido, a liderança internacional começou a remover as referências que a ligavam ao ano de 1914. Alguma coisa estava errada e a previsão precisava ser remodelada, pois não era mais possível sustentá-la à luz da lógica racional. Eu, na época, ainda não tinha conhecimento, mas haviam outras datas significativas ocultas no passado, quando previsões tinham falhado miseravelmente. Parece-me, que cada geração de Testemunhas de Jeová, presencia uma grandiosa falsa profecia; infelizmente, isso não faz com que a grande maioria abra os olhos para a dimensão do engano ao qual estão ancoradas.

A pregação de falsas profecias para o Armagedom e o fim do mundo, se iniciaram com o fundador Charles Taze Russell. Geralmente, a organização da Torre de Vigia procura disseminar que seu primeiro presidente, simplesmente previu que o fim dos “tempos dos gentios”, ocorreria em 1914 e que algo especial marcaria esta data para sempre. Entretanto, esta não é a verdade oficial, conforme revelada em suas publicações de época. Quando confrontamos as declarações das Testemunhas de Jeová modernas com os escritos do falecido pastor Russell, notamos uma contradição abismal. Quando eu pesquisava sobre isso, a princípio, duvidei da veracidade dos fatos expostos, porém, após recorrer

às referências das antigas publicações, pouco a pouco me convenci de que precisava mudar meus conceitos quanto à honestidade dos líderes. George Orwell, autor do lendário romance “1984”, falou sobre entidades teocráticas que remodelam sua história. Suas palavras, descrevem perfeitamente a teocracia furtiva da Torre de Vigia. Ele escreveu em parte:

> “Um estado totalitário está em vigor como uma teocracia, e sua casta dominante, a fim de manter a sua posição, tem que ser aceita como infalível. Mas uma vez que, na prática, ninguém é infalível, é frequentemente necessário reorganizar eventos passados, a fim de mostrar que este ou aquele erro não foi cometido, ou que este ou aquele triunfo imaginário realmente aconteceu. [8] „
>
> **(1984 – George Orwell)**

De fato, a casta dominante das Testemunhas de Jeová, a sua liderança internacional, afirma aos seus seguidores que nunca mentiram ou fizeram uma falsa profecia, antes, que está sujeita a cometer alguns pequenos erros em suas INTERPRETAÇÕES. Eles afirmam poder, por exemplo, errar o significado de um evento profético, mas acertar as datas deste evento. O contrário também pode acontecer. Assim, os líderes, mesmo tendo cometido supostos “deslizes” no passado, ainda são dignos de confiança e ainda estão representando o Deus de toda a verdade. Seus fiéis ainda podem e devem segui-los, obedecendo-lhes sem reserva.

Desde a década de 1930, de acordo com a teologia mutante da seita, 1914 é o ano em que diversas profecias bíblicas se cumpriram; não apenas na pessoa do Filho de Deus, mas também em relação ao “povo escolhido” de Jeová, povo este, que o grupo afirma ser. Oficialmente, a Torre de Vigia ensina que: Jesus voltou invisivelmente em 1914, recebeu a autoridade divina para governar e dominar seus inimigos, foi coroado Rei eterno nos céus e que, a partir dessa data, escolheu os líderes da Torre de Vigia como seu representante terrestre, decretando então os últimos dias do sistema moderno político, militar e religioso. Entretanto, estes “últimos dias” pregados por elas, que supostamente começaram em 1914, se tornaram anos, décadas e finalmente, passaram de um século para o outro sem que os seguidores presenciassem qualquer previsão dos líderes. Durante toda sua existência, uma das principais ocupações da Torre de Vigia foi manter acesa a chama do interesse em torno dessa data, tornando-a o ponto de partida para a fundação de um “Novo Mundo” que nunca saiu das páginas de “A Sentinela”. Muitas Testemunhas de Jeová consideram que C. T. Russell, seu fundador, sempre pregou que a data da entronização de Cristo Jesus seria 1914, mas não é bem assim. Se verificassem os escritos do falecido pastor,

veriam um ponto de vista muito diferente. Para ele, Jesus havia sido entronizado rei no ano de 1878 e estava presente espiritualmente e invisível desde então. Russell não tinha dúvidas de que o tempo para a grande tribulação e ira divina sobre as nações JÁ HAVIA se iniciado:

"O ano de 1878 DC …claramente marca o tempo para assumir o poder como o Rei dos reis, pelo nosso presente espiritualmente e invisível Senhor... que, na profecia, está intimamente associado à ressurreição de seu escravo e o início da tribulação e ira sobre as nações. " – (**The Time is At Hand, 1911 - Pág. 239)**

A publicação acima, mostra claramente qual era a cronologia aceita e pregada pelos antigos Estudantes Internacionais da Bíblia, os seguidores de C. T. Russel. Para eles, entre 1874 e 1878, Jesus havia voltado invisivelmente e recebido o poder como Rei celestial. Nessa posição, Jesus investigaria as igrejas nominais, os que as Testemunhas de Jeová chamam de "cristandade", isto é, o conjunto de todas as supostas religiões falsas que alegam representar o corpo de Cristo na terra, e escolheria e limparia a "classe consagrada". O mundo seria então lançado em convulsão até o ano de 1914, quando o milênio seria estabelecido após a destruição dos governos e do Cristianismo. Russell e seus associados seriam então arrebatados para os céus de onde governariam com o entronizado Rei Jesus Cristo.

"A presença de Nosso Senhor como noivo e ceifeiro foi reconhecida durante os primeiros três anos e meio, de 1874 DC a 1878 DC. Aqui, como no tipo, o julgamento começa com a igreja nominal, em condenação à destruição dos sistemas nominais (não as pessoas), externamente representando a verdadeira igreja- 'o corpo'. Aqui também é a limpeza do verdadeiro templo, a verdadeira Igreja, o corpo de Cristo – a classe consagrada."
(The Time is at Hand – pg. 239)

"Mas tenha em mente que o final de 1914 não é a data para o início, mas para o fim do tempo de aflição. [8] " – (**Zion's Watch Tower 1894 Jul 15 p.226)**

"Nosso Senhor, o rei designado, está agora presente desde outubro de 1874, DC, de acordo com o testemunho dos profetas, àqueles que tiverem ouvidos para ouvi-lo: E a inauguração formal de reinado, data de abril de 1878, DC. [8]"

(Studies in Scriptures Series IV (1897) p.621)

"As testemunhas de Jeová apontaram para o ano de 1914, décadas antes, como marcando o início da" conclusão do sistema das coisas[8] ".
(Despertai! 22/01/1973 pg. 8 Inglês)

"A Sentinela coerentemente tem apresentado evidência aos sinceros estudantes da profecia bíblica de que a presença de Jesus no poder do Reino

celestial começou em 1914. Os eventos ocorridos desde aquele ano atestam a presença invisível de Jesus.[8]" - **(A Sentinela 15/01/1993 pg. 5)**

Entretanto, este ensino iria mudar da noite para o dia em anos posteriores. Por exemplo, se consultar publicações atuais da Torre de Vigia, verá que a data da presença invisível de Cristo e de sua entronização como Rei celestial foi comodamente ajustada para o ano de 1914. Comparar estas referências, nos mostra como a liderança das Testemunhas de Jeová é desonesta e procura a todo custo, modificar os fatos de seu passado a fim de perpetuar o controle que mantém sobre seus seguidores. Infelizmente, a grande maioria dos membros, principalmente os das gerações mais recentes, não possuem acesso às publicações antigas e sequer desconfiam de que estão sendo enganados.

As falsas previsões para o Armagedom não foram exclusividade apenas do fundador Charles Russell. O segundo presidente da Torre de Vigia, Joseph Rutherford, enveredou-se pelo caminho das profetadas. Influenciado pelas previsões apocalípticas de seu predecessor, Rutherford achava que o fim ainda poderia vir a qualquer hora e que o motivo da demora teria sido um erro de interpretação. Este erro de "cálculo", poderia simplesmente representar alguns poucos anos, portanto, ele continuou a induzir seus seguidores a encarar a suposta urgência dos tempos em que se encontravam. Pouco tempo depois de ascender ao controle da organização, o juiz lançou o livro póstumo de C. T. Russell chamado "The Finished Mistery (O Mistério Consumado) ". Uma de suas polêmicas declarações dizia:

"Também, no ano de 1918, quando Deus destruir por completo os membros das igrejas aos milhões, pode ser que qualquer um que escape, venha aos pés do Pastor Russell para apender o significado da queda da Cristandade. [8] "

(The Finished Mistery p.485)

1925, a Profecia dos Milhões de Rutherford

Mesmo depois que esta previsão se mostrou falsa, os Estudantes da Bíblia continuaram a nutrir a esperança e a fé em sua liderança internacional. Para manter seus associados sob o clima de tensão e expectativa, o livro "Finished Mistery" foi comodamente ajustado em várias de suas edições, ampliando o prazo para o cumprimento das profecias de Rutherford.

"Mesmo as repúblicas irão desaparecer por volta de 1920. Os três dias nos quais Faraó perseguiu os israelitas no deserto, representam os três anos de 1917 a 1920, tempo no qual os mensageiros de Faraó foram engolidos no

mar da anarquia. [8] ”

(The Finished Mistery – pg. 258, Edição de 1918)

Na edição de 1920 desta mesma publicação, as datas foram removidas e o texto sutilmente modificado:

“Mesmo as repúblicas irão desaparecer no tempo de anarquia. Os três dias nos quais Faraó perseguiu os Israelitas no deserto pode representar os três anos que precederam o tempo de anarquia, tempo no qual os mensageiros de Faraó foram engolidos no mar da anarquia humana. [8] ”

(The Finished Mistery – pg. 258, Edição de 1926)

Modificar datas e ajustá-las comodamente às suas novas luzes, aliás, é algo que as Testemunhas de Jeová têm feito sempre no decorrer de sua história. No capítulo 13 deste livro, páginas 121-122, eu descrevi a mudança ocorrida em 1995 com relação à geração de 1914. Naquela época, um cabeçalho da revista Despertai foi modificado comodamente, a fim de propor um prazo a mais para o cumprimento da profecia do fim do mundo que ocorreria no período de uma geração.

Certamente, uma das mais vergonhosas falsas profecias pregadas pelas modernas Testemunhas de Jeová, foi a da ressurreição terrestre e o início do milênio messiânico para 1925. Rutherford, em seu discurso “*Milhões que agora vivem, Jamais morrerão! ”*, orientou seus discípulos a pregar o suposto governo de Cristo que seria instaurado na terra a partir de 1925. Até lá, de acordo com o profeta, o Armagedom já teria posto fim ao iníquo sistema de coisas, e a ressurreição de grandes líderes do passado poderia ser testemunhada pelos salvos e escolhidos. Exultantes com essa nova e maravilhosa perspectiva, as testemunhas começaram a distribuir um folheto com o mesmo tema do discurso. Um dos mensários lançados na época, chamado “O Boletim”, apresentava sugestões aos publicadores de como pregar a nova data e despertar o interesse das pessoas por ela:

“- Bom dia! Você sabia que milhões que agora vivem jamais morrerão? É exatamente isso que eu disse, que milhões que estão vivos agora nunca irão morrer.
O livro “O Mistério Consumado”, o trabalho póstumo do Pastor Russell, diz que há milhões que agora vivem que nunca morrerão. Se você se manter vivo até 1925, você tem excelentes chance de ser um destes. Isto é um fato absoluto, declarado em todo livro da Bíblia, previsto por todo profeta da Bíblia.[8] ” **– (The Bulletin 01/10/1920 Inglês)**

Nos anos turbulentos que sucederam a primeira grande guerra mundial, quando os Estados Unidos enfrentavam a pior de todas as recessões, Rutherford,

o magnata religioso, que vivia em uma mansão na Califórnia chamada “Beth Sarim”, vendia como água os milhões de exemplares dos livros e revistas, vomitados pelas gráficas internacionais sob o controle de sua organização. Publicadores zelosos, colportores e trabalhadores de tempo integral iam de casa em casa e de porta em porta vendendo voluntariamente seus escritos e arrecadando milhões de dólares que, obviamente, iam parar nas contas bancárias da Sociedade Torre de Vigia. Nas décadas de 1920 e 1930, Testemunhas de Jeová com faixas, carros de som, fonógrafos portáteis, e panfletos religiosos, atraiam milhões de pessoas para ouvir os discursos apocalípticos de Joseph Rutherford. Milhares eram batizados com a esperança de sobreviver ao iminente Armagedom e receber a graça da vida eterna sob o reino milenar inadiável. Ora, os fiéis deveriam alegrar-se em grande júbilo, afinal, estavam às portas de um evento sem paralelo na história humana.

"Entendemos que, 1925 está definitivamente estabelecido pelas Escrituras marcando do fim dos jubileus tipificados... quanto a Noé, o cristão agora tem muito mais no que basear sua fé do que Noé teve (como as escrituras revelam) sobre a chegada do dilúvio. [8] ” - **A Sentinela 01/04/1923 pg. 106 (Inglês)**

“O ano de 1925 é uma data estabelecida e marcada claramente nas escrituras, e é ainda mais clara que a de 1914. [8]”- **A Sentinela 15/07/1924 pág. 211 (Inglês)**

“…a velha ordem de coisas, o velho mundo, está findando e está assim passando e a nova ordem está chegando, e 1925 deve assinalar a ressurreição dos ilustres fieis da antiguidade…é razoável concluir que milhões de pessoas agora na terra, estarão nela em 1925. Assim, à base das promessas estabelecidas na Palavra Divina, devemos chegar à conclusão positiva e indiscutível que milhões que agora vivem jamais morrerão. [8]”- **Milhões que agora vivem jamais morrerão, 1920, pág. 97 (Inglês)**

Quando eu era uma das Testemunhas de Jeová desinformadas, no seio da organização, jamais pude saber das grandes profecias fracassadas que as tornaram famosas. Se é verdade que em algumas publicações da Torre de Vigia há menções dos erros do passado, e eu estava a par de alguns destes, também é verdade que tais deslizes não são descritos ou expostos assim como de fato aconteceram. Por exemplo, quando no livro “Proclamadores do Reino de Deus”, página 76, no quadro “Casa dos Príncipes” mencionam a mansão de Beth Sarim, limitam-se a dizer que a casa tinha sido usada por Joseph Rutherford em um período de convalescência, devido a complicações de saúde. A região onde a mansão havia sido construída, a saber em São Diego na Califórnia, tinha um

clima mais apropriado para alguém com problemas respiratórios, por isso, o juiz resolvera usá-la como local de morada vitalícia. Ao pé do mesmo quadro, na referência citada, em letras pequenas, diz-se que na época, "*acreditava-se que os homens fiéis da antiguidade, tais como Abraão, José e Davi, seriam ressuscitados*"; porém, o óbvio não é explicado nesta publicação: A mansão de Beth Sarim foi adquirida para que os patriarcas ressuscitados pudessem ter um lugar para viver após o Armagedom. Na mansão, guardavam-se automóveis modelo Cadillacs 16 cilindros, alguns dos mais luxuosos e caros veículos da época. Como Abraão, José e Davi não ressuscitaram para reivindicar seus automóveis e o lugar na mansão da Califórnia, o próprio Rutherford, alegando problemas de saúde, resolveu tomar posse da propriedade. Após a morte do Juiz Rutherford, fato que ocorreu em 1942, a casa foi vendida pela Torre de Vigia. Mesmo assim, até os dias de hoje, ela ainda permanece de pé e tem ainda a mesma aparência de outrora, ostentando, inclusive, a inscrição que a tornou famosa: "Casa dos Príncipes". É uma prova viva, uma testemunha silenciosa da falsa profecia de um falso líder religioso que enganou e desencaminhou a milhões de pessoas.

Quando uma Testemunha de Jeová sincera tem acesso a materiais dessa época e consegue comprovar pessoalmente a dimensão do engano perpetuado pela seita que acredita ser a expressão da verdade, o que lhe vem ao coração é certamente uma profunda decepção e angústia. Foi o que senti ao ter conhecimento dos absurdos pregados pela organização naquela época. Quando procuram se explicar sobre questionamentos relacionados ao assunto, até mesmo anciãos bem instruídos afirmam que, nos tempos antigos, apenas "achavam" que as datas que haviam pregado se cumpririam, mas que ajustaram seus entendimentos quando se deram conta de que estes não corresponderam às expectativas. A verdade é que as Testemunhas de Jeová, como já vimos em várias referências acima, foram induzidas pela sua liderança a encarar estas datas, cronologias e previsões, como se fossem uma revelação divina, uma certeza inadiável, algo que deveria ser pregado em toda a terra habitada com o máximo de urgência possível. Com respeito a previsão de 1925, mesmo vendo os anos se passarem rapidamente e o desenvolver da segunda grande Guerra Mundial, a seita conclamava os fiéis a aguardar uma aurora milenar que só existia na mente de Joseph Rutherford. Mesmo o casamento ou o ter filhos podia ser adiado em prol dessa expectativa:

> "… parece não haver motivo razoável ou bíblico para trazer filhos a este mundo imediatamente antes do Armagedom, tempo em que nos

encontramos. [8]„
(A Sentinela, 01/11/1938, pág. 324 – Inglês)

"Nunca houve uma visão mais comovente nestes "últimos dias". … recebendo o presente[**o livro 'Filhos'**], a crianças marchando para o receber … o instrumento provido pelo Senhor para o mais eficaz trabalho nos meses que restam antes do Armagedom. Que presente! E para muitos! A maneira de entregar às crianças o novo livro, foi uma surpresa total para todos.[8] "-
(A Sentinela 15/09/1941, pág. 288 – Inglês)

O Juiz Rutherford, profetizara que "milhões não morreriam" sem ver o Armagedom e o estabelecimento do governo milenar. O que ele não poderia imaginar era que sua profecia iria se cumprir ao contrário. Ao invés de um governo de gozo e harmonia sob o príncipe da paz, o mundo mergulhou no período mais negro da história humana. As nações estavam envolvidas em uma guerra total sem paralelos na história que durou seis anos. Durante a guerra global, cerca de 85 milhões de pessoas perderam a vida[15]. Não há dúvida de que a massa do gado religioso, sob o controle da Sociedade Torre de Vigia, foi profundamente manipulada e enganada com falsas profecias e promessas mentirosas que jamais se cumpriram. Infelizmente, o rastro de decepções teológicas dos líderes da seita continuou nas décadas seguintes.

Os 6.000 anos de Frederick Franz

Outra data substancial de uma falsa profecia é o ano de 1975. A especulação em torno desta data, começou com a publicação do livro "*Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus*". Este livro, escrito por Frederick W. Franz, quarto presidente da Torre de Vigia, estabelecia que os 6.000 anos da criação de Adão terminavam em 1975.

"Desde o tempo de Ussher, fizeram-se estudos intensivos da cronologia bíblica. Neste século vinte, realizou-se um estudo independente que não acompanha cegamente certos cálculos cronológicos tradicionais da cristandade, e a tabela de tempo publicada, resultante deste estudo independente, fornece a data da criação do homem como sendo 4026 A.E.C.* Segundo esta cronologia bíblica fidedigna, os seis mil anos desde a criação do homem terminarão em **1975** e o sétimo período de mil anos da história humana começará no outono (segundo o hemisfério setentrional) do ano **1975** E.C.[8]"- **(Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus, pág. 27-29)**

Embora a liderança, não tivesse estabelecido claramente uma nova data para o Armagedom por escrito, outros artigos que se seguiram, os quais figuravam em periódicos oficiais, livros, e nas revistas "A Sentinela" e

“Despertai!”, deram extensa margem para que as testemunhas relacionassem o ano de 1975 com o Armagedom e o início do reinado milenar.

> “Será que o dia de descanso de Deus equivale ao tempo em que o Homem tem estado na terra desde a sua criação? Aparentemente, sim. Das mais confiáveis investigações em cronologia Bíblica harmonizadas com muitas datas aceitas pela história secular, descobrimos que Adão foi criado no outono do ano 4026 A.E.C. Em que ano terminariam, então, os primeiros 6.000 anos da existência do homem e também os primeiros 6.000 anos do dia de descanso de Deus? **No ano 1975**. Isto é digno de nota, particularmente em vista do fato de os "últimos dias" terem começado em 1914, e de os fatos físicos dos nossos dias em cumprimento da profecia marcarem esta como sendo a última geração deste mundo iníquo. Por isso podemos esperar que o futuro imediato esteja cheio de acontecimentos emocionantes para aqueles que depositam a sua fé em Deus e nas suas promessas. Isto significa que dentro de relativamente poucos anos nós vamos testemunhar o cumprimento das restantes profecias que têm que ver com o "tempo do fim. [8]" **(Despertai! 22/04/1967 págs. 19-20)**

> "O futuro imediato está certamente repleto de eventos culminantes, pois este velho sistema está perto do seu fim completo. Dentro de **poucos anos no máximo** as últimas partes da profecia Bíblica relativas a estes "últimos dias" vão-se cumprir resultando na libertação da humanidade sobrevivente para **o glorioso reino de Cristo de 1.000 anos**. Que dias difíceis, mas, ao mesmo tempo, grandiosos estão mesmo à frente! [8]" - **(A Sentinela 01/11/1968 pág. 660)**

Claramente, o cenário para a nova especulação profética estava montado e novos artigos iriam induzir os fiéis à “urgência dos tempos”. Á medida que os anos avançavam, os seguidores da Torre de Vigia excitavam-se com a probabilidade do Armagedom. Confiantes de que sua liderança internacional, supostamente orientada pelo Espírito Santo, havia recebido uma revelação da parte de Deus, as Testemunhas de Jeová em toda a terra agiram em concomitância com o enunciado.

> “Receberam-se notícias a respeito de irmãos que venderam sua casa e propriedade e que planejam passar o resto dos seus dias neste velho sistema de coisas empenhados no serviço de pioneiro. Este é certamente, um modo excelente de passar o pouco tempo que resta antes de findar o mundo iníquo. 1 João 2:17. [8] ”
>
> **(Nosso Ministério do Reino Julho/1974 págs. 3,4)**

Quando eu abandonei a organização do Corpo Governante e me empenhei em pesquisas diversas através da internet, tive contato com vários ex-membros das Testemunhas de Jeová que viveram no contexto de 1975. Estas testemunhas oculares me confirmaram todos os detalhes da época que descrevo a

seguir.

Na véspera de 1975, algumas famílias venderam imóveis, bens, abandonaram empregos, carreira secular, estudos acadêmicos, desfizeram-se de heranças e economias e até mesmo tiraram filhos da escola. O objetivo, era mudar-se para locais onde havia mais necessidade de pregadores, afinal, o milênio estava às portas e não havia mais tempo para gastar com o velho mundo iníquo condenado. Ao invés de conter a onda de histeria e excitação que assolava as congregações ao redor do mundo, experimentando auges e mais auges em seus relatórios, a Sociedade Torre de Vigia elogiava publicamente os que apostaram tudo na suposta proximidade do fim e alimentava explicitamente a especulação. Os pais e jovens em idade escolar, eram estimulados a desprezar qualquer sonho ou interesse secular que porventura nutrissem em relação ao agonizante sistema. Algumas publicações da época, declaravam absurdos como os que seguem:

"Assim, por afastar seus filhos da assim chamada educação 'superior' de hoje, estes pais poupam seus filhos de serem expostos a uma crescente atmosfera de desmoralização, e, ao mesmo tempo, preparam-nos para a vida no novo sistema. [8]„

(A Sentinela de 15/03/1969, página 171)

"Se você é um jovem, você também tem de encarar o fato de que você jamais envelhecerá neste sistema de coisas... Caso esteja no nível médio e pensando na universidade, isto implica em, pelo menos, quatro, talvez seis ou oito anos para graduar-se em uma carreira especializada. Mas como estará este sistema de coisas por essa época? Estará bem no rumo de seu fim, se é que já não tenha se acabado!... O que é realmente prático, preparar-se para uma posição neste mundo que logo desaparecerá? Ou trabalhar para sobreviver ao fim deste sistema...? [8]„

(Despertai! 22/05/1969, pág. 15 em inglês)

Não resta nenhuma dúvida de que as Testemunhas de Jeová foram induzidas por sua liderança a acreditar firmemente que o Armagedom e o milênio se dariam por volta de 1975. Quando este ano finalmente chegou... e passou, sem que nada de especial ocorresse, houve grande decepção entre elas. Muitos abandonaram a organização desacreditados; ainda outros, profundamente desolados, precisaram refazer totalmente suas vidas. O Corpo Governante não iria se retratar ou pedir perdão pelas dificuldades que tinha causado ou pelas falsas esperanças que haviam criado e cultivado no coração de seus fiéis, afinal, fazer tal coisa seria o mesmo que negar a pretensa orientação divina que

afirmavam ter. Eles, certamente não desceriam a este nível.

> "De novo, em 1975, houve desapontamento quando as expectativas sobre o início do Milênio não se concretizaram. Em resultado, alguns se afastaram da organização. Outros, porque tentaram subverter a fé de associados, foram desassociados. [8]„
>
> **(Proclamadores do Reino de Deus, página 633)**

Embora houvesse o interesse em uma retratação oficial, as hipóteses relacionadas foram logo descartadas pelo Corpo Governante, pois tal atitude, sem dúvida, forneceria munição aos opositores e ex-membros críticos. Ao invés de uma desculpa formal, as pobres Testemunhas de Jeová, deprimidas por não ver o cumprimento das expectativas fracassadas, receberam uma severa repreensão. Foram declaradas culpadas de especular e alimentar anseios que não correspondiam à realidade.

> “Pode ser que alguns daqueles que têm servido a Deus planejaram sua vida de acordo com um conceito errôneo do que é que deveria acontecer em determinada data ou em certo ano. Por este motivo, eles talvez tenham adiado ou negligenciado coisas de que, de outro modo, teriam cuidado. Mas, eles desperceberam o ponto das advertências bíblicas a respeito do fim deste sistema de coisas, pensando que a cronologia bíblica revelasse uma data específica. [8] „
>
> **(A Sentinela 15/01/1977. Pg. 24)**

Ora, como já vimos em referências anteriores, tais “conceitos errôneos” não surgiram espontaneamente na cabeça dos membros; aliás, as próprias Testemunhas de Jeová, individualmente ou como grupo, estão proibidos de raciocinar fora dos parâmetros estabelecidos pelo Corpo Governante. A suposta “cronologia bíblica”, apresentada como fidedigna e confiável, havia sido oficializada com o aval da organização, tendo sido por ela patrocinada. Ela era a culpada de tudo.

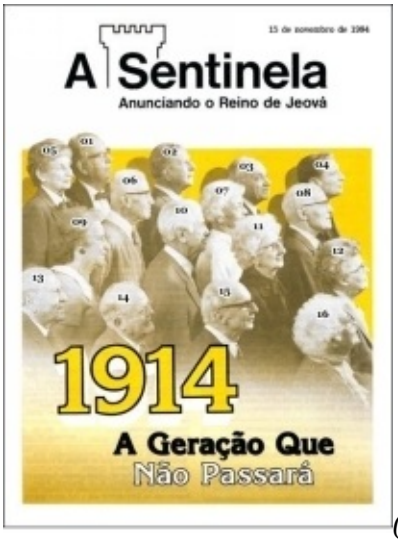
A Geração que Passou

Muito embora a data de 1975 tivesse causado constrangimento e desilusão, a ideia da “geração de 1914” que veria o Armagedom, continuava a ser amplamente aceita. O fim, ainda poderia chegar a qualquer momento. Assim, menos de dez anos após a profetada de 1975 a Sociedade Torre de Vigia ainda continuava a alimentar as esperanças dos que permaneceram fiéis à organização; fazia isso regularmente através de seu canal de comunicação oficial: A revista “A

Sentinela”. Um de seus números mais famosos da época é a edição de 15 de novembro de 1984. Nesta publicação a liderança procurava deixar claro que fiéis membros dentre seu rebanho, muitos deles em idade avançada, iriam ver o Armagedom e sobreviver a ele. O título da capa, que anunciava a série de estudos, dizia em letras garrafais: “ 1914: *A Geração que Não Passará! ”*. Algumas declarações dessa edição histórica, eram simplesmente absurdas, mas cumpriam muito bem o papel de reavivar a expectativa adiada no coração de milhões de Testemunhas de Jeová ao redor do mundo (Prov. 13:12). Isso também, estrategicamente, manteria o senso de urgência dos trabalhadores de tempo integral.

“Se Jesus usou a palavra “geração” nesse sentido e se a aplicarmos a 1914, então os bebês daquela geração têm agora 70 anos ou mais. E outros que estavam vivos em 1914 estão com seus 80 ou 90 anos, sendo que uns poucos já atingiram a idade de cem anos. Ainda há muitos milhões dessa geração vivos. Alguns deles ‘de modo algum passarão até que todas estas coisas ocorram’. [8] ” **(A Sentinela 15/11/1984 pág. 5)**
“Desde o momentoso ano de 1914 temos observado o cumprimento de muitas profecias sobre o tempo do fim. Esses acontecimentos profetizados começaram a ocorrer uns 70 anos atrás. Não obstante, Jesus disse que todos ocorreriam durante o período de vida de uma geração. Obviamente, estamos bem avançados na duração dessa geração! [8] ” – **A Sentinela 01/12/1984 pág. 20**

Nesta última referência, desonestamente a liderança da seita afirmava que Jesus Cristo era o autor da profecia da “geração que não passaria”. Evidentemente tal alegação não podia ser provada e mostrou-se absolutamente falsa. Famosa e polêmica, esta edição de “A Sentinela”, trazia na capa vários servos das Testemunhas de Jeová, alegadamente a maioria eram participantes da “chamada celestial”. Contrariando esta afirmação profética, todos as pessoas na imagem já vieram a falecer. A seguir, a capa e os nomes dos enumerados:



(1) Clarence Ulrich, 1908-1989;
(2) Arthur Worsley, 1907-1996;
(3) George Gangas, 1896-1994;
(4)John Errichetti, 1912-1997;
(5) Louise Stemen, 1903-2002;
(6) Dickran Derderian, 1892-1984;
(7) Ann Rose, 1910-2000;
(8) Aquilla Zook, 1898-1993;
(9)Sophie Yiuchniewicz, 1906-2008;
(10) Dr. Willis Stemen, 1907-1987;
(11) Bernice (Bun) Henschel, 1909-2001;
(12) Mary Hannan, 1898-1995;
(13) Martin Poetzinger, 1904-1988;
(14) George Hannan, 1899-1992;
(15) Robert Hatzfeld, 1903-2001;
(16) Babette Herrlinger, 1894-1995.

O “Bug do Milênio” !

Todos os dias, os membros das Testemunhas de Jeová anseiam por alguma notícia que corrobore suas previsões apocalípticas. O senso de urgência continua sendo imposto apesar das decepções constantes; por isso, sempre que conversar com uma testemunha, irá perceber que o foco de sua conversa gira em torno de um suposto Armagedom às portas, da destruição da “Religião Falsa”, do fim dos governos humanos e do estabelecimento de um paraíso na terra onde apenas elas residirão para todo o sempre, completamente livres de toda a iniquidade que consome o mundo. Considerando a sua liderança internacional como o oráculo divino de Deus na terra, as testemunhas estão atentas a todas as suas declarações, declarações estas, providas regularmente através de suas

publicações oficiais. Isso quer dizer que, qualquer nova cronologia, data, ou uma nova base profética, pode de repente tornar-se objeto de novas e excitantes especulações sobre o irrompimento da grande tribulação e do esperado fim do mundo. Veja as seguintes referências:

"Nestas palavras: "Porque o tempo está próximo", escritas há quase dezenove séculos atrás, há alguma emoção para nós hoje neste século vinte E. C.? Certamente, medido em termos de tempo, "o que deve acontecer em breve" não aconteceria agora cedo demais, depois de quase dezenove séculos, especialmente o começo dos preditos mil anos. [8]" – **(O Reino de Deus de mil Anos, pág. 22)**

"Dentro em breve, no nosso século vinte, começará a "batalha no dia de Jeová"
contra o antítipo moderno de Jerusalém, a cristandade. [8]"
(As Nações Terão de Saber que Eu Sou Jeová - Como? - pág. 200)

"Em retrospecto, do ponto de vista do presente, vemos hoje claramente que o irrompimento da Primeira Guerra Mundial introduziu
o 'Tempo de Tribulação' do século vinte. [8]" – **(Sobrevivência, pág. 29)**

"Ora, quando foi que as nações, na história humana, tornaram-se notavelmente furiosas contra a proclamação do Reino e passaram a arruinar a terra? Não é neste século vinte, e, em especial, a partir da Primeira Guerra Mundial, em 1914, que a terra está sofrendo violência e poluição em escala internacional? [8]" – **(Boas Novas, pág. 146**)

"O apóstolo Paulo servia de ponta de lança na atividade missionária cristã. Ele também lançava o alicerce para uma obra que seria terminada em nosso século 20. [8]" **(A Sentinela 01/01/1989 pág. 12)**

As informações fornecidas ao longo dos anos, dava às Testemunhas de Jeová a esperança falsa de que o Armagedom e o fim do sistema se daria ainda no século vinte. Embora algumas das referências acima se relacionassem às expectativas em torno do ano de 1975, a proximidade de um novo século as deixava extremamente ansiosas. Tudo parecia indicar que, do ano 2000, o Armagedom não passaria.

No ano de 1999 eu estava servindo numa pequena congregação num município próximo à cidade onde havia crescido e constituído nossa família. Nesta época, minha esposa estava grávida do terceiro filho e, para custear as nossas despesas, eu trabalhava como técnico de manutenção em computadores; em outro horário vago, dava aulas de informática básica em uma escola de terceiros. Em vista da proximidade do ano 2000, muitos usuários de softwares estavam preocupados com o tal "bug" do ano 2000. Eu fui batizado em 1994, portanto, haviam se passado apenas quatro anos de efetivação na seita. Mesmo

tendo lido diversas publicações de anos anteriores eu desconhecia as referências citadas no quadro acima. Se der atenção aos textos sublinhados, verá que, a Torre de Vigia disse explicitamente que a destruição das religiões falsas, segundo sua doutrina exclusivista, e o Armagedom propriamente dito, a guerra de Deus contra as organizações humanas, ocorreria no século vinte. Certa vez, quando trabalhava pregando de porta em porta, estando na companhia de um pioneiro especial, que era um zeloso ex-betelita, entabulamos uma conversa a respeito. Ele me parecia ansioso pela proximidade do ano 2000, mas eu não achava que algo extraordinário pudesse acontecer. Ele me perguntou:

- Osmanito, você que trabalha com Tecnologia da Informação, o que sabe a respeito do bug do ano 2000? É algo com que se preocupar?

– Bom, - respondi – não é algo preocupante para a grande maioria das pessoas. Não sei se você sabe, mas os softwares desenvolvidos na década de 1960, usavam padrões de datas com dois dígitos para o ano. Quando chegar o ano 2000, os sistemas não atualizados podem interpretar que o valor “00”, se referem ao ano 1900 e isso pode causar algum tipo de pane inesperada nos sistemas de empresas e instituições que ainda usam os softwares antigos.

Evidentemente, existiam muitos boatos e especulações sobre possíveis tragédias que poderiam ocorrer em resultado deste bug. Tudo isso, fez com que as empresas, na época, gastassem bilhões de dólares ao redor do mundo para atualizar seus programas e bancos de dados. Eu continuei a explicar ao pioneiro em mais detalhes:

– Pode ser, por exemplo, que aeroportos e instalações nucleares, fiquem fora do controle. Imagine aviões sendo redirecionados para outras rotas ou mesmo caindo em locais densamente habitados; pense em usinas nucleares com seus sistemas avariados, entrando em colapso e contaminando grandes regiões. Talvez ocorra que bancos e instituições financeiras, com seus softwares desatualizados, confundam dados e contas de clientes fazendo com que muitas pessoas percam suas economias; imagine milhares de pessoas invadindo terminais bancários, porque as máquinas de dinheiro ficaram loucas, ou pense em fechaduras de presídios sendo abertas automaticamente por causa de um erro de programação e que isso acabe libertando centenas ou mesmo milhares de criminosos perigosos... embora eu não creia que isso ocorra em larga escala,

pode ser que o bug cause alguns problemas como esses.

Eu notei que o colega estava muito pensativo e até mesmo preocupado. Eu não sabia, mas ele tinha conhecimento das referências de publicações antigas. Tendo crescido na "verdade", ele estava consciente da promessa de que o fim viria ainda no século vinte. Bom, a realidade dos fatos é que hoje já estamos bem avançados nos anos que se seguiram e o século vinte já ficou quase duas décadas para trás. Como dizem, o pior inimigo de um falso profeta é o tempo (Deut. 18:20-22). Geralmente, quando mostramos às Testemunhas de Jeová referências como as acima citadas e raciocinamos com elas à base das escrituras, costumam dizer que nunca alegaram ser profetas de Deus ou afirmaram que suas declarações eram da parte de Jeová, por isso, não podem ser taxadas de falsos profetas. Entretanto, se fossem de fato honestas, reconheceriam que é exatamente isso que dizem ser e fazer, fato que pode ser corroborado com a análise sincera de suas próprias publicações. Elas mesmas apressam-se a expor religiosos que fizeram coisas semelhantes, contudo, hipocritamente, não revelam que também são culpadas dos mesmos erros grotescos pelos quais acusam alguns (Mateus 7:3-5).

"É verdade, tem havido aqueles que no passado predisseram um 'fim do mundo', até mesmo anunciando uma data específica … contudo, nada aconteceu. O 'fim' não veio. Eles foram culpados de profetizar falsamente. Porquê? O que faltou? …Faltavam a essas pessoas, as verdades de Deus e a evidência de que ele as estava guiando e usando. [8]" **– (Despertai! 08/10/1968, pág. 23)**

"Jeová, o Deus dos verdadeiros profetas, envergonhará todos os falsos profetas quer por não cumprir a predição falsa de tais pretensos profetas, quer por cumprir Suas próprias profecias de modo oposto ao que os falsos profetas predisseram. Os falsos profetas procurarão ocultar seus motivos de sentir vergonha por negar quem realmente são. [8]" – **(O Paraíso Restabelecido pág. 354)**

Ora, se algumas religiões apocalípticas que pregaram o fim do mundo estabelecendo datas que não se cumpriram podem ser tachadas por elas de falsos profetas, o que dizer das "datas específicas" estabelecidas e divulgadas extensivamente pelas Testemunhas de Jeová? É evidente que elas profetizaram eventos que não se concretizaram e isso as coloca no rol dos falsos profetas contra os quais as escrituras e elas mesmas nos alertam. A última referência do quadro acima se cumpre com exatidão na organização delas, pois suas previsões falharam de maneira miserável e algumas, até se cumpriram ao contrário! Ora, na primeira citação acima, eles reconhecem que pessoas que pregam falsas

profecias, não podem estar sendo usadas por Deus! Elas próprias se revelam, afinal.

> "Acautelai-vos quanto aos falsos profetas. Eles se aproximam de vós disfarçados de ovelhas, mas no seu íntimo são como lobos devoradores. Pelos seus frutos os conhecereis. É possível alguém colher uvas de um espinheiro ou figos das ervas daninhas? " **– (Mateus 7:15)**

> "Assim afirma o SENHOR dos Exércitos: "Não deis ouvidos às palavras dos profetas, que vos pregam, enchendo-vos de ilusões; falam de uma visão que lhes sobe do próprio coração e não dizem uma palavra que proceda da boca de Yahweh."
>
> **(Jeremias 23:16)**

Desde o início de sua história, a organização da Torre de Vigia e seus associados, têm afirmado ser o "representante de Deus" na terra, os únicos oficialmente responsáveis por revelar suas verdades finais e seus propósitos. Afirmam estar sendo orientados pelo próprio Espírito Santo. Estas declarações pretensiosas, muito comuns em suas publicações, já demonstram o quanto são hipócritas. Muitas vezes, para se defender dos ataques de alguns opositores, alegam que são realmente profetas, porém, não profetas inspirados como Daniel ou Jeremias eram. Ora, e o que é um "profeta não-inspirado"? Certamente é um falso profeta!

> "As Testemunhas de Jeová, devido ao seu anseio pela segunda vinda de Jesus, sugeriram datas que se mostraram incorretas. Por isso, há quem as chame de falsos profetas. No entanto, nunca nesses casos presumiram que suas predições eram feitas 'no nome de Jeová'. [8]" – (**Despertai! 22/03/1993, pág. 4)**
>
> "Contudo, **Jeová** não deixou o povo da cristandade, guiado pelos clérigos, sem um aviso no sentido de que a Liga era um substituto fraudulento do verdadeiro reino de Deus. **Ele tinha um "profeta"** para dar a advertência. Este "profeta" não era um só homem, mas um grupo de homens e mulheres. Era o grupo pequeno dos seguidores das pisadas de Jesus Cristo, conhecidos naquele tempo como Estudantes Internacionais da Bíblia. Hoje são conhecidos como testemunhas cristãs de Jeová. [8]"
>
> **(A Sentinela 1/10/1972 pág. 581)**

Não há de fato dúvidas, de que a liderança da organização da Torre de Vigia, arvorou-se na alegação de que é o profeta moderno de Jeová. Certamente, a análise de sua história, mostra, sem margem para equívocos, que essa seita é totalmente culpada de disseminar graves erros doutrinais e falsas previsões

teológicas. Assim como os antigos e pretensos profetas não designados, os líderes das testemunhas enchem a mente de seus seguidores com ilusões, falam das coisas que eles desejam, mas não são, de maneira nenhuma, as palavras da boca de Deus (Jer. 23:16; 2 Tim. 4:3,4).

Capítulo XVIII
Um Evangelho Diferente

Poucas décadas após a morte e ressurreição de Jesus, os cristãos já enfrentavam a deturpação de sua mensagem principal. Os inimigos eram muitos e a grande maioria surgia dentre eles próprios. Cristãos judaizantes, hereges e falsos instrutores procuravam desviar alguns do caminho deixado por Cristo. Tal apostasia e desvio, já havia sido prevista por Ele (Mateus 13:24-30, Apoc. 12:4). João, o apóstolo amado, declarou que em breve viria o anticristo, mas que mesmo naquela época, já haviam muitos anticristos (1 João 2:18,19). Certamente, os líderes da igreja precisavam estar atentos ao fermento que poderia corromper o evangelho (Lucas 12:1). Paulo, o apóstolo que liderava as igrejas dos gentios, muitas das quais ele próprio tinha fundado e estabelecido, escreveu o que lemos a seguir:

> "Estou chocado de que estejais vos desviando tão depressa daquele que vos chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho, que na verdade, não é o Evangelho. O que acontece é que algumas pessoas vos estão confundindo, com o objetivo de corromper o Evangelho de Cristo. Contudo, ainda que nós ou mesmo um anjo dos céus vos anuncie um evangelho diferente do que já vos pregamos, seja considerado maldito! Conforme já vos revelei antes, declaro uma vez mais: qualquer pessoa que vos pregar um evangelho diferente daquele que já recebestes, seja amaldiçoado! " **– (Gálatas 1:6-9 KJA)**

Paulo estava muito preocupado com as igrejas da Galácia. Embora, aqueles fiéis tivessem recebido as boas novas de um destacado apóstolo do Senhor Jesus, ainda titubeavam na fé e davam ouvidos a prevaricadores espirituais que corrompiam o evangelho. Desde então, muitos falsos instrutores, mestres e seitas enganosas, têm surgido no cenário terrestre. Essas pessoas e grupos, desenvolvem doutrinas estranhas e as divulgam como se tais procedessem da parte de Deus. Certamente, o evangelho de Cristo é eterno e sua mensagem é a mesma, século após século (Apoc. 14:6). A maldição imposta nas palavras do apóstolo, evidentemente ainda está de pé, pois foi renovada na revelação dada a João, no livro de Apocalipse (Apoc. 22:19). E o que dizer do "evangelho" proclamado pelas Testemunhas de Jeová? É um "evangelho diferente"? Está realmente sob condenação divina? Vejamos.

Charles Taze Russell, foi criado como membro da igreja presbiteriana, denominação à qual pertencia seus pais, Joseph Lytel e Ann Eliza Russell. Russell, perdeu a mãe bem cedo na vida e logo abandonou a religião, desenvolvendo sérios raciocínios críticos. Ele estava a ponto de tornar-se um ateu; entretanto, quando assistiu a uma pregação de Jonas Wendell, um pastor adventista que pregava a volta de Cristo para o ano de 1874, Russell, que na época era um garoto de uns 17 anos de idade, teve a curiosidade por temas espirituais novamente reavivada. O ano era 1869[16]. Alguns anos depois, Russell havia se associado a outro adventista chamado Nelson Barbour; juntos, eles lançaram o livro "Três Mundos". Este livro, ensinava que a presença de Cristo começaria invisível no ano de 1874 e apenas 40 anos depois, o mundo experimentaria a instalação do milênio. Até lá, o Armagedom já teria chegado e passado. Porém, como já vimos em um capítulo anterior, as previsões de Russell, e dos Estudantes Internacionais da Bíblia, como eram chamados os seus seguidores, não se cumpriram. Ele era culpado de pregar uma falsa profecia.

Sem dúvida, o “evangelho” dos adventistas milleritas e de Russell, era algo muito diferente do que os apóstolos e primitivos cristãos pregavam no primeiro século; eram sem dúvida uma perversão interpretativa. As datas, às quais estes supostos estudiosos das escrituras haviam chegado, eram baseadas em cálculos e especulações sobre eventos e passagens bíblicas, isto é, em cronologias fantasiosas que levaram muitos à decepção e ao engano. Tanto Willian Miller, que pregou a segunda vinda de Jesus para 1844, como Charles Russell, que aceitou e divulgou a vinda invisível para 1874, estavam profundamente equivocados e por causa de sua presunção, tornaram-se autores de uma proclamação amaldiçoada, um evangelho diferente do autorizado aos cristãos.

Após a morte de Charles Russell em 1916, Joseph Franklin Rutherford, o segundo presidente da Torre de Vigia de Bíblias e Tratados da Pensilvânia, continuou a prover fundos e meios para divulgar o estranho evangelho de seu sucessor. Ensoberbecendo-se mais ainda, o Juiz, como era chamado, estabeleceu o ano de 1925 como a data para o início da ressurreição terrestre. Para ele, patriarcas da história antiga como Abraão, Jacó, Moisés e o rei Davi, iriam voltar à vida em perfeitas condições. Assim como Russell, Rutherford também tinha como base, supostas cronologias bíblicas, as quais considerava infalíveis, segredos divinos não revelados a qualquer outro grupo religioso. A campanha mundial de pregação da época, levou o título de “Milhões que agora vivem, jamais morrerão! ”.

“Setenta júbilos de cinquenta anos cada um dará o total de 3.500 anos. Este período de tempo principiando 1.575 anos antes da era Cristã, naturalmente terminará no outono do ano 1925, data esta, na qual termina o tipo, e o grande protótipo se iniciará. Qual então será o acontecimento que devemos esperar? Pelo tipo, deve haver completa restauração, portanto o grande protótipo marcará o princípio da restauração de todas as coisas. A coisa principal a ser restituída é vida à raça humana; desde que outras escrituras definitivamente estabelecem o facto, de que Abraão, Isaque e Jacó ressuscitarão e outros fieis antigos, e que estes seriam os primeiros favorecidos, podemos esperar em 1925 a volta desses homens fieis de Israel, ressurgindo da morte e completamente restituídos à perfeição humana, os quais serão visíveis e reais representantes da nova ordem das cousas na terra. [8]„

(Milhões que agora vivem... págs. 110,111)

"Esta cronologia não é de homem algum, mas de Deus... o acréscimo de mais provas a remove inteiramente do campo da possibilidade e coloca dentro do da certeza comprovada... a cronologia da verdade atual... não [é] de origem humana. [8]„

(A Sentinela 15/07/1922, pág. 217 em inglês)

Para milhares de pregadores de tempo integral das Testemunhas de Jeová, a mensagem que seu líder máximo lhes ordenara pregar, embora soasse estranha aos ouvidos, era a verdade divina, inquestionável, revelada através de um representante de Deus, no caso, o juiz Rutherford. Convencidos disso, eles iam às ruas, às casas, munidos de panfletos, revistas e livros escritos por Joseph Rutherford, levando fonógrafos portáteis e discos de vinil com discursos gravados por ele, vestindo cartazes sanduíches e distribuindo convites para grandes congressos e assembleias, onde tais heresias eram publicamente vomitadas diante milhares de espectadores. Todo este aparato de propaganda, visava divulgar o falso evangelho da organização Torre de Vigia.

Em capítulos anteriores, falamos sobre as falsas profecias do fim do mundo propagadas por esta organização. Além das datas de 1914 e 1925, divulgadas respectivamente por Russell e Rutherford, os dois primeiros fundadores, a mensagem das Testemunhas de Jeová apresentou também os anos de 1975 e 2000 como tempos limites para o fim deste velho mundo. Como sempre, suas declarações mostraram ser falsas e enganosas e suas previsões falharam miseravelmente vez após vez. Este “evangelho”, embora tenha sofrido diversas adaptações com o passar do tempo e continue a passar por reajustes, basicamente estabelece as seguintes doutrinas:

1) **Jesus voltou invisivelmente em 1914**, desde então, tem estado governando a organização das Testemunhas de Jeová. Em 2014, elas comemoraram 100 anos deste governo messiânico. Como já vimos, Russell ensinava que Jesus Cristo havia voltado invisivelmente em 1874 e que a partir deste ano o mundo entrava em seus últimos dias; ainda, que 1914 marcaria o fim do tempo concedido por Deus às nações. Então, o reino milenar seria implantado na terra. O entendimento foi modificado completamente a partir de 1925.

2) **Jesus e seus anjos batalharam com o Dragão**, Satanás, e o expulsaram do céu, juntamente com seus demônios em 1914 (Apoc. 12:7). A queda do diabo à terra, de acordo com sua interpretação, fez irromper a primeira grande guerra mundial; começaram então os últimos dias do mundo moderno. Estes últimos "dias", ironicamente viraram anos, décadas e por fim, atravessaram o século. Curioso é que, embora, segundo as Testemunhas de Jeová Satanás tivesse sido expulso por volta de outubro de 1914, a primeira guerra já havia irrompido meses antes, mais precisamente em meados de julho.

3) **Jesus examinou as organizações religiosas e as rejeitou**, escolhendo unicamente os Estudantes Internacionais da Bíblia, as antigas Testemunhas de Jeová. Desde então, Jesus tem apoiado exclusivamente essa organização. Por incrível que pareça, os antigos Estudantes Internacionais da Bíblia, os EIBs, ainda existem atualmente e estão bem ativos. O detalhe é que eles não concordam em quase nada com as atuais Testemunhas. Como Jesus teria aceito um grupo por agradar-se de suas doutrinas e depois patrocinado uma mudança completa em seu conjunto de ensinos? Não poderia ter feito a mesma coisa com um outro grupo?

4) **Em 1930, Jeová deu um novo nome ao seu povo**. Supostamente, em cumprimento às palavras do profeta em Isaías 43:10, os seguidores de Rutherford deveriam aceitar a alcunha de "*Testemunhas de Jeová*". Para elas, isso também cumpria Atos 15:14. Nada mais falso. Não era Deus quem escolhia um novo nome para elas, mas sim seu líder, Joseph Rutherford. Elas eram testemunhas dele, não de Deus; pregavam o que ele ordenava pregar. O juiz, astutamente, precisava livrar-se definitivamente da sombra de seu antecessor; desejava estabelecer de uma vez por todas a sua própria religião. O que muitas Testemunhas de Jeová não sabem, é que seu segundo fundador, recebeu o nome para sua religião da maneira mais impensável possível: Através de uma psicografia mediúnica. Este fato está registrado nas publicações da Torre de Vigia. Na noite anterior ao anúncio, feito no início da década de 1930, o secretário particular do juiz Rutherford, Alexander H. Macmillan, descreveu o que presenciou enquanto estava em sua companhia.

"Com efeito, creio que foi o Deus Todo-poderoso que nos levou a isso, pois o irmão Rutherford mesmo me dissera que acordara, certa noite, quando se preparava para esse congresso e disse: 'Por que será que fui sugerir um congresso internacional quando não tenho nenhum discurso ou mensagem especial para eles? Por que trazê-los todos para cá? ' Então, começou a pensar sobre isso, e Isaías 43 lhe veio à mente. Levantou-se às duas da madrugada e escreveu, em taquigrafia, na sua própria escrivaninha, um esboço do discurso que iria proferir sobre o Reino, a esperança do mundo e sobre o novo nome. E tudo que foi proferido por ele naquela ocasião foi preparado naquela noite, ou naquela madrugada, às duas horas. E não [há] dúvida alguma em minha mente — nem naquele tempo nem agora — que o Senhor o guiou nisso, e que é o nome que Jeová deseja que levemos e estamos felicíssimos e contentíssimos de tê-lo. [8]" - **(Anuário das Testemunhas de Jeová, 1976. Pág. 151**)

É evidente que, quem havia colocado as informações na mente de Rutherford e, feito com que escrevesse na madrugada todo o conjunto de informações doutrinais para o congresso do dia seguinte, não tinha sido o Deus Todo-poderoso. Ora, isso nos lembra as palavras de Paulo em Gálatas, capítulo

1: “*Contudo, ainda que nós ou mesmo um anjo dos céus vos anuncie um evangelho diferente do que já vos pregamos, seja considerado maldito! ”*.

5) **Existem duas classes diferentes de salvos**. As Testemunhas de Jeová ensinam que há duas esperanças e dois tipos de fé (Efésios 4:4-6). Para uma minoria privilegiada está reservada a imortalidade, o céu, e a adoção imediata por Espírito Santo; para o restante da humanidade, apenas existe a possibilidade da vida terrenal. É evidente que tal ensino não pode ser encontrado nas declarações de Jesus, Paulo, João, Pedro ou qualquer dos outros apóstolos, ou mesmo entre os Pais da igreja (Gálatas 3:26-28; João 1:12,13; Rom. 8:14; Efésios 1:5). Joseph Rutherford, na década de 1930, ensinou que as “outras ovelhas” de João 10:16 são a mesma “grande multidão” de Apocalipse 7. Ele decidiu que estes não tinham a “chamada celestial” e que sua esperança era de viver para sempre na terra. Estes eram a “classe terrestre”. Ele identificou o “pequeno rebanho”, mencionado por Jesus na mesma passagem do evangelista, com os 144 mil de Apocalipse 14:1. Este grupo limitado, em contraste com o anterior, era, de acordo com ele, o número literal e estabelecido dos que iriam governar com Cristo nos céus. A estes, ele chamou de a “classe celestial”, os irmãos de Cristo, ou os verdadeiros “filhos de Deus”. Para Rutherford, em 1935 havia se encerrado a chamada para a composição dos 144 mil ungidos. Todos os que se juntassem à organização, a partir de então, seriam apresentados à esperança de vida eterna em um suposto paraíso na terra e não à esperança cristã de governar com Jesus Cristo nos céus.

> “Em 1935, entendeu-se que a ‘grande multidão’ de Revelação 7:9-15 era composta de ‘outras ovelhas’— cristãos com esperança terrestre — que surgiriam nos ‘últimos dias’ e que como grupo sobreviveriam ao Armagedom. (João 10:16; 2 Timóteo 3:1; Revelação 21:3, 4). Depois daquele ano, a obra de fazer discípulos *passou a se concentrar no ajuntamento da grande multidão*. Assim, especialmente depois de 1966, *acreditava-se que a chamada celestial havia terminado em 1935*. Isso pareceu confirmar-se pelo fato de que quase todos os que foram batizados depois de 1935 professavam ter esperança terrestre. [8] „
>
> **(A Sentinela 01/05/2017 Págs. 30-31)**

Esta referência recente de “A Sentinela”, revela uma nova mudança de entendimento na doutrina dos 144.000. Observando que o número dos que se identificam como “ungidos” mais que duplicou nos últimos anos, a seita, obviamente sem saída, resolveu cancelar a doutrina de Joseph Rutherford 82 anos após ter sido estabelecida. O curioso, é que a publicação, afirma que em 1935, imaginavam que a chamada celestial havia terminado porque os novos batizados afirmavam pertencer à grande multidão, isto é, à classe terrestre. Ora! E quem os havia incentivado a pensar tal coisa? Até então não tinham igualmente a chamada celestial? O que os fez mudar de ideia? Sem dúvida, foram ensinados por Joseph Rutherford, que as vagas para o céu já haviam sido preenchidas! Certamente, tal doutrina absurda nos faz lembrar das palavras de Jesus dirigidas aos fariseus: “*Mas ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Fechais aos homens o reino dos céus; pois nem vós entrais, nem aos que entrariam permitis entrar ”* (Mateus 23:13). O mais ridículo a respeito dessa doutrina é que, a partir do século 21, o minguado número de “ungidos restantes” na terra, cerca de 8 mil, começaram a aumentar a cada ano. Atualmente, já ascende a mais de 18 mil. Contestada sobre esse aumento substancial, a Torre de Vigia respondeu em uma de suas publicações oficiais o seguinte:

> “Será que esse total representa o número de ungidos na Terra? Não necessariamente. Diversos fatores — incluindo anteriores crenças religiosas ou desequilíbrio mental ou emocional — podem levar alguns a pensar erroneamente que receberam a chamada celestial. [8]„ **– (A Sentinela 15/08/2011 Pág. 22)**

Esta declaração não foi bem recebida por alguns que haviam declarado ser da classe ungida. De

acordo com a liderança da seita, alguns que afirmavam ser membros da "noiva de Cristo", isto é, da classe celestial, estavam com problemas mentais. Na revista A Sentinela 01/05/2017, já citada acima, era essa a resposta curta e grossa a uma pergunta dos leitores:

Pergunta: **Quando termina a chamada de cristãos para a esperança celestial?**
Resposta: **"A Bíblia não dá uma resposta precisa a essa pergunta"**

Nós perguntamos: Porque a "única organização de Deus na terra" levou 82 anos para discernir algo relacionado à doutrina central da salvação?

6) **Um genocídio mundial, patrocinado por Jeová** e executado por Jesus e pelos anjos, irá varrer todo o planeta muito em breve. Estas são informações extras do pacote das "boas novas" das Testemunhas de Jeová. Para elas, não importa se alguém é uma criança, um idoso, um doente mental, uma mulher grávida ou um bebê indefeso; se o Armagedom chegar e esta pessoa não estiver associada à organização da Torre de Vigia, sua destruição é certa. Uma vez que a população mundial é algo próximo de 8 bilhões de pessoas e as testemunhas são cerca de 8 milhões de membros, isso corresponde a 99,9% da população mundial. Assim, depois do suposto Armagedom ou "fim do mundo", de acordo com elas, restará na terra uma insignificante parcela da população humana. As Testemunhas restantes, terão o hercúleo trabalho de limpar toda a terra e remover os cadáveres de bilhões de pessoas mortas por Deus, e transformar todo o planeta em um jardim semelhante ao Éden; isto, deverão fazer antes que comece a ressurreição dos justos e injustos do passado (Jeremias 7:32,33). Nesta época, segundo elas, os sobreviventes transformarão tanques de guerra e armamentos em veículos e ferramentas de jardinagem, cumprindo antigas profecias. (Isaías 2:2-4).

7) **Após o Armagedom, um paraíso na terra** será instaurado e a ressurreição predita nas escrituras irá ocorrer. Esta mensagem fantasiosa das Testemunhas de Jeová, são simplesmente baseadas em interpretações literalistas de profecias que se cumpriram ou se cumpririam de maneira simbólica. Entretanto, enganados por seus mestres iludidos, os seguidores do Corpo Governante caem no conto do vigário. Nem Jesus, nem os apóstolos, nem os pais da igreja, pregaram algo semelhante. Ora, se alguma esperança ou ressurreição terrena fosse oferecida a alguma classe em especial, isso teria sido deixado bem claro pelos primitivos cristãos; a verdade é que quando reviramos o Novo Testamento, nada encontramos a respeito. Muito pelo contrário, as escrituras dizem que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus" (1 Cor. 15:50).

8) **Jeová é o nome a ser invocado e não Jesus Cristo**. Infelizmente, a partir do governo de Joseph Rutherford, o nome de Jesus Cristo tem sido cada vez mais minimizado na organização das Testemunhas de Jeová. Se realizar uma pesquisa em seu site oficial, verá que o nome "Jeová", aparece inúmeras vezes nas referências de suas publicações e mídias digitais, ao passo que "Jesus", é mencionado pouco ou nenhuma vez em algumas delas. A predominância do nome "Jeová" em detrimento de "Jesus", não é mera coincidência. Propositalmente, a organização da Torre de Vigia até mesmo conta quantas vezes devem aparecer em seus livros, revistas, vídeos e cânticos. Por exemplo, em uma pesquisa na ferramenta *Watchtower Library de 2016* em português, produzida pelas Testemunhas de Jeová, a qual oferece o conteúdo de quase todas as publicações lançadas desde o ano de 1970, excetuando-se a Bíblia, encontramos 228.063 ocorrências para o nome "Jeová" e apenas 115.371 ocorrências para "Jesus". Isso é praticamente o dobro de ocorrências. Para dissipar as dúvidas de que a Torre de Vigia faz questão de diminuir as referências ao filho de Deus, na publicação "O Reino de Deus já Governa", encontramos as seguintes declarações:

"A Sentinela com frequência **dava** destaque a Jesus. Por exemplo, no primeiro ano em que foi publicada, a revista mencionou o nome Jesus dez vezes a mais que o nome Jeová. A respeito dos primeiros anos dos Estudantes da Bíblia, A Sentinela de 15 de setembro de 1976 observou que **havia sido dada demasiada importância a Jesus**. Mas, com o tempo,

Como podemos ver, para as Testemunhas de Jeová, o nome "Jesus" não deve ser invocado e tampouco deve ser

Jeová os ajudou a entender.
A partir de 1919, diz o mesmo número de A Sentinela, eles "começaram a mostrar maior apreço pelo Pai celestial do Messias, Jeová. Prova disso foi que, na década seguinte, a revista A Sentinela citou o nome de Deus mais de 6.500 vezes. [8]"

(O Reino de Deus já Governa Pág. 42)

encarado como algo necessário para sua salvação. Isso, definitivamente, entra em choque direto com o que vemos nas escrituras do Novo Testamento (Atos 4:12). Os cristãos do primeiro século, davam total importância ao nome de Jesus e constantemente o invocavam (Rom. 10:12-14). Quanto à pronúncia do tetragrama hebraico, nada é mencionado por eles.

Certamente, ainda há muitas diferenças entre o verdadeiro evangelho pregado por Cristo e pelos fiéis Apóstolos no primeiro século e o suposto "evangelho" divulgado pela massa de gente da Torre de Vigia. Se fôssemos alistar tudo que fosse possível, teríamos de dedicar um livro inteiro e centenas de páginas para enumerá-las. Entretanto, sabemos que bastaria uma só heresia grave, um único desvio da doutrina cristã básica, para desmascarar um falso pregador travestido de cristão. Quando o capítulo 1 da carta aos Gálatas é considerado com uma Testemunha de Jeová, tendo como plano de fundo as suas dezenas e até mesmo centenas de mudanças doutrinais, ela mesma é capaz de perceber esta verdade. Infelizmente, poucas testemunhas estão dispostas a aceitar tão facilmente que sua mensagem é algo amaldiçoado. Porque não? Primeiro porque são vítimas de profunda lavagem cerebral; segundo porque amam profundamente as trevas onde se encontram e, a luz da verdade sobre o Cristo, que é a imagem de Deus, é tão forte que as ofusca completamente (João 3:19).

"Os que zombam disso talvez queiram minimizar esta realização e enfatizar que os missionários da cristandade, nos séculos passados, chegaram a todos estes lugares antes de surgirem as testemunhas cristãs de Jeová. É verdade! Mas o testemunho do Reino dado pelas Testemunhas de Jeová desde 1914, é **algo bem diferente** do que os missionários da cristandade divulgaram, tanto antes como desde 1914.

"Diferente" — em que sentido? No sentido de que **NÃO** tem sido um testemunho a respeito do reino mencionado em Colossenses 1:13, "o reino do Filho do seu amor [o de Deus]", para o qual os 144.000 israelitas espirituais, "selados", já foram transferidos. [8]" **- (A Sentinela 15/05/1981, pág. 28)**

Capítulo XIX
Os Escândalos de Pedofilia: Crimes Acobertados!

Quando eu era um estudante da bíblia, no início da década de 1990, recebia com muita alegria as visitas de meu amigo Manoel, a Testemunha de Jeová que me instruía nos ensinos da Torre de Vigia. Ele era um entusiasta, totalmente apaixonado pela doutrina. Quando dirigia meu estudo, geralmente nos finais de semana, demonstrava total convicção de que havia encontrado a verdade. Ele tinha sido um católico não-praticante, aquele tipo de religioso que vai à missa e acompanha todos os ofícios por mera formalidade sem que nenhum sentimento ou desejo espiritual mais sério se manifeste no íntimo. Um certo dia, ele entrou em contato com as Testemunhas de Jeová; este contato inicial, talvez por influência das questões do momento, o fizeram ter o desejo sincero de aprender mais sobre as escrituras e obter respostas às questões que lhe perturbavam desde bem jovem. Ele geralmente me dizia:

– A religião verdadeira, deve conseguir dar respostas à maioria das nossas perguntas, senão todas. As Testemunha de Jeová foram a única religião que puderam tirar todas as dúvidas que eu tinha.

Geralmente, as seitas têm respostas prontas para tudo e apresentam-se aos simpatizantes como sendo a fonte de orientação mais segura e confiável que existe. Afirmam também ser capazes de explicar logicamente todas as perguntas de cunho espiritual que alguém possa ter ou desenvolver. Evidentemente, isso é uma mera falácia. Essa não é toda a verdade. Como já vimos anteriormente, as Testemunhas de Jeová não possuem todas as respostas, tanto é, que em pouco mais de um século, suas doutrinas principais foram modificadas, abandonadas ou retificadas pelo menos três centenas de vezes. Antes dessas modificações, elas afirmavam que o conjunto de suas doutrinas era “a verdade”, entretanto, tempos depois, esta “verdade” já havia sido em grande parte rejeitada. Afinal, se a maior parte da “verdade antiga” foi abandonada ou substituída por outra, não deveriam admitir honestamente que ensinaram mentiras? A alegação dos líderes de que possuem a “verdade” é apenas uma falácia, uma argumentação fraudulenta que tem o único objetivo de manter as massas sob seu controle. Quando abri o capítulo 3 do livro “*Poderá viver para sempre no Paraíso na Terra*”, publicação

oficial usada durante os anos 80 e início da década de 90 para dirigir estudos para interessados, deparei-me com o seguinte tema: "*A Religião a que você pertence, realmente faz diferença*". Até então, eu tinha o conceito geral de que, toda pessoa que crê em Cristo e procura se desviar do mal, poderia alcançar a salvação, não importando a denominação cristã à qual pertencesse. O capítulo deste livro, entretanto, não ensinava isso. Seu objetivo era provar que só poderia haver uma religião verdadeira e, logicamente, esta única verdade só poderia ser encontrada no seio da organização das Testemunhas de Jeová.

Os capítulos 22 e 23 deste antigo livro de estudo, haviam sido preparados exatamente para inculcar na mente do estudante que somente as Testemunhas de Jeová "representam a Deus". Os temas destes dois capítulos são: "*Identificação da Religião Verdadeira*" e "*A Organização visível de Deus*". Estes capítulos trazem frases interessantes como: "*Os verdadeiros adoradores usam o nome Jeová*", "*Testemunhas de Jeová não matam uns aos outros em campos de batalha*" e "*A organização dos servos de Deus é conhecida como Testemunhas de Jeová*" (Págs. 184-185, 189, 193). No capítulo 3 deste livro há uma imagem da qual até hoje me lembro; ela se encontra nas páginas 28-29. A figura ilustra um padre católico realizando um ofício religioso. Em um lado da imagem ele oferece a hóstia sagrada, e no outro abençoa soldados que vão para a guerra. Na figura, duas legendas e o texto de Tito 1:16, visam demonstrar uma suposta hipocrisia da maior denominação cristã do mundo. É claro que alguém leigo e desinformado, como eu era, certamente concordaria que tal argumentação tinha um pouco de lógica.



Fonte da Imagem: "Poderá viver Para sempre no Paraíso na Terra – Pág. 29"
(Publicado pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados)

A ideia de uma religião que não participava em guerras e tampouco apoiava o militarismo, me deixava muito impressionado. Como um cristão poderia empunhar uma arma e matar alguém da mesma fé? Seriam válidas as discordâncias e ideologias nacionalistas? Durante o estudo desse capítulo o meu instrutor me disse:

– Católicos e protestantes, ambos, com um canto da boca louvam o príncipe da paz, mas com o outro as guerras! Religiões que se empenham em tal coisa, não podem estar fazendo a vontade de Deus.

Tudo isso me deixava muito confuso, mas ao mesmo tempo, muito admirado com o contraste que supostamente havia entre as Testemunhas de Jeová e a religião que eu professava, o catolicismo. Hoje em dia, liberto da seita, eu pude entender que as guerras, infelizmente, ainda são uma realidade mundial, assim como eram nos tempos bíblicos. Esta realidade ainda não mudou. Ora, se um querido amigo da família for convocado para uma guerra, ou alguma operação militar, eu certamente irei orar em seu favor; certamente é isso que eu faria. Entendo que, infelizmente, os cristãos estão sujeitos a se envolver nas guerras, mesmo contra a sua vontade. Por exemplo, se um país for invadido por alguma nação estrangeira, para defender seu povo, suas famílias e seus bens, soldados

cristãos serão convocados para uma luta armada. Quando tenho a oportunidade de conversar com alguma Testemunha de Jeová a respeito das guerras, geralmente cito aquelas que foram travadas pelo povo de Deus no passado, as quais, mesmo causando muito derramamento de sangue, eram divinamente aprovadas, algo que elas mesmas ensinam. Raciocino com ela que, se por exemplo, os aliados não houvessem invadido a Alemanha nazista na Segunda Guerra mundial, ao custo de milhares de vidas de valorosos e bravos soldados, Hitler e seu exército assassino, talvez tivessem dominado totalmente o mundo; além disso, muitas Testemunhas de Jeová presas em campos de concentração tampouco teriam sido libertadas. Isso deixa claro que a participação em alguma guerra, quando há um motivo justo envolvido, nem sempre é errada ou condenável, mesmo quando várias vidas se perdem. O que ocorreria com mulheres e crianças em famílias, cujos homens são Testemunhas de Jeová, durante um provável ataque de inimigos armados? Ora, se estes não optarem pelas armas, suas esposas e filhas, certamente serão estupradas e mortas, seus velhos e crianças serão executados sem piedade e, em seguida, eles próprios morrerão fuzilados. Muitas vezes, quando confrontamos uma Testemunha de Jeová com uma questão similar, ela simplesmente vira as costas ou muda arbitrariamente de assunto. Mesmo com tais argumentos razoáveis muitas delas continuam cegas e obsidiadas pelo orgulho. Em uma ocasião, alguém fez a seguinte pergunta a uma delas: “-Porque demonizavam os militares, se quando vítimas de algum crime recorrem a eles? ” Ela respondeu em tom de zombaria:

- Deixamos que os iníquos do mundo de Satanás se sacrifiquem por nós. É para isso que pagamos impostos.

Ao mesmo tempo que se identifica como um oráculo confiável para seus seguidores, o Corpo Governante da Torre de Vigia demoniza e faz duras críticas às demais religiões. Fazem isso sempre que lhes é conveniente. As seitas, abominam a concorrência religiosa e são naturalmente exclusivistas. Isso não causa muita estranheza uma vez que o objetivo delas é apoderar-se do rebanho dos outros grupos (João 10:10). Esta seita considera que está em uma suposta “guerra espiritual” e para conseguir seus intentos, vale-se de todos os recursos disponíveis, mesmo os mais infames e desleais. Afinal, na guerra, vale tudo, inclusive mentir descaradamente ou ocultar a verdade dos fatos. Veja por exemplo a referência seguinte, publicada em um artigo da revista “Despertai! ”. O artigo fala sobre jovens católicos na Austrália:

“Em muitos países, a frequência à igreja também tem diminuído. Cerca de 25% de todos os australianos se dizem católicos, mas só 14% vão à igreja com regularidade. Calcula-se que esse número seja ainda menor entre os jovens — menos de 10%. Além disso, muitos católicos desobedecem aos preceitos da Igreja quanto a moralidade sexual, contracepção e divórcio. Outros estão desiludidos por causa dos escândalos, como os casos de **padres pedófilos**. [8]„

(Despertai! 06/09/2009 pág. 25)

Como reagiriam os católicos australianos sob as acusações de que não são católicos de verdade? Que são desobedientes, imorais e pró-abortistas? É isso o que podemos ver nas entrelinhas, não é mesmo? A referência aos “padres pedófilos” na Austrália, hoje em dia, soa muito irônico; isso porque, naquele país, no ano de 2015, uma comissão de investigação do governo descobriu que, sob a tutela da Torre de Vigia, as congregações das Testemunhas de Jeová haviam acobertado **1006 pedófilos confessos**. Nenhum destes criminosos havia sido denunciado à polícia! Isso porque a política da organização do Corpo Governante orienta seus líderes locais a resolver abusos de crianças internamente, sem envolver as autoridades competentes. Em meus estudos da Bíblia com as Testemunhas de Jeová, citações desfavoráveis como as da revista acima, destacando os defeitos, erros e pecados ocorridos em outras religiões, eram muito comuns. Isso ainda é até hoje muito comum entre elas. Sempre que os membros desta seita fazem declarações a respeito de outras religiões, estas, quando não imbuídas de segundas intenções, são geralmente difamadoras e caluniosas. Quando apontam os erros religiosos, geralmente dizem: “*Isso mostra que esta religião não serve realmente a Deus! A árvore boa não pode produzir frutos podres! ”*, por outro lado, quando coisas similares ocorrem eu seu meio, defendem-se dizendo: “*A organização é perfeita, mas nós somos imperfeitos e pecadores; podemos também cometer erros! ”*. O que notamos é que elas não são capazes de minimizar os erros ou elogiar os acertos dos seus concorrentes, tampouco fazer-lhes alguma concessão razoável. São muito orgulhosos para admitirem abertamente tal coisa (Lucas 18:11-12).

Há um ditado português que diz: “Q*uem tem telhado de vidro, não atire pedras na casa do vizinho*”. Eu fui Testemunha de Jeová por vinte anos e dou testemunho de que, entre elas, não existe a alegada santidade que afirmam cultivar. Não são diferentes das pessoas que encontramos nas diversas religiões e denominações ao nosso redor. Entre elas existe o adultério, a fornicação, mentiras, rixas, invejas, ciúmes, brigas, divisões, abusos sexuais, ganância e toda sorte de conduta condenável (Gálatas 5:19-21). Quando confrontada com esta realidade, geralmente, uma testemunha tenta raciocinar que, os que praticam tais coisas, geralmente são disciplinados, expulsos ou desassociados da sua organização. Isso, em parte é verdade, entretanto, esta política judicial interna não resolve o problema, apenas o isola por um período de tempo.

Quando eu era ancião, notava o quanto esta política era equivocada. Por exemplo, certa vez, um servo ministerial de uma congregação, noivo a algum tempo de uma irmã da comunidade, casou-se em uma cerimônia no Salão do Reino. Depois do casamento, decorridos alguns dias, os dois confessaram aos anciãos que haviam tido várias relações sexuais antes do enlace matrimonial. Sem pestanejar, a comissão judicativa que cuidou do caso, desassociou os dois imediatamente. Alegaram que eles estavam sob grave pecado e que, mesmo conscientes disso, haviam solicitado um discurso de casamento no Salão do Reino, o que era totalmente repreensível. Isto, a meu ver, mesmo naquela época, era uma decisão arbitrária e absurda. Ora, se os dois já estavam legalmente casados, portanto sem pecado, o que justificaria a expulsão? A desassociação os isolou como se ainda fossem pecadores e, por vários meses, eles tiveram de suportar o ostracismo, a vergonha e a humilhação. Em um outro caso, uma jovem madura, que se casara com um moço, confessou ao marido, antes da lua-de-mel, que ocultara dos anciãos pecados graves envolvendo casos de fornicação e conduta desenfreada. De maneira semelhante ao caso anterior, ela havia solicitado um discurso de casamento no Salão do Reino, tendo planejado realizar a confissão aos anciãos após o matrimônio ter sido concretizado. Porém, ao contrário do outro casal citado acima, este não sofreu nenhum revés e tampouco houve a repreensão ou desassociação da noiva que ocultara transgressões. Essas transgressões, certamente, eram bem mais graves. Seu caso foi resolvido entre anciãos amigos e conhecidos, evitando que uma exposição manchasse a reputação do casal. Casos como esses, fazem muitas

Testemunhas de Jeová se ressentirem da suposta “justiça” praticada pelos anciãos nas congregações, a qual, alegadamente, existe para manter “limpo” o ambiente organizacional. Porém, enquanto alguns são beneficiados com decisões favoráveis, outros, sob similares condições, são condenados ao ostracismo e à rejeição, tendo sua dignidade desrespeitada e suas histórias marcadas pelo resto de suas vidas.

A Política para Abusos Sexuais de Crianças

No ano de 2012, quando iniciei minha pesquisa sobre o outro lado da seita, descobri algo que me deixou extremamente chocado: A política para abusos sexuais de crianças e acusações de pedofilia imposta às congregações pela Torre de Vigia. Esta política, atualmente, tem sido fortemente combatida em muitos países, pois, ao invés de proteger vulneráveis contra o ataque de predadores sexuais, tem facilitado crimes desta natureza e provido um ambiente propício para a reincidência dos casos. A organização da Torre de Vigia orienta seus pastores, espalhados em milhares de congregações ao redor do mundo, a somente aceitar uma acusação de abuso sexual de menores se houver a confissão do agressor, ou se a vítima apresentar pelo menos duas testemunhas da agressão. O que acontece, é que, na maioria das vezes, o pedófilo nega o abuso cometido contra o vulnerável; quando isso acontece, a vítima, impossibilitada de apresentar duas testemunhas, nada pode fazer contra o seu algoz e corre o risco de sofrer novos abusos por parte dele. Geralmente, é isso que tem acontecido. Outro problema se desenvolve quando um pedófilo em potencial é descoberto no seio da comunidade. A organização da Torre de Vigia orienta as congregações a resolver abusos e crimes sexuais, em seus próprios interesses, através de Comissões Judiciais internas, sem envolver as autoridades competentes ou denunciar o criminoso à polícia. De acordo com essa política, um pedófilo pode simplesmente ser disciplinado internamente após confessar um estupro; ele não irá enfrentar um tribunal civil ou receber alguma condenação prescrita em lei; isso porque, de acordo com as orientações que recebem da sede internacional, os anciãos decidem, por meio de seu tribunal paralelo, se o indivíduo é culpado, inocente, ou se será afastado por algum tempo, a fim de desenvolver o arrependimento necessário para ser reintegrado à comunidade. Quando julgado em uma Comissão Judicativa, o criminoso não é denunciado à polícia e, na grande maioria das vezes, a comunidade externa ao grupo não tem como saber que a Testemunha de Jeová que visita suas casas e dirige estudos para seus filhos menores é um predador sexual confesso. Em outros casos, quando um abusador sexual é julgado pelos anciãos de um Salão do Reino e recebe uma disciplina, uma repreensão pública por exemplo, a congregação a qual pertence não é informada sobre motivo dela, tampouco os membros de uma congregação para a qual o pedófilo talvez se mude é avisada de que um molestador sexual está agora em seu meio. Essa política de acobertamento tem tornado a organização das Testemunhas de Jeová em todo o mundo, um campo fértil e seguro para a prática de abusos desse tipo e para a impunidade de seus praticantes. Quando tratam de questões delicadas envolvendo políticas e comissões judicativas para abusos de menores, a liderança internacional da seita oculta os detalhes envolvidos aos membros em sua extensa maioria e envia aos anciãos, em caráter sigiloso, detalhes orientadores que não são informados à congregação. Estas orientações, geralmente são providas por meio de cartas e memorandos confidenciais. Muitas vezes, quando uma orientação substitui uma outra, as cartas e documentos antigos precisam ser destruídos. Vejamos algumas referências:

> “Quando os anciãos tomam conhecimento de uma acusação de abuso de menores, dois anciãos de sua congregação devem telefonar imediatamente para o Escritório Jurídico solicitando aconselhamento legal. ... O **Escritório Jurídico lhes fornecerá orientação** legal com base nos fatos e nas leis que se aplicam. ...além disso, os **anciãos devem investigar** toda alegação de abuso sexual de menores. ”
>
> “Portanto, embora investiguem toda alegação, os anciãos não estão autorizados pelas
> Escrituras a tomar ação congregacional a menos que haja **confissão ou duas testemunhas confiáveis**. ”
>
> “Anciãos amorosos devem adotar medidas para proteger as crianças,

especialmente quando uma comissão judicativa determina que a pessoa **que abusou sexualmente de uma criança está arrependida e continuará como membro da congregação cristã**. Deve-se demonstrar a mesma preocupação quando quem abusou sexualmente de uma criança é desassociado e mais **tarde corrige sua vida** e é readmitido. [8]„

CARTA DE 01/10/2012 (Abuso de Menores) – ATCJ

Como exposto, a organização da Torre de Vigia possui em cada país, um escritório jurídico para dar apoio às questões legais nas quais as congregações possam estar envolvidas. Neste caso, ao receber alguma denúncia de abuso sexual envolvendo menores, os anciãos, ao invés de contatar autoridades competentes, o Conselho Tutelar ou a Delegacia de Polícia, telefonam imediatamente para o ESCRITÓRIO da filial a fim de obter auxílio de seus ADVOGADOS. A liderança, embora tenha conhecimento de que os anciãos locais, geralmente pessoas indoutas e comuns, não possuem as credencias legais, tampouco a experiência necessária para lidar com situações como essas, designa a tais a tarefa de empreender uma investigação, apurar as denúncias e realizar um julgamento sumário. Como fica bastante claro, se algum membro confessa ter violentado uma criança e demonstra estar arrependido de seu crime, os anciãos encarregados da comissão de julgamento, podem optar simplesmente por "repreendê-lo" publicamente, isto é, demovê-lo de sua posição de autoridade e de privilégios congregacionais por um período que pode abranger vários meses, ou desassociá-lo, restringindo a convivência com a comunidade por um tempo similar. Os membros da congregação, geralmente, não ficam sabendo oficialmente se houve uma comissão de julgamento com tal pessoa e sequer são informadas do motivo da repreensão ou desassociação. Basicamente, o coordenador da congregação sobe à tribuna e anuncia algo como: "*Fulano de Tal não é mais ancião*" ou "*Sicrano foi desassociado*". Até a presente carta, as investigações das comissões judicativas, realizadas após uma denúncia de abuso sexual de crianças, incluía realizar acareações entre a vítima e seu agressor. Durante estas acareações, realizadas a portas fechadas, geralmente em um Salão do Reino, com ou sem a companhia dos país ou responsáveis, homens leigos, sem formação profissional psicológica ou jurídica, colocavam crianças e adolescentes frente a frente com seus abusadores e faziam-nos reviver toda a experiência sofrida às mãos destes. O dano psicológico causado a menores quando expostos a este tipo de situação é praticamente irreversível. Não resta dúvida de que, a política para a investigação de denúncias de abusos sexuais nas congregações das Testemunhas de Jeová, beira o abominável. No Brasil, mesmo sob a tutela de juízes e profissionais especializados, a inquirição ou escuta de crianças em processos penais, é um assunto que gera muitas controvérsias. Antes da Constituição Federal do Brasil de 1988, os tribunais não questionavam no ato jurídico, os melhores interesses da vítima de abuso sexual; isto é, não levavam em conta quão psicologicamente prejudicial poderia ser o ato de submeter a criança a um interrogatório de tal natureza.

"Exigir da criança a responsabilidade pela produção da prova da violência sexual, por meio do depoimento judicial, como costumeiramente se faz, não seria uma nova violência contra a criança? Estaria a criança obrigada a depor? Estes e outros questionamentos precisam ser enfrentados sob a ótica da Doutrina da Proteção Integral. "

(Maria Regina Fay de Azambuja,
Procuradora de Justiça, especialista em Violência Doméstica pela USP – Propostas do Conselho Federal de Psicologia - 2009)

Atualmente, no Brasil, no âmbito das inquirições de menores, vigora a Lei Nº. 13.431 de 04 de abril de 2017. Esta lei, estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera o Estatuto da Criança e do Adolescente. Sob o título, "*Da Escuta especializada e do Depoimento Especial*", encontramos alguns pontos esclarecedores.

Art. 9º A criança ou o adolescente será resguardado de qualquer contato, ainda que visual, com o suposto autor ou acusado, ou com outra pessoa que represente ameaça, coação ou constrangimento.

Art. 10º A escuta especializada e o depoimento especial serão realizados em local apropriado e acolhedor, com infraestrutura e espaço físico que garantam a privacidade da criança ou do adolescente vítima ou testemunha de violência.
Art. 12, II - é assegurada à criança ou ao adolescente a livre narrativa sobre a situação de violência, podendo o profissional especializado intervir quando necessário, utilizando técnicas que permitam a elucidação dos fatos;
Art 12, III - no curso do processo judicial, o depoimento especial será transmitido em tempo real para a sala de audiência, preservado o sigilo;
Art 12, VI, § 1º À vítima ou testemunha de violência é garantido o direito de prestar depoimento diretamente ao juiz, se assim o entender.
Art 12, VI, § 2º O juiz tomará todas as medidas apropriadas para a preservação da intimidade e da privacidade da vítima ou testemunha.
Art 12, VI, § 3º O profissional especializado comunicará ao juiz se verificar que a presença, na sala de audiência, do autor da violência pode prejudicar o depoimento especial ou colocar o depoente em situação de risco, caso em que, fazendo constar em termo, será autorizado o afastamento do imputado. [8]

(LEI Nº 13.431, DE 4 DE ABRIL DE 2017)

É interessante notar que, na Carta enviada às congregações em 1º de agosto de 2016, notamos uma mudança substancial no que diz respeito às inquirições envolvendo a vítima menor e o abusador, lemos o seguinte:

"Os anciãos devem ter em mente que não é necessário que a vítima de abuso sexual de menores faça sua acusação na presença do acusado, nem durante o processo de investigação nem durante a audiência judicativa. Se surgir um caso excepcional em que os dois anciãos acham que vai ser necessário fazer perguntas a um menor que foi vítima de abuso sexual, os anciãos devem primeiro contatar o Departamento de Serviço. [8]" – **CARTA DE 01/08/2016 (Abuso de Menores) - ATCJ**

Infelizmente, quando analisamos as diversas referências documentais providas pela Torre de Vigia às congregações das Testemunhas de Jeová ao redor do mundo, damo-nos conta de que sua maior preocupação, não é proteger menores de abusos, tampouco cooperar com as leis e direitos das crianças e adolescentes nos países onde estão ativas; parece que os membros do Corpo Governante se preocupam principalmente com a imagem de sua organização e com os recursos que podem perder em processos judiciais movidos pelas vítimas. Além disso, embora afirmem ter feito modificações significativas em suas políticas durante os últimos anos, o que vemos, verdadeiramente, são manobras jurídicas estratégicas cujo objetivo é sanar brechas em seus procedimentos. Eles querem evitar mais problemas jurídicos e, com isso, salvar milhões de dólares que, de outra maneira, seriam gastos em processos e indenizações. A Carta Confidencial de 25/09/1998 não nos deixa dúvidas quanto a este fato.

"Os irmãos a quem se concedem privilégios de serviço, como os anciãos e servos ministeriais, recebem um cargo de confiança. Os demais membros da congregação confiam neles e se sentem seguros ao deixar que cuidem de seus filhos ou os supervisionem. A congregação ficaria desprotegida se designássemos prematuramente como ancião ou servo ministerial alguém que molestou crianças. Além disso, oficiais judiciários e advogados responsabilizarão a organização que, com conhecimento de causa, coloque em cargos de confiança pessoas que no passado molestaram crianças, se alguma delas voltar a molestar uma criança mais tarde. Isso poderia resultar em **processos onerosos nos quais se gastariam fundos** que deveriam ser

usados para financiar a obra do reino. [8]"
(Carta Confidencial: 25/09/1998 nº 19)

Escândalos de Abusos Sexuais!

Candace Conti, uma jovem americana, atualmente com 31 anos, saiu das sombras da injustiça para denunciar a política de acobertamento de abusos sexuais na organização da Torre de Vigia. Quando tinha entre 9 e 10 anos, nos anos de 1995 e 1996, Candace foi violentada várias vezes por Jonathan Kendrick, uma respeitada Testemunha de Jeová. Os abusos ocorriam quando ele a levava ao serviço de pregação de casa em casa organizado pela sua congregação. Era de conhecimento dos líderes que Kendrick era um criminoso sexual, porém, nada foi feito para que Candace fosse blindada de um provável abuso, tampouco seus pais foram avisados sobre o perigo ao que Candace estava exposto.



No ano de 2004, Kendrick foi acusado de abusos sexuais contra uma menor de 14 anos e, desta vez, registrado como agressor sexual no estado da Califórnia. Os anciãos, que conheciam o passado de Kendrick, sabiam que ele já havia abusado de outra criança; no entanto, em conformidade com a política da Torre de Vigia, seu crime não tinha sido denunciado às autoridades. Esta atitude negligente dos anciãos possibilitou que ele reincidisse repetidamente em 1995 e 1996 contra Candace e, depois, em 2004 contra uma outra pessoa. Candace Conti decidiu denunciá-lo publicamente e moveu um processo duplo que teve como alvo seu agressor e a Sociedade Torre de Vigia.

A notícia de que as Testemunhas de Jeová haviam perdido um processo judicial por acobertamento de abusos sexuais e sido obrigadas a pagar milhões de dólares em indenizações, correu o mundo. O fato constrangedor para a organização da Torre de Vigia, era ver que sua política para abusos sexuais infantis tinha sido exposta publicamente. Sua reputação estava muitíssima prejudicada. Previsivelmente a alta cúpula da organização, a essa altura, já não estava muito interessada em manter a sua reputação, antes, queriam evitar perder alguns milhões de dólares. Imediatamente, entrou em ação a onerosa máquina jurídica da Torre de Vigia, determinada a anular a decisão da corte. Por fim, ao contrário do que poderiam imaginar, Candace Conti saiu vitoriosa. Seu exemplo, até agora, tem motivado diversas pessoas, nos Estados Unidos e outros países, a denunciar abusos similares, cometidos à sombra das políticas impostas arbitrariamente pela liderança internacional da seita do Corpo Governante. Em uma entrevista coletiva, após a condenação da Torre de Vigia, Candace disse: "*Nada pode trazer a minha infância de volta, mas através deste veredicto, podemos ter esperanças de que haja uma mudança em sua política. Algo bom pode sair disso tudo*".

O Escândalo dos Abusos na Austrália

Pouco tempo depois do caso Candace Conti chocar o mundo, um escândalo de abusos sexuais sem precedentes, abalou os alicerces da organização das Testemunhas de Jeová, desta vez na Austrália. Instituída pelo governo Australiano em 2013 a "*Comissão Real para Respostas ao Abuso Sexual de Crianças*" tem investigado como instituições como escolas, igrejas, clubes esportivos e organizações governamentais respondem a denúncias e alegações de abuso sexual de crianças. A Comissão Real procura descobrir onde os sistemas falham em proteger crianças e, ao detectar estas falhas, recomenda a implantação ou aperfeiçoamento de práticas, políticas ou leis que as solucionem ou resolvam definitivamente. A Comissão Real tem poder para investigar qualquer organização privada, pública ou não governamental, que esteja ou tenha estado no passado envolvida com crianças. As Testemunhas de Jeová, assim como várias outras instituições religiosas, foram alvo de investigações. O que a comissão descobriu e tornou público chocou a comunidade internacional. Somente naquele país, em um período de seis décadas, sob a política para abusos imposta pela Torre de Vigia, as congregações australianas das Testemunhas de Jeová haviam acobertado ***1006 pedófilos confessos***. Nem sequer um destes criminosos tinha sido denunciado às autoridades até então.

Os investigadores colheram milhares de páginas de material que incluíam publicações, manuais, cartas e documentos confidenciais enviados pela alta cúpula das Testemunhas de Jeová aos anciãos na Austrália. Tendo plena consciência da gravidade dos fatos e, dando se conta de que as políticas para abusos infantis estabelecidas pela Torre de Vigia eram equivocadas e ambíguas, a comissão decidiu aprofundar-se no assunto intimando anciãos e representantes da filial da organização naquele país. Consequentemente, Geofrey Jackson, um dos membros do Corpo Governante da Torre de Vigia, foi intimado a depor. Durante seu depoimento, sob a inquirição do conselheiro Angus Stweart e autoridades comissionadas, o líder das Testemunhas de Jeová proferiu várias meias-verdades e tentou descartar a importância dele e de seus colegas na imposição das políticas e regras organizacionais. Em um momento curioso do depoimento de Jackson, ao referir-se à exigência de duas testemunhas para que uma acusação de abuso fosse aceita pelos anciãos, levando em conta as palavras de Jesus em Mateus 18:16, Stewart considerou a seguinte passagem bíblica, a qual destaca algumas regras pertinentes à lei mosaica:

> "Se numa cidade um homem se encontrar com uma moça prometida em

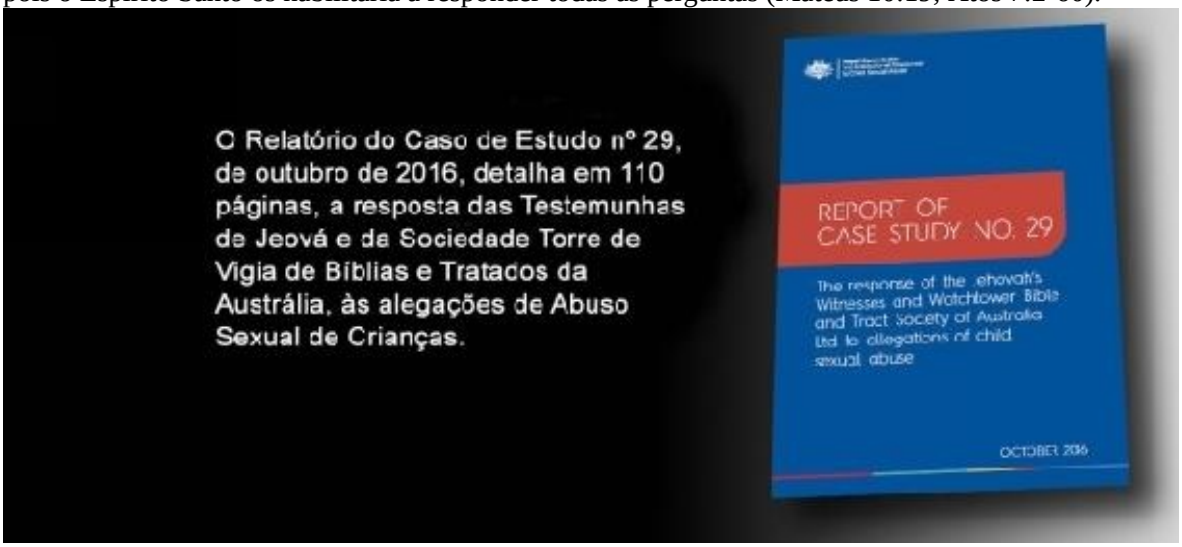
casamento e, seduzindo-a, deitar-se com ela, trareis ambos à porta da cidade e os apedrejareis até que morram: a jovem por não ter gritado por socorro na cidade, e o homem por haver seduzido e abusado da mulher do seu próximo. É assim que acabarás com o mal que campeia no meio do teu povo, ó Israel. Contudo, se foi no campo que o tal homem forçou a moça a se deitar com ele, então somente esse homem maldoso morrerá; nada farás à moça, porquanto ela não tem pecado algum que mereça a pena de morte. Esse caso é semelhante ao daquele que ataca e mata o seu próximo: Ele a surpreendeu no campo, e a jovem prometida pode ter gritado por socorro, sem que houvesse alguém que a pudesse ouvir e salvar. ” - **(Deuteronômio 22:23-27 KJA)**

Ele argumentou com Jackson, com base nessa escritura, que, provavelmente, se Jesus houvesse abordado o tema do abuso sexual, certamente teria se lembrado desta particularidade da Lei e não diria que, em tal caso, seriam necessárias duas testemunhas para a acusação ser aceita. O membro do Corpo Governante, acuado pela lógica devastadora, custou reconhecer que isso estava correto. Demonstrando a arrogância e a altivez que é peculiar aos líderes dessa seita, limitou-se a dizer ironicamente:

"Eu certamente gostaria de perguntar isso a Jesus, mas no momento não posso fazê-lo, espero que possa no futuro. Mas essa é uma pergunta hipotética, que, se tivéssemos uma resposta, poderíamos concordar com o que disse."

(Geofrey Jackson – Durante depoimento à Comissão Real Australiana, 2015)

Posteriormente, após o depoimento, Geofrey Jackson enviou um ofício à Comissão Real retificando a grande maioria de suas declarações. Isto é muito estranho, uma vez que Jackson se identifica como um dos representantes ungidos de Deus na terra. De acordo com Jesus Cristo, os seus seguidores não precisariam temer ser levados perante às autoridades, tampouco se preocupar com o que diriam nesta hora, pois o Espírito Santo os habilitaria a responder todas as perguntas (Mateus 10:19; Atos 7:2-60).



Em março de 2017, uma nova audiência foi marcada pela Comissão Real Australiana. Desta vez, o objetivo era verificar se as Testemunhas de Jeová haviam feito esforços sinceros para adequar suas normas e políticas à realidade da situação exposta. Terrence O’Brien, membro da comissão de Filial e diretor e Rodney Spinks, membro do Departamento de Serviço da Sociedade Torre de Vigia, deram seu testemunho sob juramento. O advogado e promotor Angus Stewart, como antes, foi o representante da Comissão Real Australiana. Nesta audiência, foi constatado o interesse mínimo, ou mesmo nulo, por parte da Torre de Vigia em modificar as suas políticas internas para abusos sexuais.

Durante as inquirições, perguntou-se ao Sr. Spinks, porque uma nota da Torre de Vigia em uma carta orientava os anciãos a manter a informação em “segredo”, uma vez que o conteúdo da carta deveria ser público para todos os membros das congregações e não confidencial como impunha a liderança da seita. A carta mencionada por Stewart, que foi citada em parte na página 202 deste livro, diz em parte, que os anciãos podem ignorar os casos envolvendo menores próximos da idade adulta; ele disse claramente aos anciãos inquiridos, que isto era contra a lei estabelecida naquele país. O Sr. Spinks argumentou que as Testemunhas de Jeová procuravam obedecer à lei e que não tinham a intenção de infringi-la. O representante assinalou que, de qualquer maneira, com ou sem a intenção, eles não estavam cumprindo a lei. Em seguida, citou as referências das publicações em que se demonstra como as políticas e regras da Torre de Vigia facilitam o abuso de menores. Disse ainda que a liderança da organização não estava ajudando a proteger as crianças dos pedófilos e destacou que suas políticas careciam de transparência. O juiz perguntou se eles conheciam a obrigação que os anciãos têm de relatar casos de abuso à polícia e Spinks respondeu que sim (ainda que os anciãos entrevistados em 2015 não tivessem conhecimento disso). O promotor perguntou por que não se tinha feito recomendações aos anciãos para relatar os casos de abusos sexuais à polícia e destacou que não via isto nas cartas enviadas a eles pela Torre de Vigia. O juiz mostrou que não se aconselha relatar os abusos sexuais quando a vítima já é maior, apesar da Comissão Real ter recomendado isso à organização. Angus Stewart foi taxativo em afirmar que as Testemunhas de Jeová não acatam as leis como deveriam e, ao contrário do que afirmavam seus representantes, elas produziam e sustentavam um panteão de normas e regras ambíguas.

O que se nota, até o presente momento, é que a organização da Torre de Vigia está disposta a ir até às últimas consequências a fim de defender suas políticas e normas internas. O fato, é que tudo isso, tem deixado profundas dúvidas nas mentes de muitas Testemunhas de Jeová sinceras. Muitas delas, muito decepcionadas com seus governantes, estão abandonando a seita ou tornando-se inativos. À medida que mais casos de acobertamentos de abusos sexuais surgem em outras partes do mundo, mais e mais pessoas se convencem de que a organização das Testemunhas de Jeová tem se tornado um antro de devassidão, um paraíso para pedófilos e predadores sexuais (Apocalipse 18:2).

Capítulo XX
Discriminação e Segregação: Quando o Amor, vira Ódio!

Jesus, o mestre dos mestres, ensinou a tolerância e o perdão. Sua doutrina exalava o doce aroma da compreensão e do amor ao próximo. Jesus, acima de tudo, amava; amava sem reservas, sem limites. Não há como concatenar os ensinos de Cristo com o ódio, a discriminação, a intolerância, o preconceito e tampouco com a violência. Ele era a compaixão em pessoa. Não era rude, vingativo, ameaçador e jamais rejeitava ou ostracizava alguém. Jesus foi e ainda é o modelo perfeito da personalidade que todo cristão precisa desenvolver no trato com os semelhantes (1 Pedro 2:23; Lucas 6:29). A muito tempo atrás, quando era ainda uma criança de oito a nove anos de idade, conheci a Cristo através de imagens religiosas, figuras em livros, e leituras dos sagrados evangelhos. Sua vida, sua história e seu exemplo, me arrebataram profundamente. Na minha infância me imaginava seguindo Jesus pelas verdes colinas da Galileia, ouvindo sua pregação ao sopé de um monte salpicado de flores e testemunhando os prodigiosos milagres que o Espírito Santo operava por meio de suas mãos. Me alegrava sobremaneira as épocas inspiradoras da Semana Santa e Natal, pois elas sempre incluíam programações cristãs relacionadas ao Cristo. Ainda me lembro quando atravessava a rua eufórico a fim de assistir “A Vida de Jesus” na televisão preto-e-branco de algum vizinho. Eu desejava seguir a Jesus, imitar o seu exemplo e amar ao próximo, só assim iria encontrá-lo no céu quando chegasse o fim dos meus dias. Conhecer Jesus foi definitivamente a maior das riquezas espirituais que eu poderia ter recebido da parte de Deus, por isso, agradeço sempre a ele e o louvo, tendo plena consciência de que, durante todo o tempo em que andei na escuridão, ele estava lá, ao meu lado, cuidando de mim e me amparando, me preparando talvez para servi-lo melhor no futuro. Estou certo de que Cristo nunca me abandonou e que nunca jamais me abandonará (Rom. 8:38-39). Hoje, me lembro daqueles tempos nostálgicos com saudade e admiração, pois, como poderia imaginar quão longo, espinhoso e estreito seria o caminho a percorrer? Bem, depois de tantos anos, mais maduro e experiente, mais consciente afinal, aqui estou eu. Apesar de tudo, sempre tive fé em Deus e o desejo sincero de continuar aprendendo a despeito dos inúmeros erros cometido no passado.

A Política Criminosa do Ostracismo

Enquanto andava em uma rua do centro comercial em minha cidade, na companhia de meu instrutor, entre os anos de 1993 a 1994, avistei ao longe um senhor chamado Alberto[*]. Ele era desassociado. Estando nesta situação, devido as regras do ostracismo imposto pelo grupo ao qual pertencera, ele não podia sequer ser cumprimentado por um dos seus anteriores colegas de adoração. Meu instrutor, que o acompanhava com os olhos à distância, referiu-se a ele como o "*finado irmão Alberto*". Eu pensei que se tratava de uma brincadeira pessoal de mau gosto, mas na verdade, Manoel não poderia ter feito uma comparação melhor sobre a maneira como as Testemunhas de Jeová encaram alguém que foi desassociado de sua organização. Falei um pouco sobre isso no capítulo VII deste livro. [*]Nome modificado

> "Nadabe e Abiú, filhos de Arão, foram destruídos por um fogo vindo do céu enquanto estavam no tabernáculo. Isso deve ter deixado sua família arrasada. Sem dúvida, foi um grande teste de fé para Arão e sua família obedecer à ordem de Jeová de não lamentar a morte deles. E no seu caso? Você está agindo com santidade por não se associar com um parente ou outras pessoas que foram desassociadas? [8]" **- (A Sentinela 15/11/2014 pág. 14)**

Para os seguidores da seita, as instruções do Corpo Governante, fornecidas através das publicações, são alimento espiritual e provisões divinas, portanto, inescusáveis, isentas de críticas ou contestações da parte inferior da pirâmide. Infelizmente, a obediência cega a normas desarrazoadas e, porque não dizer, criminosas, a exemplo da prática do ostracismo contra ex-membros, tem levado muitas famílias à completa ruína. Para constatar essa triste realidade, iremos analisar algumas referências encontradas nos periódicos, livros, mídias digitais, revistas e material de estudo fornecidos pela Torre de Vigia.

O "*Ostracismo*" foi uma prática grega que vigorou no século V AC em Atenas. Criada por Sístenes, um dos pais da democracia, a prática consistia em decidir por meio de votos, o exílio de algum político que atentasse contra a liberdade pública. Após a escolha do indivíduo, este era exilado por um período de dez anos. O termo, derivou-se do método de votação, o qual, consistia em escrever o nome do eleito em um pedaço de cerâmica, o "óstraco" [17].

Na organização das Testemunhas de Jeová, quando alguém é desassociado por alguma comissão judicativa, ou dissocia-se formalmente por motivos de discordâncias doutrinais, é aplicado a este o ostracismo. Basicamente, a prática consiste em impor ao membro errante, um exílio social

que pode durar meses ou até anos; tudo dependerá de como ele vai se comportar durante o período imposto para o castigo ou como irá reagir à suposta "disciplina" aplicada pelos anciãos. Durante o tempo em que uma Testemunha de Jeová está desassociada ou dissociada, os demais membros estão terminantemente proibidos de lhe dirigir mesmo um simples cumprimento. Quando o ostracizado reside na mesma casa de outros membros da seita, como no caso de filhos que moram com os pais, os membros são orientados a limitar a convivência ao mínimo necessário para a manutenção dos vínculos familiares. Muitas vezes, por causa da pressão de pais fanáticos, muitos jovens acabam saindo de casa ou sendo literalmente expulsos. Quando o desassociado ou dissociado tem parentes que não residem com ele, a orientação expressa institucionalizada exige que toda a comunicação seja cortada e que apenas em casos de extrema, ou em caráter especial, tais pessoas sejam contatadas. Estas regras, baseadas no ostracismo grego e aplicadas ao âmbito religioso da Testemunhas de Jeová, têm afastado pais de filhos, netos de avós, maridos de esposas e vice-versa. As normas e detalhes citados acima, são assunto de pautas em reuniões e literatura oficial. Um exemplo, é o artigo "*Demonstre lealdade cristã quando um parente é Desassociado*", encontrado no Ministério do Reino de agosto de 2002:

"**Como tratar um desassociado**: A Palavra de Deus ordena que os cristãos não tenham companheirismo com uma pessoa expulsa [ou que se dissociou] da congregação: "[Cessai] de ter convivência com qualquer que se chame irmão, que for fornicador, ou ganancioso, ou idólatra, ou injuriador, ou beberrão, ou extorsor, nem sequer comendo com tal homem. ... removei o homem iníquo de entre vós. " (1 Cor. 5:11, 13) As palavras de Jesus, registradas em Mateus 18:17, também são relevantes: "*Seja [aquele que foi expulso] para ti apenas como homem das nações e como cobrador de impostos*. " Os ouvintes de Jesus sabiam muito bem que os judeus daqueles dias não se associavam com gentios e repudiavam os cobradores de impostos. Assim, Jesus estava ensinando seus seguidores a não se associar com alguém que tivesse sido expulso. [8]„

(Nosso Ministério do Reino 08/2002 - pág. 03)

A passagem citada, de 1 Coríntios 5:11-13, a princípio, parece apoiar o ostracismo; entretanto, ao submeter muitos dos casos a uma análise meticulosa, chegamos à conclusão de que não é bem assim. Por exemplo, muitas testemunhas que se dissociaram por motivos de consciência, estavam acima de qualquer suspeita no que diz respeito ao caráter e a moral. O fato é que, mesmo não figurando na lista de pecadores fornecida pelo apóstolo Paulo, o desassociado ou dissociado, institucionalmente, recebe a mesma sentença que

seria aplicada a um adúltero ou fornicador impenitente. Notamos então, um flagrante desvio do que era comum nas igrejas do primeiro século. Consideramos que a parte mais grave das declarações das Testemunhas de Jeová na referência acima é querer atribuir ao próprio Jesus Cristo a institucionalização do ostracismo organizacional. Veja que, ao citar Mateus 18:17, onde Jesus orienta os discípulos a resolver rixas pessoais, a liderança da Torre de Vigia, de maneira sutil e enganosa, tenta passar a ideia de que, ao dizer que os impenitentes deveriam ser tratados como gentios e cobradores de impostos, Jesus estava estabelecendo a regra do ostracismo. Isto, obviamente, não é verdade em absoluto. Não há nenhuma menção nos evangelhos de que Jesus tenha orientado seus discípulos a rejeitar alguém por causa de crenças ou pecados, tampouco definir pagas e penitências em troca de perdão e complacência. Muito pelo contrário. Sempre que lemos os relatos dos evangelhos, visualizamos Jesus comendo com pecadores, hospedando-se nas casas de cobradores de impostos e até mesmo demonstrando compaixão com mulheres adúlteras e prostitutas, o que era considerado pelos Judeus na época, algo totalmente condenável. É também notória a maneira como Jesus tratava os não-Judeus que, sob a Lei, eram considerados impuros e amaldiçoados. Jesus, na escritura acima mencionada, simplesmente diz aos discípulos que, quando se esgotassem os recursos para convencer alguém de uma transgressão, tal pessoa deveria ser ignorada, assim como os Judeus ignoravam os gentios ou indivíduos que coletavam impostos para seus algozes, os Romanos. Evidentemente, mesmos separados pelo muro da Lei, os Judeus tinham tratos com pessoas alheias à sua comunidade, com exceção dos Samaritanos, o que não era uma atitude compartilhada por Jesus (João 4:5-43). Tudo isso mostra que Cristo Jesus, ao contrário do que as Testemunhas de Jeová afirmam, não estava estabelecendo um padrão de julgamento, tampouco reforçando os ditames de um sistema que logo entraria em colapso (Romanos 10:4; Gálatas 3:24, Mat. 9:14-17).

> “Isso significa que os cristãos leais não devem ter companheirismo espiritual com ninguém que tenha sido expulso da congregação. Mas há mais envolvido. A Palavra de Deus declara que não devemos ‘sequer comer com tal homem’. (1 Cor. 5:11). Assim, evitamos também o convívio social com quem foi expulso [ou que se dissociou]. Isso significa que não vamos com ele a piqueniques, festas, jogos, compras, ao cinema, nem tomamos refeições com ele, quer em casa quer num restaurante. E quanto a falar com o desassociado? Embora a Bíblia não trate de cada situação possível, 2 João 10 nos ajuda a entender o conceito de Jeová sobre a questão: “Se alguém se chegar a vós e não trouxer este ensino, nunca o recebais nos vossos lares, nem o cumprimenteis. ”

Comentando isso, A Sentinela de 15 de dezembro de 1981, na página 21, diz: *“Um simples ‘Oi’ dito a alguém pode ser o primeiro passo para uma conversa ou mesmo para amizade. Queremos dar este primeiro passo com alguém desassociado* [ou dissociado]? [8]„

(Nosso Ministério do Reino 08/2002 - pág. 03)

A primeira declaração das Testemunhas de Jeová acima, demonstra ser contraditória, uma vez que, permitem que ex-membros, mesmo desassociados por graves pecados ou impenitência, ainda frequentem livremente as reuniões de cunho espiritual, ainda que, nestas ocasiões, não recebam boas vindas e não sejam cumprimentados, tampouco possam conversar com algum membro ativo. Por outro lado, socialmente, o desassociado ou dissociado está praticamente morto para a comunidade. Como fica bastante claro na referência citada, as Testemunhas de Jeová evitarão até mesmo tomar refeições à mesa com um ex-membro. Muitas vezes, ao encontrar pelas ruas um amigo de infância ou mesmo um parente que ainda é membro ativo da seita, a vítima do ostracismo sofre total indiferença, pois o co-adorador irá evitar lhe dizer um simples “oi” ou mesmo realizar um contato visual. Para evitar cumprimentar um desassociado ou dissociado alguns deles simplesmente mudam de calçada ou vão para o meio da rua.

“**Morando na mesma casa**: Será que isso significa que os cristãos que vivem na mesma casa com um familiar desassociado devem evitar falar, comer e se associar com ele ao cuidar das atividades diárias? A Sentinela de 15 de abril de 1991, na nota da página 22, diz:

‘Se numa família cristã houver um parente desassociado, essa pessoa **ainda** poderá participar dos procedimentos e das atividades normais e cotidianos da família. ’ Assim, fica por conta dos membros da família decidir **até que ponto** o parente desassociado precisa ser incluído quando tomam as refeições ou cuidam de outras atividades domésticas. Mesmo assim, devem evitar dar a impressão aos irmãos com quem se associam de que nada mudou depois da desassociação.
Isto significa mudanças na associação espiritual que possa ter existido no lar.

Por exemplo, se o marido for desassociado, a esposa e os filhos não se sentirão à vontade se ele dirigir um estudo bíblico familiar ou liderar na leitura da Bíblia e na oração. Se ele quiser proferir tal oração, como numa refeição, tem o direito de fazer isso na sua própria casa. Mas eles [adeptos das Testemunhas de Jeová] poderão fazer calados as suas próprias orações a Deus. (Pro. 28:9; Sal. 119:145, 146) O que se dá quando o desassociado no lar quer estar presente quando a família lê a Bíblia em conjunto e tem um estudo bíblico? Os outros poderão deixar que ele esteja presente para escutar, se não tentar ensiná-los ou transmitir suas ideias religiosas. [8]„

(Nosso Ministério do Reino 08/2002 - Pág. 03)

Esta regra equivocada e invasiva, presta um total desserviço à sociedade constituída, pois gera uma espécie de segregação que vai de encontro aos direitos mais básicos do ser humano. Além de submeter o indivíduo à humilhação e ao desprezo, esta norma arbitrária incentiva o rompimento da confiança mútua existente entre marido, esposa e filhos, e torna o lar um ambiente de restrições, anarquia, intimidação, medo e alienação parental. Muitas vezes, o ambiente de desconfiança, aliado às sugestões de que o membro da família alienado é agora um condenado ao desfavor divino, acaba levando um dos cônjuges a romper o matrimônio. Infelizmente, casos como esses são muito comuns entre as Testemunhas de Jeová e o número de divórcios e separações entre elas é alarmante.

Parentes que não moram na mesma casa: " 'A situação é diferente quando o desassociado ou dissociado é um parente que vive fora do círculo familiar imediato e fora do lar', declara A Sentinela de 15 de abril de 1988, na página 28 e de 15 de dezembro de 1989, na página 30, 'Poderá ser possível ter quase nenhum contato com tal parente. Mesmo que houvesse alguns assuntos familiares que exigissem contato, este certamente ficaria reduzido ao mínimo', em harmonia com a ordem divina de '[cessar] de ter convivência com qualquer' que tenha pecado e não tenha se arrependido. (1 Cor. 5:11) Os cristãos leais devem seriamente evitar associação desnecessária com esse parente, até mesmo reduzindo os tratos comerciais ao mínimo possível. [8]„

(Nosso Ministério do Reino 08/2002 - pág. 03)

"Não procure desculpas para se associar com um membro da família desassociado, como, por exemplo, trocando e-mails. [8]„

(A Sentinela 15/01/2013, pág.: 16)

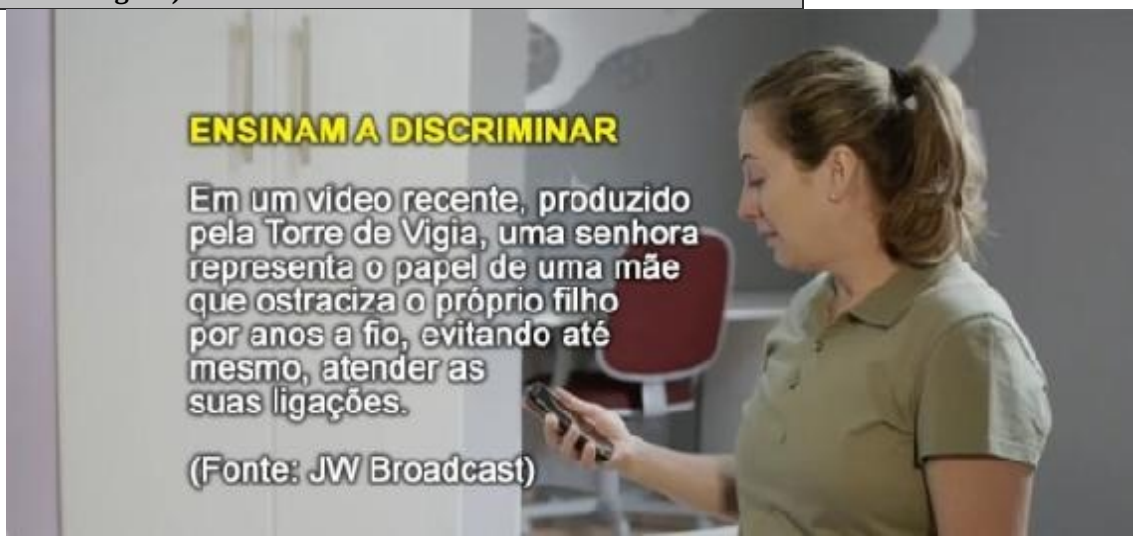
Quando o parente desassociado ou dissociado não vive no mesmo lar que os membros ainda ativos na congregação, a liderança eclesiástica exige que, se possível, tenha-se pouco ou nenhum contato com ele. Assim, mesmo assuntos familiares de extrema importância devem ser reduzidos à frieza e ao constrangimento de um encontro rápido e formal, sem que saudações e cumprimentos fraternos sejam manifestados.

No manual dos anciãos, que leva o título "*Prestai atenção a Vós mesmos e a todo o Rebanho*", no capítulo 5, a partir da página 59, existe uma lista de transgressões consideradas graves pela seita; na página 60, parágrafo 9 e 10, sob o tópico "*Insolência e Conduta Desenfreada*", a desobediência tácita à regra do ostracismo é definida como algo extremamente negativo, passível de julgamento coercitivo.

> “Embora não se trate de uma lista exaustiva, pode haver *insolência* se o transgressor praticar os seguintes atos, evidenciando assim, uma *atitude descarada e cínica para com as leis de Deus*: Associação deliberada, contínua e desnecessária com desassociados que não são parentes, apesar de repetidos conselhos. [8]„
>
> **(“Prestai atenção a Vós mesmos e a todo o Rebanho” – Pág. 60)**

Isso quer dizer que, se após algumas advertências dos anciãos, um membro ainda mantém algum tipo de contato com ex-membros que não são seus parentes, ele poderá ser desassociado em uma comissão judicativa. Tal pessoa, estaria, de acordo com o manual, sendo insolente, descarado, cínico e desobediente a ordens diretas de Deus. Evidentemente o dogma do ostracismo não possui base bíblica e não pode ser definido como um mandamento divino; muito pelo contrário, trata-se de uma imposição legalista e infame, mantida sob pressão psicológica, coerção, ameaças e lavagem cerebral.

> É normal, portanto, ficar muito triste quando um querido membro da família *abandona a Jeová*. “Fiquei arrasada”, diz uma irmã cuja filha foi desassociada. ‘Eu me perguntava: Por que ela *abandonou a Jeová*? Eu me sentia culpada. ’”
> “Não é errado você ter esperança de que seu ente querido *retorne para Jeová*. Todos os anos, muitos transgressores se arrependem e *voltam para a organização de Jeová*. Ele não aceita de má vontade o seu arrependimento. Pelo contrário, está *pronto a perdoar*. [8]„ **(A Sentinela 15/01/2013 – Pág. 15)**



Basicamente, como já vimos em capítulos anteriores, as Testemunhas de Jeová são ensinadas que, além de sua organização, não existe salvação, tampouco concórdia divina. Assim, quando alguém é desassociado ou dissocia-se do grupo, automaticamente ele está desligado de Deus. Por exemplo, como a citação acima revela, pais membros da seita martirizam-se constantemente

quando um dos filhos decide abandonar a religião e trilhar seu próprio caminho longe da influência dos pais. Para eles, o filho se tornou um rebelde, um desertor da fé, alguém que trocou a única religião verdadeira pelos prazeres que o mundo pode oferecer. Ele está agora ameaçado de perder a vida eterna e, caso não morra afastado da organização, certamente enfrentará a ira de Deus no Armagedom. Não é preciso muito esforço para imaginar o drama e o suplício mental que um ex-membro e seus familiares enfrentam em situações como essas. Mães pesarosas, pranteiam e vertem lágrimas por anos a fio, desesperadas, acreditando que irão perder os filhos para todo o sempre. Em muitos dos casos, um filho nunca retorna à seita e, geralmente, forma sua família sob outras circunstâncias; com o tempo, os vínculos que tinha com sua família de origem são enfraquecidos ao ponto de se romperem definitivamente.

A liderança da Torre de Vigia está consciente de que seus tribunais eclesiásticos secretos ferem vários dispositivos da lei civil nos países onde atuam. Por isso, ao realizar uma comissão judicativa com algum suposto transgressor, geralmente, procuram se certificar de que este não delibere iniciar um processo contra os anciãos, ou mesmo contra a associação jurídica que eles representam. O objetivo, naturalmente, é evitar que a sociedade e as autoridades tenham conhecimento de que há um tribunal paralelo em cada uma das congregações e que, muitas vezes, crimes hediondos são julgados como se fossem pecados comuns.

> “Se o acusado ameaçar processar os anciãos, eles devem suspender os procedimentos e telefonar imediatamente para o escritório. Se um membro da mídia ou um advogado representando o acusado contatar os anciãos, eles não devem dar qualquer informação sobre o caso nem confirmar que uma comissão judicativa está cuidando do assunto. Se as autoridades quiserem ter acesso aos arquivos confidenciais da congregação ou pedirem que os anciãos prestem depoimento sobre assuntos confidenciais da congregação, eles devem telefonar imediatamente para o Escritório. [8]„
> **(Prestai atenção a Vós mesmos e a todo o Rebanho – Págs 86, 87)**

A esperança de muitos que foram ou são vítimas do ostracismo é que no futuro próximo, as vozes da sociedade, impelidas pelo aumento da exposição pública, sejam o suficiente para forçar a Torre de Vigia a fazer modificações substanciais em suas regras e políticas internas. Isso poderá, talvez, permitir que membros afastados de famílias de Testemunhas de Jeová possam retornar ao convívio social com parentes e amigos de infância.

Capítulo XXI
Uma grande Nuvem de Testemunhas!

Após me dissociar oficialmente da organização no início do ano de 2013, tive o privilégio de conhecer muitas pessoas que, assim como eu, tinham descoberto a verdade sobre os enganos da Torre de Vigia. Muitos desses, ao contrário de alguns, decidiram não se calar diante do exposto, mesmo a contragosto de muitos. Graças a pessoas como essas, um farto material de pesquisa tem se tornado disponível, principalmente através da internet. Sua coragem e esforço tem literalmente salvo muitas e muitas vidas em todo o mundo. Neste capítulo, prazerosamente, faço questão de destacar as experiências de algumas dessas pessoas admiráveis. Estes testemunhos, fazem coro a milhares de outros e provam que, há de fato, uma grande nuvem de testemunhas, ocupadas voluntariamente em trazer à luz, os fatos que expõem a organização da Torre de Vigia como um falso império religioso especializado no engano e na trapaça (Hebreus 12:1). Em um livro com tão poucas páginas, seria claramente impossível fazer referência a tantos colaboradores e parceiros, muitos deles desconhecidos e anônimos de diversas partes do mundo; entretanto, os que contam parte de sua história aqui, com certeza representam muito bem os milhares de membros da resistência internacional. A todos, agradecemos profundamente de todo o coração e fazemos votos de que os frutos de seu trabalho sério e abnegado possam ser colhidos em abundância.

Me especializei em Ajudar Testemunhas de Jeová

Chamo-me Israel Rocha, sirvo a Deus como presbítero e superintendente da Escola Bíblica Dominical na Igreja Assembleia de Deus, ministério de São Miguel Paulista, em São Paulo. Sou casado, pai de 6 filhos, sendo 4 moças e 2 rapazes. Aceitei a Jesus Cristo como meu único e suficiente Salvador em junho de 1972, aos 7 anos de idade, na Igreja Evangélica Templo do Espírito Santo e me batizei nas águas em maio de 1977, aos 12 anos de idade. Nesta igreja, tenho servido desde então. Em meados de 1984, eu comecei a ler uma revista da Escola Dominical que tratava do tema Seitas e Heresias; me interessei tanto pelo assunto que comecei a pesquisar tudo que eu encontrava sobre os movimentos citados na revista. Com o tempo, adquiri conhecimento teórico valioso sobre diversos grupos sectários, o que me capacitava a refutar suas doutrinas, dogmas

e regras. Em 1988 conheci o IPC (Instituto de Pesquisas Cristãs), que depois veio a se chamar ICP (Instituto Cristão de Pesquisas) e com o material provido por esta instituição, pude me especializar na área da apologética cristã contra seitas. Entrementes, ainda não havia tido a oportunidade de usar meus conhecimentos no campo prático.

No ano de 1990, participei de uma palestra realizada por um pastor da cidade de Bragança Paulista, chamado Laerte de Godoi, na qual destacava os perigos de algumas seitas. Neste dia ele fez muitas perguntas à assistência, tanto históricas quanto bíblicas em relação as seitas e eu respondi a todas. Ao final da palestra ele me chamou e perguntou se eu evangelizava adeptos de seitas quando as encontrava; naturalmente, respondi que não e disse-lhe que apenas estudava com afinco sobre elas. Foi então que ele me orientou a levar a sério esse ministério e me fez ver a necessidade de falar com estas pessoas. Desta data em diante, com o conhecimento que eu tinha adquirido e com o auxílio dos pastores do ICP, comecei a evangelizar os adeptos de seitas, dando atenção especial às Testemunhas de Jeová, visto serem elas o grupo mais comum em nossa localidade. Por muitas e muitas vezes, íamos com placas, faixas e folhetos específicos às praças onde ficavam e entabulávamos conversas com elas. Quando realizavam congressos em Estádios como Morumbi, Maracanã e Bruno Daniel, lá estávamos nós com nossas placas e cartazes, orientando tanto visitantes como Testemunhas de Jeová através de frases e versículos bíblicos, pois elas não pegavam nossos folhetos; as placas, porém, não tinham como evitar ler. Por ocasião da Refeição Noturna, a comemoração da morte de Cristo realizada por elas, também parávamos à porta de alguns Salões do Reino usando placas e Cartazes. Lembro-me de ter participado várias vezes em frente ao CPP (Centro do Professorado Paulista), na avenida Liberdade em São Paulo, fazendo estas manifestações junto com o saudoso pastor Natanael Rinaldi, que foi um pioneiro neste trabalho.

Tenho tido a oportunidade de falar com muitas Testemunhas de Jeová e, várias destas, ao notarem os crassos erros ensinados pelo Corpo Governante, as falsas profecias, as incoerências em suas próprias literaturas, abandonaram a seita e entregaram as suas vidas ao Único Deus e Salvador de nós, Cristo Jesus. Posso citar aqui o caso de Miriam, que após alguns encontros resolveu sair da organização Torre de Vigia e se tornar cristã (toda a sua família é Testemunha de Jeová e sua mãe alega ser da classe “ungida”). Miriam nos ajudou a realizar, durante a Refeição Noturna do Salão onde frequentava, um evangelismo com placas, cartazes e folhetos. Até a presente data ela está servindo ao rei Jesus

numa igreja evangélica. Quando ela se casou, eu e minha esposa tivemos a honra de ser os seus padrinhos. O senhor Josué, ancião por quase 24 anos, depois de 3 anos de conversas e debates acirrados, tomou a decisão de abandonar as fileiras da seita e hoje é crente em Cristo Jesus na Igreja Pentecostal Deus é Amor. O José Roberto, testemunha por 21 anos, depois de conversamos por algumas vezes e de constatarmos juntos as datas marcadas pelo Corpo Governante para o fim do mundo, abandonou o Salão do Reino e hoje é um membro da igreja na qual eu congrego.

Davi era servo ministerial e Betelita há aproximadamente 12 anos. Nós conversamos algumas vezes e eu mostrei a ele a incoerência entre a TNM de 1967 e a de 1984; ele, consequentemente, tomou a decisão de sair da organização. Hoje, ele e sua esposa servem a Deus na igreja Batista na cidade de Cerquilho, próximo a Cesário Lange.

Tenho muitos outros testemunhos de pessoas que abandonaram os enganos propagados pelo Corpo Governante e que hoje estão livres; alguns resolveram continuar a servir a Deus em algumas igrejas, outros deixaram a organização e, com medo de serem novamente enganados dentro de uma outra instituição religiosa, continuaram suas vidas seguindo apenas a Bíblia Sagrada, sem, contudo, frequentar algum outro grupo; entretanto, tornaram-se cônscios de que o único caminho a Deus, é Jesus Cristo. (**Presbítero Israel Rocha – São Paulo, Brasil**).

As Testemunhas de Jeová Aterrorizaram e Destruíram minha Família

Ribeirão Preto – SP. Final da década de 80 ao final da década de 90. Minha mãe nos introduziu à organização das Testemunhas de Jeová quando éramos ainda crianças. Éramos eu e meus dois irmãos. Meu pai era Militar e sempre recusou a ideia de deixar a profissão e se tornar uma Testemunha. Em resultado disso, foi demonizado pelos irmãos da congregação e encarado como um instrumento de Satanás, uma pedra de tropeço no caminho de nossa família. Minha mãe sempre levava eu e meus irmãos às reuniões de estudo; nessas ocasiões, sentávamos juntos dela e de sua instrutora. Minha mãe, durante este período, embora não fosse publicadora, era regular às reuniões. O tempo passou e nos mudamos de endereço. Isso nos fez perder temporariamente o contato com a congregação. Para piorar a situação, minha mãe fraturou um dos pés em um

acidente e, mesmo tendo se recuperado, as sequelas eram graves e ela, infelizmente, não pôde mais andar normalmente. Se ficasse em pé por muito tempo as dores eram insuportáveis.

Depois de alguns meses, fomos visitados pela instrutora de minha mãe, que era uma Testemunha de Jeová beata e fanática. Os estudos se reiniciaram. Mamãe sempre nos manteve educados à moda da organização, por isso, não participávamos de aniversários, feriados, festas escolares, Natal, dia das crianças, etc... A instrutora passou a levar regularmente publicações da Torre de Vigia a fim de nos manter bem "alimentados" espiritualmente e, ao mesmo tempo, insistia para que mamãe se tornasse publicadora e se batizasse. Mamãe havia planejado anteriormente fazer exatamente isso, mas o acidente com o pé a limitara bastante, assim, ela queria evitar se comprometer com a congregação. Me lembro que isso a deixava frustrada e muito triste; por muitas vezes, durante a visita da instrutora, eu via minha mãe chorando. Eu era pequena e não entendia os detalhes, mas eu conseguia perceber que a instrutora lhe falava coisas sobre a iminência do Armagedom, a alegada catástrofe global que destruirá todos aqueles que não estivessem fazendo a vontade de Jeová. Ela dizia que o Armagedom estava muito próximo e que ela, apesar de conhecer a verdade, não estava se esforçando o bastante ou dando os passos necessários para servir a Jeová. Estes passos incluíam ir ao serviço de campo e se batizar.

Nesta época, minha mãe caiu em profunda depressão, primeiro por causa do acidente, das dores e limitações físicas, segundo por causa da pressão psicológica infligida pela instrutora. A instrutora, pioneira regular, percebendo que não conseguiria muitos números em seu relatório dirigindo estudos somente para minha mãe, pediu-lhe que solicitasse permissão a meu pai para que eu e meus irmãos estudássemos com ela. Como eu era a única no início da adolescência, somente eu obtive a sua autorização. Minha mãe levava-nos regularmente às reuniões no Salão do reino, mas não conseguia sair no serviço de pregação. Isso a impossibilitava de se batizar. Me lembro que os anciãos incentivaram minha mãe a dar testemunho à porta de casa, mas jamais a declararam publicadora, pois não ia de porta em porta.

Com o tempo, progredi nos estudos e me tornei publicadora. Depois, ao passar dos anos, me batizei. Isso foi em 1993 durante o congresso de distrito "Ensino Divino", quando eu tinha apenas 14 anos de idade. Embora eu fosse uma Testemunha de Jeová batizada e, portanto, responsável espiritualmente por mim mesma, os irmãos pressionavam bastante minha mãe. Eles diziam que Jeová a responsabilizaria se meus irmãos perdessem a vida no Armagedom e

que, provavelmente, somente eu seria salva. Eles a atormentavam, afirmando que o fim poderia vir antes da virada do século, isto é, na véspera do ano 2000. Minha mãe era muito suscetível a este tipo de argumento e acreditava em tudo que a organização ensinava; por outro lado, não tinha forças físicas para se comprometer com as atividades; consequentemente sua depressão piorou sobremaneira. Ela tomava medicamentos controlados e isto a deixou extremamente fraca e mentalmente perturbada. Ela costumava dizer que não tinha coragem de pregar as “boas novas” para as pessoas, já que ela mesma, era deprimida e fraca. Sob o efeito da lavagem cerebral e da doutrinação que recebia, eu também cedia às pressões e incentivava minha mãe a tomar posição antes que viesse o Armagedom.

Mamãe piorou e, meu pai, desesperado, embriagava-se vez após vez. Os anciãos e os irmãos de nossa congregação, vendo a difícil situação de nossa família, diziam que estávamos sobre influência demoníaca e que fora Satanás quem havia provocado o acidente com minha mãe. Para eles, o diabo havia feito isso para impedi-la de se tornar publicadora e alcançar o batismo. Amedrontaram-nos, dizendo que, se o Armagedom irrompesse, toda a nossa família seria destruída, inclusive eu, porque mesmo sendo batizada, ainda era menor e estava sob a responsabilidade de meus pais. Finalmente, disseram que os problemas mentais de minha mãe eram causados por demônios. Minha mãe estava tendo alucinações e os médicos lhe prescreveram medicamentos mais fortes. Por fim, ela não conseguia mais se levantar da cama. Minha avó e minha tia, que pertenciam à denominação evangélica Congregação Cristã do Brasil, estavam sempre lá para nos apoiar e fornecer ajuda. Sabendo desta influência, os irmãos da congregação recomendaram a mim e a meus irmãos que evitássemos a companhia delas, pois pertenciam a uma religião falsa e isso era apenas mais uma armadilha de Satanás para nos desviar de Jeová.

Ao mesmo tempo, meu pai, que se tornara alcoólatra, corria o risco de perder o emprego na Polícia Militar. Ele teve de se internar para se recuperar do vício. Me lembro que, após um mês de sua ausência, minha mãe teve um surto psicótico e saiu correndo, mancando pelo quintal, gritando que estava sendo perseguida por um demônio. Esse episódio de pânico, fez com que ela ficasse em estado de choque. Durante uma semana minha mãe ficou totalmente atônita, olhando para o nada, completamente muda. Nós não sabíamos mais o que fazer. Um 1997, logo após eu ter completado 18 anos, ela encontrou a arma e a munição que meu pai mantinha escondido, pois era militar, e tirou a própria vida com um tiro na cabeça. O velório de minha mãe, foi algo muito, muito triste. Foi

a coisa mais triste que já experimentei. Não tenho palavras para descrever o que senti quando passamos por isso. Mas, a dor mais profunda, que dilacerou completamente meu coração, foi ver que, tanto os membros da Congregação Cristã, à qual pertencia minha avó, como as próprias Testemunhas de Jeová, negaram-se a fazer qualquer oração com os familiares durante o funeral. Eles alegaram que ela havia cometido um "crime contra Deus" e, portanto, caído em "condenação eterna". Isso deixou minha família extremamente chocada. Em meio ao desespero, me perguntei aonde estava o propalado amor cristão da organização de Jeová.

Neste momento, está sendo deveras muito difícil escrever tudo isso. As lágrimas escorrem em rios pelo meu rosto enquanto procuro encontrar as palavras certas para descrever tanto sofrimento. É extremamente doloroso. Se eu resolvesse um dia contar toda a minha história, isso seria muitíssimo complicado; há muitas pessoas envolvidas, especialmente minha avó materna, que se tornou muito sensível com o trauma do suicídio de minha mãe. Um dos meus queridos irmãos ainda acredita na organização, mas nunca se envolveu cegamente com ela, por isso, as linhas de comunicação ainda estão abertas entre nós. O outro, após todo o desastre, apegou-se ainda mais firmemente à paranoia de que precisa lutar contra as "forças de Satanás" que destruíram nossa família e se ilude com promessa da "vida eterna no Paraíso na Terra". Com o tempo ele se casou e se tornou um ancião em sua congregação.

Quanto a mim, quando poucos anos se passaram após a morte de mamãe, enfraqueci e entrei também em profunda depressão. Graças a insistência de minhas tias, fui ao psicólogo e comecei a fazer sessões de terapia. Quando souberam disso, os irmãos do Salão do Reino repetiram a mim o que haviam falado a minha mãe anteriormente. Ela cogitara tratar-se com psiquiatras e psicólogos, mas os irmãos disseram que estes profissionais eram, na maioria das vezes, "agentes do diabo", pois tentavam iludir as pessoas e desviá-las dos "ensinamentos de Jeová". Assim, seguindo sua recomendação, fui deixando de ir às sessões de psicoterapia. A cada dia eu ficava ainda mais deprimida. O luto e a tristeza em minha família era demais para suportar. Por duas vezes tentei o suicídio ao tomar várias cápsulas de remédios; numa destas vezes, fui parar em um hospital.

O tempo passou e eu decidi viajar para conhecer novos irmãos e novas congregações. Meu pai tinha prazer em custear minhas despesas de viagens, pois achava que elas iriam me fazer bem. Meus irmãos, aparentemente estavam bem e eu não precisava me preocupar demasiadamente com eles. Aos poucos, fui me

afastando da congregação a qual pertencíamos. Devido estar sempre viajando, os irmãos não estranharam muito a minha ausência. Então, comecei a deixar de viajar e, de irregular, tornei-me inativa. De repente, descobri o “mundo” e os seus atrativos. Comecei a sair às escondidas para clubes de dança e outros eventos “mundanos”. Conheci várias pessoas, fiz novas amizades e curti bastante uma liberdade que nunca antes havia experimentado. Porém, imaginava que agir dessa maneira era uma traição contra Jeová e temia ser surpreendida pelo Armagedom. A verdade é que, depois de algum tempo, dei me conta de que de nada adiantaria sobreviver ao fim do mundo e viver no paraíso, afinal, as pessoas que eu mais amava não estariam lá. Minha querida mamãe, meu amado pai, minha avó, meus familiares... eles não estariam comigo no paraíso. Talvez, apenas eu e meus irmãos desfrutaríamos da vida eterna; mas, afinal de que adiantaria? Não seria isso uma condenação eterna? Viver a eternidade sem as pessoas que ama? Não, eu não queria mais essa esperança, não para mim.

Comecei a procurar emprego numa cidade longe de casa onde viviam alguns dos novos amigos “mundanos" que eu tinha conseguido. Consegui um trabalho e fui morar com um casal dividindo aluguel. Logo, iniciei um curso superior universitário e, quando eu estava para me formar, conheci uma senhora manicure que tinha clientes internacionais. Ela era Espírita e uma pessoa muito agradável. Nós nos tornamos muito amigas uma da outra. Ela estava de mudança para a Itália. Continuamos a manter contato e, quando eu me formei na faculdade, ela me convidou para ir àquele País. Me preparei por vários meses, economizei dinheiro o suficiente, juntei minhas trouxas e fui embora. Na Itália, me deparei com um mundo totalmente novo. Era uma vida muito diferente, uma outra cultura. Trabalhei como cuidadora de idosos, com limpeza, em locais com bares e restaurantes, e em eventos de moda em Milão. Aos poucos estava me adaptando. Todas estas ocupações e novidades, me ajudaram a ir superando as dores e traumas que havia ficado enraizados no Brasil; entretanto, ainda restavam muitas feridas. Conheci outros brasileiros na Itália e recebi muita ajuda deles; a maioria eram conhecidos de minha amiga e, igualmente, adeptos da fé Espírita.

Depois de algum tempo tiver problemas com meu visto de permanência e isso me deixou muito preocupada. Eu temia a ideia de ter de retornar ao Brasil. Até hoje, esse é um dos meus maiores medos. Parece que voltar ao Brasil significa reviver todos os traumas que ansiava deixar para trás. Então, para prolongar minha estadia na Europa, eu tive que deixar a Itália e me mudar para a Irlanda. Neste país, consegui um visto de estudante, o que me garantiria alguns

anos de permanência e a possibilidade de adquirir uma licença para residência definitiva. Na Irlanda, conheci muitos brasileiros e, consequentemente, oportunidades de trabalho. Durante três anos trabalhei como cuidadora de idosos na residência de uma família irlandesa. Como vivia com eles, não precisava pagar aluguel e recebia um bom salário semanal, o que cobria todos os meus gastos. Até hoje, somos muito amigos e nos consideramos muitíssimo.

Em 2013, depois de anos, decidi visitar minha família no Brasil. Meu irmão, Testemunha de Jeová, fez os anciãos me visitarem de surpresa na casa de meu pai. Eu, oficialmente, ainda era membro da seita, pois não tinha sido desassociada, tampouco tinha solicitado desligamento. Os anciãos queriam a todo custo levar-me a uma comissão judicativa. Eu fugia deles, porque depois de tanto tempo, aquilo já não tinha mais nenhum sentido para mim. Eu queria apenas matar a saudade de meus familiares e visitar cada um deles. Infelizmente, num dia em que fiquei acamada devido uma forte gripe, os anciãos conseguiram me encontrar em casa. Eu os atendi e eles disseram que haviam me investigado nas redes sociais e visto fotos onde eu posava com membros do Espiritismo Kardecista. Era verdade que eu havia assistido a duas palestras do orador espírita brasileiro Divaldo Franco, mas não havia me convertido a esta fé, apenas me sentia confortada por meus amigos espíritas. Na conversa, os anciãos me acusaram de se envolver em atividades mundanas e questionaram o motivo de não haver em minhas redes sociais, imagens relacionadas à organização de Jeová, mas, ao invés disso, imagens de reuniões e amigos Espíritas. Francamente, disse-lhes, que as pessoas nas imagens, haviam sido os únicos a dar real apoio durante os anos turbulentos que sucederam ao suicídio de minha mãe. Os anciãos, irritados, mas temerosos que os supostos demônios que alegaram atormentar minha mãe estivessem agora me desviando de Jeová, sugeriram que eu os acompanhasse ao salão do reino para me julgar numa comissão judicativa. Naturalmente, neguei-me a fazê-lo e disse que, se eles desejavam fazer tal coisa, se achavam que isso os tornava superiores às demais pessoas, que o fizessem ali mesmo naquele momento; no entanto, lembrei-lhes das palavras de Jesus Cristo em Mateus 7:1-2 onde está escrito:

> “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida que usardes para medir a outros, igualmente medirão a vós. ” – **(Mateus 7:1-2 KJA)**

Deu para ver em seus rostos que estavam com muito ódio de mim por causa destas declarações. No dia seguinte, eles bateram na porta da casa de meu pai e, ali mesmo no portão da rua, sem ao menos dizer bom dia, anunciaram a

minha desassociação. Em nenhum momento eles me indagaram se eu estava bem, se precisava de algo, tampouco quiseram saber como havia sobrevivido tanto tempo sozinha e longe de minha família. Para eles, eu era apenas uma mera estatística, um número a ser contabilizado nos relatórios mensais da congregação. Eles não se importavam comigo. Naquele momento eu era apenas um problema que precisavam resolver o mais rápido possível.

Ao terminar minha estadia no Brasil, voltei para a Irlanda. Depois de algum tempo, encontrei o grande amor de minha vida e me casei. Hoje, apesar dos traumas do passado, estou muito feliz e recupero a cada dia o meu bem-estar emocional e psicológico. Sinto que estou reconstruindo a minha história e que muitas coisas boas irão acontecer no futuro. Depois de tantos anos e indizíveis sofrimentos, encontrei finalmente o meu "Paraíso". Ele é aqui e agora! É estar livre desta seita, é poder empenhar-me na construção da própria felicidade, é viver sem amarras, sem mentiras, sem ameaças, sem temores, é viver cercada de amor, muito amor! - **(V. D. K – Irlanda UK)**

Meu Sonho era ser um Jogador de Futebol

Minha Mãe foi uma Testemunha de Jeová durante 8 anos. Por eu ser ainda menor de idade, era obrigado a acompanhá-la nas reuniões e serviço de proselitismo de porta em porta. Meu pai não frequentava as reuniões no Salão do Reino e tampouco tinha interesse em se tornar um membro da organização; por outro lado, ele não se opunha e, nos dias em que eram realizados os congressos e assembleias, ele estava sempre conosco. Eu comecei a gostar da convivência com os irmãos e acabei fazendo muitas amizades; algumas destas amizades eram com anciãos e servos ministeriais que gostavam de se reunir para jogar futebol de salão. Eu era um bom jogador e todos os anos era selecionado nas peneiras do colégio. Isso me deixava muito feliz, porém, ao mesmo tempo, eu ficava extremamente triste. Eu sabia que teria problemas com minha mãe ao chegar em casa. Todos os anos era a mesma coisa. "-Você é uma Testemunha de Jeová...", dizia ela, "...e você sabe que é pecado participar de qualquer tipo de competição! ". Isso era de praxe. Todas as vezes que os jogos escolares estavam próximos de acontecer, ela fazia questão de me lembrar das instruções da organização. Ela dizia que eu iria magoar o coração de Jeová e não seria bom que eu aceitasse jogar. Ela me pressionava até que eu desistisse da ideia de participar dos jogos. Arrasado, eu tinha de dizer ao treinador que minha religião não permitia jogar o

campeonato. Meu pai ficava indignado, ele achava que eu tinha chances de um dia me profissionalizar. Ele sempre dizia que o esporte abre portas e que me tornar um jogador de futebol poderia me trazer grandes chances no futuro. De fato, muitos de meus colegas ganhavam bolsas de estudo para jogar por outros colégios. Quando começava o campeonato eu chorava nas arquibancadas. Era apenas dali que eu podia ajudar o meu time. Quando o meu time ganhava e eu via as medalhas no peito de meus amigos, aí então é que eu chorava mesmo.

O tempo passou, meus pais se separaram, minha mãe foi desassociada e minha mente se abriu para a realidade. Infelizmente, para o futebol, é tarde demais para mim. Hoje tenho 32 anos de idade e vi que perdi muitas oportunidades no esporte que tanto amava. Como continuo tendo espírito esportivo, me tornei boxeador. Desde então, já participei de algumas lutas amadoras. Sou muito feliz longe da "organização" que desorganiza a vida social das pessoas. (**J. M. - Brasil**)

Finalmente encontrei a Verdadeira Liberdade Cristã

Nasci na madrugada de terça feira, 28 de fevereiro de 1989 num bairro extremamente pobre da cidade de Luanda, Angola. Venho de uma família muito humilde, sou o terceiro de sete filhos; infelizmente, três desses já não fazem parte do "mundo dos vivos", a morte os tirou de mim, antes mesmo de tê-los conhecido bem. Meu pai, é teísta agnóstico, ou seja, acredita que existe um Deus, mas não afirma saber explica-lo. Minha mãe, é católica praticante desde tenra idade, segundo ela, meus avós também foram católicos. A minha mãe é muito devota à sua religião e está sempre presente a todos os cultos do domingo, aos ministérios, vigílias e outros. Mais do que isso, ela é extremamente humilde, hospitaleira e amorosa com as pessoas na vizinhança.

Os meus pais têm um relacionamento tão saudável, que desde que me entendi por gente até o presente dia, nunca os vi trocando insultos, gritando um com o outro, ou se envolvendo em brigas e discussões, nem mesmo com algum vizinho. Nós, os filhos, temos eles como modelo de um casal feliz. Infelizmente, papai era muito violento conosco. Nos batia tanto que crescemos lhe odiando. Porém, graças a Deus, hoje o amamos muito. Mamãe sempre nos levava a igreja aos domingos; eu amava essas ocasiões. Passei também a amar os domingos. Meu irmão, ao contrário, "corria" só de ouvir a palavra "igreja". Até hoje nunca pertenceu a nenhuma religião; apesar disso, é uma pessoa de excelente moral e

eu tenho muito orgulho dele.

Quando completei 10 anos, eu comecei a frequentar a Igreja Adventista do Sétimo Dia por influência do meu tio, que naquela altura era diácono. Minha mãe nunca se opôs a minha “nova fé”, pois acreditava que todos os caminhos levam a um único Deus Verdadeiro. Na igreja adventista fiz o meu primeiro discurso bíblico, que foi, na verdade a leitura de uma passagem bíblica. Durante o tempo que estive associado a essa denominação, passei a amar e a respeitar a Palavra de Deus. Foi lá que eu tive o primeiro contato com a Bíblia. Eu gostava especialmente de um livro amarelo de capa dura, cheio de histórias bíblicas resumidas e belas ilustrações coloridas. Só mais tarde vim a saber que esse livro não era produzido pela Igreja Adventista.

Meus primeiros contatos com “a Verdade”

Até o princípio do ano 2001, nunca tinha ouvido falar das Testemunhas de Jeová; numa bela manhã de domingo, porém, estava na casa de um amigo e de repente dois jovens bem arrumados bateram à sua porta. Na verdade, ele já ‘estudava a Bíblia’, por isso, enquanto preparava o cenário para o estudo, o instrutor aproveitou para me ‘dar testemunho’. Ainda me lembro como se fosse hoje, a primeira pergunta que ele fez para mim:

– Qual é o seu partido?

– Meu partido é o MPLA – respondi.

– Sabe qual é o nosso partido? – Ele perguntou.

– Não. – Respondi.

– Nosso partido é isto! – Disse ele apontando para o exemplar da Bíblia que havia retirado da pasta.

Naquele mesmo dia, começamos a “estudar a Bíblia” na publicação intitulada “*O que Deus Requer de Nós*? ”. Dois meses após isso, já estava frequentando algumas reuniões das Testemunhas de Jeová no Salão do Reino. Infelizmente, sem nenhuma explicação, meu instrutor parou de ir a minha casa para dirigir meus estudos. Só mais tarde fiquei sabendo que ele tinha viajado para o interior do pais. A essa altura, eu já havia me desligado completamente da igreja Adventista do Sétimo Dia. Outro instrutor foi designado para continuar meu estudo pessoal. Ele era um senhor muito humilde, alegre e respeitoso. Em pouco tempo já havia se tornado quase que um membro de nossa família. Eu especialmente me afeiçoei a uma de suas filhas e desenvolvi por ela um amor

fraterno muito forte. Não íamos às reuniões sem a companhia um do outro. Eu amava ler a literatura da Torre de Vigia. Lia todas as revistas, livros, artigos, e aguardava com ansiedade os lançamentos de novas publicações durante os congressos de distrito. Gostava muito de acompanhar na revista “A Sentinela”, as biografias e experiências de irmãos de diversas partes do mundo. Me impressionava as mudanças e desafios que muitos tiveram de fazer e enfrentar, a fim de servir a Jeová mais plenamente. Eu ficava imaginando se algum dia eu teria a minha história publicada em um de seus artigos. Eu também amava entoar os cânticos do cancioneiro “Cantemos Louvores a Jeová”, tanto, que em pouco tempo já havia decorado a grande maioria deles. Quando o Corpo Governante modificou estes cânticos em 2009, eu fiquei muito decepcionado, pois eu gostava muito dos que já entoava de cor.

Numa noite de domingo, 5 de junho de 2005, me tornei publicador não batizado da Congregação Correios do Golfe Centro (atualmente Correios do Golfe Norte). Visto que a minha casa estava fora do território da congregação a qual eu pertencia, e por causa de outros fatores de ordem pessoal, decidi morar na casa de uma família de Estudantes da Bíblia. Era uma família muito humilde e hospitaleira. O filho mais velho daquele casal já era publicador de longa data e logo nos tornamos grandes amigos. Os cinco anos que passei naquela casa, foram os cinco anos mais felizes da minha vida. Foi ali, naquela humilde casa, que progredi espiritualmente na organização de Jeová. Eu sempre dizia que havia entrado ali Publicador e saído Servo Ministerial. Há muitas coisas para se contar sobre esse tempo.

Recebendo “Bênçãos” Inestimáveis

No dia 14 de agosto de 2005, assisti ao meu primeiro Congresso de Distrito das Testemunhas de Jeová. O tema era “Obediência a Deus”. Este foi o início de uma longa amizade, a “amizade com Jeová”. Durante todo esse tempo, nunca faltei uma reunião sequer, eu amava todas elas, especialmente o Estudo do Livro que eram realizadas em grupos pequenos nas casas de alguns irmãos. Por esta reunião ser feita com um grupo reduzido, eu tecia comentários de forma mais natural, sem nenhum nervosismo ou receio. Um dos motivos que me levaram ao batismo, foi o de ser um dos leitores do estudo de livro e, quem sabe, dos estudos de “A sentinela” na congregação (risos).

No ano seguinte, isto é, no dia 2 de setembro de 2006, simbolizei a dedicação a Jeová por meio do batismo em água, no Congresso “Aproxima-se o

Livramento”. Eu estava tão devotado, tão cheio de zelo, que no fim do programa de sábado, solicitei uma petição ao ancião secretário e, assim que terminou o congresso, na segunda feira, já estava no serviço de proselitismo como pioneiro auxiliar. Também, naquele mesmo ano, coloquei um ponto final na ideia de um dia cursar o ensino superior em alguma faculdade. No dia 1º de agosto de 2008, entrei na carreira de serviço como Pioneiro Regular, relatando 70 horas mensais ao ministério de pregação de porta em porta. No dia 30 de novembro a 11 de dezembro de 2009, tive o privilégio de cursar a E.S.P. (Escola de Serviço de Pioneiro). Por causa dos problemas financeiros, que me deixavam cada dia mais ansioso, infelizmente, tive que deixar a carreira de Pioneiro e no ano seguinte e comecei a trabalhar para sustentar os meus “desejos materialistas”; pelo menos esse é o conceito das Testemunhas de Jeová a respeito de quem deixa a carreira de pioneiro por motivos seculares.

No dia 14 de junho de 2010 fui recomendado Servo Ministerial de congregação e, no final daquele ano, ou seja, em dezembro de 2010, tive que retornar para a casa dos meus pais. Com lágrimas nos olhos, deixei para trás a família hospitaleira que, sem estabelecer nenhum tipo de prazo ou limite para ir embora, me acolheu tão amorosamente. Mesmo assim, eu estava muito ansioso para servir na nova congregação, isto é, na comunidade à qual eu havia pertencido anteriormente quando estudante. Nesse novo grupo, recebi muitos “privilégios” e “bênçãos” da parte de “Jeová”. Trabalhei como Servo de Manutenção e Limpeza, Servo de Literatura e ajudante do ancião secretário. Mesmo sendo um humilde Servo Ministerial, designaram-me para exercer o cargo de Superintendente de Serviço, Secretário e Presidente da Escola do Ministério Teocrático. Tive também a oportunidade de cursar a Escola do Ministério do Reino no ano de 2011. A esta altura, o único ancião da nossa congregação recebeu o convite para servir como Pioneiro Especial em outra província (hoje este ancião é Superintendente Viajante). Em contrapartida, o Betel de Angola enviou para a congregação, um jovem ancião treinado na E.B.I.S. (Escola Bíblica para Irmãos Solteiros, agora Escola para Evangelizadores do Reino). Nos tornamos inseparáveis amigos até a minha saída da Organização.

Mais “Bênçãos Espirituais”

Para minha surpresa, na segunda semana de agosto de 2014, enquanto concluía o ensino médio, fui designado como ancião de congregação. Todos ficaram muito alegres e eu nunca tinha recebido tantos aplausos em minha vida.

Os irmãos simplesmente não paravam de bater palmas. Depois de vários anos sem um ancião levantado na congregação, lá estava eu, o ancião mais jovem do Circuito 107, até aquele momento.

Retornei à carreira de pioneiro regular e cursei novamente a Escola do Ministério do Reino; desta vez, a escola era somente para anciãos. Durante o tempo que servi como servo e ancião, pude fazer vários discursos públicos na congregação. As pessoas amavam me ver fazer discursos e eu era sempre convidado a proferi-los fora da congregação, em lugares tão distantes como Golfe 2, Calemba 2, Sambizanga, Viana e Cazenga, além de congregações circunvizinhas. Também fui convidado a proferir discursos especiais com os temas "*Como se cumprirá a promessa de Felicidade Familiar*" em 2015 e, "*Está a caminhar na estrada para vida eterna? "* No ano de 2016. Fui convidado a assistir a Reunião Especial no maior estádio de futebol nacional, o "11 de novembro", no dia 25 de janeiro de 2015. Tive o privilégio de proferir um discurso na Reunião Especial de Pioneiros com o Superintendente de Circuito e um discurso na Assembleia de Circuito no dia 13 de dezembro de 2015, com o tema "*Use os seus Recursos de Forma Sábia*".

Em muito pouco tempo que servi como ancião, recebi todos esses "privilégios" e "bênçãos espirituais"; porém, isso me cobrava um alto preço. Eu estava física e mentalmente esgotado. Quase não tinha tempo para visitar meus familiares e as pessoas diziam que eu tinha trocado a família pela congregação. Além disso, sentia um cansaço mental inexplicável. Evidentemente, isso devia-se ao fatigante trabalho que executava na organização ao assumir plenamente as minhas obrigações como ancião congregacional. Eu precisava compilar relatórios, realizar o download de cartas e documentos do site da Torre de Vigia, realizar visitas de pastoreio a membros da congregação, preparar discursos, partes e reuniões, fazer estudo pessoal, cumprir a meta de horas do serviço de tempo integral, entre outras atividades da rotina teocrática. Estava, enfim, à beira de um colapso nervoso. Temia também, pecar contra Jeová, pois a cada dia, me deparava com regras e mais regras de conduta estabelecidas pela organização em sua literatura. Eu, evidentemente, seguia à risca todas as instruções, pois queria preservar a todo custo os meus privilégios. Tudo estava indo muito bem, no entanto, as coisas iriam mudar drasticamente.



Surgem as Dúvidas

Nove anos atrás eu havia conhecido um irmão de excelentes qualidades; eu o admirava muito e, por causa disso, nos tornamos muito achegados. Admirava a coragem que ele demostrava diante da oposição da mãe. Em novembro de 2015, fiquei sabendo que esse amigo, que agora reside em Panguila, Luanda, abandonou a verdade e virou o que as Testemunhas de Jeová chamam pejorativamente de "apóstata". Ele era Servo Ministerial e Pioneiro, mas renunciara a todos esses "privilégios", e pior, publicou uma carta nas redes sociais renunciando a fé das Testemunhas de Jeová. Eu simplesmente não conseguia acreditar no que estavam falando sobre ele, por isso decidi constatar com os meus próprios olhos. Procurei-o nas redes sociais, li a sua carta e conversei com ele a fim de convencê-lo a "voltar para Jeová". Antes de me bloquear, ele enviou links de artigos em um site apóstata. Embora eu soubesse que as Testemunhas de Jeová são terminantemente proibidas de acessar material crítico publicado por ex-membros e dissidentes, o desejo de obter respostas me levou a acessar as informações sem qualquer peso na consciência. O que vi não poderia sequer imaginar. O site estava repleto de estudos baseados nas mais diversas crenças, regras e doutrinas das Testemunhas de Jeová. Eram mais informações do que eu era capaz de assimilar. Precisei de muito tempo para analisar tudo que encontrei ali. Eu estava extremamente chocado.

Minhas pesquisas me levaram além do que eu poderia imaginar. Descobrir que havia sido vítima de uma seita coercitiva de controle mental foi algo aterrador. Aniversários não eram proibidos na Bíblia afinal; Jesus não havia sido pregado em uma estaca, mas numa cruz; Judas Iscariotes participara da Refeição Noturna, comera do pão e tomara do vinho; os 144 mil de Apocalipse não são um número literal... a lista, aumentava a cada dia. Eu tinha sido enganado. A organização da Torre de Vigia não era o representante de Deus na terra, mas havia usurpado o lugar que pertence a Cristo Jesus! Mas eu não estava sozinho diante dessa terrível decepção. Havia uma grande multidão de Ex-Testemunhas de Jeová ao redor do mundo. Algumas delas haviam publicado livros sérios onde as falsas doutrinas e ensinos da Torre de Vigia eram claramente expostas e documentadas. Alguns desses livros são: "*Das Trevas para a Luz*", de Fernando Galli; "*A Organização da Torre de Vigia e a Autoridade Espiritual*", de Ronald Frye, "*As Testemunhas de Jeová Refutadas Versículo por Versículo*", de David A. Reed; "*Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*", de Carl Olof Jonsson além de muitos outros livros. Mais tarde fiquei sabendo que um membro do Corpo Governante, Raymond Franz, havia

abandonado a organização e escrito dois livros: "*Crise de Consciência*" e "*Em Busca da Liberdade Cristã*". Eu devorei estes livros em poucas semanas. Através dos seus livros e de entrevistas que havia concedido em vídeos, Franz tornou claro que as decisões do Corpo Governante não eram fruto de inspiração divina, mas sim do mero legalismo ditatorial que permeava a organização. Fiquei arrasado. Decidi que era hora de entregar os meus privilégios. Esta decisão não era algo fácil de ser colocada em prática. O que eu iria dizer aos meus amados irmãos e cooperadores da congregação? E os meus amigos do circuito, o que pensariam de mim? O que diriam meus pais, minhas irmãs, meu primo servo ministerial, meus amigos de longa data e meu tio que é ancião em uma congregação da língua Kimbundu? Como poderia decepcionar tantas pessoas? Bem, um dia, criei coragem e resolvi abrir o jogo.

Antes disso, eu estava sob severa dissonância cognitiva. Quando soube que o Corpo Governante manipula as Testemunhas de Jeová com o interesse de usá-las, comecei a perder a fé que eu tinha em Deus e em Jesus. O alicerce de minha fé, a organização, havia sido demovido de sob meus pés. Não conseguia mais orar e não acreditava mais na Bíblia como um guia confiável. Estava levando uma vida dupla. Por exemplo, namorava com duas irmãs ao mesmo tempo e cheguei ao ponto de me envolver sexualmente com elas. Eu me senti inútil, um pecador impenitente; cheguei até a imaginar que tinha cometido o pecado imperdoável. Por outro lado, não confiava que os anciãos recebessem orientações de Jeová. Eu estava destruído espiritualmente. Eu me dirigia ao serviço de pregação por mera formalidade; evitava participar de comissões judicativas para julgar pecados e chegava atrasado às reuniões a fim de não presidir alguma delas ou fazer a oração inicial. Era uma verdadeira luta subir à tribuna e ensinar coisas com as quais não mais concordava. Assim, decidi retirar a carga de sobre meus ombros. Muito emocionado, após uma reunião, chamei um outro ancião e falei-lhe sobras as minhas dúvidas e discordâncias doutrinárias. O ancião resolveu fazer uma ligação para o superintendente do circuito; eu falei por alguns minutos com ele e esta foi a última vez que nós conversamos.

Em agosto de 2016, em resposta à minha solicitação, a congregação recebeu o anúncio de que eu já não era mais um ancião. Foi uma decepção para todos que me conheciam. Alguns me suplicaram para voltar atrás, mas isso já não era mais possível; eu agora estava finalmente livre. Decidido a não ficar calado, comecei a escrever artigos e expor os falsos ensinos da Torre de Vigia. Muitos desses artigos, compartilhei em "páginas proibidas" como DESPERTA e

EX-TJS AJUDA CRISTÃ, além de outros sites e grupos das redes sociais. O criticismo aberto me tornou alvo do ódio de alguns irmãos. Mesmo assim, não me deixei intimidar e sua oposição apenas aumentou a minha coragem de denunciá-los.

Estou finalmente Livre

Muitas vezes me pego pensando se não seria melhor estar ainda na ignorância, se deveria ter voltado atrás em minha decisão e continuado na organização mesmo sabendo de toda a sujeira que ela oculta. Se o fizesse, continuaria sendo um ancião respeitado, tendo acesso às cartas secretas da Torre de Vigia, proferindo discursos em congressos e assembleias, tomando a dianteira na rotina teocrática da congregação, colaborando intimamente com o superintendente de circuito, etc... Mas, logo tiro isso da cabeça pois sei que nunca me arrependerei de ter tomado esta decisão. Se voltasse no tempo, faria a mesma coisa novamente. Não troco a liberdade cristã que usufruo agora, por nada neste mundo (Gálatas 5:13). Em dezembro de 2016, fui desassociado por apostasia. De acordo com minhas irmãs, ao soar o anúncio, a congregação inteira chorou a minha "morte social". Eu também o lamentei, porém, não me arrependi, muito pelo contrário, me senti muito aliviado.

Desde então, tenho me esforçado a libertar pessoas das garras da Torre de Vigia. Graças a Deus, tenho obtido sucesso. Três amigos já abandonaram a organização e eles, por sua vez, agora se empenham em ajudar os familiares. Em angola, há muitos irmãos implorando por ajuda. São pessoas que já se deram conta do engano e que continuam na organização apenas por medo do ostracismo que será imposto sobre elas e suas famílias. Há de fato, muito trabalho pela frente.

Eu não odeio as Testemunhas de Jeová. Entendo que muitos delas, são como eu era nos tempos de ignorância: Pessoas sinceras e motivadas pelo amor a Deus e ao próximo. Infelizmente, esse amor, mais tarde é direcionado à "Organização". Felizmente, devido ao aumento de informações disponíveis, a cada dia, mais e mais Testemunhas de Jeová estão perdendo o medo de analisar sua religião e descobrindo que foram vítimas de falsos instrutores. Espero que, com o tempo, os "muros" da Torre caiam por terra e que mesmo os membros mais fanáticos venham a reconhecer a mentira em que se encontram.

Bem, ao final deste relato, posso dizer, assim como Paulo, que "*dou*

graças a Deus, a quem sirvo com a consciência limpa", e a seu filho Jesus Cristo, os quais, tornaram a minha liberdade possível (2 Tim. 1:3). Sim, posso dizer que finalmente encontrei a verdadeira liberdade cristã.

(**André A. G. Fernandes – Luanda, Angola**)

Uma Vida inteira em Busca da Verdade

No mês de maio de 1984, então com 22 anos de idade, por influência da minha avó materna, comecei a estudar a bíblia com as Testemunhas de Jeová; pouco tempo depois, tornei-me uma delas. Durante cerca de três décadas, fui um membro ativo dessa religião, embora me questionasse acerca de várias normas e certas doutrinas, as quais eram constantemente modificadas, segundo a opinião do Corpo Governante. Poucas vezes mostrei o meu desacordo, mas quando o fiz, por problemas de consciência, logo fui rotulado de “fraco espiritual”. Quando decidi começar a estudar a Bíblia com a minha Família por “conta própria”, depressa fomos expulsos das Testemunhas de Jeová.

Durante todo o tempo que passei dentro dessa religião eu me questionava: Será que Deus irá receber no seu lar apenas os 144.000 ungidos de quem as testemunhas falavam? Quem são e onde servem a Deus a Grande multidão de Apocalipse 7:9? Como poderia referir-se a uma classe que viveria para sempre na terra, conforme ensinavam, se no texto referido de Apocalipse a Grande multidão está na presença de Deus e do Cordeiro? Porque rejeitam eles a divindade de Jesus Cristo? Como pode uma religião que alega ser verdadeira, tratar os membros que discordam de alguma coisa como inimigos, exortando pessoas da própria família a deixar de falar com eles? Podem essas pessoas afirmar que amam a Deus se não amam seus irmãos?

Durante quase 3 décadas, estas e outras questões (algumas de certa gravidade), ocupavam a minha mente e tiravam-me a paz interior que eu tanto buscara. Certa vez, decidi, juntamente com a minha esposa, “nunca mais” nos filiarmos a qualquer religião, pois segundo a nossa análise, todas estavam erradas, mesmo os mais sinceros se desviavam com doutrinas contrárias à Bíblia e isso fizemos. Mas, nas minhas meditações e orações, eu buscava sinceramente a verdade de Deus. Eu sabia do amor do nosso Pai Celestial pelos seus filhos humanos e tinha plena fé na Expiação de Jesus Cristo. Eu sabia que o meu Redentor vive. Mas como buscar orientação? Como adorar ao Pai Celestial – O Grande Elohim – da maneira que Ele aprovava? Vez após vez, procurei as respostas a estas perguntas e pesquisei várias religiões e organizações, desde o judaísmo, islamismo, estudantes da Bíblia, chegando mesmo a ler livros da Maçonaria, entre outros; entretanto, não encontrava o que eu procurava, andava sempre nas beiradas do conhecimento e nunca ficava satisfeito. Até que em certa

altura, após oração e meditação, cheguei à conclusão que eu já tinha encontrado a verdade. Mas isso contarei mais à frente.

Divergências e Ruptura

Desde sempre, ouvi as Testemunhas de Jeová explicarem o texto de Mateus 6:33 sobre “buscar primeiro o Reino”, de uma forma muito equivocada. Eu era incentivado, bem como outros jovens, a ingressar no serviço de Pioneiro ao invés de seguir uma carreira profissional. Fui orientado a não prosseguir com o estudo superior ou cursar faculdade. Logo no mês seguinte ao meu batismo, ingressei no serviço de Pioneiro Auxiliar, que na época, exigia a dedicação de 60 horas por mês ao serviço de proselitismo. Eu realizava o serviço com muita alegria, pensando estar dando o meu melhor para Jeová. Nesta altura trabalhava numa fábrica de estruturas metálicas como serralheiro. Era um trabalho muito duro. Geralmente, começava às 8h da manhã e ia até às 19h, chegando em casa muito cansado. Mesmo assim, depois de tomar um bom banho, preparava-me e dirigia-me à pregação. Quase sempre, ficava até depois das onze da noite dirigindo estudos bíblicos e fazendo revisitas programadas.

Cerca de um ano após o meu batismo, fui incentivado a preencher a petição de Pioneiro Regular, o que considerei um grande privilégio. Agora eu tinha a responsabilidade e a oportunidade de gastar 90 horas por mês, ou um total de 1000 horas anuais no serviço de casa em casa. Foi sem dúvida alguma um tempo de muita labuta e, por que não dizer, de muita ilusão. Hoje, sei que o Senhor Jesus jamais exigiria, ou cobraria de mim tais sacrifícios. Eu havia chegado ao ponto em que não tinha mais vida pessoal; eu praticamente não existia, era apenas parte da engrenagem organizacional. Esforçar-se pelas “coisas do mundo”? Ora, o mundo era de Satanás e estava condenado! Porque investir nele?



Pouco tempo depois de ingressar no serviço de Pioneiro Regular, fui designado Servo Ministerial e um ano depois, Ancião, cargo esse que mantive até o ano 2000. Em 1989, num Congresso de Distrito em Cascais, Portugal, conheci uma linda jovem, Pioneira Regular também e pouco tempo depois começamos a namorar. Em fevereiro de 1990 nos casamos e, graças a Jeová, ela se tornou a mulher da minha vida; ela tem me acompanhado todos estes anos. Com muitas alegrias e provações, temos sido um amparo um para o outro juntamente com os nossos três maravilhosos filhos. Casamos no dia 17 de fevereiro de 1990 e fomos passar a lua de mel num bangalô, num parque de campismo na praia do Guincho, perto de Cascais. Uma semana depois, pegamos o nosso carrinho, um velho Simca 1100, e fomos servir onde havia mais necessidade, conforme a orientação da organização. Sempre colaborando e sendo obedientes às instruções da dos líderes, fomos designados para uma pequena cidade da Beira-interior de nome Pinhel, onde havia uma pequena congregação. Eu e minha esposa fomos substituir os Pioneiros Especiais que já haviam ido embora. Foi-nos prometido por um responsável de Betel, que a curto prazo seríamos designados Pioneiros Especiais, o que nunca chegou a acontecer. Durante os dois anos que servimos nessa designação, o pouco dinheiro que tínhamos foi gasto em combustível para irmos às aldeias mais remotas pregar. De vez em quando arranjava um pequeno trabalho para irmos suportando a designação, porém logo o perdia, pois gastava mais tempo com a congregação e serviço de campo do que com o trabalho secular, o que logo nos trouxe muitas dificuldades. Chegamos ao ponto de sair à pregação de manhã, sem saber o que, ou se iríamos comer alguma coisa no

almoço ou jantar; felizmente, sempre tinha alguém que nos dava algo. Foi de fato um tempo de muito desgaste físico e psicológico.

Depois desta designação, passamos por outras congregações, sempre como Pioneiros Regulares, nomeadamente em: Pendão, Ericeira, Alijó, Mirandela e por último, Bragança.

Por volta de 1995, eu e a minha esposa começamos a trabalhar como vendedores de produtos ortopédicos por conta própria o que nos proporcionava ter tempo para o Serviço de Pioneiro e para o trabalho secular. Durante algum tempo as coisas correram muito bem e eu fui constantemente convidado a ajudar outras congregações e a discursar em congressos e assembleias de circuito. No ínterim fiz parte da C.L.H. (Comissão de Ligações com Hospitais) de Trás-os-Montes e alto-Douro, por causa da recusa das Testemunhas de Jeová em aceitar transfusões de sangue. Nessa altura comecei a abrir os olhos aos poucos, pois vários médicos nos disseram que nós não permitimos o uso de sangue por motivos de obediência a uma lei organizacional, mas eles, os médicos, não podiam deixar morrer uma pessoa, porque haviam feito o juramento de usar todos os meios possíveis para salvar uma vida; então, no caso deles sim, era uma questão de consciência.

Em 1997, pouco tempo antes de nascer a nossa primeira filha, à porta de casa, roubaram o nosso veículo de trabalho. Ficamos sem carro para trabalhar e aos poucos começaram a surgir problemas financeiros, pois tanto o carro como a casa em que morávamos, ainda não haviam sido pagos. Quando começaram a surgir os problemas financeiros, consequentemente, diminuímos o serviço de proselitismo; entretanto, continuei servindo como ancião congregacional. Aos poucos, percebemos que os anos de negligência secular, e a falta de preparação para o futuro, estavam nos cobrando um preço muito elevado. Nos anos de 1999 e 2000, tive que imigrar para Inglaterra para trabalhar e, quando regressamos, começaram os problemas na congregação. Devido nossa diminuição nas atividades de pregação e assistência às reuniões, fomos rotulados de “fracos espirituais”. Em 2000, deixei de ser ancião, porém, continuamos ativos como publicadores. Nesta época, comecei a criar coragem para confrontar os anciãos sobre alguns ensinos e regras com os quais eu discordava: Porque ensinam que só os 144.000 vão para o Céu? Quem é a grande multidão de Apocalipse 7:9? Onde eles servem a Deus? Porque as Testemunhas de Jeová ostracizam os irmãos que saem por discordâncias doutrinais? Minhas perguntas caíram como uma bomba entre eles.

“*-Irmão, você está se tornando um apóstata? ”*, foi o que me

perguntaram. Esta resposta me deixou ainda mais convencido de que eu estivera errado sobre a organização durante todo este tempo.

A Gota d'água

Em 2008, o destino encarregou-se de me mostrar muitas verdades. Um dia, a minha filha então com 11 anos, tinha que fazer um trabalho da escola sobre voluntariado e organizações de apoio a vítimas de fome e guerra. Então ela pediu-nos ajuda e eu comecei a pesquisar organizações que colaboravam com a ONU para a erradicação da pobreza. Qual não foi a minha surpresa, quando encontrei na internet um artigo que provava que a Sociedade Torre de Vigia tinha estado associada à ONU por 10 anos. Incrédulo, comentei este facto com minha esposa, pois durante anos fomos ensinados que a ONU era a Fera do Apocalipse e que a Grande Prostituta que a monta, é o império da Religião Falsa e ainda, que os cristãos não deveriam ter qualquer associação, nem com a Fera nem com Babilônia a Grande. Depois de vários dias de reflexão, cheguei à conclusão que deveria de confrontar os anciãos com esta minha descoberta. Assim o fiz.

Quando lhes mostrei o que tinha descoberto, disseram-me que eu estava a ir por "um caminho perigoso e escorregadio". Eu disse que apenas estava a indagar e queria saber a verdade acerca do assunto e qual a opinião deles a respeito. A resposta foi que se eu quisesse saber a verdade, o melhor seria escrever para Betel e perguntar. Eu perguntei se os anciãos poderiam fazer isso e responderam-me que nunca fariam tal coisa; se eu quisesse esclarecer esse assunto teria de escrever pessoalmente para Betel. O assunto ficou nisso e eu não cheguei a escrever para a filial, pois nas minhas pesquisas seguintes, descobri que outros irmãos em Portugal tinham feito essa descoberta e que, ao escreverem para Betel, foram levados perante uma comissão judicativa. Esta foi a gota de água em todo o processo da nossa saída da organização: A minha descoberta acerca do envolvimento da Torre de Vigia com a ONU. Porém, isso foi apenas o início de uma pesquisa intensa que me levou à descoberta de muitas coisas que estão ocultas das Testemunhas de Jeová nominais. Uma das coisas que descobri foi a existência de um grupo de "Estudantes da Bíblia Associados". Ao contrário do que nos ensinavam na organização, os Estudantes internacionais da Bíblia, as primeiras Testemunhas de Jeová da época de Charles Russell, o primeiro fundador, ainda existem e continuam ativos em todo o mundo. Percebi que "a mudança de nome" de "Estudantes da Bíblia" para "Testemunhas de Jeová", tinha sido apenas um grande golpe arquitetado pelo segundo presidente da Torre

de Vigia, J. F. Rutherford. A organização faz crer aos seus membros que não existe mais o movimento original dos Estudantes da Bíblia, mas, na realidade, depois da morte de Charles T. Russell, alguns membros descontentes, com a tomada à força do controle da Sociedade Torre de Vigia por Rutherford, abandonaram a Torre de Vigia e continuaram como Estudantes da Bíblia sem se sujeitarem a um Corpo Governante e mantendo as suas congregações autônomas até aos dias de hoje.

Expulsos por Estudar a Bíblia

Esta descoberta foi para mim uma grande surpresa e comecei a corresponder-me com estudantes da Bíblia dos Estados Unidos e do Brasil. Eles me enviaram diversas literaturas como livros e folhetos em português, inclusive os 6 volumes da enciclopédia “Estudos das Escrituras” de autoria de Charles T. Russell em inglês. Depois desta descoberta eu senti a necessidade de continuar a estudar a Bíblia com a minha família. Logo, começamos a estudar apenas as Escrituras Sagradas semanalmente. Líamos alguns versículos selecionados por nós e depois comentávamos. Cada um dava a sua opinião a respeito da leitura, entoávamos cânticos e orávamos, seguindo assim o modelo dos cristãos do primeiro século. Desta forma, fortalecíamos a nossa fé em Jeová e no seu amado Filho Jesus Cristo.

Certo dia durante uma destas reuniões, recebemos a visita de dois anciãos da congregação que nos perguntaram porque não íamos ao Salão do Reino. Eu disse que estava a estudar a Bíblia semanalmente com minha família e que não sentia a necessidade de me reunir com pessoas que não mostravam mais amor por nós. Falei-lhes da minha descoberta sobre os Estudantes da Bíblia e perguntei se sabiam que o grupo original ainda estava ativo desde os tempos de Russell. Eles me disseram que esse grupo original eram as Testemunhas de Jeová e foram embora.

Na semana seguinte, um mesmo ancião e outro, fizeram-nos de novo uma visita, mas desta vez com um objetivo definido: Perguntaram-nos logo se ainda estávamos com a ideia de continuar a estudar a Bíblia sozinhos. Eu disse que sim e que não via mal nenhum nisso. Um dos anciãos virou-se para mim e disse que eu seria o responsável pela destruição de minha família no Armagedom. Nessa altura eu lhes disse que eles não atormentavam as pessoas

com um Inferno de Fogo, mas atormentam-nas com o medo do Armagedom. Em seguida, convidei-os delicadamente a saírem. Um dos anciãos disse que esta nossa posição mostrava que não queríamos ser mais Testemunhas de Jeová e pediram-me para fazer uma carta de dissociação, ao que eu, naturalmente me recusei. Então quando estavam já da parte de fora da porta, um deles me informou que na próxima reunião seria anunciado nossa dissociação. Ainda hoje brinco com esta situação quando me perguntam porque saímos das Testemunhas de Jeová. Eu simplesmente respondo: "*-Por estudar a Bíblia com minha família!* "

Jesus disse em João 14:6: "*Eu sou o caminho, a verdade e a vida ninguém vai ao Pai sem ser por mim*". Hoje eu conheço verdadeiramente o significado destas palavras e sei que encontrei a VERDADE. Posso afirmar que todas as religiões têm algo de verdade, tal como um relógio que mesmo parado, consegue estar certo duas vezes por dia. Porém, a "verdade absoluta" está somente em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Como estou atualmente? Bem, apesar de graves problemas de saúde que me impedem de levar uma vida normal e produtiva, me sinto feliz e espiritualmente consolado. Recebi Jesus Cristo na minha vida no leito de um hospital em maio de 2016. Em 8 de Novembro me Batizei e tornei-me membro do corpo de Cristo. Estou congregando com um grupo de missionários da Missão Evangélica Assembleia de Deus Lusitana em Bragança, Portugal. (**Antônio Pimentel - Portugal**)

Abandonei os Falsos Ensinos da Torre de Vigia

Nasci num lar católico no estado do Maranhão, no Brasil. Meus pais educaram-me no catolicismo e permaneci assim até à idade de 18 anos, altura em que a minha sede por espiritualidade e o desejo de conhecer melhor a Deus e seus propósitos me fizeram ter contato com algumas igrejas evangélicas. Não tardou muito que tivesse contato com as Testemunhas de Jeová e em 1980 iniciei um estudo bíblico no livro "Verdade que Conduz à Vida Eterna", abraçando rapidamente a recém-encontrada fé no batismo em água. Visto estar morando na época em São Paulo, fui batizado num congresso no estádio do Pacaembú.

Sempre tive mente inquisitiva e procurava avidamente entender melhor a Palavra de Deus. Como Testemunha de Jeová, interessava-me profundamente pelas profecias bíblicas e seu cumprimento futuro. Naquela época, o ensino

oficial das Testemunhas era que a geração que havia presenciado os acontecimentos ocorridos em 1914, estaria forçosamente ainda viva para presenciar a vinda do “fim do sistema de coisas” no Armagedom. Esta era a “verdade” da época e era ensinada com tanta certeza que os irmãos contavam os anos, antevendo o fim dessa geração e a proximidade do fim.

Quando saia pelas casas, pregando a mensagem que acreditava ser a verdade, era confrontado com muitas pessoas que discordavam das interpretações oficiais da Torre de Vigia. Algumas dessas interpretações destacavam a volta invisível de Jesus em 1914, as duas esperanças diferentes para os cristãos (terrestre e celestial), o ensino de que apenas os chamados “ungidos” podem participar na Santa Ceia, etc. Tais questionamentos, apresentados com base bíblica e argumentos de peso, foram minando gradualmente a minha fé na doutrina. Afinal, seria possível que estas doutrinas ou ensinos estivessem mal interpretados por parte das Testemunhas de Jeová? No serviço de pregação que realizava nas casas, não poucas vezes, deparava-me com perguntas que me deixavam muito embaraçado. Ao buscar explicações com os anciãos no salão onde frequentava, eles me diziam que certos pontos ainda não estavam bem definidos pelo Corpo Governante, referindo-se aos líderes máximos da seita, cuja sede encontra-se nos Estados Unidos. Passei a questionar seriamente alguns dos ensinos que me haviam ensinado, mas ainda assim, não conseguia libertar-me emocionalmente daquela religião. Parecia ter sofrido uma lavagem cerebral e tentava sempre me desculpar, achando que afinal a “luz clareia mais e mais” e no devido tempo Jeová iria corrigir as coisas. Percebi também nesse tempo, como as pessoas eram levadas a condenar tudo o que viesse de outras religiões, encarando-as como sendo invenção de Satanás. Nem mesmo a literatura dessas religiões elas são permitidas possuir e, caso o façam, poderão ter sérios problemas com os anciãos na congregação se estes forem informados disso. Depois de muita luta interior, vim a reconhecer que a religião que havia abraçado como sendo a “única verdadeira”, não passava de uma fraude, uma falsificação. O que me deu forças para aceitar isso, foi ter meditado na passagem do evangelho de João, capítulo 6. Essa passagem atingiu-me como um soco no estômago quando li especialmente a parte em que Jesus diz que apenas aquele que não comer de sua carne e beber do seu sangue não pode ganhar a vida eterna. Jesus aqui fazia referência à instituição da celebração de sua morte. No entanto, as Testemunhas de Jeová ensinam que há duas classes de salvos e que apenas os “ungidos” com Espírito Santo, isto é, os 144 mil filhos de Deus, podem tomar do pão e do vinho durante a Santa Ceia, ou como chamam, a

“Refeição Noturna do Senhor”. Eu não poderia aceitar esta doutrina. Ela estava indo contra as próprias palavras de Jesus Cristo.

Abandonei oficialmente a religião em 1993, mas não tive o apoio de minha esposa; ela também era uma Testemunha de Jeová. Violando claramente os mandamentos bíblicos sobre o casamento e o devido respeito para com o cabeça do casal, ela abandonou o lar levando consigo nossos 4 filhos pequenos. Ainda tentei visitá-los por 2 vezes, em 1996 e em 2005, mas devido à minha situação financeira não mais o consegui fazer. Meus filhos cresceram sem o pai e, agora que estão maiores de idade, é como se eu não existisse. Como qualquer pai pode atestar, perder um filho dói demais, agora, imagine perder de uma só vez quatro filhos! E tudo por quê? Porque entrei numa religião que me prometia a vida eterna e o conhecimento verdadeiro da Palavra de Deus, mas que ao ser exposta como um embuste, virou minha família contra mim. Na verdade, eles ficaram reféns da religião devido à lavagem cerebral feita em minha esposa e, acredito eu, também foi feita em meus filhos desde pequenos. Sei que sou apenas uma pessoa comum e reconheço que muitos cristãos ao longo dos séculos perderam tanto ou mais que eu. Por isso encontro consolo nas palavras de Jesus que disse:

> “E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou terras, por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna. ”
>
> **(Mateus 19:29 –TNM-R)**

Neste momento tão difícil de minha vida, entrei em profunda depressão. Porém, Deus colocou no meu caminho várias pessoas que já haviam abandonado a organização e superado grande parte do trauma.



Elas me ajudaram a recuperar a fé em Deus e a auto estima. Uma destas pessoas era

Raymond Franz, um membro do Corpo Governante que havia abandonado a Torre de Vigia. Ele me escreveu pelo menos duas cartas, as quais ainda guardo até hoje. Nessas cartas, Franz me fez entender que era a minha relação com Deus e com Jesus o mais importante e que o favor divino não vinha do apego a organizações humanas. Tenho desde então tomado a peito esse conselho, deixando também nas mãos de Deus e Seu Filho, qualquer desejo de vingança contra aqueles que me roubaram o que de mais precioso eu tinha.

O meu testemunho fica como uma prova de que esta religião, travestida de cristianismo, esconde um lado muito obscuro e sombrio e muitas das vidas por ela tocadas, poderão talvez nunca se refazer totalmente. Seja pelo ostracismo praticado contra quem sai, seja pela perda de um ente querido na morte pela recusa de tratamento médico necessário ou ainda, pelo engano em acreditar em falsas promessas e guiar suas vidas por elas; tudo isso pode resultar em muita dor e lágrimas; foi o que ocorreu comigo.

Desejo do fundo do coração que isso não aconteça com você. Mas se já tiver acontecido, acredite que o amor de nosso Senhor Jesus Cristo repousa sobre você, pois ele também sofreu na pele o ódio provocado pela religião de seus dias. Que ele esteja com você, assim como tem estado comigo todos estes anos! Graças ao Pai celestial, pude refazer a minha vida, agora com uma mulher amorosa e apoiadora que me deu 3 lindos filhos. Estas bênçãos me fazem lembrar da provação de Jó, que após ter perdido seus 10 filhos em uma tragédia provocado por Satanás, foi recompensado por Deus pela sua fidelidade com outros tantos filhos e filhas.

Fui Escravo de uma Mentira Durante 26 longos Anos

O título acima parece dar a entender que essa é minha história completa. Mas não é... é apenas um resumo muito condensado. Eu tinha 16 anos quando fui contatado pelas Testemunhas de Jeová oficialmente em 1988, quando nos mudamos para Toledo-PR, Brasil. A família que nos contatou, era conhecida de meus pais por décadas. A esposa dirigia o estudo para minha mãe, o marido dirigia estudo para meu pai, (que nunca aceitou a doutrina) e os filhos deles “dirigiam” o estudo para mim. Usávamos a publicação de capa vermelha com o título “*Poderá viver para Sempre no Paraíso na Terra*”. Meu “progresso” foi rápido. Em pouco tempo já ia no “serviço de campo” e levava um caderninho recheado com versículos anotados. Eu usava estas anotações para “provar” que o paraíso seria aqui mesmo na Terra, que o inferno não existe, que a alma morre,

entre tantas outras doutrinas ensinadas pela organização da Torre de Vigia. Com o tempo, me tornei extremamente zeloso das minhas crenças. Chegava às vezes, debater com líderes de igrejas e pastores evangélicos durante horas a fio. Enquanto isso, meus colegas ficavam andando ao redor das quadras das ruas procurando saber em que casa eu havia me metido!

Fui designado Servo Ministerial em pouco tempo. Destacava-me na oratória e recebia vários convites para fazer discursos nas congregações da cidade e municípios vizinhos. Conheci minha esposa Helena, numa assembleia e nos casamos em 1995. Com a situação econômica difícil, fomos tentar a vida no Japão em 1997. Foi quando nossa decepção com as Testemunhas de Jeová começou. Depois de meses “inativos”, resolvemos sair e procurar um Salão do Reino andando a pé pelas ruas. Até na polícia procuramos obter informações. Enfim, achamos um Salão do Reino, que tinha uma congregação de língua portuguesa. Todos ficaram muito felizes, pois além de uma família, mais um servo ministerial habilitado iria servir à comunidade. Entretanto, era preciso esperar o envio de nossos cartões de publicadores e as cartas de referências de nossa congregação de origem no Brasil. Quando as informações chegaram, um dos anciãos me indagou:

– Vagner, você não nos disse que era Servo Ministerial no Brasil? Porque no cartão e cartas de referências que recebemos de sua anterior congregação não há nenhuma menção a respeito disso?


Com minha esposa Helena
e meu filho Kenji, assistindo a
um congresso das Testemunhas de Jeová.

Parecia que o chão debaixo de meus pés havia sumido! Eles imaginaram que eu era alguém buscando “privilégios” por meios desonestos. Voltamos ao Brasil em 2000 e nesta época, minha esposa Helena estava grávida do nosso filho Kenji. Com pouco dinheiro e sem perspectiva de trabalho, as coisas estavam mesmo complicadas. Voltamos para a mesma congregação e ficamos sabendo que os comentários que rolavam entre os irmãos, durante os 3 anos que ficamos no Japão, era que éramos pessoas materialistas. Este era o motivo de terem suspendido meus privilégios. Eles nos fizeram sentir como se fôssemos uma gota de óleo em um copo d’água. Fiquei muitos anos “em observação” até ser designado novamente. Meu filho, vítima do ostracismo que sofríamos, nunca teve amiguinhos lá dentro! A nossa família era “perigosa”. Felizmente, nosso filho não foi batizado na seita!

Eu fiz muitas coisas para ter a aceitação e a aprovação de homens. Uma delas era me esforçar para adquirir o máximo de conhecimento bíblico que pudesse. Para isso, fazia pesquisas minuciosas usando diversas traduções da Bíblia, referências de eruditos famosos, textos hebraicos e gregos, comentários renomados das escrituras e uma infinidade de outras fontes teológicas. Neste ínterim, conheci softwares fantásticos como o TheWord, e-Sword, ISA, dentre outros. À minha biblioteca pessoal, além da literatura da Torre de Vigia, procurei acrescentar várias traduções bíblicas, dicionários e obras interlineares de grego e hebraico. Muito interessado pelo assunto dos textos originais, cheguei até a me matricular em um curso on-line de língua hebraica.

O aumento de conhecimento, aliado às novidades que vinham de outras fontes, tornaram os meus comentários e discursos na congregação, muito ricos e edificantes. Muitas vezes, eu era elogiado pelo esforço que fazia em realizar estas pesquisas. Por outro lado, isso começou a gerar um certo descontentamento por parte da liderança. Algumas vezes, quando proferia um discurso, eu usava traduções diferentes da Bíblia na tribuna e fazia o mesmo quando ia ao campo ou dava comentários no estudo de “A Sentinela”. Certo dia, um ancião me repreendeu veementemente por fazer isso. Eu lhe repliquei imediatamente:

– Irmão, não sei se reparou, mas estas traduções da Bíblia que uso, são as mesmas que o escravo usa em sua literatura.

– Eu sei disso, Vagner! – Argumentou – Mas a nossa tradução tem de ser a melhor. Precisamos dar exemplo para os outros por usá-la em detrimento de qualquer outra.

Aquilo me deixou muito perturbado. Indiretas vindas em discursos eram constantes. Em um congresso a que assistimos, um discurso destacou que não era lícito estudar hebraico para verificar a exatidão da Tradução do Novo Mundo. Ao ancião que me dava algumas indiretas, perguntei:

– O que há de censurável em aprender o idioma que Jesus falava?

A liderança da congregação estava cada vez mais irritada comigo, pois eu costumava fazer perguntas que não podiam ser respondidas. Nas reuniões realizadas sob perguntas e respostas, meus comentários eram constantemente boicotados. A ficha caiu para mim, quando, a partir de 2015, descobri que a organização Torre de Vigia procura ocultar o seu passado. Quando assisti a um hangout através da internet, onde um youtuber famoso do Brasil entrevistou um ex-ancião das Testemunhas de Jeová, quase caio da cadeira [O ancião era o autor deste livro e o youtuber era Rubens Sodré, do canal Verdade Oculta]. Isso acendeu o estopim do início de minhas pesquisas na internet. Com o tempo, tive acesso aos livros de Raymond Franz, ao livro "Os Tempos dos Gentios Reconsiderados", escrito pelo ex-ancião Carl Olof Jonson, e a muitas outras obras escritas por dissidentes. Eles me ajudaram a desmistificar o terrível engano no qual estávamos presos. À medida que me inteirava do passado sujo das Testemunhas de Jeová, e dos absurdos doutrinários expostos, parecia que o mundo caía sobre a minha cabeça. Nossa família, acompanhava minha pesquisa com igual interesse e espanto. A gota d'água para nós, foi uma declaração que ouvimos no Salão do Reino durante uma oração ao término da última reunião que fomos. O ancião que fez a oração, pronunciou em voz alta e confiante:

– "... A ORGANIZAÇÃO que nos conduzirá ao Novo Mundo! "

Saímos, ao todo, cinco pessoas. Saímos para nunca mais voltar. Hoje, estamos completamente livres desse engano satânico. Quando o tempo me permite, procuro ajudar outros através das redes sociais a se informaram dos perigos dessa SEITA, na qual, eu jamais deveria ter entrado! (**Vagner Souza - Brasil**)

Me chamam de "Apóstata" e Desejam que eu Morra

Nasci como Testemunha de Jeová. Não tive opção. Ai de mim se eu tentasse outra coisa. Não pude ter amigos de fora da seita e, na escola, eu não podia me associar com os colegas. Não tive festas de aniversário, não podia ir nas festas dos outros e era obrigado a me sentir um pecador desprezível apenas por sentir o desejo de ter ou participar em algumas dessas comemorações. Sofri muito por ser sempre visto como um alienígena pelos jovens ao meu redor.

Cresci sendo obrigado por minha família a acreditar que esta era a única religião verdadeira, que ABSOLUTAMENTE todas as outras religiões são do Diabo, que todos que não compartilham a fé das Testemunhas de Jeová, são mundanos e, desse modo, indignos de companheirismo ou associação. Diziam-me que todos que não são Testemunhas de Jeová, isto é, 99,99% das pessoas do mundo, serão destruídos em um Armagedom que supostamente está muito próximo. Se eu me afastasse da congregação ou não fizesse tudo o que me mandavam, não passaria com vida pelo fim do mundo, tampouco iria viver para sempre no paraíso. Vivi a pior prisão que existe: A prisão da mente. É proibido pensar, é proibido questionar, é também proibido pesquisar; no dia-a-dia há infinitas proibições. Não pude fazer faculdade porque eles ensinam que isso é como “dar um tiro na cabeça”. Não é proibido, mas é FORTEMENTE desaconselhado e os que insistem em seguir uma carreira acadêmica, passam a ser encarados como pessoas materialistas, que fazem pouco ou nenhum caso das advertências divinas. Tudo aquilo, à medida que me desenvolvia, tinha cada vez menos sentido. Logo, após várias pesquisas, descobri os inúmeros podres sobre as coisas que as Testemunhas de Jeová mantêm ocultas sob sete chaves. Criei coragem e saí. Descobri os milhares de casos de pedofilia que acobertam nas congregações e como silenciam as vítimas, induzindo-as sob coação para não levarem o caso à polícia. Fazem isso para manter a suposta aura de santidade que afirmam pairar sobre sua organização religiosa. Os criminosos, infelizmente, são assim protegidos e permanecem impunes, livres para praticar a qualquer momento novos crimes, seja no seio das congregações ou no âmbito da sociedade. Me sinto péssimo por um dia (sem escolha) ter feito parte disso. Todos que saem dessa organização, não têm mais dignidade, são tratados como se fossem criminosos. NINGUÉM lhe dirige mais uma palavra. São proibidos de me dirigir mesmo um simples “oi”. Eles sentem profundo ódio por aqueles que saem e são ensinados a desejar a morte da pessoa caso ela não volte a ser um deles. Esse foi o preço que paguei pela minha liberdade. Perdi os (pseudo) amigos que eu tinha e perdi também a minha família. Ninguém fala comigo e quando me veem na rua, mudam de calçada para não me cumprimentar. Até a

minha própria MÃE me ostraciza e praticamente não fala mais comigo. Para apoiar as regras da organização ela sequer compareceu ao meu casamento. A minha irmã me bloqueou de todos os meios de comunicação. Não posso mais falar com ela. Quando ficou grávida, fiquei sabendo disso através de terceiros. Me chamam de APÓSTATA e querem que eu morra caso eu não volte “para Jeová”, isto é, para a organização.



Hoje eu e a minha esposa moramos na Europa. Vivo entre quatro idiomas, longe de tudo o que um dia foi a minha única realidade. Brasileiros que moram no exterior sofrem por estarem longe da terra, de suas raízes e das pessoas que tanto amam; porém, pelo menos eles podem falar com seus amigos e parentes do Brasil, podem dormir sabendo que essas pessoas estão torcendo pelo seu bem-estar; mas eu não tenho mais estas coisas. Os traumas sofridos por sobreviventes de seitas, como a das Testemunhas de Jeová, são equivalentes a traumas de guerra. São marcas emocionais que as vítimas carregam para o resto da vida. Hoje corro atrás do tempo perdido: Foram 24 anos! A quem pensa que conhece esta seita, eu digo com todas as letras: VOCÊ NÃO SABE DE NADA!

Uma coisa aprendi após me ver livre dessa prisão religiosa: Você descobrirá quem controla ou aprisiona você quando descobrir quem NÃO pode questionar. Se você é um membro desta seita e ainda está ativo dentro dela, deve pensar o seguinte: Se essa religião precisa colocar seus amigos e a sua própria família contra você a fim de mantê-lo dentro dela, será que é mesmo uma boa religião? Procure ajuda! Você pode com muita dificuldade conseguir a liberdade, mas valerá a pena, pois a liberdade não tem preço. Ou decidirá passar o resto da

vida acreditando em uma mentira? (**Daniel Atz - Brasil**)

Enganos e Mentiras me Fizeram Sair das Testemunhas de Jeová

Foi por volta dos 25 anos de idade que eu tive os primeiros contatos significativos com as Testemunhas de Jeová. Eu estava em uma fase atribulada da minha vida. Era um jovem enfrentando os problemas típicos dessa idade, e me sentia muito triste e melancólico. Nesta época, as Testemunhas de Jeová estenderam uma mão amiga. Visitavam-me frequentemente e eram sempre muito atenciosas. Eu estava plenamente consciente de minhas necessidades espirituais e sentia-me confortado quando estas pessoas me visitavam e falavam sobre Deus e sobre as Escrituras Sagradas. Eles conquistaram minha confiança e eu acabei me envolvendo em sua comunidade, o que resultou em muitas amizades. Mas o tempo passou e, infelizmente, coisas que me decepcionaram muito, aconteceram. Descobri por exemplo, que o meu instrutor tinha mais interesse em preencher um relatório com horas de pregação do que me instruir realmente nos caminhos de Deus. Este era um dos motivos de suas visitas frequentes à minha casa. As “horas” que os amorosos irmãos faziam comigo, eram criteriosamente anotadas em um formulário e computadas mensalmente pela congregação; seu suposto interesse por minha pessoa estava condicionado ao preenchimento de um relatório, uma regra “moralmente obrigatória” entre as Testemunhas de Jeová. Não era uma preocupação genuína, baseada nos melhores interesses espirituais, algo espontâneo, generoso e natural, resultado do amor ao próximo, da motivação sincera em compartilhar uma esperança de salvação. Eu fiquei muito triste e decepcionado, porém, já estava muito envolvido com a congregação e meus melhores amigos faziam parte dela.

O tempo passou, eu me batizei, até arranjei uma namorada, com a qual fiquei noivo pouco tempo depois. Apesar da primeira decepção, eu gostava da comunidade. Naquela época, estava convencido de que as Testemunhas de Jeová tinham a verdade e nem imaginava que o grupo realizava lavagem cerebral e empregava técnicas coercitivas de controle mental. Algo que me impressionava, era a facilidade com que “todas” as perguntas eram respondidas pela doutrina da organização. Munido com o entendimento da seita, tinha facilidade em refutar muitos religiosos que encontrava no serviço de pregação. Em pouco tempo, eu

estava progredindo a passos largos. Entretanto, durante uma reunião, um dos anciãos leu uma carta enviada pela liderança mundial das Testemunhas de Jeová. Nesta carta, a organização modificava o ensinamento que tínhamos na época sobre a geração de 1914. Eles afirmaram no documento, que a “geração que não passaria”, não se referia mais a pessoas “vivas” entre os remanescentes, mas sim a uma geração espiritual. Aquela “nova Luz”, caiu em mim como uma bomba, pois de modo algum eu imaginava que a liderança da única religião verdadeira na terra pudesse ensinar algo e depois, com o tempo, mudar essa doutrina. Naquele dia, embora o Salão do Reino estivesse cheio de pessoas, eu me senti completamente só.

A partir de então eu comecei a fazer pesquisas independentes sobre a seita. Também me dediquei a uma leitura livre da Bíblia e não mais lia apenas os versículos isolados que as publicações da seita indicavam, em seus estudos, mas analisava todo o contexto. Foi somente então que descobri que estava mergulhado em uma grande mentira, muito bem elaborada. Compreendi porque a seita me desaconselhava fortemente a ler qualquer outra obra que não fosse produzida por sua organização, claramente contrário a exortação bíblica de examinar tudo para reter o que é bom (1 Tess 5:21). A razão era óbvia: Evitar descobrir o lado negro dessa organização. A história da seita das Testemunhas de Jeová está manchada de falsas profecias, injustiças sociais e graves erros doutrinários, biblicamente falando. Erros esses que descobri somente pela leitura livre da bíblia.

Foi então que meus olhos se abriram para dar-me conta do quão tolo havia sido. Havia entrado em uma organização religiosa com base na emoção, e não na razão. A partir de então, eu passei a me sentir muito mal quando pregava para as pessoas de porta em porta. Eu procurava desviar de assuntos relacionados a exegese da seita, tais como a questão do sangue, a volta de Jesus em 1914, o paraíso na terra, etc, limitando-me apenas em dizer mensagens lacônicas do tipo “Deus é bom”, “devemos amar o próximo”, etc... Evitava ao máximo atrair estudantes, pois não queria enganar ninguém, mesmo sendo cobrado todo o tempo por mais e mais “horas de serviço de campo”. A situação se agravou quando, faltando dois meses para o casamento, minha noiva confessou-me que nossa relação estava baseada em uma mentira. Ela não era a mulher cristã sincera e verdadeira que afirmava ser.

A união de todas essas decepções, foram suficientes para que eu

escrevesse uma carta para a liderança da congregação solicitando a minha dissociação. Ao mesmo tempo, faltando 45 dias para o casamento eu terminei o meu noivado. Na época, senti um misto de alegria e tristeza. Tristeza por perder tantos bons amigos, devido a regra da Desassociação e Dissociação, e alegria por ter me visto livre de uma organização pseudo-cristã que escraviza tanto o espírito quanto a carne dos seus membros.

Com o tempo, reconstruí minha vida, conquistei novas amizades, renovei a minha fé e casei-me com uma mulher maravilhosa, com a qual hoje tenho uma filha e um lar abençoado. Não tenho “ódio” de nenhuma Testemunha de Jeová como pessoa, mas abomino o ensino que vem de sua liderança. Que os que lá estão ainda presos, possam um dia se libertar em nome de Jesus.

(Wesley Franco, Goiás-Brasil)

Capítulo XXII
Existe Vida Religiosa além Dos Muros da Torre de Vigia?

Este capítulo foi escrito por:
MARCELO PALOMÍNIO, ex-ancião da Torre de Vigia.

Muitos ex-membros, após dedicarem uma vida inteira à seita das Testemunhas de Jeová, ficam em dúvida se devem ou não buscar uma nova afiliação religiosa em alguma igreja cristã. Manterei a concentração nas igrejas cristãs, pois, por uma questão de lógica natural, alguém que passou anos a fio crendo em Deus e nas Escrituras, não abandona automaticamente suas crenças básicas, mesmo passando pela traumática experiência de ter pertencido a um grupo coercitivo de controle mental. Como toda ex-Testemunha sabe e sente na pele, não há saída honrosa da organização Torre de Vigia e, sair da seita e tornar-se membro de uma nova religião, não é algo muito usual nessa comunidade. Após anos e anos sob a demonização dos grupos e doutrinas contrários à sua fé e, sendo induzidas a encarar desde o início as principais doutrinas do cristianismo como abominação, buscar uma igreja tradicional para fortalecer a sua fé em Deus não é mais uma opção para uma considerável maioria delas. Assim, em uma análise inicial, percebe-se um notável bloqueio na mente de muitas Ex-Testemunhas de Jeová quando o assunto é escolher um novo grupo religioso. Em alguns casos, creio que o medo de uma nova decepção, de ser obrigado a aceitar ensinos que do ponto de vista jeovista são de origem satânica, além do estigma de que todas as religiões são dirigidas pelo diabo, são fatores preponderantes que contribuem para a rejeição de uma nova afiliação religiosa. Contudo, há muitos casos que mostram que Testemunhas desiludidas são capazes de passar por cima destes preconceitos. Alguns, encontraram igrejas sérias e se tornaram muito felizes em sua nova comunidade. Como conseguiram isso? Talvez minha experiência lhes ajude.

Quando pedi a minha dissociação da seita, em 1º de abril de 2009, eu já estava me associando em secreto há pouco mais de 1 ano antes, com certo grupo de Estudantes da Bíblia e, a princípio, achei que havia encontrado uma boa alternativa religiosa. Mas, depois conheci a Ciência Cristã pela qual me

interessei muito; passei logo a frequentar suas reuniões. Fui ajudado ali a superar uma terrível fase depressiva causada por problemas conjugais e agravados pela minha saída da organização. Minha esposa, da qual atualmente estou divorciado, não por iniciativa minha é claro, era e ainda é uma fiel Testemunha ativa. Porém, devido a mudanças ocorridas em meu trabalho secular fui obrigado a trabalhar muito longe de casa, ocasionando assim um esfriamento de meu interesse na Ciência Cristã. Gradualmente fui me afastando da religião e comecei a me envolver apenas com as coisas seculares. Imaginando que minha relação com Deus estava acabada, passei a beber muito. Neste ínterim, frequentei reuniões em centros espíritas. Queria conhecer algo diferente, talvez uma alternativa, mas não consegui me adaptar. Esse período de dúvida durou cerca de 4 anos e em 2013, decidi retomar o meu interesse pelo cristianismo tradicional. Voltei a pesquisar sobre as denominações cristãs e me interessei em conhecer a IASD (Igreja Adventista do Sétimo Dia). Me agradava o fato de que algumas doutrinas adventistas são similares às das Testemunhas de Jeová. Além disso, seu culto, liturgia e interesse pelo estudo profundo das escrituras me agradava muitíssimo.

Entretanto, eu cultivava ainda o espírito crítico radical que desenvolvera na seita, principalmente ao se tratar das outras religiões e deduzia que a adoração adventista carecia de mais organização. Imagine uma pessoa que por 22 anos foi educada num sistema extremamente rígido, sem liberdade de ação, com uma liturgia de culto na qual não é permitida a expressão de sentimentos, onde não há círculos de orações, onde tudo se assemelha a um modelo de franchising sujeito a um padrão estabelecido, sendo agora apresentada a um sistema totalmente inverso; era, de fato, uma experiência muito estranha. Todo o meu padrão de estudo bíblico, de liturgia de culto e adoração havia sido adquirido na seita, pois tinha muito pouca experiência com as igrejas cristãs tradicionais. Por isso, permaneci frequentando a IASD por 3 meses e então a abandonei. Não consegui me adaptar a um estilo menos rígido de culto. Tinha, na realidade, medo de encarar uma maior liberdade na adoração a Deus. Precisava ainda de padrões rígidos, normas e regras que ditassem cada minúcia dos aspectos relacionados ao serviço sagrado. Hoje analisando tudo isso a partir de um prisma melhor, entendo que eu estava, na verdade, buscando algo similar à organização da Torre de Vigia, pois lá no fundo, ainda amava o arquétipo organizacional das Testemunhas de Jeová. Apesar de tudo, a maioria de seus ensinos heréticos permaneciam enraizados em minha mente.

Após minha desistência da IASD, visitei diversas igrejas evangélicas tradicionais como as igrejas Batistas e Presbiterianas. Embora estas

denominações sigam uma linha tradicional de liturgia, ainda me incomodava o abismo entre elas e minha anterior religião. Meu senso crítico parecia estar ligado numa “tomada de 220 volts” e, assim, procurava defeito em tudo. Isso me desanimava a continuar em qualquer desses grupos. Ao assistir algumas reuniões da Escola Dominical realizada nestas igrejas, me incomodava bastante o contraste entre a maneira de ensinar delas e a imposta pela Torre de Vigia. Para mim, os materiais usados e a didática eram muito deficientes. Na verdade, estas críticas eram infundadas e baseavam-se em mero saudosismo jeovista.

Em 2014, tentei retornar à IASD e lá permaneci por um período de aproximadamente seis meses. Embora me adaptasse mais facilmente a este grupo, ainda me ressentia da informalidade do culto. O material adventista, era sem dúvida de maior qualidade que os das igrejas anteriores, mas haviam questões doutrinárias que me faziam torcer o nariz. Apesar de tudo, decidi que iria ficar naquela denominação por mais tempo e tentar me acostumar com as diferenças. Ledo engano. Em pouco tempo decidi terminar de vez meu namoro com o adventismo.

Depois de mais essa tentativa frustrada, dei um tempo nos assuntos religiosos. Doravante, no segundo semestre de 2015 dei início a uma jornada de pesquisa na literatura patrística e comecei a buscar as origens das interpretações bíblicas usadas por estes líderes cristãos pós-apostólicos do segundo século. A descoberta foi impressionante quando percebi que TODAS as doutrinas chaves da Torre de Vigia NÃO ERAM ENSINADAS por tais líderes. A Torre de Vigia sempre se gabou de ser “a restauração do cristianismo primitivo”, mas se esse fosse o caso, porque os ensinos deles não estão presentes na literatura patrística? Ademais, é interessante ressaltar que, não devemos esperar encontrar elaborações detalhadas e sistematizadas das doutrinas cristãs, como vemos hoje nos compêndios de Teologia Sistemática. Contudo, elas são suficientemente claras para nos transmitir o conceito de que, por exemplo, Jesus Cristo era visto como Deus do mesmo modo que o Pai, e que não se fazia uso do termo “Jeová” para referir-se a Deus; ainda, todos eles criam que sua esperança de vida futura era celestial. Os que promoviam ensinos contrários a estes é que eram a minoria, por sua vez rechaçados por muitos desses Pais da Igreja; exatamente como se dá hoje com a maioria das igrejas cristãs, igrejas estas que se acham em comum acordo no que tange às doutrinas cardeais do cristianismo ortodoxo. As Testemunhas de Jeová são e sempre serão uma minoria misógina no círculo do cristianismo moderno, como o eram os grupos heréticos dos primeiros séculos.

Além de toda essa pesquisa citada, tomei uma decisão em meu coração

de que precisava romper definitivamente com TODOS os paradigmas aprendidos na Torre de Vigia referentes a doutrinas, liturgia, culto e adoração, exclusivismo e espírito sectarista; quer dizer, eu tinha de arrancar definitivamente a Torre de Vigia de dentro de mim! Tal decisão foi fundamental no sentido de que, se eu quisesse reconstruir minha vida espiritual numa boa e séria comunidade cristã, teria que fazer o que já expliquei: ABANDONAR EM DEFINITIVO os conceitos jeovistas que usava como parâmetro para avaliar os grupos religiosos cristãos que visitava. Infelizmente, muitas ex-Testemunhas, embora fora dos pátios da Torre, ainda continuam a levar esta organização dentro de si. Este tecido de ignorância e preconceito se transforma em uma cortina espessa que escurece toda a sua visão. Este bloqueio não lhes permite ver que há uma vida maravilhosa e plena lhes esperando fora de tudo aquilo. Digo também que, de acordo com minha crença bíblica, essa vida que lhe espera aqui fora, não está construída sobre um alicerce organizacional, mas sim sobre uma pessoa, a pedra angular que suporta o edifício da alma: Jesus Cristo! (Leia João 14:6; 1 Corintios 3:11). Assim, enquanto cada ex-Testemunha não tomar uma decisão firme e corajosa e romper os laços mentais e sentimentais que ainda o prendem à Torre de Vigia, o impedimento a uma nova associação com um grupo religioso cristão não ocorrerá em hipótese alguma. Como expliquei no início desse texto, a lógica natural para uma pessoa que creu por anos a fio nas Escrituras, em Deus e em Jesus é buscar uma nova alternativa religiosa, coerente com a visão cristã. Até mesmo porque, não foi a Bíblia e tampouco Deus que o enganaram, mas sim HOMENS VIS que dizem ser O CANAL de Deus na Terra. A culpa é somente deles! A culpa não é de Deus e muito menos sua! Não devemos jogar fora a água da bacia junto com a criança! Infelizmente, é isso que muitas pessoas que saíram das Testemunhas de Jeová fazem.

Após ter feito minha pesquisa meticulosa e decidido romper definitivamente com tudo ligado à Torre de Vigia, recebi, na empresa em que trabalho, em maio de 2016, dois colportores adventistas que se ofereceram para fazer uma palestra sobre saúde e alimentação natural ao meu empregador; ele prontamente aceitou a ideia. Ao ter contato com eles reacendeu-se meu interesse pela IASD, e voltei a frequentar seus cultos de maneira regular. Conheci pessoas maravilhosas que tenho como amigos até hoje e, embora já houvesse quebrado muitos dos preconceitos que tive em outras tentativas de me estabelecer ali, conforme relatei anteriormente, e tendo desejado me batizar nas águas por esta confissão, certo dia de sábado, acordei com uma forte aversão à ideia de me tornar adventista. Dias antes havia feito um estudo intensivo acerca da relação

entre lei e graça e descobri, após ler Romanos e Gálatas, que seria outra insensatez aderir a tal grupo. Desisti de ir nos cultos em agosto de 2016 me sentindo “enganado por Deus” mais uma vez.

Certo dia, após sair do meu trabalho, fui falando com Deus em voz alta, chorando muito e dizendo que Ele “estava mais uma vez me pregando uma peça”, porque parecia ser meu destino NÃO CONSEGUIR me adaptar a quaisquer das igrejas cristãs que já havia procurado. Disse a Deus que seria melhor que eu abraçasse o ateísmo de vez se isso continuasse a ocorrer. Porém, mal sabia da surpresa que Ele, assim acredito, estava me reservando como resposta à essa oração lamentosa.

Em um sábado, entre setembro e outubro de 2016, pela manhã, estava sentado no ponto do ônibus, no centro da cidade onde resido, após ter feito compras para minha casa, quando minha atenção se voltou para a fachada de uma Igreja Assembleia de Deus. Uma impressão muito forte veio dentro de mim, como se uma voz me dissesse para ir naquela igreja. Tentei desviar minha atenção de tal ideia dizendo a mim mesmo que isso era totalmente absurdo, pois DETESTAVA esse “povo pentecostal”.

Fui para casa e tratei de tirar essa ideia da cabeça. Fiquei com muita raiva mesmo de tal impressão. No dia seguinte, domingo pela manhã, me deu muita vontade de visitar uma igreja e, por incrível que pareça, escolhi determinada igreja pentecostal perto de minha casa. Gostei de lá? NÃÃÃO!!! Durante a Escola Dominical fiquei me perguntando o que eu estava fazendo ali se eu NUNCA gostei desse “povo pentecostal”, ora, esse povo só sabia cantar e gritar “glórias e aleluias”. Mas, no sábado seguinte, realizei o de sempre: Fiz minhas compras e fiquei no mesmo ponto de ônibus. Mais uma vez meu olhar se dirigiu para o prédio da igreja e para o seu grande letreiro: “Assembleia de Deus”. Uma impressão muito mais forte surgiu dentro de mim e algo, que eu não conseguia controlar, ficou o tempo todo insistindo: “*Vá ali que você vai encontrar o que procura por tanto tempo*”. Desta vez, decidi não resistir ao apelo interno e disse a Deus que iria seguir a impressão que se instalara em meu coração. Então, no dia seguinte, levantei cedo, vesti-me formalmente e fui assistir a Escola Dominical da igreja pentecostal às 9:00 horas da manhã. No caminho, de ônibus, orava e dizia a mim mesmo que, se eu não gostasse do que visse, bastaria não voltar mais. Desta vez, iria desistir de uma vez de frequentar alguma igreja. Só que ao contrário do que poderia imaginar, eu fiquei maravilhado com tudo o que vi. Voltei à noite, morrendo de medo de não gostar do culto, mas, fiquei ainda mais impressionado. Tinha algo diferente ali que não

havia encontrado em outro lugar. Na semana seguinte, lá estava eu. E assim, sucessivamente, na outra e na outra. Em janeiro de 2017 batizei-me como membro dessa igreja pentecostal e lá estou até hoje.

Muitos me perguntam como consegui me despojar de todos os preconceitos e fazer uma opção religiosa por algo tão oposto à minha experiência de 22 anos como Testemunha de Jeová. Bem, vindo de uma tradição religiosa hiper estruturada, ultra racional, onde a emoção não tem vez em momento algum, onde se privilegia o estudo, mas se esquece de que somos seres racionais e emocionais, ou seja, de um conjunto belo, complexo e particular, onde a individualidade é sufocada e roubada sem ser preciso colocar uma arma na tua cabeça, eu precisava sofrer uma profunda e radical mudança espiritual. Para mim, era algo impossível. Sem dúvidas, creio que tal coisa foi obra de Deus. Somente ele poderia fazer minha vida dar um giro de 180 graus.

Hoje, como membro de uma igreja pentecostal séria, estou aprendendo que conhecimento é importante como meio de proteção contra as heresias que os apóstolos alertavam nas Escrituras que surgiriam, mas que isso, de maneira nenhuma pode descartar as nossas emoções, pois Deus toca nossa MENTE e CORAÇÃO com o Evangelho. São coisas que estão intimamente relacionadas.

Se não fosse assim, será que somente o conhecimento teórico, como a Torre de Vigia tanto frisa, teria feito com que 12 homens, a maioria indoutos e comuns, abandonassem todos seus afazeres para seguir a Jesus? Claro que não! Porquê? Porque a emoção está profundamente envolvida na questão! Pedro, por exemplo, era alguém intenso e impetuoso, mas precisou ser lapidado por Jesus e por Paulo para não focar somente na emoção. Paulo era o oposto, tinha muito conhecimento, mas este o cegava. Ele era orgulhoso, fazendo-se inimigo dos cristãos, até que Jesus abalou suas emoções na estrada de Damasco e o cegou temporariamente. Isso o levou a olhar para dentro de si mesmo, a fazer uma introspecção. Paulo podia enxergar agora a partir de um novo prisma e isso o transformou no maior teólogo cristão que já existiu.

Que lições a mais posso partilhar, a partir de minha própria experiência? Bem, se alguém quer buscar uma boa igreja para congregar, procure alguma que tenha um excelente histórico e boa reputação na cidade, que ministre um ensino sadio da Palavra de Deus e, sobretudo, onde os membros demonstrem amor entre si; não perfeição é claro, pois do lado de cá isso não existe, mas que, obrigatoriamente, tenham amor pelas almas que perecem, que mantenham um lugar onde alguém desesperado possa chegar e receber uma oração, uma palavra de conforto, uma palavra poderosa que possa transformar sua vida. Isso

aconteceu comigo quando entrei pela primeira vez numa Igreja da Assembleia de Deus. Eu estava então com 49 anos de idade. O simples fato de um irmão na recepção ter me recebido com um sorriso, carinho e atenção me fez ficar ali, onde, graças a Jesus, estou até o dia de hoje.

Não precisei de muita firula e nem de ver “cambalhota gospel” ou coisas horrorosas que se vê por aí, mas, simplesmente, vi Jesus no rosto daquele irmão que me cumprimentou. Isso para mim bastou. O resto do que presenciei foram apenas consequências naturais do que houve comigo na portaria da igreja e que me confirmou o que o Espírito Santo havia me dito, por duas vezes, de que ali eu encontraria o que tanto buscava.

Quanto à questão de se escolher uma igreja, o que posso dizer, baseado num excelente conselho que recebi de um pastor, teólogo e escritor da igreja Batista, é que tal decisão é algo muito particular entre você e Deus. Além disso, ele me explicou que o importante é que a igreja seja séria e comprometida, que preze pelo “núcleo doutrinário cristão”, ou seja, pelas doutrinas que são um consenso nas demais igrejas cristãs e que enfatize que o homem só é salvo do pecado pela graça de Deus, através da fé. Finalmente, uma verdadeira igreja cristã precisa ensinar que Jesus é o único caminho, nosso único mediador diante de Deus Pai, que a sua relação com Deus é algo entre VOCÊ e ELE, algo profundamente pessoal e que deve ser ardentemente buscado todos os dias de nossas vidas. Agora, questões diversas, que geralmente causam algumas polêmicas, como a forma de operação da graça, forma de batismo, de liturgias de cultos e outras questões secundárias, precisam ser vistas como sugere o que elas são, em si: Secundárias; pois não importam muito em salvação. É justamente essa liberdade cristã que nos é roubada pela organização Torre de Vigia! Por isso, a dificuldade de nos adaptarmos a uma nova cosmovisão religiosa. Ilustremos nossa assustadora liberdade como a de um pássaro que após anos preso em uma gaiola, parte em seu frenético bater de asas para um mundo diversificado com o qual não tem nenhuma identidade. Talvez, tal pássaro sofra por ter de procurar água, alimento e abrigo por contra própria, algo que não fazia anteriormente. Entretanto, o preço que tinha de pagar por estas coisas era alto demais: A sua liberdade!

Lembre-se também, que a instituição “igreja” é apenas um meio prático e útil para o desenvolvimento das qualidades cristãs, uma forma de apoiarmos como grupo a disseminação do Evangelho. Ela não é um fim, em si mesma, como ocorre na organização jeovista e isso talvez explique a enorme e profunda decepção que alguns sentem quando se afastam de lá. Após o desligamento é que

se descobre o quanto fomos explorados por esta falsa organização e quanta seiva vital foi sugada de nossas vidas. Em resumo, uma das coisas que aprendi, na minha experiência de sair da seita jeovista em 2009, até minha conversão na Assembleia de Deus em 2016, é que Deus nos dá, não aquilo que queremos, mas aquilo que precisamos. Outra coisa, tudo tem que ser do jeito de Deus e não do nosso jeito. E ainda, não devemos resistir quando o Espírito Santo nos chama

Por favor, não deixe escapar sua bênção. Faça que nem Jacó que não deixou o anjo ir embora até que ele lhe desse a bênção que tanto anelava (Gênesis 32:24-29)!

Capítulo XXIII
Minhas Considerações Finais

Quando me sentei à mesa para escrever este último capítulo, veio à minha mente o tempo em que eu buscava respostas às minhas perguntas sobre a vida e as Escrituras. De onde viemos e para onde vamos? Por que estamos aqui? Quem é Deus? Por que permite tantas coisas más? Algum dia poderemos ter a vida eterna? Por que vivemos ainda tão pouco? Porque tantas doenças? E quando morremos, para onde vamos afinal? Por que Deus permite que a morte separe famílias e amigos causando tanta dor e sofrimento? Se Deus é amor, por que permite o mal? Eram perguntas demais para um simples garoto pré-adolescente.

Lembro-me das experiências e dos primeiros “esboços espirituais” que algumas pessoas, por certo equivocadas, mas até certo ponto bem-intencionadas, me forneceram com muito interesse. Aquelas imagens estão ainda vívidas em minha mente. Ainda posso ver a sala mal iluminada no culto dos Adventistas da Reforma, na qual, uma senhora vestida dos pés à cabeça discursava sobre os terrores tragicômicos de sua versão do Apocalipse. Eu tinha muitas dúvidas naquela época e a busca pelas respostas me levaria a direções que eu sequer poderia imaginar. Muitas das perguntas ainda estão sem respostas; todavia, devemos nos lembrar que, certa vez, Jesus disse que nem os anjos, e nem Ele mesmo, sabiam todas as coisas (Mateus 24:36). Contentar-nos-emos com o que o Pai nos concede compreender nos dias atuais?

Talvez, você me pergunte se eu estou arrependido de ter me tornado uma Testemunha de Jeová e ter passado por tudo isso que narrei neste livro. Digo “tudo isso” entre aspas, pois me faltariam páginas para descrever em todos os detalhes, as experiências vividas durante estes longos vinte e poucos anos. Esta pergunta minimalista, esbarra na subjetividade de um conceito limitado e, prefiro não responder a ela usando retóricas e palavras; todavia, eu lhes garanto: Não há experiência mais traumática que ser vítima de uma seita de controle mental. Certamente, jamais irão cicatrizar as feridas emocionais que a organização da Torre de Vigia deixou em mim e em minha família. Todos os dias enfrento as consequências desta escolha desafortunada. Creio que a mais dolorosa delas é ser demonizado e ostracizado pelas pessoas que mais amo na vida. Mas como disse acima, tudo isso era um esboço para minhas respostas. Nenhum artista

começa um quadro sem antes esboça-lo, e Deus estava me dando as ferramentas disponíveis em meu tempo e circunstâncias para que o quadro de minha vida começasse a ser pintado. É evidente que a obra de Deus em minha vida ainda não está pronta; serão necessárias muitas e muitas pinceladas, muitas cores precisam ainda ser misturadas e aplicadas às partes ainda em branco do tecido oculto de minha existência. Certamente, estou disposto a ver a obra completa no final de tudo, pois até agora, ela tem me agradado sobremaneira. Com madureza, olho para o tempo em que estive na organização das Testemunhas de Jeová como um tempo de aprendizado. Durante esta época, conheci pessoas maravilhosas, honestas, sinceras em suas crenças, amorosas e dispostas a se sacrificar por um ideal. Eu oro a Deus para que essas pessoas possam, por sua graça, despertar do engano a que estão submetidas e vir a usufruir a liberdade que apenas Cristo pode proporcionar.

Há um ditado que diz: “Se você quer descobrir a verdade, de fato, precisa conhecer antes a mentira”. Absolutamente, eu concordo com isso. Há muitas coisas que eu jamais teria vindo a saber ou a racionalizar, se não tivesse me envolvido com a seita do Corpo Governante. Após sair da prisão da Torre de Vigia e deparar-me com os horizontes que se abriram diante de mim, minha consciência se expandiu como nunca poderia prever. Após isso, senti o Espírito de Deus em minha vida de uma maneira tão intensa, que às vezes me fazia perder o fôlego. Havia chegado finalmente o tempo para os segredos começarem a ser desvelados. Eu já estava pronto para a realidade espiritual (João 16:12).

Como se fosse hoje, recordo os bancos duros da abençoada Igreja Batista que recebeu a mim e a meu irmão em uma fresca noite de domingo. Se você me perguntasse sobre a ilustração que o pastor contou naquela noite, eu a contaria sem esquecer um só detalhe. Sem muito esforço, vejo a mim mesmo, ainda garoto, apressado pelos corredores de uma igreja Assembleia de Deus, esbarrando nas saias das irmãs, derrubando bíblias pelo caminho, subindo às pressas ao auditório superior, para ouvir de um lugar privilegiado, a pregação de mais um pastor eloquente, inflamado pelo fogo do pentecostalismo.

E quando penso na denominação na qual eu fui batizado, me vêm à mente as sagradas hóstias com sabor de pão que tomava nas missas; do sorriso iluminado do padre fazendo o sinal da cruz em nossa direção durante a despedida das liturgias; me lembro da catequese e rituais da crisma, das confissões, dos animados grupos de jovens e das festas juninas em homenagem a São João e São José; lembro das orações a Santa Maria, dos pedidos à Sagrada Família, das reuniões familiares de oração, dos belos cânticos... enfim, dos

momentos que se foram, como folhas dispersas ao vento e que, infelizmente, nunca mais hão de voltar.

Então... lembro-me do período “roubado” pela organização da Torre de Vigia. Foram ainda assim, anos felizes? Sim, deveras eles foram. Tudo é vivência, tudo é aprendizado. Não podemos negar o que Deus nos concede com o propósito de acumularmos experiências e aprender lições, o que, de outra forma, jamais nos seria possível (Jó 2:10). Às vezes, quando estou muito triste, pensando em tudo que perdi por ter sido escravizado à seita da Torre de Vigia, me vem à mente, como um sopro do Espírito Santo, a seguinte frase: “*Alegre-se, pois, o conhecimento e o entendimento espiritual que você tem hoje não pode ser comprado por um preço* ”. Quando eu meditei sobre isso, pensei nas riquezas do Espírito e me veio em seguida as palavras de nosso Senhor Jesus:

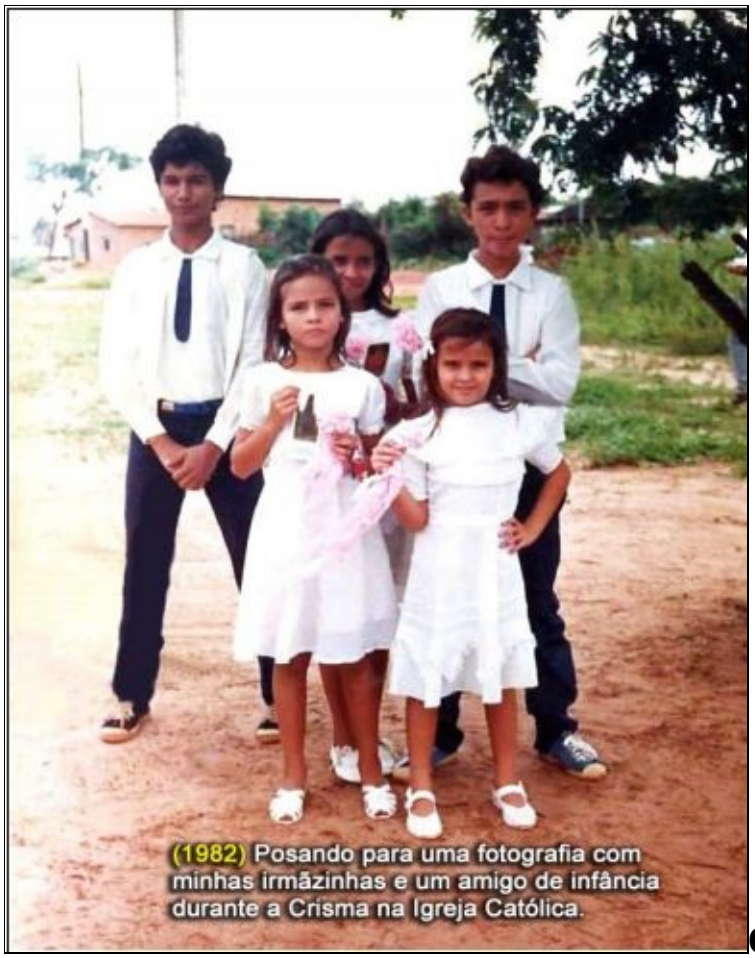
> “Não ajunteis para vós tesouros na terra; onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consumem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração. ”
>
> **(Mateus 6:19-21 JFA)**

Sim, nenhuma riqueza terrena se equipara ao despertar do espírito do homem. Jesus veio à terra para nos ensinar estas e muitas outras coisas; joias de valor espiritual inimagináveis. Como Paulo, que teve um encontro pessoal com Cristo, posso dizer sem erros: “Nele estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Colossenses 2:2-4). De fato, segundo o apóstolo, não devemos nos enganar com argumentos interessantes, porém falsos, pois o ensino verdadeiro do Cristo é claramente identificável e seu chamado é inconfundível (João 10:27).

O objetivo deste livro não é denegrir a imagem de Testemunhas como pessoas; tanto é verdade, que me preocupei em modificar nomes e não dar detalhes pessoais relevantes sobre indivíduos e situações. Mas, seu objetivo, é prover a elas próprias, Testemunhas de Jeová ativas, afastadas, desassociadas, dissociadas, bem como a estudantes e pesquisadores em geral, uma visão real da organização da Torre de Vigia. Procurei mostrar seu passado, presente, regras, dogmas, ensinos e imposições. Procurei destacar de forma clara os enganos, mentiras, desvios teológicos e mesmo crimes acobertados que, por fim, a expõem definitivamente como sendo uma falsa religião, sobrecarregada com equívocos humanos, legalismo exacerbado e uma pavorosa culpa de sangue (Isaías 1:15). Ao contrário do que muitas Testemunhas de Jeová aleguem, não

estou realizando um julgamento sumário de seu grupo, tampouco as demonizo. Quero deixar simplesmente que os fatos expostos e documentados falem por si próprios.

Quando escrevo as últimas linhas para este livro, me encontro em um dia ensolarado do mês de junho de 2017, no estado do Tocantins, Brasil. Sinto-me com o sentimento de dever cumprido. Creio que esta singela contribuição poderá ajudar muitas pessoas a se libertar do jugo organizacional ao Corpo Governante. Este livro foi produzido como que com dores de parto, sob extrema oposição dos espíritos que lutam contra a divulgação do evangelho verdadeiro. Foram meses de muita perseguição e ataques, mas também, de muita oração e esperança em Deus. Doravante, senti-me confortado pelas mãos poderosas do Senhor Jesus e do seu espírito e a sua graça estava e está comigo continuamente. Certamente, sou muito mais útil ao ideal do evangelho agora, pois tenho um conhecimento privilegiado que poucas pessoas puderam adquirir. Tendo esta graça, é meu dever imitar nosso mestre Cristo Jesus, o qual, desceu às partes mais profundas do Inferno a fim de dar testemunho aos espíritos em prisão (1 Pedro 3:19).



Osmanito Torres, junho de 2017, Brasil.

REFERÊNCIAS E SIGLAS USADAS NESTE LIVRO

[1] Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus (1993), cap. 5
Apocalypse Delayed – M. J. Penton (1985), parte I, [2] Anuário 2.010, página 31
A Sentinela 1/5/90, pág. 25.
[2] Apocalypse Delayed – M. J. Penton (1985)
[3] Anuário das Testemunhas de Jeová de 2017
[4] Capoeira: Vegetação secundária composta por gramíneas e arbustos esparsos
[5] Guaribas: Macaco popularmente conhecido como bugio
[6] Transamazônica: Rodovia brasileira, criada durante o governo de Emílio Garrastazu Médici.
[7] O estado brasileiro do Tocantins foi criado em 1988 com a divisão do estado de Goiás
[8] Os Destaques e Sublinhados são nossos
[9] Informação do site oficial JW.ORG
[10] Revelação, seu grandioso Clímax está próximo (págs. 151,153,186-196)
[11] A Sentinela 15 de outubro de 1913, (em inglês)
[12] A Sentinela de 1º de dezembro de 1973
[13] Crise de Consciência - Raymond Franz (Págs. 10-51)
[14] O Tempo dos Gentios Reconsiderados - Carl Olof Jonson (Págs. 1-26)
[15] White, The Great Big Book of Horrible Things, pp. 400-421 P. 560
[16] Testemunhas de Jeová, Proclamadores do Reino de Deus, pp. 42 - 46
[17] Nigel Wilson. Encyclopedia of Ancient Greece. Routledge; 2013 p. 528.

JFA: Tradução João Ferreira de Almeida das Escrituras Sagradas
ACF: Tradução João Ferreira de Almeida Corrigida e Fiel
TNM-R: Tradução do Novo Mundo Revisada
KJA: Tradução King James Atualizada das Escrituras Sagradas

CONTATO COM O AUTOR E ERRATAS:

Email: osmanitobrito@gmail.com

"Uma coisa aprendi após me ver livre dessa prisão religiosa:
Você descobrirá quem controla ou aprisiona você quando descobrir quem NÃO pode questionar. Se você é um membro desta seita, e ainda está ativo dentro dela, deve pensar o seguinte: Se essa religião precisa colocar seus amigos e a sua própria família contra você, a fim de mantê-lo dentro dela, será que é mesmo uma boa religião? Procure ajuda! Você pode com muita dificuldade conseguir a liberdade, mas valerá a pena, pois a liberdade não tem preço. Ou decidirá passar o resto da vida acreditando em uma mentira?"
(Daniel Atz - Brasil)

"Saímos, ao todo, cinco pessoas. Saímos para nunca mais voltar. Hoje, estamos completamente livres desse engano satânico. Quando o tempo me permite, procuro ajudar outros através das redes sociais a se informarem dos perigos dessa SEITA, na qual, eu jamais deveria ter entrado!"
(Vagner Souza - Brasil)